



VERA CRUZ

60  
anos

# Histórias de vida e o Vera







# Histórias de vida e o Vera

Angela de Lima Fontana Alves  
Carlos Gomes de Oliveira  
Claudia Godinho Peria  
Claudia Martins Lourenço Vartanian  
Cristina Maria Macedo Tomaz (Cris)  
Elisa dos Santos Vieira  
Elza Maria de Britto  
Flávia dos Santos Aidar  
Glinis Rodrigues Lisboa  
Hermelino Neder  
Joana Maria Nitrini Guidolin  
Joselita dos Santos (Lita)  
Kátia Santos Frazão  
Laura Moreira Barboza Pinto  
Leonardo Ferreira dos Santos (Leo)  
Leonel de Oliveira (Leo)  
Luiz Carlos dos Santos (Luizão)  
Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti (Dudu)  
Mara Vada Lopes  
Mária Celina Pinto de Gusmão  
Maria Lucia Ruiz Di Giovanni  
Maria Luiza Nazarian Resende (Quinha)  
Maria Silvia Doria Isnard Carneiro (Silvinha)  
Maria Stela Fortes Barbieri (Stelinha)  
Norma Suely Ribas Gonçalves Queiroz  
Paula Fava Ditt Lutti  
Pedro Saliba Filho  
Silvana Maria D'Avino  
Suzanne Goulart Mattos Mazzamati (Suca)  
Toshiaki Tateyama (Toshiba)



## Apresentação

Este livro faz parte do projeto Histórias de Vida e o Vera, composto por 30 entrevistas concedidas em outubro de 2021 e em abril/maio de 2023 por profissionais que dedicaram boa parte de sua trajetória ao trabalho na Escola Vera Cruz, em diferentes funções como educadoras e educadores.

Selecionar os entrevistados, dentre tantas pessoas com uma história longa na Vera, não foi uma tarefa fácil. Desde já, desejamos que todos se sintam, de alguma forma, representados pelos colegas aqui presentes, tendo a certeza de que sua dedicação é reconhecida com a mesma emoção que sentimos ao lermos os depoimentos nesta publicação.

No ano em que a Escola completa 60 anos, é motivo de muito orgulho constatarmos com que emoção e alegria os entrevistados se referem à sua experiência como profissionais do Vera, estejam eles afastados já há vários anos de nosso cotidiano escolar ou ainda ativos, como foi o caso de vários deles, à época de seus depoimentos.

Lemos, aqui, manifestações de profundo respeito pelo próprio trabalho e pelo dos colegas, num espírito de coletividade que muitas vezes extrapola as relações profissionais e perdura até hoje, em forma de sólidas amizades. Também nos orgulha constatar, em todos os depoimentos, o esforço de construção conjunta e autonomia de atuação — o que se reflete na construção da autonomia de cada aluno e aluna, como pressuposto para a formação dos cidadãos que logo todos serão.

Vida longa ao Vera, que só chegou até aqui graças ao empenho fundamental de cada profissional envolvido nestas seis décadas. Muito nos honra que façam parte de nossa história.

Boa leitura!

Heitor Fecarotta – Diretor Geral

Marcelo Chulam – Diretor de Gestão

Regina Scarpa – Diretora Pedagógica

## Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas, fotos e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)**

Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)**

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki e Laís Alcantara (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

**Alexandre Leite (Biblioteca Geral), Kiki Millan (Casa Vera Cruz) e Priscila Pires (Comunicação)**

Captação de vídeo: **Carlos Eduardo Reis**

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz) e equipe de Recursos Humanos**

As entrevistas foram concedidas em outubro de 2021 e em abril/maio de 2023, em vídeos e áudios captados pela equipe da Fala Escrita.

Catálogo: Alexandre Cardoso Leite / CRB8-7007

---

Histórias de vida e o Vera / coordenado por Claudia Cavalcanti

– São Paulo : Escola Vera Cruz Edições, 2023.

458 p. : il.

ISBN

1. Escola Vera Cruz 2. Gestão de pessoal docente e não docente 3. Entrevistas I. Cavalcanti, Claudia

CDD - 371.1

---

1. Escola Vera Cruz - 371

2. Gestão de pessoal docente e não docente: entrevistas - 371.1

Veja os vídeos com o conteúdo parcial dos depoimentos:



<https://site.veracruz.edu.br/historias-de-vida-e-o-vera/>



# Sumário

<b>Na dúvida, siga a criança</b> Angela de Lima Fontana Alves	10
<b>Esporte para além do esporte</b> Carlos Gomes de Oliveira	22
<b>Três décadas e um dia diferente do outro</b> Claudia Godinho Peria	36
<b>Um percurso do qual se orgulhar</b> Claudia Martins Lourenço Vartanian	48
<b>A literatura como força motriz</b> Cristina Maria Macedo Tomaz (Cris)	62
<b>Um fruto da árvore chamada Vera</b> Elisa dos Santos Vieira	78
<b>A personificação do trabalho aliado ao prazer</b> Elza Maria de Britto	94
<b>Com o Vera correndo nas veias</b> Flávia dos Santos Aidar	118
<b>Estudo e brincadeira unidos</b> Glinis Rodrigues Lisboa	136
<b>Paladar e ouvido para a música</b> Hermelino Neder	148

<b>As muitas vidas de Joana</b> Joana Maria Nitrini Guidolin	162
<b>O sorriso no rosto como exemplo de vida</b> Joselita dos Santos (Lita)	174
<b>A palavra é: encanto</b> Kátia Santos Frazão	186
<b>Uma vida em construção</b> Laura Moreira Barboza Pinto	204
<b>Exemplo de vida</b> Leonardo Ferreira dos Santos (Leo)	218
<b>Um longo caminho e outro a percorrer</b> Leonel de Oliveira (Leo)	236
<b>O grande Luiz</b> Luiz Carlos dos Santos (Luizão)	252
<b>Uma experiência que não tem fim</b> Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti (Dudu)	276
<b>A dona dos blocos lógicos</b> Mara Vada Lopes	288
<b>A gente não deixa de ser professora nunca</b> Maria Celina Pinto de Gusmão	298

<b>Profissão e afeto</b> Maria Lucia Ruiz Di Giovanni	312
<b>Aquela que mergulhou no Vera</b> Maria Luiza Nazarian Resende [Quinha]	328
<b>Uma história sem fim</b> Maria Silvia Doria Isnard Carneiro [Silvinha]	340
<b>Sim, sim e sim</b> Maria Stela Fortes Barbieri [Stelinha]	352
<b>A construção do sujeito como foco</b> Norma Suely Ribas Gonçalves Queiroz	366
<b>Uma bela fornada</b> Paula Fava Ditt Lutti	382
<b>Aquele que morou no Vera</b> Pedro Saliba Filho	398
<b>O ser humano se transforma a partir da criança</b> Silvana Maria D'Avino	416
<b>Arte na cidade e no campo</b> Suzanne Goulart Mattos Mazzamati [Suca]	430
<b>Bodas de ouro com o Vera</b> Toshiaki Tateyama [Toshiba]	442

# Na dúvida, siga a criança

Angela de Lima Fontana Alves

Coordenadora pedagógica [Verinha]



Angela começou a trabalhar no Vera em 1980.  
Ela se despediu da Escola em 2023.

## A menina que chega

No final do Ensino Médio, fiquei entre arquitetura e psicologia, e, aí, acabei indo para a PUC fazer psicologia. Logo no 2º ano da PUC, fui trabalhar na livraria Klaxon, na Rua Pamplona. Estudava o dia todo e ia para a Klaxon no final do dia; trabalhava lá das seis às 11 da noite, uma loucura. Mas tinha muitos amigos que trabalhavam no Vera e me contaram de uma seleção que teria. Fui.

Estava começando o 3º ano de psicologia. Entrei no Vera a essa altura. Num primeiro momento, pensava: “Ah, deixa eu conhecer um pouco...”. Só que eu fui descobrindo que, quando você pisa na Escola, a Escola enlaça você de um jeito... Fui ficando, porque, desde sempre, foi um lugar de muita vida, muito desafio. Brinco que estou no Vera há 43 anos e nunca vivi um ano igual ao outro, um evento igual ao outro.

Entreí como professora auxiliar no Maternal, sempre no Verinha. Lembro-me perfeitamente da entrevista de seleção com a Magdalena Jalbut, aquela querida, parceira de muitos anos.

Cheguei ao Vera muito menina. A gente tinha as reuniões de formação, e, numa das primeiras vezes que eu cheguei à reunião, uma professora olhou para mim e falou “Nossa! Você já tem carta?”, porque a gente estacionou juntas [risos].

Fiquei algum tempo — acho que dois, três anos — como professora auxiliar, assumi uma sala, também no Maternal, fiquei mais uns dois anos no Maternal [no atual G3] e, depois, fui para o Pré, hoje, o 1º ano.

Foi no Pré que eu me apaixonei profundamente! Aquelas crianças ainda eram muito pequenas, mas já tão cheias de muitas perguntas, querendo, com certa competência, acessar o conhecimento mais formal. Foi paixão profunda. Fiquei, acho, dois anos em sala de aula e, depois, assumi a Orientação.

No início, era tudo muito desconhecido, muito novo, com muitas histórias. Tem coisas lindas que eu lembro perfeitamente: a vez que eu torci o joelho jogando futebol nas férias e voltei com aquela perna toda engessada. Nessa época, eu estava no Maternal, e as crianças assim: “Como?!”. Teve um que falou: “Vou mandar construir uma ponte nesse buraco que você pisou!”.

Era tudo muito intenso, mas muito novo. Uma vez, Mariana, aluna do Maternal, falou para mim: “Eu boti o sapato!”. Eu falei: “Você o quê?”. Ela parou e me perguntou: “Eu coloquei?” [risos]. Assim era o tempo inteiro, esse tipo de vida pulsando, o grande encantamento que foi me dando a possibilidade de nos reunirmos em grupo para conversar sobre essas coisas, para destrinchar o que tinha de conhecimento ali, o que tinha de potência.

## Uma profissional em transformação

Fiquei alguns anos fazendo esse ciclo: Jardim 2, Pré e 1ª série. Atualmente, é exatamente a faixa etária do Verinha: G5, 1º e 2º. Depois desse tempo de Orientação, assumi, em 2000, a Coordenação, num primeiro momento, com Heitor [Fecarotta].

Quando eu entrei, não havia Coordenação no Verinha. Heitor estava no Verão, como orientador do nível 2, se eu não me engano, e havia uma cogestão. Foi um tempo de transição de Coordenação. As próprias diretoras faziam plantão no começo do dia.

Nesse tempo todo, houve uma grande transformação minha como profissional e pessoa. Acho que isso está muito misturado. Cheguei muito menina e fui me constituindo profissional, muito na lida dentro do Vera. Sempre falo que esse é um dos grandes privilégios da minha vida: poder construir todo um arcabouço profissional num contexto tão ético, onde o cuidado é um valor, onde as relações acontecem

tecidas ali com bastante consistência. Sou infinitamente grata ao Vera. Sempre que converso com pessoas que tiveram outras trajetórias, isso sempre fica muito claro para mim. E eu fui crescendo, e o projeto foi crescendo também. Tenho muito orgulho do que a gente construiu nesses muitos anos juntos, muito! Acho que o projeto do Vera tem essa vida porque escola é lugar de sustentação da vida! Portanto, tem que ser um espaço vivo, onde a gente está sempre em movimento. Vejo muitas transformações tanto em mim quanto no Vera! Acho que tem muita coisa coincidente, inclusive.

Fui mãe bem no início da minha função de Orientação. Quando me casei, estava no Vera; as crianças foram todas no casamento, uma coisa superbonita, supergostosa de viver. Tive meus dois filhos, e até brinco que num mesmo ciclo, do Jardim 2, Pré e 1ª série: tive um primeiro filho no Jardim 2 e o segundo quando eu orientava a 1ª, e, depois, meus filhos estudaram lá. Então, tem de fato muitos entrelaçamentos.

Quando os filhos estudam onde a gente trabalha, acho que é algo que a gente tem que cuidar, e eu cuidava, mas nunca foi nada pesado, difícil. Até porque, acho, as coisas todas sempre foram muito conversadas, trabalhadas, era uma coisa gostosa, até. Claro, tem uma cena ou outra, porque você está ali numa saída de dia, criança cansada, e o pessoal olhando para você: “Como assim? Você é aquela que...”. Mas, enfim, coisas da vida. Mas nunca achei algo difícil, que trouxe grandes problemas. Ao contrário, acho que foi um jeito inclusive de me engajar mais ainda no projeto da Escola.

## Nada nunca igual

Nossa, aconteceu tanta coisa nesse tempo todo! Da pandemia, o que eu ressalto é a força da gente ter percebido muito concretamente que, junta, a gente enfrenta qualquer coisa. Outro dia me falaram que

alguém estava com uma N95. Fiquei tão feliz de ver que a pandemia era parte de um passado, já quase esquecido.

Mas acho que nestes vinte e poucos anos como coordenadora teve todo um processo de reformulação, de atualização do projeto que eu pude conduzir. Boa parte dele muito junto com a Beth [Scatolin, coordenadora da Educação Infantil] na época, com a direção de Heitor. A gente foi identificando pontos de fragilidade ou desatualização do projeto e foi mexendo ponto por ponto. Cleide Terzi sempre foi uma grande parceira, uma mestra; acho que é das educadoras mais sabidas e mais generosas que conheço, faz uma junção muito feliz para a educação. A gente foi com muito cuidado, de um lado, mas com um tanto de coragem, de outro, e conseguiu fazer alterações importantes no espaço, no cotidiano da Escola, na formação, nos lugares de cada um, do aluno, da criança, do professor, lugar do conhecimento. Como essa sala de aula tem que acontecer como sustentação de vida de aprendizagem? Desde cedo, antes mesmo de eu estar na Coordenação, sempre foi muito presente isso de a Escola ser um lugar onde a gente tem que estar estudando, se atualizando.

Há pessoas importantes para lembrar nesse percurso todo. Logo no começo, por exemplo, Leonardo Posternak, pediatra, era pai no Verinha, então a gente passou a fazer um grupo interdisciplinar: tinha pediatra, analista, fono, psicopedagoga. A gente entrou em contato com Ana Maria Muniz, que veio fazer algumas formações, e foi muito importante. Já os espanhóis organizaram de um jeito bem consistente essas nossas discussões.

Na última etapa, as italianas nos ajudaram a nomear e dar lugar para muitas coisas que a gente vinha fazendo, pensando, tentando. Beth, Stela Barbieri, Márcia Cristal e eu fizemos uma formação de quase um ano com a Rede Solare. A gente passava uma semana a cada dois meses na Argentina, com as italianas, era uma semana imersível, o dia inteiro estudando, pensando, discutindo, e a última semana na

Itália, aquela maravilha de inspiração, de referência. Ao mesmo tempo, acho que a gente tem que tomar muito cuidado porque aquilo tudo é situado, acontece lá, mas nos deu e continua nos dando muito bons pretextos e fundamentos para dar conta dessa tarefa tão importante neste mundo tão maluco.

## Para além da branquitude

Poder encerrar esse ciclo profissional, nestes últimos três, quatro anos, olhando para as relações étnico-raciais no Vera, foi um enorme presente e, claro, um enorme desafio. Mas se abriu um mundo inteiro que a gente, como escola, e eu, como educadora, não conhecia. Então, “vamos lá!”, e o que pode ser melhor numa escola do que você perceber que tem muita coisa para aprender?

E o G5 é justamente o grupo no qual ingressam os alunos bolsistas do Programa de Bolsas do Vera. Foi feito um estudo e se chegou no desenho, segundo o qual, primeiro, era importante que fosse um grupo relativamente grande, um grupo significativo, que começasse junto. Tem a particularidade do G5 ser início para toda a Escola. Embora ali já haja crianças vindas da Unidade Alvilândia, que chegam ao Verinha, tem ali uma situação inaugural que é interessante. E tem essa situação propícia de receber, porque eles estão todos sendo recebidos pelo Verinha: as crianças que vêm da Alvilândia, as crianças que entram pela política afirmativa e as crianças novas no G5. Acaba sendo um momento também de entrada de outras crianças.

Hoje, em todo o Verinha há crianças bolsistas integrais. Acho que a Escola vem aprendendo muito, muito! A gente veio vivendo, de uma maneira geral, um processo bastante bom, bastante positivo, mas a gente está aprendendo a enxergar mais as questões que se colocam. Em um primeiro momento, depois que o primeiro grupo chegou no G5, a gente fez uma primeira pesquisa e estava tudo lindo, tudo

absolutamente bem composto. A gente falou: “Tá estranho, vamos olhar um pouco mais”. Ai, a gente fez aquela atividade diagnóstica, para entender como as crianças do G5 estavam significando essas relações todas. A gente já vinha conversando com Juliana de Paula Costa, essa queridíssima que está agora coordenando o projeto do Verinha, não só o Projeto para as Relações Étnico-Raciais. Esse foi o primeiro projeto que ela liderou, montou, analisou os dados. A gente viu que, embora, numa primeira camada, tudo estivesse muito lindo, era muito presente na representação de cada uma das ou de várias das crianças ali uma ideia de que o preto tem menos valor, é menos inteligente, que ele naturalmente ocupa lugares subalternizados. Crianças de cinco anos! “Ele não é igual!” Isso nos deu muita força para ir mais fundo.

Agora, acho que a gente vem avançando muito. Teve esse primeiro momento de entender do que se trata, um processo importante de definição. Não se trata de um projeto assistencialista, é um projeto que se propõe a ser transformador, e transformador de toda a comunidade. Particularmente, o ano passado foi um ano que a gente lidou muito com essa questão. A gente, como comunidade, conseguiu avançar um tanto. Mas a branquitude sempre surpreende. Por mais que, muitas vezes, as pessoas tenham muito boa vontade, há aquelas que foram constituídas nesse lugar de privilégio, de superioridade; então, em muitas situações, ela aparece, se apresenta.

Estou falando principalmente dos adultos, entre nós mesmos. Eu sempre brinco: “Na dúvida, siga a criança, ouça a criança”, porque elas respondem com muitos elementos bons, para a gente continuar as conversas, ir desdobrando essa história. Embora dê para perceber que, para elas, tem muito significado essa diferença de lugares, elas também têm muita plasticidade para transformar tudo isso. Os adultos precisam de um pouco mais de esforço, para tudo! [risos]

## O jeito certo de se despedir

Em relação à minha saída, é importante a gente pensar que foi um processo. Para mim, era alguma coisa que já estava posta em algum momento, de ter de mudar essa conversa. A Escola pede muito tônus, muita vitalidade, muita prontidão. A função de coordenadora eleva isso a uma potência importante, porque você tem que imprimir esse tônus o tempo inteiro, para as discussões importantes sobre os rumos do projeto, a organização do espaço, como o projeto vai se concretizar etc. É uma função que demanda muita energia, muita dedicação. Você começa a achar que precisa diminuir esse ritmo.

Depois que fiz 60 anos, veio a pandemia. Do lugar de coordenadora, tive que dar muito mais do que aquele tanto que você já estava avaliando que podia dar. Já ao longo da pandemia, fui conversando com Heitor para a gente pensar numa reorganização, porque a pandemia foi essa situação absolutamente inusitada na vida de todos. Aquela reorganização do projeto que a gente fez em parceria com Beth ainda não estava pronta na entrada da pandemia; ao contrário, a gente estava reorganizando todo o currículo.

Outro dia retomei a reunião de abertura do ano de 2020, e a grande tarefa, compartilhada coletivamente, era a atualização de todos os documentos. O desafio era esse! A gente passou 2020 e 2021 correndo atrás daquela loucura toda. Em 2022, ficou claro que de parte dessas coisas todas a gente conseguiu ir cuidando, mas não na velocidade em que a gente queria. Isso tudo sempre muito construído com o corpo técnico. Acho que, no projeto do Vera, esse lugar do corpo técnico é muito relevante.

Então, veio a possibilidade de Juliana assumir a Coordenação, de modo que, de fato, arredondo o processo de um jeito muito bom. A minha vida e a história do Vera são coincidentes em muitos pontos, mas

minha saída foi fazendo tanto sentido e cada vez mais sentido, que estou muito tranquila com a maneira como esse processo está acontecendo. Juliana está absolutamente ao meu lado nesse primeiro momento, primeiro ouvindo, perguntando, participando, e, agora, estou ali para dar a retaguarda necessária. A equipe está se colocando de um jeito muito bonito; enfim, eu estou de verdade muito em paz, muito inteira neste processo todo, digno desta história toda e desta Escola.

## Mais vida pela frente

Vou continuar trabalhando. Vou ter um espaço em um consultório que tem fono, pediatra, psicólogo e, agora, eu! [risos] O que eu tenho percebido neste tempo todo e ultimamente, com muita força, é que as pessoas estão precisando de espaços de orientação, de troca, de conversa mesmo. As pessoas estão muito solitárias para pensar na vida, nos rumos.

Será um espaço de reflexão e um espaço para eu poder organizar os 40 anos de registros; quero poder devolver algumas coisas para a própria Escola. Quero continuar trabalhando, mas quero trabalhar menos. Quero poder fazer minha ginástica, cuidar da Laís, minha netinha linda, almoçar com pessoas queridas durante a semana. E começar a aproveitar mais outras coisas, porque a vida vai passando.

Acho que foi Galeano que disse que os cientistas dizem que os seres humanos são feitos de células e eu acredito que eles são feitos de história. Fiquei pensando: quanta história! Quanta história! Que privilégio! De verdade, fico muito tranquila, porque eu sei que essas muitas histórias me compõem, eu as carrego e, ao mesmo tempo, sei que elas ficam no Vera, compõem o Vera. Então, está tudo onde precisa estar, do meu ponto de vista. E sou muito, muito grata mesmo.



# Esporte para além do esporte

**Carlos Gomes de Oliveira**

Professor especialista — Educação Física

[Ensino Fundamental, nível 3]



VERACRUZ

PUMA  
ORIGINAL SWEATPANTS

Carlos começou a trabalhar no Vera em 1995.  
Ele se despediu da Escola em 2021.

## Carlos no Vera

Passei no Vera mais da metade de minha vida. Entrei com 24 anos e agora tenho 51. Essa primeira metade da minha vida teve um percurso bem interessante. Eu vim da periferia de São Paulo, sempre estudei em escolas públicas. Fiz o Ensino Fundamental 1 e, na época, o ginásio numa escola municipal. Depois, fiz o Ensino Médio em uma escola estadual. Aí, decidi por Educação Física e que queria sair de São Paulo, queria ter a experiência de estudar fora. Prestei vestibular pra Federal de Uberlândia; passei, fui sozinho, mas acabei voltando pra São Paulo no ano seguinte e resolvi prestar o vestibular pra Educação Física na USP. Em 94, me formei.

Morava no alojamento dos estudantes, e um dos meus colegas veio apitar Jogos Internos aqui e ficou sabendo que precisavam de um professor auxiliar: “Carlos, tem uma escola ali no Alto de Pinheiros que tá precisando de um professor auxiliar”. Pra ser sincero, eu nem conhecia o Vera Cruz. Achei a proposta interessante, vim fazer a entrevista, conversei com o Toshiaki [Tateyama, coordenador de Esportes], depois com a Stella Mercadante [diretora]. Nessas coincidências da vida, uma das coisas que acho que contribuíram pra me apresentar pra Stella é que eu tinha sido o professor de natação de uma das noras dela, no Cepeusp [Centro de Práticas Esportivas da USP]. Stella comentou em casa: “Tô entrevistando um professor do Cepeusp”, e essa minha aluna, Gisele, me fez um elogio [que agradeço, inclusive], que acredito ter contribuído pra essa aproximação.

E eu não tinha experiência alguma como professor de Educação Física; tinha acabado de terminar a faculdade, tinha experiência com acampamentos, era professor de natação já fazia um tempinho. Dava aula pra crianças, mas a maioria eram jovens e adultos que procuravam as academias de natação; no Cepeusp, era a comunidade da USP. A Escola resolveu me dar uma chance. Depois de uns anos, fui perguntar pro Toshiaki: “O que fez você me contratar?”. E ele falou:

“Sua experiência, o fato de você ter feito USP”, que foi a faculdade que ele fez também, “e a disposição de começar, praticamente, do zero”. Confesso que aprendi a ser professor aqui e muito, muito graças ao Toshiaki, que pra mim foi o grande mestre e modelo nessa forma de dar aula. Então, eu devo muito, principalmente, a ele.

## Esporte e vida

Acredito que aqui haja uma preocupação verdadeira com a aprendizagem do aluno. Frases desse tipo mostram um pouquinho: “Um aluno não pode sair da aula do mesmo jeito que entrou”, aquela aula tem que ter um ganho pra ele, uma aprendizagem. Acho que esse sempre foi o foco.

Uma coisa a que a gente sempre deu muito valor são as aprendizagens que acontecem fora do que a gente chama tema “Educação Física”. Falei isso na minha entrevista pra Stella, que perguntou como é que eu via a educação. Lembro bem quando falei que eu sabia que a gente precisava olhar para aquele aluno de uma forma mais holística, mais integral, mais sistêmica. Eu não vou apenas ensinar Educação Física, vou ensinar valores, e Educação Física é uma disciplina que consegue trabalhar os valores, principalmente os relacionamentos. A gente aprende a jogar, a conhecer o corpo, mas a gente aprende a lidar com o conflito — e como tem conflito! Se tem uma disciplina que gera mais conflito dentro da escola, essa disciplina é a Educação Física. E eu vejo o conflito como uma oportunidade enorme de aprendizagem, porque lido com a questão do respeito, com o diferente.

Você é mais habilidoso ou menos habilidoso ou habilidosa e eu tenho que ser generoso, eu tenho mais experiência pra você. Então, essa generosidade acontece muito no esporte e eu entendo que a Educação Física causa trauma e deve ter causado trauma na vida

de muita gente. Quem nunca ouviu: “Detesto bola, não me ponham pra jogar, não quero saber”? Quanto disso não é trauma de Educação Física?

Sempre falei pros meus alunos que sou um professor de Educação Física um pouco atípico. Porque nunca fui muito praticante de esporte, sempre gostei de brincar, mas o esporte mesmo, propriamente dito, eu acabei não praticando tanto, e quando fui praticar Educação Física na escola, eu passei por uma fase em que eu era um dos últimos a ser escolhido — eis um grande trauma pra um monte de gente. Então, quando o aluno é o último a ser escolhido, sei o que tá passando, porque passei por isso e uso muitas vezes o meu exemplo com os alunos dessa minha vivência, de que, quando eu não sei jogar e vou me relacionar com pessoas que sabem e vou passar por um processo de escolha, muito provavelmente vou ser o último mesmo. Então, vou lidar com isso e posso usar isso pra me impulsionar a aprender. É claro que nem todo mundo segue esse caminho.

Por esse motivo, aqui na Escola, não uso só esse método pra escolher time, a gente varia pra que todos possam experimentar diferentes formas nessa relação com a competição. Assim fui formado pra ser professor, aqui, no Vera Cruz.

Trabalho com uma faixa etária que tá aprendendo tudo sobre a vida. Eles trazem de casa formas de lidar com o outro que são as mais variadas possíveis, eles têm pouco acervo motor, não conhecem o que a gente tá ensinando, muitos deles vão experimentar o esporte agora, no Fundamental 2, no 6º ano. Por uma questão de currículo mesmo. Então, pra eles é novo, e conseqüentemente, pra muitos deles, lidar com a competição é novidade, lidar com o conflito gerado pela competição, com a questão do ego, se sentir mais forte, mais fraco. São questões que vão aparecer nessa faixa etária, aos 11 anos, no 6º ano, e a gente vai percebendo que, conforme eles vão amadurecendo, eles já começam a lidar melhor com a questão dos conflitos.

Aliás, uma coisa muito legal que a gente vivencia aqui é que chega no 6º ano eles são muito dependentes de nós, por exemplo, pra jogar. Conforme vão ganhando experiência, a gente vai saindo de cena na hora do jogo e eles conseguem se regular ali, sem necessidade de mediação. O respeito e a empatia começam a aumentar. É muito gostoso saber que a gente não tá só lidando com o jogo.

## Centro de Esportes, Centro de Treinamento

Quando eu entrei no Vera, fui chamado pra trabalhar no Centro de Esportes. Na época, em 1995, quando eu entrei, do Jardim 2 até o equivalente, naquela época, à 6ª série, o que é hoje o 7º ano. Fiquei alguns anos trabalhando com os pequenininhos também. Coisa mais gostosa do mundo é trabalhar com os pequenos, foi uma experiência muito legal.

Com o passar dos anos, o Toshiaki, numa conversa, me falou: “Carlos, acho que você consegue ajudar bastante na relação com os maiores, você tem uma pegada legal com eles e eu queria que você ficasse aqui no Centro de Esportes do Verão”. Foi quando deixei o Verinha e vim pro Verão trabalhar com o Centro de Esportes, hoje do 3º ao 6º ano.

Infelizmente, quando chegou a pandemia, o Centro de Esportes teve que ser fechado, totalmente compreensível. No começo de 2020, o Centro de Esportes foi fechado. Mas essas crianças que chegavam pequenininhas pra gente começavam a vivenciar o esporte, começavam a aparecer as diferenças, e na Educação Física das crianças que tinham passado pelo Centro de Esportes já começava a ficar clara a discrepância de habilidade. Na Educação Física tem tanta discrepância, porque tem a questão da experiência que essas crianças têm e tiveram aqui no Centro ou em clubes particulares.

Hoje, eu dou aula para o 6º ano. Algumas dessas crianças do 6º ano foram minhas alunas no Centro e acabam se destacando na Educação Física porque já tiveram essa experiência. Foi um tempo muito gostoso, a gente brinca muito mais, do 3º ao 4º ano a gente lida muito mais com a brincadeira, com os jogos pré-esportivos.

O Centro de Esportes focava mais nos esportes chamados tradicionais, que são o futebol de salão, o handebol, o basquete e o vôlei, numa menor intensidade — os dois primeiros até porque eram as modalidades em que o Vera Cruz competia externamente. Então, de uma certa maneira, o Centro de Esportes já começava a preparar pra essas competições externas, que depois seria o Centro de Treinamento, na etapa seguinte ao Centro de Esportes.

Ao Centro de Esportes, o aluno vinha de forma voluntária, se inscrevia, e depois, no Centro de Treinamento, quando chegava já no Fundamental 2, os alunos já eram selecionados pra competir externamente. Então, um era a extensão do outro e eu tive oportunidade de trabalhar nos dois.

Fiquei por oito anos treinando essas equipes, um tempo muito bom na minha vida, porque era muito divertido, gosto da competição. Eram mais alunas, pois eu era o técnico do basquete feminino e do handebol; fiquei um tempo com o masculino, mas a maior parte do tempo com o feminino.

Passar o final de semana jogando — vou guardar na lembrança com saudade dessa época do Centro de Treinamento, das competições.

## Estudos do Meio

O Vera sempre teve diferentes características de Estudo do Meio. Em função da faixa etária, o Estudo do Meio de que eu mais participei, que

tinha uma conotação mais lúdica, embora nunca deixasse de ser Estudo do Meio, foram os acampamentos do 6º ano. Foram vários, no Paiol e, até mais recentemente, no Peraltas. Nos últimos Estudos do Meio eram três dias com esses alunos. Nós, de Educação Física, entrávamos de cabeça com os monitores, muitas vezes fazendo um papel muito similar ao dos monitores do acampamento. Eu, particularmente, gosto de violão, de cantar, tocar, então sempre levei meu violão pra esses Estudos. No Peraltas sempre havia, na última noite, as serenatas. Eu pegava uma música, ensinava, ou os alunos escolhiam uma música e eu pegava o violão, e aí levava os meninos pra fazer serenata pras meninas — e aí, claro, as meninas queriam retribuir. Eu terminava o trabalho à noite com os meninos e ia pro quarto das meninas, que queriam cantar. Pegava uma música com elas, depois iam lá as meninas cantar pros meninos e virava uma grande festa, um grande luau nessa brincadeira tão divertida.

Também participei de um Estudo do Meio, na época 7ª série, hoje 8º ano, com um papel mais de acompanhamento do Estudo com os outros professores, exercendo o mesmo papel, de auxiliar no processo educativo, e a mesma coisa na chave de ouro, que é a viagem pra Minas Gerais. Desse Estudo do Meio de Minas tive a oportunidade de participar três vezes, até porque eu não fui professor de 8º e 9º. Tive a oportunidade de participar dos dois últimos Estudos de Meio de Minas, uma viagem espetacular. Senti muito pelos alunos de 2020, que, por conta da pandemia, não vivenciaram isso que eu chamo de fechar com chave de ouro, uma viagem espetacular e multidisciplinar.

Os alunos aprendem as questões ligadas ao Estudo do Meio, mas naqueles seis dias de relacionamento tem muita aprendizagem. Quanto mais a gente fica com o outro, mais a gente aprende do outro com o outro, que é o grande diferencial do Vera, esse foco em relacionamentos, nesse processo de aprender juntos e aprender do outro com o outro.

Acho que isso que é muito legal.

## Trocando o pneu do carro em movimento

Foi horrível. Se, por um lado, trabalhar Educação Física era aquela atividade que os alunos amavam e amam, presencial, quando foi pro online foi a disciplina mais ingrata, mais difícil de trabalhar. A gente brincou muito nas reuniões de área que a gente foi aprendendo a trabalhar a Educação Física como se estivesse trocando o pneu de um carro com o carro em movimento, dando muita cabeçada, porque ninguém tava preparado.

De uma hora pra outra me vi assistindo a vídeo tutorial de como fazer edição de vídeo pra poder fazer videoaula. Aliás, no começo a Educação Física demorou um pouco pra entrar ao vivo, a gente começou com vídeos.

Eu me sentia ali um youtuber fazendo atividade física diante de uma câmera, sem saber quem me assistia, e essa é a questão. E por que é tão horrível quando eu falei “foi horrível”? Porque a gente não sabia se o aluno fazia ou não a atividade.

Aí, teve uma hora que a gente foi se acostumando com o online e aí falei: “Ah, quer saber de uma coisa? Vou fazer aqui a minha atividade física”. A grande maioria dos alunos da Educação Física não abria a câmera, principalmente porque eu comecei com o 8º, fui o responsável por trabalhar com eles. Eles não abriam a câmera. Então chegou uma hora que eu desencanei e falei: “*Hello*, será que tem alguém aí?” [risos]. No começo foi difícil, aí depois a gente se acostumou, e agora, em 2021, a gente já tava quase expert em filmagem, então foi uma grande aprendizagem, mesmo difícil.

Quando comecei este ano, o 6º ano já chegou adaptado ao online, eu também, e aí a maioria já abria a câmera, fazia aula. Então foi um pouquinho mais divertido — um pouquinho menos chato, talvez

seja essa a palavra —, mas eu acho que a gente conseguiu passar por essa fase. Quando voltei a dar aula na quadra, mesmo estando com máscara, a atividade não pode ser muito intensa porque falta ar, a gente não respira igual, não tem como. Mas aí a gente se sentiu voltando pra casa, era essa a sensação.

Confesso que a primeira vez que eu pisei no Vera Cruz com aluno bateu aquela emoção, a emoção de estar voltando de novo ao presencial, porque aí, sim, a gente volta a fazer o que a gente gosta, vendo o aluno participando de algo que ele ama fazer, que são as atividades que a gente proporciona. Que bom que a gente tá voltando cada vez mais próximo do que a gente fazia antes. Mas, valeu, valeu pela aprendizagem.

## Novos ares e brisa do mar

Quando fui prestar pra Educação Física, com meus 17 anos, pensei: “Faço Educação Física ou Psicologia?”. Eu sabia que eu queria mexer com gente de uma forma ou de outra, ensinando, ajudando. Com 17 anos, a gente não tem certeza de nada. Com 51, a gente já não tem muita certeza, então imagine aos 17. Acabei entrando em Educação Física. Em 2004, já trabalhando no Vera, com mais estabilidade, pensei: “Por que não fazer Psicologia?”. Comecei a conviver com pessoas da área de Psicologia e aquilo começou a despertar pra mim. Foi quando saí do Centro de Treinamento do Vera, porque a faculdade era à noite. Em 2008, me formei e tenho trabalhado como psicólogo clínico desde 2009. Já são 12 anos como psicólogo. Nesses 12 anos, Vera Cruz, consultório, Vera Cruz, consultório. Quando eu estava com o Centro de Esportes, tinha uma carga horária muito maior como professor, uma carga menor como psicólogo. Com a chegada da pandemia e o fechamento do Centro de Esportes, não precisei fazer nada, e mais pessoas começaram a me procurar como psicólogo.

E o que aconteceu? Minha carga horária como professor diminuiu naturalmente e como psicólogo aumentou, então as coisas se equilibraram. Hoje, meu tempo tá muito equilibrado. Essa psicologia é online, porque com a pandemia os pacientes querem fazer online: “Carlos, eu tô aqui nos Estados Unidos, tudo bem?”, “Tô em Santa Catarina”, “Tô no Rio de Janeiro”... Tenho pacientes de um monte de lugares além de São Paulo. E mesmo em São Paulo há pacientes que são da Zona Norte, da Zona Sul. Meu consultório é na Vila Romana. “Ah, Carlos, vamos fazer online, tudo bem?” Ou pacientes presenciais que, quando tiveram a primeira experiência online, me lembro desse paciente no sofá da casa dele, falando: “Carlos, eu não saio mais daqui, não, eu não vou mais cruzar a cidade pra chegar no seu consultório, vai ficar assim”. Acabou sendo uma opção dos pacientes, e por conta disso não faz diferença onde eu vou morar, basta ter internet pra poder trabalhar.

Então, veio uma conversa com a minha esposa sobre um desejo antigo nosso de morar fora de São Paulo. A gente gosta muito de Santos. Analisando todas as situações à nossa volta, achei que as coisas tão contribuindo pra isso. Foi quando manifestei meu desejo, conversei com o Daniel [Helene, coordenador] e expliquei o que tava acontecendo e ele concordou com minha proposta. Tô fazendo esse desligamento agora de uma forma muito tranquila, vai deixar muita saudade, mas eu acho que é tempo, tempo de viver esse novo momento.

Queria ler um texto que fala um pouquinho desse meu tempo.

#### **Texto do tempo, livro de Eclesiastes:**

“Tudo neste mundo tem o seu tempo; cada coisa tem a sua ocasião. Há tempo de nascer e tempo de morrer; tempo de plantar e tempo de arrancar; tempo de matar e tempo de curar; tempo de derrubar e tempo de construir. Há tempo de ficar triste e tempo de se alegrar; tempo de chorar e tempo de dançar; tempo de espalhar pedras e tempo de ajuntá-las; tempo de

abraçar e tempo de afastar. Há tempo de procurar e tempo de perder; tempo de economizar e tempo de desperdiçar; tempo de rasgar o tempo e de remendar; tempo de ficar calado e tempo de falar. Há tempo de amar e tempo de odiar; tempo de guerra e tempo de paz. Deus marcou o tempo certo para cada coisa. Ele nos deu o desejo de entender as coisas que já aconteceram e as que ainda vão acontecer, porém não nos deixa compreender completamente o que ele faz. Então entendi que nesta vida tudo o que a pessoa pode fazer é procurar ser feliz e viver o melhor que puder.” [Eclesiastes 3].

É isso, ufa.

Obrigado, Vera Cruz, foi um tempo muito bom. Já vou chorar, pois é tempo de chorar também. A gente chora aquilo que é bom, se despedindo.



# Três décadas e um dia diferente do outro

Claudia Godinho Peria

Professora [Ensino Fundamental, nível 3]



Claudia Peria começou a trabalhar no Vera em 1992.  
Ela se despediu da Escola em 2021.

## Mestra e aprendiz

Em setembro de 1992, uma professora estava grávida e eu entrei pra substituir a auxiliar que ficou no seu lugar. Eu entrei assim, no meio do semestre. Vai fazer 29 anos. Meus dois filhos cresceram aqui, estudaram no Vera.

Fiz Ciências Biológicas na USP por quatro anos e, logo em seguida, entrei no mestrado no Instituto Oceanográfico. Então, fiz o mestrado. Quando fiz Biologia, a minha ideia inicial era trabalhar com pesquisa, até que eu comecei a fazer o mestrado em Oceanografia. Trabalhei muitos anos com peixes da região de Ubatuba. Eu também era apaixonada pelos peixes, vivia com a mão com aquele cheiro, mas quando eu entrei no Vera, quando surgiu essa vaga, me apaixonei pela educação. E nunca trabalhei em outras escolas, só no Vera esse tempo todo mesmo, mas eu me apaixonei pelo Vera. Na verdade, eu já tinha tido alguma experiência com a educação, mas em Estudos do Meio. Fui por muito tempo, também, monitora de viagens com alunos.

No primeiro ano no Vera eu estava terminando a dissertação com o prazo máximo e já trabalhando no Vera, como professora auxiliar. Fiquei de setembro até o final do ano como auxiliar e mais dois anos. Um ano no 6º ano, que era a antiga 5ª série, e outro ano no 7º, a antiga 6ª série.

No terceiro ano eu já assumi classe como polivalente, comecei no 7º ano. Acho que fiquei uns quatro anos como professora de 7º ano e, desde então, no 6º ano, como professora polivalente. A gente trabalha com as quatro áreas: Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas. Ciências Biológicas é a minha área, e com a Matemática, desde o começo, sempre tive mais facilidade. Agora, para as Ciências Humanas e Língua Portuguesa, foi muito importante todo esse período de formação. A gente tinha reuniões com as assessoras de cada área.

Logo que a gente entrou, me lembro de ir à casa das assessoras pra me inteirar de todo o conteúdo e da formação em Língua Portuguesa e Ciências Humanas. E mesmo em Matemática, me lembro de ir, na casa da assessora nos finais de semana pra entender principalmente o material de Matemática, que era mais diferenciado no Vera. Então, trabalhava muito com material dourado, com material de base, porque eu não tinha aprendido assim na minha escola.

Ao longo do tempo, também, fui descobrindo o quanto a gente aprende com os alunos, que o mais importante é isso, não é passar pros alunos o que você entendeu, é como eles estão entendendo aquilo e qual é a dúvida deles primeiro.

Então, no começo o trabalho também era entender qual era a dúvida do aluno: “Como é que você tá pensando?”. Não era passar um monte de coisas pro aluno, era muito mais ouvir do que falar, não é? Ouvir o aluno, ouvir a dúvida do grupo e ir construindo junto o conhecimento.

## Polivalência, Projeto de Série, Trabalho Pessoal

Com a polivalência, a questão também que fica muito clara é que as áreas não são divididas. É uma coisa só, não é a aula de Língua Portuguesa, de Matemática, de Ciências Humanas, de Ciências da Natureza. Elas podem estar interligadas, são uma coisa só, porque a nossa cabeça é uma coisa só, não tem compartimentos. A cabeça do aluno não é dividida. É lógico que a gente pode ter mais facilidade numa área ou outra, o aluno também. Hoje em dia a gente tem trabalhado muito essa questão no Projeto de Série, em que aparecem muito as várias áreas. Então, Língua Portuguesa, com Matemática, com Ciências da Natureza e Ciências Humanas. É uma parte que a gente tem feito que tá muito bacana.

No Projeto de Série, a gente tem um tema. Por exemplo, no atual 6º ano, agora é “Vida, origem e transformação”. A partir desse tema, a gente foi alimentando os alunos com textos, discussões, mesmo em Ciências da Natureza: o que é um ser vivo, o que não é vivo, como é que o ser vivo pode ser classificado. E, na área de Língua Portuguesa, a gente trouxe várias notícias da vida só aqui na Terra — ou tem vida em outros planetas? As viagens a Marte... As Ciências Humanas alimentaram muito esse tema, a Matemática também.

A gente criou linhas de pesquisa, e os alunos puderam se inscrever nessas linhas de pesquisa, formando grupos. A partir de uma pergunta inicial deles, o que é que eles queriam mais saber sobre esse assunto? Eles estão pesquisando e vão poder fazer exposições orais e seminários sobre esses temas. É um projeto de pesquisa com o professor como tutor, como orientador. Eles estão desenvolvendo essa pesquisa e vão ter um produto final.

O que eu queria falar sobre a polivalência é que acho que, além da questão de o conhecimento não estar compartimentado, o aluno poder ter um vínculo com o conhecimento. Ainda mais nessa fase de passagem do 5º pro 6º ano, com 10, 11 anos, uma idade complexa pra eles. É ter a figura de um adulto, ou dois, com o professor auxiliar, pra vincular com o aprendizado. É um vínculo com o aprender. Como é que eu estudo? Qual é a minha dúvida, mesmo? Como é que eu consigo resolver a minha dúvida? Como vou me organizar pra estudar? É muito mais uma organização e uma tutoria, estratégias de estudo. Por isso, vejo uma grande vantagem na polivalência, nessa idade.

E me encantei logo que entrei no Vera com essa possibilidade de trabalhar com as várias áreas e de o aluno se vincular com o aprender dele, e não com uma área especificamente e lidar com vários professores. Porque às vezes, em outras escolas, eles chegam no 6º ano e têm 10 professores. Acho muito importante ter alguns adultos como referência, nas diferentes áreas.

Também me encantei muito com a possibilidade do momento de TP [Trabalho Pessoal]. A importância de o aluno ter contato com ele mesmo. Quais são as minhas facilidades, as minhas dificuldades, como é que vou conseguir pedir ajuda pra um adulto? Um adulto ou um professor, professor auxiliar, pra resolver minhas dúvidas. E a possibilidade também dele poder escolher — quero começar minhas lições da semana por Matemática ou por Língua Portuguesa — e conseguir se planejar ao longo da semana. A questão da unidade de tempo da semana, e da gente e dos alunos poder planejar a semana é uma estrutura muito bem montada. Meus filhos estudaram aqui; então, essa questão da organização deles, vejo que é muito a cara do Vera Cruz, o jeito como eles estudam, como eles anotam, o jeito como eles se planejam na vida deles hoje.

É lógico que é um modelo de organização, não é o único, a gente propõe um modelo de organização, de estudo, e, no Ensino Médio, eles vão poder escolher. Qual o melhor jeito pra mim? Acho que no 6º, 7º ano eles ainda não têm essa maturidade. O modelo de estudo, modelo de planejamento, modelo de organizar a semana, fazer um quadro da semana. Opa, o que eu vou fazer segunda-feira? O que eu vou fazer terça, quarta, pra dar conta de terminar tudo na semana?

O tempo todo, o aluno é protagonista da semana dele, dos estudos dele. E mesmo nas aulas todas as estratégias didáticas envolvem muito a participação do aluno. Lógico que a gente planeja tudo, mas as coisas acontecem, vão se modificando ao longo das aulas também, e dependendo da dúvida do aluno, do que o grupo traz, às vezes você muda totalmente o percurso do curso que você planejou, e isso muito por causa da participação deles.

Se aprende entre os pares, não é? Acho que vem daí essa questão da capacidade de argumentação. O aluno do Vera tem essa característica de falar, de participar, de querer opinar, mas também é importante ele saber argumentar escrevendo. Às vezes, o aluno tende a falar muito

bem, mas, na hora de escrever, de registrar, não é tanto. A gente tem trabalhado muito essa questão da argumentação escrita. “Ah, você sabe explicar oralmente, agora vamos explicar escrevendo, argumentando, baseados em evidências. Então, você vai ler um quadro, uma tabela ou um gráfico e, agora, vamos saber falar sobre isso, escrever sobre isso.” Não é uma argumentação oral só, mas uma argumentação também escrita, de texto argumentativo.

## Mudanças que marcam

Mudar é sempre preciso, pra ir acompanhando o que os pais estão precisando, ou o que a contemporaneidade está precisando. Acho que, já há uns 2, 3 anos, as mudanças estão ficando mais marcantes. Por exemplo, acho que a mudança que eu não vou viver, porque eu vou sair este ano, da polivalência pra bivalência, vai ser uma mudança marcante. É uma experiência, e a estrutura também mudou. Acho que a bivalência vai ser uma grande mudança, mas elas são importantes. Não vejo nenhuma mudança que foi ruim, não. Outra mudança importante é a dos grupos de trabalho. Esses GTs, depois que a Regina [Scarpa, diretora pedagógica] chegou, são bons para a unidade da Escola. Qual é a ideia? O que une? Por mais que sejam setores e até prédios diferentes, é uma escola só.

Nos últimos dois anos, sou responsável por fazer o planejamento e, na verdade, orientar os outros professores em Ciências da Natureza do 6º ano. Nestes últimos tempos, tenho trabalhado mais com Ciências da Natureza, mesmo. Acho que esses dois anos foram importantes pra mim por conta da questão de como a gente pode trabalhar melhor pra tornar o aluno competente nas práticas científicas, e como a gente pode fazer uma sequência investigativa. Para que o aluno seja mais protagonista, descubra por ele mesmo o conhecimento e vá em busca das respostas e pergunte bastante. Então, foi importante esse trabalho nos últimos dois anos, mesmo que ano passado tenha sido todo mundo em casa.

## Reinvenção com a pandemia

De um dia pro outro, a gente teve que ficar fechada em casa. Como é que a gente ia entrar em contato com os alunos? Foi desesperador. Ainda bem que o Vera já tinha uma plataforma que a gente mal tinha começado a trabalhar, que era o Teams Educacional. Se não fosse isso... A gente fechou numa quinta-feira, sendo que essa última semana poucos alunos tinham vindo pra Escola. Na segunda-feira, eu já tinha reunião marcada com os alunos, tinha um planejamento. Uma coisa é planejar uma atividade presencial, outra coisa é... Como é que as fichas iam ser digitalizadas de uma hora pra outra? Os alunos precisavam ter trabalho em casa. Nossa! O que a gente inventou, o que a gente criou! Acho que, depois disso, a gente dá conta de qualquer coisa [risos]. Porque era uma loucura, a gente trabalhou muito, muito!

Eu me lembro de WhatsApp das 6 da manhã à meia-noite, final de semana direto, pra conseguir planejar. Como é que ia ser a aula de Matemática amanhã? Além da pandemia, de estar todo mundo em casa, as sequências eram todas novas. Então, a gente queria mudar tudo em Ciências da Natureza — em Ciências Humanas já tinha mudado um pouco. Como é que a gente ia trabalhar com Matemática a distância?! Minha preocupação principal era a Matemática, como que a gente ia fazer.

## Despedida e novos tempos

Uma coisa muito bacana, no Vera, é trabalhar em equipe; por mais que a gente, muitas vezes, se sinta solitário na sala de aula, é você com seus alunos. Mas poder trocar em equipe, poder compartilhar as coisas que você descobriu, ou mesmo as suas dúvidas — isso eu acho que foi uma coisa que eu aprendi, uma coisa que é essencial, o trabalho em equipe. Se não fosse a equipe, a gente também não tinha dado conta de trabalhar e de viver o que a gente viveu ano passado e parte deste ano.

É de muitas coisas assim que eu vou sentir muita falta, o trabalho em equipe, o trabalho da parceria da equipe e, é lógico, sem dúvida, eu vou sentir muita falta do dia a dia da sala de aula! De um dia que não é igual ao outro. Cada dia que você entra por aquela porta da sala de aula é totalmente diferente do dia anterior, há novidades, é um aluno que tá assim, é um aluno que tá assado, é um aluno que traz uma dúvida e aí você pensa e replaneja. Então, esse contato com o aluno — e, por incrível que pareça, o ano passado, em que a gente ficou praticamente toda fechada, cada um na sua casa, foi um ano em que eu me aproximei muito dos alunos. A possibilidade de eu fazer as chamadas individuais com todos os alunos, toda semana, além das aulas, eu ligava por vídeo mesmo e ficava, às vezes, horas com aluno resolvendo dúvidas, contando sobre a vida, contando o que estava fazendo. Foi um período em que, por mais que cada um estivesse na sua casa, a gente se aproximou muito, da turma, dessa classe, uma classe especial. E este ano também, uma classe especial, então eu vou sentir muita falta mesmo dos alunos e dos amigos que eu fui fazendo ao longo destes 29 anos.

Ah, encontro muitos alunos nos lugares! E como são muitos, eu guardo mais a fisionomia, é uma falha minha, não tenho uma boa memória, queria ter. Tem gente que lembra o nome, sobrenome, eu não lembro! Mas eu sei que eu conheço, em que ano, em que turma. Nossa! Esse foi aluno!

Pretendo continuar lecionando e pensei muito nessa questão da formação de professores. Sempre trabalhei em escola particular, talvez agora trabalhe em escola pública, com tudo que aprendi no Vera, porque os alunos de escola pública não têm essa possibilidade de ter o ensino que os alunos aqui do Vera têm. Então, eu queria muito trabalhar tanto com os alunos quanto com os professores, mesmo, de escola pública. Eu acho que posso ajudar nisso.

Animada eu sempre fui. Sempre gostei de dar aula, de estar em sala de aula e de criar e pensar em coisas novas e de mudanças, mesmo. Acho

que não está sendo fácil sair do Vera. Já me emocionei muito com as homenagens, mas ao mesmo tempo eu acho que a mudança é boa.

São 29 anos entrando e saindo pelo portão da Escola. Teve um período em que eu não tinha filho, depois um período em que o Pedro e o Daniel estudaram aqui. Então, eu vinha de manhã e vinha à tarde pegar, agora eles já saíram da Escola e também saio, não é? Quase 30 anos. Só tenho a agradecer ao Vera toda essa possibilidade da formação. Espero também que eu tenha contribuído durante o período em que fiquei na Escola.



# Um percurso do qual se orgulhar

Claudia Martins Lourenço Vartanian

Professora [Ensino Fundamental, nível 3]



Claudia Vartanian começou a trabalhar no Vera em 1980.  
Ela se despediu da Escola em 2019.

## Crescendo no Vera

Entrei no Verinha ainda criança. Dezoito anos. Era 1980. Comecei a fazer um estágio, ainda estava definindo que vestibular que eu ia prestar e, antes de terminar esse estágio, me chamaram para trabalhar. O Vera era nessa época, e continua sendo, um espaço de formação muito grande. A gente estava o tempo todo estudando, se formando mesmo. Era uma equipe muito bacana, com diferentes formações. Lembro que na época tinha artista plástico, arquiteta, cientista social, enfim. E isso acabou definindo um pouco meu rumo profissional. Porque, assim que entrei, me apaixonei pela Escola. A minha ideia era prestar, talvez, para Publicidade e Psicologia. Mas aí acabei cursando Pedagogia na USP.

O Vera sempre foi um espaço mesmo de formação de quem não está sossegado, está sempre se questionando, sempre querendo fazer o melhor. E era uma equipe muito consistente, gente muito boa, era um pessoal muito bacana.

Aos poucos, também foi mudando a estrutura da Escola e outras pessoas foram assumindo cargos, como de orientação. Eu admirava aquelas pessoas. E elas eram muito orientadoras, assim, no sentido da formação mesmo, enfim. A Beth [Scatolin] foi minha orientadora. Heitor [Fecarotta, diretor geral] entrou também nesse ano e assumiu o nível 1. Fiquei ali nove anos. Fui transitando, então eu fiquei um ano e meio como auxiliar. Na metade de um ano, uma das professoras que eu auxiliava saiu, do Jardim, na época. Assumi naquele meio do ano e, no ano seguinte, como professora titular.

Lembro que a minha primeira turma era a turma dos filhos, de sete filhos de funcionários. Então, a minha turma do Maternal foi muito significativa. Marcelo [Chulam, diretor de gestão], que hoje é um dos diretores, foi meu aluno também.

Depois, fiquei bastante no Jardim 2, crianças de 5 anos. E aí se formou um grupo para pensar e repensar a alfabetização. Era um grupo para estudar a Emilia Ferreiro e mudar toda a alfabetização, todo um olhar para essa alfabetização. Porque, até então, a alfabetização era a partir do Pré e da 1ª série. Era coordenado pela Magdalena [Jalbut]; a gente estudava muito, muito. Lemos todo o trabalho dela, e a partir daí começamos a fazer mudanças significativas. Que aluno era esse que já sabia ler muito antes do que a gente imaginava? Esse grupo foi uma coisa muito marcante. E acabou me abrindo portas para fazer um outro trabalho, ligado a editoras. Escrevi vários livros ligados à alfabetização. Me abriu um outro campo.

## Breve hiato para a descoberta

Mas eu queria ser orientadora. Saí da Escola em 1989, 1990. Em seis meses, descobri que o que eu gostava era de escola, mesmo. Então, justamente, fui trabalhar com atendimento de crianças com dificuldade em se alfabetizar. Comecei a trabalhar também com a elaboração de materiais, mas eu tinha saudade de trabalhar em grupo, dessa coisa que o Vera me ensinou, essa construção coletiva. Eu me sentia muito sozinha, e muito parada. Por mais que eu ficasse atendida, fizesse curso, faltava o grupo, a construção.

Depois de dois anos, falei: “Quero voltar para a Escola”. Fui conversar com o Heitor. Eu tinha vontade de ir para o Fundamental. Ele estava com uma equipe muito fechada e me aconselhou a procurar o nível 2. Passei por todo o processo de seleção. Fiz estágio, fiz as dinâmicas de grupo e tudo mais, e acabei sendo contratada.

E, também, pensando: “Gente, nunca trabalhei com o Fundamental”. E fui para a 4ª série ser professora auxiliar. E novamente vi essa formação podendo acontecer. E segurar uma classe, enfim, com toda a dinâmica que a faixa etária exige. Mas se mantinham as reuniões de

grupo-série, as reuniões com a orientadora. Era algo muito semelhante ao Verinha. E muito estudo.

Então, peguei uma fase de mudança de Língua Portuguesa. Foi quando a gente começou a trabalhar os gêneros. Na época, a coordenadora era a Jacqueline [Barbosa].

A gente passou um bom tempo estudando, mas ao mesmo tempo desenvolvendo atividades-piloto nas salas de aula dessas professoras, com cada gênero. Foi Márcia Lopez quem me chamou para trabalhar com assessoria externa às escolas públicas. Foi uma experiência fantástica, você entrar em contato com uma outra população, outros profissionais, tentar imprimir uma construção coletiva. Como é que você se senta na mesa com um monte professores e pensa num projeto? Como coloca esse projeto para funcionar?

A gente fazia assessoria de Língua Portuguesa e Matemática. Um jeito de pensar a Matemática muito diferente daquele que eu tinha aprendido. E me encantei também com a Matemática.

Nesse intervalinho de sair do Vera, de dois anos, me casei e me tornei mãe. Então, voltei também num outro lugar, não é verdade? Lembro que eu falava: “Gente, para trabalhar com criança, tem que ser mãe”. Porque aí você passa a entender uma série de coisas. Porque, às vezes, você fala: “Nossa, essa mãe é louca, não sei o quê...”. Você tem um outro olhar para esse aluno — e todo o amadurecimento que a maternidade lhe traz.

Meus dois filhos estudaram no Vera. Daniel e Carolina entraram no Maternal e foram até o Ensino Médio. Eles gostaram mesmo do Ensino Médio, porque, aí, eu não conhecia ninguém [risos]. Eu, pelo menos, não estava ali todo dia sabendo da vida deles. Enfim, acho que fiquei 23 anos no nível 2. E dei um salto para o 5º ano. Toda vez que eu dava saltos assim, eu falava: “Nossa, eu vou dar conta?”. E foi muito bacana esse meu tempo de 5º ano. Tive uma equipe muito legal.

## Assessoria, reflexão e questionamentos

Continuei fazendo as assessorias externas, não só com esse pessoal de escola pública, porque o projeto também foi mudando. Eu recebia também escolas de fora. Lembro-me muito de Venda Nova do Horizonte, do Espírito Santo, com uma equipe muito bacana. Vira e mexe, eu fazia a formação.

Na Assessoria, a menina dos olhos eram as escolas públicas. Havia duas escolas de São Paulo que ficavam bem distantes, o Maria João Pinheiro e a Roquette Pinto. Bem distantes mesmo. Eu saía de manhã, deixava meu carro no metrô e ia, sei lá, até a Vila Matilde, Vila Carrão. Aí, pegava um táxi e andava muito para chegar nessas escolas.

A gente tinha essa formação em Língua Portuguesa e Matemática. Lembro muito que a Língua Portuguesa já tinha esse trabalho com os gêneros. E a gente ia até lá e fazia essas reuniões de formação da equipe. O Vera também cedia material, blocos e tudo mais. Além disso, a gente fazia oficinas. Então, chegava em período de férias, fazia oficinas, às vezes, para todo um pessoal. Tinha uma divisão das escolas da região. Então, fizemos oficinas de Matemática, de Língua Portuguesa. Eu me lembro uma vez de uma oficina de crônicas! Que foi incrível. Para isso, a gente tinha também um espaço de formação.

Uma vez por semana, nos sentávamos para essas reuniões. A gente tinha um espaço de formação, toda quinta-feira de manhã, quando a gente lia, preparava essas formações com características diferentes, porque cada uma ia trabalhar com professores de determinada faixa etária.

Fora isso, a gente também recebia escolas particulares que procuravam o Vera, compravam o material. Normalmente, as escolas

vinham, passavam uma semana, faziam um estágio, a gente se reunia com o coordenador e tudo mais. Sempre com a supervisão de Márcia Lopez e Stella Mercadante [diretora].

Esse grupo era pequeno, depois foi entrando mais gente. Era bem puxado, um trabalho bem exigente, porque eu continuava sendo professora no Vera, dando aula e tudo mais. E de uma a duas vezes por mês eu ia para um lugar distante, sozinha. E, na volta, fazia o relatório. Márcia é uma das pessoas mais competentes que eu conheço. E exigente. Não era pouca coisa.

Acho que fiquei na Assessoria Externa uns cinco, seis anos. Foi um período, também, de muita reflexão. Estar com esses professores de escola pública trazia muitos questionamentos para minha sala de aula, ou para o meu grupo-série.

## Outro nível

O nível 2: quando eu entrei, Ana Caleiro era a coordenadora. Depois, Elisa [Vieira] e, em seguida, Eloísa Ponzio. Pouco antes dela, já era um desejo mudar um pouco, até a estrutura de trabalho. Eu tinha uma curiosidade, mas tinha medo. Eu tinha na cabeça: “Ai, um dia eu vou pedir para ser auxiliar. Preciso aprender, nem sei os conteúdos, nem sei se sei”. Fui mãe de alunos da equipe do nível 3, então conhecia os colegas. Me lembro muito da Cris Macedo [professora de Biblioteca] falando para mim: “Mas você tem cara do nível 3, você tem que vir”.

Um dia eu falei com a Vera [Conn, coordenadora]: “Vera, um dia eu venho”. E Vera: “Ah, eu vou adorar!”. A gente se dava muito bem. Um dia ela me falou que ia ter uma vaga, e se eu toparia. “Claudia, só que é no 7º ano”. “Não, Vera! Tem que ser no 6º. Nunca trabalhei com essa faixa etária!” Ela conversou comigo e eu fui para o 7º ano. Nossa! Eu nunca

vou esquecer. Peguei todo o material de 6º, passei as férias estudando para conseguir, depois, acompanhar o 7º.

Tem uma hora que tem que dar uma mudada. E foi muito bom. E eu me identifiquei muito com a equipe. Lembro que passei o primeiro ano tão quietinha. No segundo ano, eu já estava em casa.

Me apaixonei totalmente por esses pré-adolescentes, essa coisa de transição, né? Eles questionam o conteúdo, duvidam daquilo que a ciência fala. Isso é muito bacana.

Fiquei cinco anos no nível 3. E achei que se eu prolongasse um pouco mais, iria ficar desgastada. A Escola estava passando por muitas mudanças também, seja em termos de estrutura, de equipe, e também de linha de trabalho. E a gente vai ficando velha. Eu sempre topei todas as mudanças, questionando sempre. Sempre fui uma pessoa muito questionadora: “Por que é que é mesmo? Mas por que é que não? Por que é que sim?”.

Acompanhei a chegada do Daniel [Helene, coordenador]. Lembro que, quando fui embora, o Daniel fez um discurso muito emocionado. A gente se deu muito bem e, ao mesmo tempo, a gente brigava. Ele falou que eu tinha sido uma pessoa muito marcante na chegada dele, justamente por isso, por instigar. A Elisa falava para mim, quando ela ia para a reunião geral, que ela tinha medo de mim. Essa coisa de eu sempre perguntar... Eu falo: “Sou fruto da gente”.

## No meio do caminho, outro caminho

No meio de tudo isso, quando eu estava no nível 2, fui fazer Psicopedagogia. Contribuiu muito. De um lado, sempre teve um movimento, assim, para fora, de aprender, de querer buscar alguma coisa, mas porque aqui dentro as coisas estavam sempre em ebulição.

Achei que eu já estava mais cansada, quando começou a haver aquelas mudanças. Não queria ser aquela pessoa queixosa. Era melhor sair feliz, não é? E fiz mesmo uma saída muito bacana. Sabe, quando você encerra? Tenho uma foto da turma final, que foi um presente. Eles estão agora no 9º ano e têm contato comigo.

Se a gente pensar, entrei em 1980, saí em 2019. É muito tempo. É uma vida. Entrei adolescente. Eu saía, eu ia nas festas, eu fiz faculdade, eu me especializei e depois virei mãe. Meus filhos cresceram. Virei mãe de filhos adultos. Aqui dentro, no Vera. Eu costumava dizer que eu gostava de ficar aqui porque eu não me sentia envelhecendo. E gozando que nesses dois anos que eu estou fora, parece que, você estando mais afastado de escola e de aluno, isso envelhece um pouco. Porque você tem que estar ali inteira. Disponível e energética. Eu tinha uma aluna que falava: “Eu gosto de você porque você é energética!”. E era! Então, pensei, antes de eu ficar “desenergética”, deixa eu puxar meu carro, porque também quero aproveitar essa energia para mim um pouco, para descansar.

Acho que eu tenho uma vida aqui dentro [do Vera]. Quando eu vejo a Escola e vejo todas as transformações pelas quais ela está passando, vejo o site, as fotos, sinto orgulho. Fiz parte dessa construção.

Vejo que as coisas precisam estar sempre dinâmicas. E entendo isso. Acho que participei disso em muitos momentos. Na pandemia, falei: “Gente, como é que é isso?”. Eles nessa faixa etária, em casa?! Quando você está querendo se desligar um pouco, ficar com a sua turma. Eles não estão se encontrando. Eles não estão se vendo. Acho que os professores foram incríveis, não é? Conseguiram muita coisa, mas vai ter mais exigência, ainda, com essa turma que está vindo, que ficou dois anos em outro lugar.

Isso de ouvir e de compartilhar. Eu ficava imaginando determinados alunos. Você pensa na sua última turma: “Meu Deus... Como é que ele

está fazendo? Ou não está fazendo?”. Se na sala de aula, às vezes, com todos os aparatos... Uma coisa que ficou muito forte no nível 3, nesse período, era a questão de derrubar os muros da sala de aula. Como assim, derrubar? Quer ver uma coisa que me pirou? A história das carteiras. “Não, não pode ter, tem que ser uma mesa.” Eu falava: “Gente, mas eles não vão me ouvir”. Até que eu consegui perceber que eles não tinham que me ouvir. Não era eu que tinha que estar ali, sempre. Eles tinham que desenvolver a capacidade de se ouvir, de olhar para o outro, eles têm que olhar o objeto que estão estudando. Professor tem essa coisa do palco. Sair desse lugar era uma coisa muito assustadora. É isso, sempre causa medo, mas eu sempre acreditei muito, sabe? Os recursos tecnológicos na sala de aula, por exemplo. Lembro que era um desafio. Eu adorava uma lousa!

No meu último ano, o Daniel tinha proposto a elaboração de um folder. E eu falava: “Mas eu tenho que estudar”. Quando eu fui propor, tinha uma aluna que sabia fazer. Eu mesma aprendi. Sentei lá e ela foi fazendo, mostrando, e tinha outro que também sabia. Então, isso é muito bacana. Uma bagagem que às vezes a gente, mais antiga, não tem.

Essas mudanças que vão acontecendo, se de alguma maneira elas sustentam, elas têm que acontecer. Porque senão uma escola fica parada, repete a mesma coisa, enfim. Aí, não é o Vera.

Sou muito agradecida a esse período que eu vivi, quase 40 anos. Onde eu pude aprender a ser assim, onde pude ensinar muito, trocar. Toda a minha formação, essa cara que eu tenho hoje, é fruto disso aqui. Os meus filhos... Aquela minha tribo. É muito isso.

Tenho as minhas amigas, as Primaveras, que são da minha época de Verinha. Tem isso também, a gente constrói vínculos muito fortes.

Quando saí do Vera, fiz uma festa para todo mundo do nível 3 e convidei a minha turma de nível 2. Foi uma festa bem gostosa, bem legal.

Eu celebrei, sabe?

Se tenho saudade? Eu tenho, as boas lembranças, não sei se isso é saudade. Estou muito feliz de não ter aquele compromisso com horário, enfim. Mas sinto que só estou assim, plena, porque a Escola contribuiu, porque eu tive um percurso profissional do qual me orgulho bastante, e que eu agradeço.





# A literatura como força motriz

Cristina Maria Macedo Tomaz (Cris)

Professora especialista — Biblioteca

[Ensino Fundamental, nível 3]





## Uma mineira em São Paulo

Sou mineira lá do Triângulo Mineiro, de uma cidade chamada Ituiutaba. Nasci em 1955. Quando teve a ditadura militar, eu estudava num colégio de freiras, e as freiras disseram: “Gente! O Brasil está sendo invadido pelos comunistas!”. Eu nunca esqueci isso, e olhando, então, para nossa história hoje, que a gente vive, é impressionante! Parece que estou voltando a quando eu era criança, no contexto histórico de hoje.

Sempre fui apaixonada por literatura. Naquela época não tinha biblioteca na minha cidade, mas estudei numa escola particular, porque meus pais não tinham condições financeiras, mas priorizaram uma boa escola, uma boa educação. Minha mãe dizia: “Olha, a mulher tem que ser independente”.

E eu tinha uma professora que apresentou para a gente *Meu pé de laranja lima*. Como não tínhamos o livro, ela lia a cada semana um capítulo. Nunca vou esquecer isso. Primeiro com a identificação do personagem. Até hoje, quando apresento esses livros para os meus alunos, digo: “Gente, esse livro tem história. Vão lá falar com os avós, com os pais de vocês, porque esse livro faz parte da memória do Brasil, de um monte de mulheres, mais do que de homens”. O que é você poder se identificar com o personagem, viajar, ir para outros lugares, conhecer outros mundos, mesmo você estando ali, naquela cidadezinha pequena, não é?

Na minha cidade não tinha faculdade, então fui para Goiânia. Eu queria fazer jornalismo, mas eu não tinha grana, trabalhava de recepcionista e tinha uma grana pra pagar o lugar onde eu morava. Então, não podia pagar a faculdade. Aí, eu fui ver as vagas disponíveis. E eu queria fazer jornalismo, mas eu fui lá. Tinha muita procura, eu falei: “Não vou passar”. Eu queria o quê? Mudar o mundo! Então me encantei com o quê? Com ciências sociais, não é?, para mudar o mundo.

Fiz para ciências sociais pensando nisso, mas na verdade o jornalismo me encantava mais. Passei em 6º lugar na universidade federal. Falei: “Puxa vida! Que pena, por que eu não fui com o jornalismo?”. Quem sabe, perderam uma jornalista [risos]?

Logo conheci muita gente de teatro ali, e lembro que teve um rapaz que se aproximou de mim, mas na verdade esse cara estava investigando. Uma pessoa falou: “Olha, sai fora desse cara, porque ele é da polícia, está investigando umas pessoas aí que você conhece, ligadas ao teatro”. Isso tem a ver com a história do Brasil, regime militar e tudo isso. E eu querendo, com toda a minha geração, transformar o mundo.

Acabei namorando meu marido. Ele veio para São Paulo, tinha família aqui, e eu vim para cá. Fui fazer licenciatura, e lá um professor me disse: “Olha, tem uma escola maravilhosa, chama-se Vera Cruz”. Estava grávida de meu segundo filho. Me falaram mil coisas: “A escola é revolucionária, nossa... puro Paulo Freire”. Peguei o carro [risos] e parei na pracinha. E já me encantei com o verde: “Nossa! Como esse povo aqui olha para o verde! Tão bonito isso, tudo aqui é lindo...”.

## O Vera ou a vida

Marcinha trabalhava na Secretaria: “Escuta, como é que a gente faz pra trabalhar aqui?”. E ela: “Ah, é simples!”. Pensei: “Imagina, se uma escola tão famosa, vai me chamar. Nem tenho tanta prática assim”.

Antes, dei aula numa escola pública também, por pouco tempo, substituindo uma pessoa, e numa escola na Lapa, de magistério. Eu não sabia nada, mas tinha vontade e pesquisava muito. e os alunos me adoravam [risos]!. Lembro que eu queria levar Paulo Freire para eles, mas o diretor me chamou: “Olha, aqui não é bem assim...”.

Bom, acho que em agosto me ligaram: “Olha, você está convidada para fazer um estágio”. Lembro que era naquela sala, onde hoje é o Ateliê de Invenções. Me lembro da Stella [Mercadante, diretora] e da Dudu [Lygia Cavalcanti, orientadora]. Acho que foi por causa desse meu que a Stella gostou de mim, porque experiência eu não tinha tanta assim.

Sabe o que me encantou? A polivalência. E eu falava: “Gente, esses alunos obedecem, como eles são!”, “Como assim?! O que que acontece que essa professora sabe tudo? E ela conhece os alunos!”, “Nossa, olha o TP [Trabalho Pessoal]”, fiquei encantada. Não que as crianças não falassem, não tivessem questões, não é isso, mas tinham um respeito, tinha algo ali. Assisti a uma aula da Teruco [Hayashida, de Ciências], ficava babando, ela brincando com os alunos. Assisti a uma aula da Flávia Aidar, que era professora de Organização Social e Política do Brasil [OSPB]. Fiquei encantada, não só com a aula expositiva, mas com o quanto não se tinha tanto a aula expositiva, com o quanto o conteúdo era trabalhado a partir do conhecimento dos alunos.

Quando vejo tantas revoluções que a gente faz aqui, penso: “Gente, o Vera já era revolucionário naquela época!”.

Bom, no final do estágio, Stella ficou conversando comigo, falando de Minas, e eu falei: “Olha, nesse último encontro, eu não vou poder vir”. “Por quê?!”. “Você não está vendo? Eu tô grávida.” Ela falou: “Nossa! Mas você está tão magrinha!”. “É, mas o meu filho nasce agora. Então, não virei.” Ela disse: “Não, não tem problema. Você deixa aí o seu relatório”.

Deixei o relatório, tive filho, passou um tempo, Stella me liga: “Olha, tem uma vaga. Você quer vir? Pra professora auxiliar”. Meu desejo era vir, mas eu tinha duas crianças pequenas. Eu tinha um filho de 2 anos e um bebê, e sem família aqui. Conversei com meu marido: “Mas eu estou tão tentada, fiquei tão encantada com aquela escola, nunca vi algo assim”. Ele falou: “Mas, como?”. Decidimos que não daria. Liguei e falei: “Olha, Stella, sinto muito, mas...”. Ela explicou que tinha um

volume de trabalho muito grande, que tinha que levar coisa para casa, mas “Olha, eu quero que você venha para cá. Uma hora você vai vir”. Falei: “Ah, uma hora dá certo”.

Outro dia, Stella de novo: “Agora tem uma vaga para a biblioteca. O que que você acha? Você se vê numa biblioteca?”. Falei: “Nossa! Só me vejo! Eu amo ler”. Era uma sala pequena, não do tamanho da que a gente tem hoje. Não esqueço que tinha uma lanchonetezinha da Escola. Então, você estava dando aula, e a moça estava batendo lá o suco, ou fritando o hambúrguer. E os alunos: “Nossa! Que fome, Cris! Deixa a gente sair cinco minutos antes!”.

## O Vera, enfim

E eu vim, sem conhecer regra nenhuma de Biblioteconomia. Eu só frequentava a biblioteca, mas conhecia muito pouco. Vim e fiz o estágio, morrendo de medo. “Será que vai dar certo...?”

Então, comecei a dar aula de Biblioteca. Stella me chamou e disse: “Olha, até agora ninguém parou nessa biblioteca, as pessoas entram, começam, falam que não têm muito o que fazer; o interesse delas é ir para a sala de aula”. Pensei: “Bom, já eu...”. Porque hoje você fala de projeto de biblioteca, de leitura, você tem milhões, mas em 1989 não tinha, a gente era muito inovadora. Pagar um profissional para ser o professor de Biblioteca. Era um investimento da Escola.

Um dia, Stella falou: “Cris, a última pessoa aqui falou que achava bobagem participar das reuniões de série, que só a reunião geral estava ótimo. Queria que você fosse na reunião de série, para você me contar”.

Fui e fiquei encantada! Diria que fiquei encantada e amedrontada, porque aquelas mulheres sabiam tudo! Adorei porque eu bebia do conhecimento daquelas pessoas. Trabalhei sempre muito junto com

a Stella e, na verdade, eu não tinha uma chefe, era direto a Stella. Eu sempre discutia com ela um monte de coisas. E disse a ela: “Olha, eu não me vejo sem ir para a reunião de série. Eu preciso saber o que está acontecendo, preciso interagir com esses professores, para, inclusive, estar preparada para essa aula de Biblioteca”.

Uma outra coisa que me encantou no Vera foi a forma como os funcionários eram tratados. Tinha a Cida, a Cida do portão, um ícone do Vera Cruz, não só para os alunos, mas para a Direção. Essa é uma das coisas mais bonitas e mais humanas que me encantaram. Me lembro de Stella dizer: “Olha, nós temos vocês, educadores, mas temos todos os nossos funcionários, educadores também. Eles estão junto com a gente”. E a gente fazia umas festas de final do ano e falava: “Gente, sabem quem é o melhor orientador dessa escola? O Leo [de Oliveira, inspetor de alunos]”. Porque o Leo conhecia todos os alunos.

## Viver, aprender, compartilhar

Esses dias, eu estava pensando no quanto a gente discutia exaustivamente tudo, chegava até a cansar de tanto que a gente discutia pedagogicamente, emocionalmente. Era a garrafinha d’água, estava muito calor, “mas o aluno pode levar a garrafinha d’água para dentro da sala de aula ou não pode?”. A gente discutia tanto. Tinha hora que a gente falava: “Chega! Pelo amor de Deus!”. Mas era isso. Nada era mudado sem a gente ter um olhar em relação às mudanças. A gente brinca que chegava até a cansar, mas era isso. Nada era de graça. Nada do que se faz é assim, sem discutir, sem pensar muito, sem olhar sob todas as perspectivas.

Era uma troca muito grande com os professores. Mas, nesse meu primeiro ano, cheguei ao final do ano e tinha uma avaliação. Uma professora nova falava: “Olha, você sabe que aqui no Vera Cruz é assim, você fica o primeiro ano, eles te avaliam e normalmente não é todo mundo

que fica, viu? Eu não sei se a gente vai ficar”. Lembro que eu fiquei tão assustada! Lembro que eu fui pra casa, chorava...

Bom, aí chegou o dia. Já tinha mandado um texto para Stella. E ela: “E aí? Eu quero saber de você. Como foi? O que você achou? Como é que foi essa experiência...?”. “Olha, eu fiz o meu melhor [risos]. Gostei muito dos alunos, mas eu não sei se eu consegui ser uma boa professora.” Acho que eu só dava conta deles, porque tenho esse meu jeito muito de brincadeira, de olhar pra eles e trazer a literatura. Acho que foi o que me salvou, eu não tinha tanta prática com adolescente. Aí, a Stella falou: “Você foi ótima! Adorei! Você é a primeira pessoa que fica e fala que gosta; eu só tenho boas referências em relação a você”. Isso foi muito importante, porque eu estava muito insegura. A partir desse ano, a gente foi formatando o que seria a aula de Biblioteca e que função tinha essa pessoa.

Teve um trabalho em conjunto com a biblioteca, de ensinar os alunos a fazerem pesquisa. Foi lindo esse trabalho! E nós fomos apresentar num congresso. Depois, apresentei o projeto da biblioteca em outros lugares. Agora, outra coisa importante: tínhamos a Malu [Zoega], professora e assessora de Língua Portuguesa. Eu falava pra ela: “Olha, não sei teoria literária, mas leio tudo o que você possa imaginar”. Eu tinha uma formação literária pela leitura, por coisas que eu lia que me interessavam. Sempre gostei muito de ler e tinha formação na área de ciências humanas. Então, quando eu olhei para a biblioteca, o acervo, constatei que eu já tinha lido tudo aquilo lá.

A única coisa que eu não tinha lido era a literatura juvenil daquela época, que não foi a minha literatura. Lembro que, aí, eu peguei todos os livros do João Carlos Marinho, Pedro Bandeira. Esses autores que a molecada lia.

Uma vez, lembro que a Malu falou: “Olha, Cris, nós vamos ter uma reunião com os pais, tá? Quero você lá”. E eu falava: “Malu, mas eu não

sei nada, se eles me perguntarem alguma coisa, eu não sei o que eu vou responder". "Não, fique calma. Vamos lá." Aqueles pais altamente intelectuais, aquelas superdiscussões. Mas eu ali, aprendendo muito. No começo, aprendi muito. Sempre passei a vida aprendendo, aprendendo muito, olhando para aquelas pessoas mais velhas que tinham uma história, e mesmo as pessoas mais novas, que vinham e traziam seus conhecimentos.

O que me encanta, até hoje, no Vera? É esse espaço do aprender, de compartilhar, o tempo inteiro, essa troca. Acho isso fundamental para minha vida e pude entender isso em outros campos.

Mas eu queria voltar aos livros. Um dia, falei: "Malu, tenho tanta vontade de a gente fazer o seguinte: por que a gente indica um livro só? Por que a gente não pode fazer uma experiência...? Uma seleção, sei lá... Tem tanto livro legal! Vamos deixar eles escolherem".

A gente tinha um pedaço que era de ousadia, mas, ao mesmo tempo, de muita reflexão. A gente ousava muito internamente. Ai, a gente pensou: "Poxa, eles podiam fazer cartazes com o que eles leram, desenhos...". Qual era o objetivo? Chamar atenção, divulgar a leitura. Era o que a gente queria.

E tinha muito experimento também. Foi um período muito rico, de a gente poder ousar, experimentar, porque era tudo novo. A biblioteca estava se construindo, tinha bibliotecária, precisava estar adequada para os nossos alunos. Porque depois eles vão frequentar outras bibliotecas. Me lembro de ir com os alunos para a livraria. A gente teve um período em que nossos alunos eram praticamente todos filhos de professores da USP. Às vezes, você tinha discussões com alguns alunos que você pensava: "É bom você estudar, porque o que esse cara traz de casa...".

Imagine numa biblioteca de livre acesso, como a nossa. Isso foi outra coisa que me encantou. Eu nunca tinha frequentado uma biblioteca

em que os alunos podiam chegar lá, tirar livros. Só não podiam guardar, tinha umas regras. Lembro que a bibliotecária falava: “Nossa, aqueles livros estão tortos, não pode! Têm que ficar assim”. E pensei: “Meu Deus, como eu vou conseguir? Nessa biblioteca não pode ter nada fora do lugar...”. Fui conversar com a Stella. “Não, Cris, é o seguinte: a biblioteca é um espaço do professor de Biblioteca. Lá, você vai administrar. Claro que o livro tem que estar no lugar, obviamente, mas também não precisa, porque você nem vai dar conta de fazer isso.”

Minha história no Vera Cruz e a questão dos livros — como isso vai mudando! Estava me lembrando das livrarias, das editoras, de como isso vai se transformando.

Fui fazer um curso de contação de história da Regina Machado, que era o máximo. A gente acabou fazendo o clube de leitura. Fui fazer curso particular com a Malu, para entender um pouco mais de literatura, leitura e outras coisas também. Fiz um na PUC, além de outros.

E tinha a banca de jornais. Naquela época se vendia muita coisa boa para banca. Gente, é incrível. Eu lembro que tinha uma coleção de cachorrinhos que os alunos amavam! Livros informativos e tal. Na banca eu tinha uma verba, podia até comprar. “Nossa, saiu Shakespeare na banca!” Eu tinha lido a *Odisseia*, na minha formação mesmo, antes de vir pro Vera. Mas eu lembro que quando eu cheguei, queria ler para os alunos. Eu tive que comprar. E não era como hoje, com boas adaptações, essa variedade, e tantos autores, tradutores se debruçando, discutindo alguns livros. A Marta [Ferraz], professora de Biblioteca do nível 2, lia a *Odisseia* em fragmentos e eu também. Os alunos ficavam encantados.

O projeto Vaga Lume começou com a gente, com a biblioteca. Nós arrecadamos os livros. Fui numa viagem em que a gente ficou dez dias andando, lá em Portel, de barco. Lembro que eu nem recebi por essa

viagem, mas a gente ia! Que receber, o quê! A gente adorava, ia! E a Silvia, da expedição Vaga Lume, foi minha aluna também.

A biblioteca tinha essa possibilidade de criar, de apresentar o livro, de passar o tesão pela literatura. É nisso que eu acredito, ler, compartilhar, mas precisa mostrar desejos. Sem desejo, a gente não constrói. Acredito muito nesse desejo, nesse prazer pela leitura. Espero que eu tenha passado isso pras pessoas, esse desejo de ler e de conhecer o mundo, de se aprofundar, de poder viajar, viver outras pessoas, outras coisas.

E em todas as áreas do conhecimento, a gente foi montando inúmeros projetos. Daniel [Helene, coordenador] comentou uma coisa comigo, quando eu saí: “Parece que a literatura no Vera ficou muito na sua mão; você é uma referência muito marcante aqui, para os professores”.

Talvez seja isso, essa paixão que eu tenho e quero passar isso pros alunos, mesmo no ano virtual. Acredito no conteúdo de um jeito gostoso, prazeroso. E acho que a gente não ensina se a gente não tiver paixão.

## Mais caminhos

Por conta do Vera Cruz fui pra ACTC [Associação de Assistência à Criança e ao Adolescente Cardíacos e aos Transplantados do Coração], uma ONG que tem 20 anos. Estou lá há 17 nessa onda. O objetivo é acolher e dar assistência para mães ou pais do Brasil inteiro que vêm para o Incor e o HCor, cujos filhos têm problemas sérios cardíacos. Essas pessoas vêm e, às vezes, ficam um, dois anos, esperando um coração. Essas pessoas não têm como se manter aqui. Fui convidada por essa ONG para fazer um trabalho de leitura e escrita. Boa parte é semianalfabeta. Olhando para aquelas mulheres, uma fazia tricô, outra crochê. Tinha uma biblioteca. Me lembro de livros que eu tinha

acabado de comprar na biblioteca e me arrepiei, porque vi um menino brincando, esfregando aquele livro novo, caro, ali no chão. Fui vendo que para aquelas pessoas aqueles livros não significavam nada.

Propus arrumar essa biblioteca, e elas arrumavam tudo bonitinho. Aí, comecei a contar histórias. Peguei livros de folclore ou histórias de tradição oral e comecei a ler. Aí, uma delas falou: “Ah, mas isso eu conheço! Nossa, uma história desta no livro?”. Então, comecei a inverter: “Bom, quero ouvir as histórias de vocês agora”. Recolhi essas histórias, digitei, entreguei pra Stella. Márcia Leite [assessora de Língua Portuguesa], que era editora, falou: “Gente, isso aqui é uma preciosidade. Vamos publicar esse livro”, e o livro foi publicado. Depois, publicamos mais um outro livro. E estou lá até hoje. Faço um trabalho de literatura e bordado. A literatura está sempre em mim. Jamais me abandona. Vou sair daqui e já vou para a livraria [risos].

Bom, mas onde é que eu vou colocar todo esse desejo e essa paixão? No trabalho, não é?

Não foi fácil sair. Eu fui me preparando, porque acho que tem um momento que a gente precisa sair, e eu queria fazer outras coisas, ter mais tempo livre. Acho que é importante a gente também reconhecer que tem um limite. Fiz 66 anos, saí com 65. O mundo é maior que o Vera Cruz. Aqui é muito bom, mas tem outras coisas também. Eu lembro que eu ficava na biblioteca entre alguns intervalos, e Nádía [Dimitrov, assessora pedagógica] ia ler o jornal. A gente acabava conversando, e ela dizia: “Cris, nunca fique num lugar só. Sempre estude outras coisas; a gente não pode ficar parada, precisa sempre estar estudando, fazendo outras coisas”. E é bom ter pés em diferentes lugares, isso é muito importante. Você circula mais, aprende de outros lugares também.

Aí, resolvi fazer o mestrado da PUC. Marta também estava fazendo o dela na USP. Passei nesse curso de Literatura na PUC, o mestrado.

Quando eu fui falar o horário, era na terça-feira, o dia inteiro. E era exatamente no dia que eu tinha a reunião. Não tinha como. Não pude ir, mas continuei com essa coisa do mestrado na minha cabeça: “Quero estudar, quero ampliar, quero escrever, quero...”.

Sempre gostei muito dessa coisa da memória, a memória me pega! Eu estava muito capturada pelo meu trabalho com a literatura, com as mulheres, com a questão da morte também, porque lá a gente convive muito com a morte, morre muita criança. É um constante luto. Tanto que lá elas me conhecem como aquela que traz a vida. Porque eu vou e falo: “Vamos embora, vamos ler, vamos mudar isso. A gente chora junto”.

Então fiz um curso na PUC como ouvinte, na área da Antropologia. E fiz o meu mestrado tendo como tema a ACTC. Foi maravilhoso para mim e até para a Escola. Fazer um mestrado, não importa a área, importa que você se aprofunda, tem que ler muita coisa. Sou uma defensora do mestrado [risos].

Diria que devo muito à Escola até nessa escolha da Psicanálise, que tem muito a ver com essa formação que a Escola nos dá. Porque a gente tá olhando o outro, o aluno. E a gente não tem ideia do que a gente sabe. Você só sabe o que você sabe na hora que você sai. Faz parte do seu dia a dia, não é? Mas não é. Tá ali, tá entranhado, esse desejo de estudar, de entender o outro, de enxergar, não julgar, não moralizar. Acabei indo pra Psicanálise e tô estudando pra caramba, com um monte de curso e... lendo literatura, participando de grupos, de coisas de literatura, porque não dá pra ficar sem [risos].

## Por último, uma história

Lembro que eu sempre cheguei às 7h30 da manhã. A Stella falava: “Cris, de manhã cedo a biblioteca tem que estar aberta”. Teve até um

episódio interessante. Um dia tomei um remédio à noite, por causa de uma infecção. Estava sozinha. E perdi a hora! O povo ficou desesperado! Porque, às 7h30 da manhã, a biblioteca não tinha luz. Ligaram pra minha casa! “Aconteceu alguma coisa com a Cris!” Então, esses auxiliares de biblioteca foram pessoas muito importantes. Agora entrou a Claudinha [Oliveira Mota], que é uma paixão. Uma menina que é do interior da Bahia, mas ávida por aprender, ler! Eu diria que fiz uma boa formação com ela. E ela tá fazendo pós em Alfabetização.

Em relação ao projeto da biblioteca, eu poderia falar mais alguma coisa? [risos]



# Um fruto da árvore chamada Vera

Elisa dos Santos Vieira

Coordenadora pedagógica [Ensino Fundamental, nível 2]





## A rebeldia necessária

Comecei o Ensino Fundamental na Escola Nazaré; depois, fui para o Rainha da Paz. Fiz o curso normal no Instituto de Educação Fernão Dias Paes, em Pinheiros. Tinha uma relação muito forte com literatura, Humanas, achava que a minha rota seria essa, mas meu pai ficou muito doente e quando teve a passagem do antigo ginásio para o colegial, minha mãe falou: “Ah, minha filha! A gente não sabe o dia de amanhã, faça o curso Normal, assim você fica com uma profissão”. Papai se recuperou, viveu muitos e muitos anos, mas fiquei comprometida com essa situação. Fiz o curso Normal pela primeira vez numa escola pública, mista. Era 1966, 65, um momento histórico muito efervescente. No Fernão, comecei a entrar em contato com os aspectos políticos da vida. E o movimento estudantil era muito forte naquela ocasião. Eu tinha alguns parentes que estavam altamente mobilizados no movimento estudantil pela luta contra a ditadura.

Ainda secundarista, comecei a participar bem ativamente do movimento estudantil; a escola era um centro de acontecimentos de muitas naturezas. Mas achava tudo muito chato. Gostava muito do curso de psicologia e do de português, com uma professora muito bacana, que eu adorava. O resto eu levava na flauta, não tinha muito interesse naquilo tudo. Passei a achar que podia ser interessante essa dimensão da vida que envolvia o ensino da aprendizagem, mas ainda muito, muito precariamente, eu diria. O movimento político era cada vez mais forte, e o meu grupo dizia: “Elisa, você precisa entrar na universidade, estar na universidade, a gente precisa de quadros lá”, já num braço da luta armada, do movimento de esquerda mais radical. Ainda estava no movimento estudantil, mas já acreditando que não teria outro caminho a não ser a revolução.

O cursinho também foi um momento muito forte, era o cursinho do grêmio da USP, e eu diria que todos os profissionais do cursinho eram militantes de algum movimento de esquerda. Lara Lavelberg, que foi

mulher do Lamarca, foi minha professora; aliás, me indicou a primeira terapeuta da vida. São pessoas muito impactantes, com uma presença muito forte. E estar na universidade era um pretexto, um meio de fazer política, ainda que modestamente, mas já com muitos conflitos, muitas contradições, muitos paradoxos.

Acabei fazendo um vestibular para o curso de letras, uma forma fácil de entrar na universidade (risos). Entrei muito bem em línguas orientais, fui fazer armênio e me delicieei com o mundo da USP. As áreas de formação geral eram interessantíssimas! Semiótica, literatura, aquelas dimensões históricas da literatura e linguagens, línguas, muito legal! Mas meu foco era fazer militância política. Até que, um belo dia, durante uma ação, estava cercada de botas e metralhadoras, de agentes da repressão. Uma coisa muito assustadora! Consegui, durante muito tempo, diante dos militares que faziam o interrogatório, fingir que eu não tinha nada a ver com aquilo, mas aí levaram minha identidade para uma outra companheira minha que tinha acabado de ser presa: “Ah, essa aqui é a Marina da VAR-Palmares”. Era o meu sobrenome. “Está bom, sou eu” (risos), até porque eu não sabia, mas eles tinham o organograma da VAR-Palmares, com absolutamente todo mundo identificado, era uma coisa impressionante.

Fiquei lá no DOI-CODI uns 20, 30 dias. Depois, nos convocaram para fazer uma manifestação de autocritica pública, na televisão. Tinha acabado de cair o general do 2º Exército, por conta de torturas em menores, eu já era maior, ia fazer 21 anos, mas meus companheirinhos tinham 16, 17 anos, eram todos do movimento secundarista e início do universitário.

Vi cenas tenebrosas com várias pessoas. Fico até um pouco emocionada. Era uma situação muito agressiva, muito destrutiva, por mais que eu não tenha sofrido. Mas tinha a pressão, a tortura psicológica, emocional, que é arrasadora. Tudo isso a gente já vivia. Muito jovens, muito idealistas, muito sonhadores, querendo um lugar de fala.

Eu queria fazer alguma coisa que tivesse uma dimensão social, mas, na minha turma e no meu grupo, a área de educação era muito pouco valorizada. Não era top, nem pop. Mas fui amadurecendo esse processo e achando que essa era uma área que tinha portas e janelas para eu descortinar e conhecer. Na época, a pedagogia da USP estava muito ruim, e fui fazer a PUC. Entrei em terceiro lugar ou quarto lugar, muito bem. O curso básico era revolucionário, do meu ponto de vista, e me envolvi muito. A PUC era uma instituição muito democrática já, bem de vanguarda. Então, me senti tendo um lugar ali. Comecei a me ligar fortemente à atividade acadêmica, através de monitorias de várias áreas, tanto do básico como do curso de graduação da pedagogia. Me dava bem, minha autoestima foi ficando fortézinha [risos]. Eu morava ainda na casa dos meus pais, no Alto de Pinheiros.

## Uma arquitetura sedutora

Quando eu ia para a PUC, fazia um caminho que passava na [Praça Emília] Barbosa Lima. Eu olhava aquela construção, com uma placa “Escola Vera Cruz”. Pensei: “Nossa, uma escola com essa arquitetura deve ser legal!”. Foi a primeira leitura que fiz. Era um prédio moderno, me atraía, eu gostava bastante de coisas bonitas, de arquitetura contemporânea, e fiz essa associação. Eu saía, passava por ali, ia pela Doutor Arnaldo, pegava a Dudu [Lygia Cavalcanti, orientadora] na casa dela, era minha colega desde o cursinho, uma grande amiga. Ela sempre estava na minha casa ou eu sempre na casa dela. “Eu vou te mostrar a escola quando a gente passar por lá, vamos ver o que é isso?” Ela falou: “Vamos!”. Um dia, eu parei na escola, sozinha, estava a Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica] na Secretaria, tinha uma turma de manhã e uma turma à tarde, acho que era isso. “Olha, eu sou estudante de pedagogia e estou interessada em fazer estágio...” Isso foi em 1973, 74, talvez. Ela falou: “Ah, pois não, vou marcar uma entrevista com você”. Eu falei: “Tenho uma amiga que também faz curso

comigo, ela pode vir?”. “Pode, pode!” Aí tivemos uma entrevista com a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora].

Dudu foi fazer estágio lá na Educação Infantil, e eu no Ensino Fundamental, na Avenida Brasil e na própria Praça Emília Barbosa Lima, que já tinha uma classe da Mara [Vada Lopes], uma professora que é amiga minha até hoje.

## Um convite à reflexão eterna

Fui contratada como auxiliar logo depois dos primeiros meses de estágio, como auxiliar da Mara e da Deise [Asmuz] na 4ª série, na Barbosa Lima. E me apaixonei. De fato, na entrevista já me encantei com a Peo, e, depois, logo conheci a Branca [Albernaz, fundadora], que foi uma referência para mim curta no tempo, mas muito importante! E comecei a ver o quanto era possível fazer educação de qualidade e a me entusiasmar cada vez mais, me apaixonar pelo mundo infantil, o mundo da aprendizagem, do ensino. Então, fui contratada como professora logo no ano seguinte, no meio do ano; fui estagiária, auxiliar e, depois, já fui professora. Quebrei a cara várias vezes, sentei na sargeta e disse assim: “Eu não dou pra isso, eu não presto pra isso, não!” [risos]. Fiquei achando que as coisas eram meio mágicas, que a gente virava educadora de repente. Mas, com muito apoio e muito reconhecimento das minhas qualidades e dos desafios que me eram colocados, minha paixão foi se tornando cada vez mais amor, virando amor.

Fui ficando no Vera, fui professora do atual 5º ano, e era muito bom! Tenho memórias de experiências transformadoras e muito enriquecedoras, muito difíceis, muito desafiadoras, muito cheias de vida, num lugar que permitia que a gente vivesse essa vida com todas as suas interfaces. Lembro que minha entrevista de contratação foi com a Cida Dória, uma das fundadoras do Vera, e ela me perguntava: “O que você tem assistido de teatro? Recentemente, que livros você leu? E cinema,

do que você gosta?”. Eu já tinha passado por algumas situações de seleção em que me perguntavam sobre a didática, Piaget, Freinet, e tinha que saber aquelas coisas, mas, aqui, eu tinha que saber de cultura. Tudo já me chamava atenção, tudo me apresentava a riqueza da Instituição e do convite à reflexão eterna, no Vera.

Eu diria que vivi os quase 30 anos de minha vida profissional de me perguntar e buscar respostas. E de construir junto visões de mundo, visões de homem, visões de sonhos.

## Construção de vínculos

Aí, fui ser orientadora. Achei que a sala de aula estava se esgotando. Eu tinha feito formação para ser orientadora, acho que tinha uma expectativa de entrar na área que, na época, se chamava “técnica”. E eu tinha uma fascinação por formação de professores, relação com as famílias, tinha um encantamento com isso, de entender o que são essas relações e como é o desenvolvimento da criança como um todo, de dentro da escola, e tinha vontade de me aprofundar nisso. No Vera, a gente tinha todas as oportunidades para fazer isso. Mas acho que a sala de aula foi ficando suficiente para mim.

Casei, tive duas filhas, uma em seguida à outra, muito pequenininhas, que concorriam muito com a sala de aula. Saindo da sala de aula, você tinha muito trabalho em casa, e, na minha cabeça, o trabalho mais técnico, de orientação, me deixaria mais livre. Ledo engano. Mas a gente vai se descobrindo. Peguei uma turma de 2ª série do Verão. Sempre fui fascinada por esse período do 3º ao 5º ano. É um momento em que eles estão vindo do Verinha, e eles têm uma paixão por aprender muito forte! O mundo do conhecimento vai se escancarando de um jeito! É o deslumbramento de descobrir o que é adição, multiplicação, e você está mediando isso. Então, é muito forte. É uma fase de uma riqueza incrível. Não é muito fácil. Mas é cheia de encantos.

Esse esquema da Orientação é muito bacana, de você receber uma turma do Verinha e acompanhar essa turma, os pais dessa turma, as equipes. Essas três dimensões do trabalho são muito importantes, porque você vai conseguindo construir a coisa mais preciosa que há no Vera, que são os vínculos, as histórias cheias de significado. É impressionante, eu sabia o nome dos alunos todos e dos pais. Tinha uma facilidade, de tão presente que era cada um deles na minha vida e na Escola.

De 1980 até 2000, fui orientadora. Gostava muito do que eu fazia. Era uma função que exigia muitas competências diferentes, porque você tinha um galho que era do trabalho com a Coordenação da Unidade, outro com os professores, as famílias, os próprios alunos, embora menos presencial no nível 2 do Fundamental, mas muito forte através da equipe de professores. Eu era uma pessoa muito forte para eles, ia muito aos recreios, convivia mais com eles. E, às vezes, era muito brava, às vezes, um coração enorme.

Como coordenadora, eu era uma presença forte. Tinha os pais que me amavam, os que me odiavam e os que me achavam mais ou menos, que eu não cheirava, nem fedia [risos]. Em geral, eu sou uma pessoa que provoca grandes reações. Nada fica muito morno. Mas acho que tenho um registro mais positivo do que negativo no Vera. E ainda bem que alguém me odiava, porque tinha que me odiar mesmo [risos], porque eu não deixava nada muito barato. Isso, às vezes, trazia alguns inconvenientes, eu não era muito política nesse sentido, mas, ao mesmo tempo, eu era uma defensora, uma representante dos valores do Vera absurdamente coerente. Acho que fui uma profissional com uma atuação muito forte em relação a essas questões de resistências internas, de composições e recomposições.

Foi uma época em que os professores das escolas particulares ganharam um pouco as ruas, organizaram greves e promoveram movimentos. No Vera, tenho hoje essa compreensão, esse registro: "Que

legal que a nossa equipe é assim toda ativista. E que pepino que a gente tem que descascar” (risos) — os diretores, os sócios. Tínhamos um contrato que era sensacional, com atividades de trabalho pessoal, remuneradas, mas a gente sempre quer melhor, mais e mais, não é? Esse contexto, esse cenário, também nos mobilizava a fazer movimento nas outras escolas e agregar um fortalecimento, que também foi importante. Havia as correntes dentro do Vera, uma bobagem (risos), mas era assim que se configurava, pelo menos naquela ocasião.

Nós tínhamos dilemas horrorosos. Tinha a Lucília [Bechara, fundadora] com a matemática dela, que era um escândalo de maravilhosa; nunca esqueço o dia que entendi por que um número elevado a zero é um, e eu entendi isso ensinando potência aos meus alunos de 5ª série; descobri meio que com eles. Aquela coisa dos *insights*, que sempre era automático, mecânico, não tinha um pensamento matemático. Isso me deslumbrava. Quer dizer, eu me via sujeito de aprendizagem o tempo todo, e promotora da aprendizagem. É uma beleza isso, de uma riqueza, uma preciosidade! É um tesouro.

## O direito ao erro

Minha vida no Vera eu vejo como um tesouro precioso. Não é uma conta bancária, é assim: tem o brilhantezinho lapidado, tem a pérola, tem a água-marinha, cada coisa é muito cultivada, muito vivida. Às vezes, com emoções, e não é que era um sonho, não, os desafios muitas vezes eram grandes, difíceis. E nem sempre estávamos prontos para eles. Ou eu não estava pronta. Mas nunca me senti desamparada; mesmo se tivesse um turbilhão em relação a um aluno, por exemplo, que eu não estivesse sabendo administrar, mediar, mesmo tendo feito coisas terríveis de erradas, equivocadas (risos).

Isso era uma visão importantíssima na vida, da construção de você como ser humano, que erra, mas pode consertar. Acho que esse é um

dos pilares do Vera Cruz. A gente erra, mas a gente conserta, pode refazer, e o que fica de marca faz parte também do belo que isso se tornou, é de uma dimensão, de uma humanidade muito maior do que qualquer dimensão política, cognitiva ou emocional; é de uma grandeza cósmica. Sei lá.

## Filhas e netos no Vera

Minhas filhas são duas criaturas muito semelhantes, muito próximas de idade. Cresceram juntas, uma estava sempre numa série, a outra estava lá, logo em seguida. Vejo muito do Vera nelas: consciência crítica, reflexão, métodos de trabalho, organização pessoal, priorização, a percepção do outro, a autopercepção, essa busca pelo autoconhecimento, acho que é uma coisa que o Vera semeia com muito adubo.

Com meus netos, sinto diferenças! Mas sinto muitas semelhanças. É como se eu estivesse revivendo muita coisa através deles. E resgatando muitas possibilidades minhas com eles. É muito legal. Acho que tenho bastante abertura para algumas coisas, preocupações com outras, e receio da pressão deste mundo de hoje sobre as escolas, que sempre existiu em todos os momentos.

Vejo com tanta emoção o esforço do Vera de continuar dialogando com seus princípios, suas crenças, seus valores. Essa preocupação é uma preocupação minha de todo dia: manter a essência.

De certa forma, fico sempre dialogando com o que está acontecendo na Escola. Falo: “Ih, essa conta aqui de divisão no 4º ano, não está antecipando demais? Não precisava” [risos].

A gente viveu o tempo da pandemia, e eu não podia ter contato com meus netos. Antônio começando o 1º ano, alfabetização não presencial. Eu olhava as aulas de reforço e falava assim: “Não, isso não tá

dando certo pela tela {risos}”. Mas acho que não estava dando certo para ninguém, não é? Acho que estamos vivendo tempos bastante difíceis, em geral. E o Vera tem uma potência para ficar num lugar de liderança e de resistência que, às vezes, é necessário, não para ficar velho, mas para ficar inteiro, para ficar do jeito que ele tem de ser, que é o papel do Vera no mundo.

Ao mesmo tempo, essa conversa com o que está emergindo e com as demandas que estão aí, e as respostas que estão sendo dadas, do meu ponto de vista, ainda são gerais, muito precipitadas; as verdades que estão sendo declaradas: “O caminho é esse, é aquele”. Espera aí, não é bem assim. E esse tempo que o Vera sempre teve desse vagar, dessa reflexão... Acho que isso não pode se perder, nunca. Fico muito feliz de ver como os professores estão mais protagonistas do que foram na minha época, por exemplo, e do que eu mesma pude promover com eles como coordenadora.

## Hora de esvaziar

Eu me sentia assim: ao mesmo tempo cheia, ainda plena de coisas, mas esvaziada para propor novos caminhos, para ter coragem, inclusive força, potência para isso. A gente vai ficando velha, querendo mais contemplar do que pôr a mão na massa. Aí, resolvi sair, porque eu não conseguiria representar com os atores, a partir daquele momento da Instituição, com a força que precisaria.

As pessoas perguntavam “O que você vai fazer?”, e eu: “Eu vou esvaziar” [risos]. Porque você está tão entupida das coisas da vida, do dia a dia, de uma vida muito dinâmica, muito cheia de desafios, de conciliar coisas às vezes muito complexas. Entendo que tem um lado que era isso mesmo o que eu tinha que fazer, mas sonho com o Vera Cruz até hoje. Sonho que tem reforma, sempre uma obra acontecendo. É tão, tão sintomática essa experiência de eterna construção, de montar,

desmontar, de montar, desmontar. Se eu converso sobre o Vera Cruz, tenho uma vitalidade nessa conversa que é como se eu estivesse lá dentro. É muito bacana, acho que é do tamanho dessa história, dessa admiração, desse amor e dessa identificação de minha história no Vera, de mim na história do Vera e das pessoas e dos atores todos. É um mundo de gente! Quantos seres, quantos indivíduos, entre alunos e pais e mães de alunos, um número impressionante. Outro dia, encontrei na ginástica duas pessoas, uma é mãe de dois ex-alunos meus que eu nunca mais tinha visto. Bati o olho e falei o nome, sobrenome, mãe de quem, pai de quem, sabia tudo, e é uma emoção isso, porque são histórias de amor. A segunda experiência foi uma ex-aluna de quem eu tinha sido orientadora e que está fazendo ginástica lá. Bateu o olho em mim e falou “Elisa!”. Para mim, é impressionante!

## Vera, eterno

Acho que, se há algo que eu vejo como eterno e que eu torço para que seja, é o Vera. Essa dimensão do eterno para mim está muito associada ao Vera. Peo, Branca, Cida. Peguei muitas gerações de coordenadores, de diretores. Trabalhei com Stella [Mercadante], que foi minha diretora quando fui coordenadora. Foi muito rico. É uma árvore de muitos galhos. Eu só não vou dizer que é mais forte que a da minha família porque vou criar problema com a minha família, mas é, porque é maior que a da família. A árvore da família está dentro dessa árvore da minha vida no Vera.

Sou muito intensa. Ao mesmo tempo, mantenho uma distância muito legal. Não tenho vontade de voltar a trabalhar no Vera, tenho vontade de xeretar, palpitar [risos], mas, do compromisso, não dou conta, não tenho mais fôlego. Às vezes, falo para Heitor [Fecarotta, diretor geral] “Me consulta para algumas coisas” [risos], meio que brincando. E com essa experiência de ser avó, é como se estivesse carregando de novo — a memória, o programa, a matriz. É impressionante.

Estou muito feliz de estar aqui, por exemplo, muito emocionada, é uma emoção de vida. Também tive muitos bodes com o Vera, também fui rabugenta, às vezes, criava pepinos homéricos. Nunca foi fácil, mas sempre foi muito bom, muito bom. Que bênção que eu tive, que oportunidade na vida de encontrar uma escola pelo prédio, e que sensibilidade a minha de discriminar isso como um sinal.

Acho que é um encontro com muitos desencontros, com muitos desacertos, muitos acertos, muita vida, muita vida!



Com Stella Mercadante





# A personificação do trabalho aliado ao prazer

Elza Maria de Britto

Secretária acadêmica





## O início de uma longa jornada

Entrei no Vera em setembro de 1974. Conheci o Vera Cruz através de uma vizinha minha, irmã de um amigo. Ela era professora polivalente do 6º ano, antiga 5ª série. Eu tinha feito Pedagogia, e minha intenção era trabalhar com administração escolar, toda essa parte ligada à direção mesmo da escola, organização e documentação de aluno. Comecei aqui como datilógrafa, que era a função vaga quando eu fui entrevistada pela Sonia Bracher [diretora]. Ela me perguntou: “Você sabe datilografia?”. Respondi que não. “Você já mexeu com mimeógrafo?” Também não. “Ah, então tá. Você está contratada!”

A Escola tinha vindo para essa Unidade aqui na praça [Profa. Emília Barbosa Lima] em 1973, começou com a 5ª série aqui. Antes era na Avenida Brasil. Fui um dia lá para a Avenida Brasil para ver como eles estavam se organizando. Sabendo tudo de documentação de aluno, vejo lá uma pilha de documentos. Comecei a olhar: certidão de nascimento, fichas de conceito dos alunos... Falei: “Não pode jogar fora isso daí, é precioso, é documento pra vida toda”. Conseguimos salvar uma parte, e hoje a gente tem arquivado tudo isso; obsessivamente, eu e a Sônia Bustamante [diretora financeira] organizamos tudo, montamos pastas, arquivo, tudo manual.

Quando o Vera Cruz começou aqui na praça, as classes não estavam todas completas. O prédio não estava todo construído! A gente alugou umas salas do Santa Clara, aqui na [Rua] Bernarda Luiz. Os pequenos estavam na [Rua] Guilherme Moura. Gláucia [Affonso, orientadora], que é nossa ex-aluna, era dessa primeira turma, que terminou em 1978.

A Escola veio para cá e não tinha telefone em São Paulo, telefone era um investimento, não tinha transferência da Avenida Brasil para cá e a gente usava o telefone da vizinha. Eles tinham uns três filhos aqui e a gente ia lá para telefonar, numa emergência — mas não se tinha

tanta necessidade de comunicação como hoje. Os pais tinham uma outra relação com a Escola, eram muito parceiros, não existia a palavra “cliente”. Hoje, alguns pais se posicionam como clientes. A gente luta para que isso não aconteça, porque a educação não tem cliente, tem parceria. Ou você faz uma educação com a família, ou você não está fazendo uma educação inteira, envolvendo família e escola.

Depois o Vera foi se organizando e comecei a assumir outras funções, porque a de datilógrafa era apenas no contrato. Comecei a assumir a Secretaria de Atendimento. A Escola era pequena, eu fazia absolutamente tudo; tinha a dona Maria, que era tesoureira, mas ela não conseguia ter estrutura para receber e atender os pais. Se eles vinham com o carnê para fazer o pagamento, tudo bem. Mas se tinha alguma coisa que ela precisava conversar com essa família, ela ficava muito aflita. Então, eu ajudava nisso, e ela cuidava do dinheiro, porque eu nunca fui uma pessoa muito boa de finanças. A dona Maria era cuidadora, anotava tudo, eu só fazia o atendimento.

Era outro mundo, a gente vivia um momento político muito delicado no nosso país. Começamos a receber os nossos brasileiros que estavam voltando do exílio. Tínhamos os filhos do [Vladimir] Herzog e os filhos do governador Paulo Egydio Martins. Um segurança do Palácio ficava aqui em função dos filhos do governador, mas não era para interferir, tanto que a mulher do governador falava: “Qualquer coisa, você liga direto para mim”. A dona Lila era muito próxima, porque era muito amiga de Soninha Bracher.

Lembro que a Escola tinha um projeto arquitetônico de um professor da FAU, que era uma referência como construção. E me lembro perfeitamente do dia em que um aluno da FAU veio para cá com a maquininha fotográfica dele. A gente não tinha segurança, tinha um porteiro, que entrou e disse: “Elza, tem lá aquele segurança do governador que está tomando a máquina de um moço”. E lá vai a Elza com a petulância dos seus 20 anos:

“Aqui é o território da Escola. Ele vai, sim, fotografar. Você é de onde?”

“Sou da FAU. O professor falou para vir...”.

“Ele vai fotografar.”

“Não, eu já peguei a máquina dele.”

“Pois pode tratar de devolver a máquina dele!”

“Não, eu tenho essa orientação.”

“Tem orientação para proteger os meninos fora da Escola, aqui não! Aqui quem manda é a Escola e a Escola está autorizando ele a fotografar.”

Aí virou aquela conversa e eu falei: “Então, vamos fazer assim: eu ligo direto pro telefone da dona Lila e ela vai autorizar.”

“Então tá, então tá.”

“Então, pode devolver a máquina pra ele.”

Imagine, com o governo de hoje em dia, se eu ia ter essa ousadia. Não sei se teria, mas não seria tão impulsiva. A gente pensava mais com o estômago, com as emoções, do que com o cérebro.

Quando Herzog morreu, para mim, foi muito aflitivo, porque eu era toda engajada politicamente. A Escola fechou para a gente ir para a Praça da Sé, pois haveria um ato ecumênico. São Paulo parou — não é que a Escola fechou. São Paulo parou e a gente foi embora. Fui com uma amiga, era uma tensão na cidade, em 1975. Eu tinha entrado em 1974. Conhecia os meninos. Tanto o Ivo quanto o André. Eles eram nossos alunos e moravam, inclusive, na rua de nossa outra Unidade. Clarice vinha à Escola, os meninos vinham com ela e voltavam sozinhos, tinha toda uma proximidade com a Escola. Ivo era o mais velho. Foi muito difícil para ele ter as imagens do pai, que tinha sido “suicidado”. Foi um momento muito delicado na Escola, de muito acolhimento para a Clarice, para os meninos. Muita mobilização de todo mundo.

Era uma escola altamente politizada, a gente brincava que aqui era a sociedade pensante. A gente tinha muitos pais professores universitários, muitos professores da USP, muitos artistas. Tínhamos os filhos da Cynira [Fausto, diretora] estudando aqui — Sérgio [Fausto] hoje é do Conselho. Hoje eu não conheço os alunos, a Escola cresceu, estou em outro espaço, mas quando a gente ficava aqui, no Verão, todos passavam por mim, porque eu ficava ali na entrada, dava as autorizações de entrada, ligava para as famílias, falando que eles estavam com três atrasos. Eles “fugiam” na hora do recreio e iam usar a piscina da colega aqui do lado. Encontrei uma ex-aluna na minha fisioterapia e ela falou: “Me lembro de você, eu tenho guardado meu diário: ‘Ela ligou para minha mãe porque eu voltei da casa da Marina atrasada. A gente tinha ido usar a piscina, estavam todos de cabelo molhado’, alguma coisa assim”.

Em 1974, na primeira turma que nós concluímos de 8ª série, a gente tinha 74 alunos, e não aumentamos muito. No final dos anos 1970, a gente teve 80, 82 alunos concluintes do primário. Demoramos para aumentar, porque não cabia no Verinha. O Verinha era uma coisa muito louca para conseguir vaga. Tinha fila de madrugada. Eles pagavam para alguém ir lá... Já era na Rua Dona Elisa [de Moraes Mendes]. A gente começou na Rua Guilherme Moura e comprou aquele espaço lá. Ainda eram os anos de chumbo aqui, porque eu me lembro de que quando a gente comprou e estava fazendo a reforma, veio um vizinho querendo falar comigo. Quem cuidava da reforma era Sônia Bustamante [diretora financeira]. O vizinho se identificou como do Exército. Ele ficou bravíssimo comigo, porque ele tinha uma patente maior e eu o tratei pela menor e fui advertida. Aí ele falou que a gente estava fazendo muito barulho com a reforma. Eu disse que ele tinha que reclamar na Prefeitura, porque a gente estava regularizada. Uma coisa que a gente fazia e faz é ter tudo legalizado. E ele tinha dois caminhos: a Prefeitura e a Secretaria de Educação.

Quando nós fomos para a Rua Dona Elisa, as vagas eram muito disputadas, mas muito, a ponto de chegarem a oferecer dinheiro por uma

vaga no Vera. Me lembro perfeitamente do dia em que me falaram isso. Eu disse que não, que vaga não tem preço, é preciso ter condição, espaço. Nisso, a gente conseguiu aumentar o Verinha. Foi quando mais um terreno ao lado foi comprado e a Unidade ampliada, assim como aqui [no Verão]. Tínhamos aqui na Escola o Laboratório de Ciências, que era onde hoje é o Ateliê de Invenções. A sala de Artes era onde hoje é o Salão de Jogos. Depois, a Biblioteca foi para o outro lado; a Sala dos Professores era aquele espaço entre o Ateliê e a Sala de Jogos. E a gente ficava tudo ali meio junta, e onde hoje é o Apoio também era a Gráfica, era tudo junto. Então, a Escola cresceu, fizemos mais um andar, o 3º andar, compramos o terreno dessa primeira quadra. Quando a Escola foi ampliada, começaram a desafogar aqui, no Verão, as vagas, mas lá na Unidade Dona Elisa, mesmo ampliada, ainda era muito difícil conseguir uma vaga. Aí, a gente foi aumentando. A 5ª série era muito disputada, e a gente tornava a ampliar o número de alunos.

Mas a gente terminava na 8ª série. Como não tinha Ensino Médio, o colegial, na época, os alunos iam pro Santa Cruz e pro Logos. Mas como eles iam conhecer essas escolas? Foi quando se descobriu mais uma função para mim. Eu ia nessas escolas, a gente tinha uma entrevista básica com as perguntas dos alunos, o que eles gostariam de saber. O orientador trabalhava com os alunos, as expectativas deles. Tudo isso com o coordenador, com a Stella [Mercadante, diretora]. A gente criava um roteiro e eu ia fazer a enquete. A gente tinha essas trocas, para abrir o caminho para o aluno. Tinha também o Oswald, o Sagarana [que depois se fundiu com o Oswald], aqui, na Vila Madalena. E eu fazia essa ponte.

## Desbravadora das Gerais

Além disso, começamos a pensar em como esses alunos iriam para as cidades históricas, para o fechamento do estudo de História do Brasil. Porque a gente também tinha o nosso currículo, que era muito contestado. Além de Estudos Sociais, com História e Geografia, tínhamos

História do Brasil. Essa matéria não era aceita na Secretaria de Educação, nas Diretorias de Ensino de agora, mas a gente tinha o argumento de que a Escola tinha liberdade, sim, de decidir. Bom, nas primeiras turmas, fomos com uma empresa de turismo, acho que em 1976; foi minha primeira ida para Minas.

Sônia Bustamante era casada com um mineiro. Ela foi a primeira vez com o marido dela, descobriu os caminhos que deveríamos percorrer, porque é uma distância grande. Depois, a gente descobriu que dava para parar em Lavras, onde a gente almoçava; e dormia no quartel da Aeronáutica, em São João del Rei. Malu Zoega [assessora e professora de Língua Portuguesa] também foi junto para descobrir onde a gente poderia ficar em Mariana, porque o lugar mais próximo de alojamento para a nossa quantidade de alunos era em Belo Horizonte. Mas lá cabia meia dúzia de alunos em cada quarto, e os alunos fugiam de noite para irem conversar. A gente não tinha o controle. Foi quando descobriram esse antigo internato de freiras em Mariana, que estava sem funcionar, porque ninguém mais ficava interno. Aí fizemos uma proposta para as freiras, para os alunos dormirem lá. O internato tinha dois grandes dormitórios e banheiros coletivos, os colchões eram de palha.

Nesse primeiro ano, não fui para Minas. Mas sei que era um festival de crise de asma, as freiras tinham posto os colchões no sol, mas imagine o pó de tantos anos guardados. Os alunos levaram roupa de cama, cobertor e travesseiro, tudo, e ninguém dormia. Era só crise de asma, alergia. "Ah, então vamos inventar."

Já íamos por nossa conta, sem a empresa. E fizemos uma proposta para as freiras trocarem os colchões, porque não dava para dormir no colchão de palha, com aquele pó histórico. A gente brincava que era pó da Inconfidência Mineira, ainda. E trocamos os colchões, aliviou muito. Os quartos limpíssimos, de tábua corrida encerada, mas ainda levávamos roupa de cama. A gente foi negociando ano a ano com

as freiras. Fomos pra São José dos Campos, onde tinha a fábrica de cobertores. Compramos e mandamos um mundo de cobertores para os alunos não terem que levar a mala com cobertores. Aí, elas compraram os travesseiros, depois compramos roupa de cama. A gente ia negociando com elas. “Olha, este ano a gente paga a estada antes. Vocês compram roupa de cama”, e ia barganhando. Até que chegou a hora de trocar os chuveiros.

A gente levava três ônibus com 70 e poucos alunos. Começamos a falar que tinha que ser ônibus de 38 lugares, porque tinha muito adulto. Eu não ia, organizava tudo por telefone daqui. Na sexta-feira, nossa perua escolar ia para Mariana carregadíssima de comida [arroz, feijão, fruta, verdura] e os dois cozinheiros daqui, que a gente levava. Normalmente, ia seu Vicente ou o Vavã, os motoristas da época.

A gente levava cozinheiros porque Mariana era muito pequena, uma vilinha. Eles só tinham venda, armazém, não tinham mercado. Lá no internato tinha refeitório. A gente começou a ver que não existia restaurante em Ouro Preto para atender essa quantidade de alunos, a gente tinha que providenciar nossa comida. O café da manhã, todos os dias, e algumas refeições. A gente iria desabastecer a cidade. Então, a gente comprava a comida, mas não tinha mão de obra que soubesse fazer comida para cem pessoas. Então a gente levava uma banqueteira, porque banqueteira sabe cozinhar para cem pessoas. Não era uma comida de banquete, era comida que adolescente gosta, mas com qualidade.

Em Minas, eles ofereciam uma comida que a gente, aqui, não era acostumada a comer, eles cozinhavam com banha de porco, que hoje está sendo valorizada de novo, mas era uma comida muito pesada. Em todo o lugar era carne de porco. E os restaurantes eram pequenos, então a gente tinha que almoçar por etapas, e administrar adolescente — qual era a primeira turma, que saía para a segunda turma comer, e assim por diante, todo mundo com fome. Então,

organizamos a estada e cuidamos daqueles fogões industriais. As freiras tinham tudo lá, inclusive louça, mas o fogão estava enferrujado, era um fogão industrial. Aí, eu descobri, pela marca, o telefone, e no ano seguinte foi um técnico antes que deixou o fogão em ordem, e as freiras compraram o gás pra gente, porque tinha que ser aquele botijão maior.

Continuávamos levando comida, Mariana foi crescendo, mas era muito pequena, a gente era muito acolhida lá, muito esperada pela população, não existia mais convento, era a “escola das irmãs”. Na frente era o convento e no fundo era a escola que elas mantinham.

As irmãs esperavam a gente com bolo, faziam serenata pra gente no pátio (porque os dormitórios eram em cima), e depois elas começaram a receber a gente no salão de festas delas, onde tinha piano. Os alunos saíam sozinhos, era tudo muito seguro. A gente marcava com eles: “Vocês vão agora, depois do jantar, e vocês voltam — o colégio fecha às 6 horas e, às 10 horas da noite, a porta”. Lógico que tinha aqueles que atrasavam. Lógico que tinha os que aprontavam, mas a gente estava de plantão, esperando por eles.

A cidade nos acolhia com a banda de música; era combinado que a gente ia lá. Quando a gente chegava na praça, onde ficava a Catedral de Mariana, a banda chegava. Ela vinha tocando da sede dela para nos receber. Era um grande evento, e, com a nossa chegada, a banda saía para tocar e a cidade ficava em festa. Era muito bonito, muito acolhedor.

Com o passar do tempo, Mariana cresceu, as coisas foram mudando, a gente começou a não poder mais deixar os alunos sozinhos. Muito bar, muita bebida. Então, a gente achou melhor começar a atraí-los para dentro do colégio. As freiras abriram espaços de quadra, onde a gente começou a fazer campeonatos com os alunos da Escola. Valter, que era o professor de Educação Física, organizava esses campeonatos, que viraram uma atração.

Quem queria andar na cidade, conhecer o coreto, a praça, ia com professores e a gente fazia uma supervisão disso; mas também podia ficar lá dentro do colégio, nos campeonatos. Ricardo, professor de Educação Física, tocava violão, era uma atração. Toshiaki [Tateyama] também tocava violão. A gente fazia toda essa temporada de Minas com a nossa equipe: tinha os caderninhos, preparados aqui, de acompanhamento da visita aos museus em Ouro Preto e Mariana. E um dia de lazer, quando a gente ia para a Cachoeira do Brumado. A gente fazia churrasco, levava carne, levava grelha, tudo. A carne a gente comprava lá, mas a grelha e o carvão levávamos de São Paulo.

Uma época a gente ia a Sabará e depois achamos que desviava muito. A gente fazia um passeio por São João del Rei, porque ficávamos no quartel de lá. E eles faziam escalada, por causa do acampamento de montanha de lá. O mascote deles era um bode chamado Monteiro. Mas era muito precário, era alojamento daqueles banheiros de exército, sem cortina, sem privacidade alguma, as camas eram beliches; mas, ao mesmo tempo, eles sabiam que a Escola estava indo pra lá. Os soldados deixavam bilhetinhos: “Sejam bem-vindos, tenham bons sonhos...”. Tinha um lado simpático.

Eu ia de avião até Belo Horizonte, pegava um táxi e descia para Ouro Preto. Fui por mais de dez anos pra Minas. Tenho tudo isso anotado; uma hora que a gente precisar fazer todo esse controle, eu tenho absolutamente tudo anotado, desde os acampamentos que organizávamos até os Estudos do Meio, de quando eu fui, quando foram feitos, os orçamentos, onde a gente parava, o cardápio...

Em Minas já havia outra estrutura, porque nesse meio-tempo apareceu em Mariana uma senhora se oferecendo para ser a nossa cozinheira; ela era acostumada a cozinhar para o Rotary e pro Lions, lá em Mariana. “Cozinho para umas 50 pessoas...”, “É, mas você tem que dobrar”, “A senhora fique tranquila que eu consigo dar conta”. E tinha um moço que trabalhava com as freiras e resolvia todos os nossos problemas,

como arranjar carro de madrugada para levar o aluno que não estava bem para o hospital. Ele morava no hotel para nos atender 24 horas. Aí, a gente se acalmou com essa cozinheira, que depois deu conta, tranquilamente. A essa altura, Mariana era enorme, já tinha supermercado, a gente não precisava mais levar comida de São Paulo. E Ouro Preto cresceu, tinha mais opções de restaurante. Em Lavras, a gente sempre parava para almoçar na universidade, que é no meio do caminho. Tudo foi se profissionalizando mais, não era mais tão precário como antes.

Quando Ana Lúcia [Amaral, supervisora administrativa] entrou, deixei de ir e passei tudo pra ela. Ajudava a organizar, porque a Escola cresceu muito e aumentei minhas funções aqui. Era maio, perto da Festa Junina, e eu já ia organizar o evento.

## Orientação laica e diversa

Por conta do calendário e das viagens, tive que aprender muita coisa sobre a comida, mas não só: sobre o judaísmo mesmo, porque no começo, a gente, no dia do Yom Kippur, do Rosh Hashaná, ia pro acampamento. Lembro que a gente ia para Campos do Jordão, na Pedra do Baú, num acampamento dos padres canadenses. Mas o Yom Kippur era uma data muito especial para a comunidade judaica. Lembro uma mãe de aluno que ensinou como fazer a oração importante para eles, ela conversou com os padres e foi feita uma cerimônia ecumênica, mas tinha todo um ritual que tinha que acontecer.

Tenho que ter esse cuidado com o calendário. Acho que todo mundo tem que ter o respeito pela religião do outro, pela seita do outro, pelo nome que der para o que ele congrega, que não sei o que é. A gente foi aprendendo a fazer isso. Hoje eu não marco mais acampamento no dia do Yom Kippur, do Rosh Hashaná. Antes do pôr do sol, eu sei que eles têm que ir, têm que sair mais cedo da Escola. Se eles têm que sair junto para estarem no jantar com a família inteira,

não vou marcar. Teve um ano que a gente não conseguiu outra data pro acampamento. Voltamos às 4 da tarde, porque tem que ser antes de o sol se pôr. E é uma cerimônia à qual você não vai de qualquer jeito. A gente entendeu que voltando às 4 estava ótimo. Sei que os católicos têm mais flexibilidade, mas o Vera, como escola laica, pensa nisso, principalmente, de uns tempos para cá. Mas eu acho que a gente não pode deixar de ter em vista que nossa sociedade, cada vez mais, tem que ser uma sociedade que olha para todas as diferenças. Não só religiosas.

## Feito por Elza e tanta gente mais

O Vera Cruz sempre comemorou seu aniversário numa data simbólica, em setembro. Nesse período, os alunos sabiam que era uma comemoração do aniversário e tal. Sempre aconteceu isso, até recebermos um grupo de pais arquitetos que achava que nossa praça estava muito feia. A Prefeitura não fazia nada, hoje eles ainda limpam, varrem de vez em quando, mas a praça era totalmente abandonada, de ter seringas de uso de droga por lá. A padaria fechava às 9 horas e era uma escuridão ali, onde a gente sempre teve o recreio aberto, do 6º ano em diante. Durante o dia, nosso funcionário ia lá, varria, na hora do recreio estava tudo limpinho, mas os pais achavam que a praça tinha que ser incorporada à Escola. No começo eram mães, depois ampliou, entraram pais também, gente que veio colaborar para reformar essa praça. Aí, a gente tentou empresas como parceiras, porque a prefeitura só autorizou a reforma. A gente tinha várias reuniões lá na Regional de Pinheiros e eu ia representando a Escola.

Eles deram autorização e a gente conseguiu fazer aquelas mesas, imprimindo significado à praça, que é pública, que agrega. Os vizinhos velhinhos vinham jogar ali. Mas o dinheiro não ia dar. Esse grupo de mães sugeriu a produção e venda de produtos feitos pela comunidade escolar.

Então resolvemos aproveitar esse período do aniversário da Escola, em setembro, e comemorar juntando as duas coisas. Elas pensaram nesse nome, Feito por Nós, e tudo o que a Stella queria era uma coisa que saísse do grupo. A gente ficava voluntariamente, depois do período da tarde, usando a sala de Artes para fazer vários produtos de artesanato. Isso cresceu e foi para a sala de aula. Cris [Macedo, professora de Biblioteca da manhã] encampou e, depois, também Marta [Ferraz, professora de Biblioteca da tarde]. Na hora do recreio, os alunos que quisessem faziam coisas. Lembro que a gente começou a bordar, as meninas aprendendo, as mães adoraram: “Nossa, minha filha falou que está fazendo isso, a avó dela adorou!”. Tinha avó fazendo coisa para mandar, porque se encantaram. Eu sou péssima de bordado e de tudo o que é trabalho manual, ajudava na organização. E o menino me ensinando: “Primeira coisa: você tem que pegar essa agulha que tem um furinho aqui embaixo. Aí você pega essa linha e põe aqui. Aí você vai pôr no pano, mas com o pano, para ela não escapar do pano, você tem que dar um nozinho, olha”. Isso eu até sabia, porque estudei em colégio de freiras e aprendi. Tenho uma foto do menino com a linha, me ensinando que tem que dar o nó.

Era uma mobilização na Escola. Essas mães vinham de manhã, porque cresceu muito, para ajudar. Teve um ano que a gente teve tanta ajuda que montou uma colcha e foi um grande momento do Feito por Nós. Começou com a brincadeirinha de vender aqui embaixo, na Escola, e virou uma festa. No começo, um pai de aluno doou umas tortas doces e salgadas, porque era dono de uma grande rede de alimentação. Outro pai tinha uma fábrica de suco, e a gente vendia as caixinhas. Aí, montamos a banca de artesanato. Então recebemos doações das famílias de coisas para vender.

Essa festa era para arrecadar dinheiro para reformar a praça, e a gente tinha feito uma programação para envolver a comunidade Vera Cruz na reforma, para dar um grande abraço na praça. Era muito movimento, muita gente no fazer, mas ainda uma festa pequena, mas a gente

foi crescendo. A praça foi reformada, e começamos a colocar outros projetos sociais que os alunos mesmos trouxeram, ou os pais, ainda hoje. Entrou a reforma do abrigo aqui da rua de baixo. Depois teve a de uma creche. A gente foi abrindo para outros projetos. Aí entrou o projeto Vaga Lume.

Eu coordenava o projeto do Feito por Nós, na organização administrativa, e da Festa Junina, que é outro evento que começou com os alunos trazendo comidas.

## Os primórdios do Grande Arraial

Cada Unidade tinha a sua festa, ainda não tinha o Grande Arraial. Acho que foi no terceiro ano do funcionamento do Ensino Médio que juntou; aí, a festa era muito grande e eu tive que ter parceiros lá. Primeiro, porque eu não dominava o espaço e a gente precisava da ajuda deles, para tudo. Tem o trabalho de conciliar o uso do espaço de apresentação do Ensino Médio com a festa dos pequenos. E virou uma grande festa, envolvendo muita gente montando as barraquinhas, os enfeites. É uma grande festa, não é mais a festa do Verão, do Ensino Médio, é o Grande Arraial, e ficou mesmo sendo a grande Festa Junina do Vera.

Os pequeninos adoram aquele começo da festa, aquele espaço grande. O nível 2 se sente muito à vontade lá, e o 3 é dono do espaço, junto com o Ensino Médio. Então, é um grande momento. Essa coordenação da festa com a parceria deles e toda essa participação sempre foram minhas. Antes era com os pais, porque os pais vendiam fichas, recolhiam e contavam o dinheiro, organizavam e eu administrava tudo isso. Eles ficavam na bilheteria da entrada e vendiam os convites. Depois, cresceu muito. Aí a gente começou a precisar de ajuda, teve que terceirizar a alimentação, porque os pais já não davam mais conta de vender, e chegava uma hora que eles queriam ir ver os filhos, e nossos funcionários não davam conta de abarcar tudo aquilo lá. Teve

um ano que eu saí com dinheiro arrecadado dentro do porta-malas do meu carro. “Gente, eu não saio com meu carro este fim de semana! Não tiro meu carro da garagem por nada, porque o dinheiro da festa vale mais que meu carro” [risos]. O pessoal do Financeiro começou a ficar com essa parte, porque a gente deixou de brincar de escolinha pequena e começou a crescer.

## Quando chega o fim dos anos

Eu também organizava as chamadas formaturas. Quando o Vera era pequeno, das primeiras turmas, a gente fazia aqui mesmo, no nosso pátio, depois a gente começou a ir para o Masp. Toshiaki e eu éramos os apresentadores. Ele se paramentava todo, de gravatinha, e a gente fazia a apresentação, mas odeio ficar no palco. Mas não tinha opção. Eu apresentava os alunos, Toshiaki apresentava a festa. Nos anos 1980, o Masp ficou pequeno e fomos para o Clube Pinheiros, Hebraica e, depois, para o Teatro Sérgio Cardoso. Lá eu ia de convidada. Mas alugava o espaço, eu negociava, organizava, combinava, comprava as flores...

## Um legado e a história de cada um

Já há um tempo, eu queria deixar um legado, organizar o material que nós temos, maravilhoso, que era minha tese de mestrado, e que acabou não acontecendo. O que nós registramos desses alunos está tudo aqui, no 4º andar. Eu queria estabelecer um período em que a gente pudesse digitalizar isso. Um trabalho muito profissional, como num museu, de luva, máscara, porque tem muito pó, o papel tem que ser manuseado, mas eu queria recuperar isso e foi muito bom.

Mantenho a Escola Vera Cruz legalizada perante os órgãos públicos. A gente responde à Diretoria de Ensino e à Secretaria de Educação.

Isso tem uma série de implicações. Desde você fazer o calendário e a matriz curricular e apresentar para a Diretoria de Ensino. A relação dos professores, o número de alunos, as matérias que esses professores dão, o horário, se tem aluno de inclusão, qual é o tipo de inclusão, como nós trabalhamos, como é o espaço, quantas salas de aula, o regimento interno do plano escolar. Temos que legalizar toda transferência. Tudo. Todo aluno que vem de outra escola a gente tem que ver se o documento dele tem assinatura, carimbo. E também o histórico. A gente só faz histórico a partir do 1º ano do Fundamental até o 9º e, depois, no Ensino Médio, tem outro histórico. Tudo isso é rotina.

Na pandemia foi uma loucura, porque a gente tinha que fazer para a Secretaria da Educação, junto com a da Saúde, o cadastro de todos os alunos e profissionais que manifestaram os sintomas. Isso que a gente faz hoje e apresenta pros pais também tinha um canal que ia para a Secretaria de Educação.

Tudo isso tem que estar absolutamente correto, porque é a vida escolar do aluno. Ali tem o nome dele — não pode aparecer nome de pai e de mãe —, o RG, o CPF, a carga horária, as matérias que ele teve... E você entrega isso com o carimbo da Escola, o meu carimbo, o carimbo da Regina [Scarpa, diretora pedagógica]. Isso tudo é assinado, um por um.

E a mesma coisa no Ensino Médio: o aluno foi fazer intercâmbio e você põe que ele fez intercâmbio, em que país — não tem nota, mas tem uma observação de onde é que foi. Isso tudo legalizado, somos eu e mais três funcionários. A gente é extremamente legalista; continuo sendo aquela pessoa que viu a pilha e fala “não pode jogar fora!”. Mas foi muito legal o que nós fizemos. Contratamos três jovens aprendizes, com a supervisão da Meire [Rosmeire Labate, secretária escolar], do Júlio [Colussi, assistente de Secretaria] e da Cris [Cristiane Castro, assistente de Secretaria] e minha coordenação, fizemos tudo isso, por etapas. Está tudo organizado, aqui em

cima. O Leo [Leonel de Oliveira, inspetor de alunos] ajudou muito a gente, porque ele que tinha que pegar daqui e descer esse material todo, para o motorista ir levando. Aí, a gente escaneava tudo: bilhete de pai, porque vinha no boletim, tinha a resposta do boletim, a autoavaliação do aluno. Tudo isso tem escaneado, tipo, tudo! A gente também tinha essa preocupação de guardar esse material. E saber o que pode descartar. Mas com responsabilidade, não só pelo meio ambiente, mas pela confiabilidade desse documento. Conseguimos uma empresa com descarte responsável, porque a gente tem que dar um destino certo. Tudo isso nós já terminamos. A gente já tem tudo digitalizado, conceito, relatório, tudo!

Terminei meu legado na Vera Cruz este ano. Acho que, além de eu fazer a digitalização disso tudo que a gente queria, ainda consegui ter acesso a softwares antigos, com o apoio da TI. Lógico que outras coisas vão aparecendo, mas a Meire e o Júlio me ajudam. Acho que essa parte da legalidade da Escola está toda em ordem.

Com o Novo Ensino Médio, estamos fazendo, com Ana Bergamin [coordenadora] e Regina Scarpa, a nova matriz, de acordo com as exigências dos órgãos públicos. É um outro momento da Escola, em que acho que não está mais centralizado em mim e fica mais com os coordenadores, que montam a equipe; a gente se concentra mais nessa parte da legalidade do funcionamento mesmo. E, lógico, sempre, principalmente os coordenadores mais novos me ligam pra perguntar alguma coisa.

## A sorte de ser feliz no trabalho

Acho que fui uma funcionária muito feliz trabalhando nesta Escola, porque peguei o momento dessa transição. Sabe, eu não me sentia só no administrativo, porque nas escolas, normalmente, é assim, tem um administrativo e tem o pedagógico, mas a gente trabalhou muito

junto. Sempre foi falado aqui: “Somos todos educadores!”. Eu chamava os serventes quando tinha um projeto que eu não podia montar sozinha, um Feito por Nós. E pedia pra Stella contar sobre o projeto.

Você tem que envolver o funcionário. Descobri talentos desses funcionários para uma oficina do Feito por Nós, que é onde o aluno ia lá fazer um brinquedinho. Descobri gente que bordava maravilhosamente bem. Acredito que a educação, em qualquer momento e lugar do mundo, é isso, é estar junto. Eu ficava com os coordenadores discutindo os projetos pedagógicos!

Quando a gente viu que dava para juntar administrativo e pedagógico — eu, no meu papel administrativo, foi um momento de muita felicidade para mim. Acho que só fiquei muito na Escola porque não tinha essa diferença. Somos todos educadores, sim, e a Escola era nossa, era um projeto nosso, foi tudo construído muito junto.

A Escola passou momentos de muito aperto financeiro, de a gente ter que trazer pó de café de casa, para a gente fazer. O Vera sempre serviu lanchinho, sempre teve essa preocupação de ter um pão com manteiga e um cafezinho, um leite, mas teve época de não ter. A gente trouxe e não era pesado pra gente, a gente mesma ia lá e fazia. E a gente nunca teve um salário atrasado, não foi esse o aperto financeiro, mas de ver onde nós podíamos economizar, naquele momento.

Cynira foi uma pessoa que me ensinou muito. Eu punha o telefone aqui encaixado na orelha, e ela falava: “Não faça isso, você vai acabar com a sua cervical, faça tudo isso, mas segurando o telefone aqui”. E foi com ela que eu aprendi que isso acaba mesmo com a cervical da gente. Então era essa delicadeza, esse olhar na gente, dono de escola e diretor prestando atenção se você está assim ou assado. Era uma delicadeza, era um cuidado, era um convite para ir à casa de um diretor, de um coordenador, era tudo muito junto.

Houve uma única vez em que quis sair do Vera, mas fui convencida e me convenci a não mudar de escola. Foi a melhor coisa que fiz, porque acho que eu não teria ficado um ano em outro lugar. Acho que o Vera e eu criamos uma parceria que é de muito respeito, de muito, muito trabalho, mas acho que, para mim, o momento em que eu mais fiquei feliz mesmo foi quando descobri que a gente não tinha essa diferença do trabalho. Acho que, pessoal e profissionalmente, é muito bom sentar com os coordenadores pedagógicos, discutir, saber que projeto vai acontecer, ser ouvida. Você tem espaço, participação. Acho que tudo deu muito trabalho, mas muito prazer também.

## Plantar e colher em outros canteiros

Trabalho muito, mas sempre gostei muito de música, de concerto. Quando tinha, eu ia muito, pelo menos uma vez por mês, mas eu adorava ir ao Cultura Artística; tinha um dia da semana que tinha concerto. Adorava ir ao Municipal, mas depois que vi um assalto, fiquei com medo, eu não tinha carro, ia de ônibus.

Sempre gostei muito disso, muito de viajar, sempre viajei muito em família. Meu período de trabalho era intenso, mas nas minhas férias eu viajava muito, pelo Brasil e um pouco para a Europa. E ia ver um concerto, ia a museu e à Bienal, porque imagine se a gente vai se permitir trabalhar no Vera Cruz e não saber o que está acontecendo na cultura da cidade! Muito cinema — no Belas Artes, quem não ia ao Belas Artes?

Tenho uma chácara aqui perto, quero ir para lá durante a semana. Vou cuidar das minhas plantinhas, mas não tenho um grande projeto. Tem gente que já sai daqui com projeto, mas eu, não. Acho que já trabalhei bastante, tenho que me organizar para ler, que é uma coisa que faço muito. Ir lá, cuidar da horta, ver se a alface cresceu, o que tem que

fazer, procurar na internet. Agora eu já estou nessa fase: quando planta jiló — odeio jiló, mas como planta? Tem que plantar, tem que ter tudo!

A chácara é pequenininha, tem um terreno pequeno, é chácara de lazer, mas você tem que inventar. Falo que seria muito mais barato eu comprar verdura no mais caro entreposto orgânico, mas...

Venho me preparando para a despedida, mas já me dispus para o que precisar, não precisa ter vínculo empregatício. Tem uma coisa que é tão da Elza, tantos anos que ela faz isso que, se precisar...

Me preparei, mas não sei o que farei quando me levantar durante a semana: “Ah, não vou pro Vera”, eu quero ver o que vai acontecer comigo, mas eu sei que é isso, é a realidade. Acho que fui mais do que eu poderia ter desejado. E foi tudo com muito prazer. Saio muito feliz daqui com tudo o que eu fiz, com meu legado e com o que eu consegui com o meu trabalho aqui no Vera. Foi uma parceria muito boa. Vamos ver o que vai ser daqui pra frente; não sou habilidosa para o bordado, como eu já falei, não sei nada de trabalhos manuais.

Nós somos quatro irmãs, minha mãe era uma mulher altamente habilidosa para crochê, tricô, bordado, e ensinou para as filhas. As três aprenderam, eu não sei fazer nada. Estudei em colégio de freiras, lá tinha trabalhos manuais, eu fazia caprichado. O pouco que eu podia ter desenvolvido, não sei fazer. Mas vou desenvolver o que eu gosto, que é cozinhar.

Adoro meus sobrinhos, não tenho filhos. Meus sobrinhos vão para lá com seus filhos, faço aquela comilança, aquele mundo de sobremesa. Natal em casa era tradição, na casa dos meus pais. Quando meu pai morreu, minha mãe veio morar mais perto da gente, e por isso compramos a chácara, para ela ter um lugar que tinha que ter jabuti-cabeira — como ela ia viver sem um quintal? Moro em apartamento.

“Como é que vou viver num lugar que não tem uma jabuticabeira para mim?”, ela dizia. E fomos atrás de um lugar. Plantamos as jabuticabeiras. Tinha que ter pelo menos duas, essas coisas; os netos se agregaram lá, mas a avó morreu e a tia-avó assumiu esse papel. Cansa, porque tem que preparar tudo, tem que fazer o supermercado, porque tenho que cozinhar; então, acho que vou ocupar o meu tempo. Não sei, vamos ver, mas eu acho que estava na hora.



Com Yolanda Vidigal Meyer



Com Stella Mercadante

# Com o Vera correndo nas veias

Flávia dos Santos Aidar

Professora [Ensino Fundamental, nível 3]





## O início de uma construção

Fiz história na USP já com a intenção de ser professora. Era tudo que eu queria desde a minha infância. Acho que já na 7ª série decidi que ia ser professora de História, porque eu tinha uma professora de História que me fascinava, e isso só foi se afirmando ao longo da minha vida.

Quis fazer o caminho de escola pública, porque era mais ou menos natural, assim como, para mim, uma obrigação. Fui dar aula perto da minha casa, por coincidência numa escola boa, e depois no noturno de uma outra escola, também boa. No noturno, era para jovens adultos e, na escola perto da minha casa, para jovens do Ensino Fundamental II. Foi realmente uma experiência que adorei, mas sentia na escola pública, da parte da direção, um certo cinismo ao lidar com a gente, porque eu ficava lá tentando, no mimeógrafo a álcool — a gente se sujava inteira, e eu ia muito mais cedo para imprimir coisas —, rodar fichas especiais e tal, e, aí, a diretora falava: “É uma iniciante. Daqui a pouco você desiste disso tudo”.

Fiquei bem chocada com aquilo, e, aí, coincidentemente, Zilma [de Moraes Ramos de Oliveira], uma orientadora aqui do Vera que se formou em pedagogia com minha irmã mais velha, disse que o Vera estava precisando de professores de História e me indicou. Fui entrevistada por Stella [Mercadante, diretora]. Eu tinha muitas referências boas, e eles queriam uma jovem que tivesse vontade de aprender, porque eles queriam mesmo formar um professor em ação que também pudesse substituir um professor. Eu tinha 25 anos, tinha me formado aos 22, fiz essa trajetória na escola pública e resolvi aprender a trabalhar com educação; acho que não poderia ter caído num lugar melhor. Até hoje, me lembro dessa primeira turma, óbvio.

Dali para frente, foram 17 anos de uma construção que, para mim, tem uma marca muito clara. Quantas vezes tivesse que passar por aquele trabalho, eu passaria, porque foi determinante na minha carreira,

me deu desenvoltura, capacidade de olhar para o outro, de entender onde eu estava, inclusive de liderar equipes, como depois liderei. Foi determinante na minha história, na minha carreira. Fico muito feliz em poder revisitar essa história, até porque foi aqui que eu encontrei meu segundo marido, com quem sou casada até hoje. Tive filhos que estudaram aqui, tenho agora netos que estudam, genro que trabalha... É uma extensão da minha vida mesmo. O Vera Cruz para mim é referência.

## O desafio e o diferencial dos boletins

Falando ainda dos desafios iniciais, cheguei no Vera porque eu queria aprender a ser uma boa professora. E realmente a gente tinha um suporte para isso com a assessoria da Maria Lucia [Di Giovanni, depois coordenadora], com quem fiz também uma grande parceria. Falei para um cunhado meu, que é maravilhoso: “Como é que eu vou estruturar os eixos que me vão fazer trabalhar o ano?”. Era uma disciplina que só tinha na 8ª série, OSPB [Organização Social e Política do Brasil], em plena ditadura, mas que o Vera considerava como História do Brasil mesmo. Esse meu cunhado, Celso Favaretto, também teve filho aqui. Elenquei os conceitos estruturantes da área — tempo, espaço, relações sociais — e como isso vai sendo construído. Minha irmã mais velha, que também é educadora — somos uma família de educadores —, me ajudou muitíssimo. Eu ia dormir na casa dela quando tinha os tais boletins, que eram os relatórios que a gente fazia, sobre os quais a gente não aprende na faculdade, não desenvolve esse olhar para o aluno, nem para a própria área de conhecimento.

O desafio dos boletins era: diante dos seus objetivos, do que hoje se chama expectativas de aprendizagem, eu precisaria entender como aquele aluno fez seu percurso do ponto de vista intelectual, das relações no grupo e do ponto de vista pessoal — onde ele estava e para onde foi. Era uma fotografia, quase uma radiografia, porque ela tinha a pretensão de ser mais aprofundada mesmo, de revelar coisas,

que, com a gente, pudesse dar para o aluno a experiência de ser visto e, diante daquilo, de poder caminhar com mais segurança, com clareza sobre o que ele precisava fazer para percorrer seu trajeto com mais tranquilidade.

Depois, fui mãe, e é uma maravilha a gente receber como nosso filho está sendo visto no papel de aluno e eu o vendo ali no papel de filho, fazendo contraponto. O boletim é um instrumento muito rico, mas também muito trabalhoso, muito exigente, que a gente só fazia porque acreditava muito nele, por mais que passássemos noites em claro, tendo insônia, precisando de muita ajuda no começo. Um instrumento raro, fundamental. Eu diria até para as novas gerações de professores: façam, porque vale a pena. A gente chora, reclama, mas é fundamental, e é parte dessa metodologia.

## Educar é conduzir

O TP [Trabalho Pessoal], que eu apreciava, é uma grande pérola da metodologia do Vera Cruz. Eu achava que era organizador você chegar, ter um tempo, sem essa aceleração. Eu levava muitíssimo a sério o TP, e minhas turmas primavam pelo silêncio mesmo, porque eu achava importante. A gente atendia qualquer dúvida, de qualquer área. No começo, óbvio, isso gera uma insegurança imensa, até porque Matemática, para mim, como para grande parte dos estudantes que, infelizmente, que não tiveram uma escola como o Vera, vira um bicho-papão.

Me lembro que atendi no TP um aluno, não sei se ele queria provocar. “Eu tenho uma dúvida sobre Matemática”. “Então, você me explica qual é a sua dúvida”. E ele disse: “Ah, não entendi nada”. “Tente localizar para mim o que você não está entendendo”. Ele falou: “Olha, era isso aqui, não sei se o raciocínio é por este caminho, por aquele...”. Fui conversando com o menino, e, de repente, ele deu um salto e falou:

“Entendi!”. Sentou-se e fez. Realmente, me emocionei. Eu era uma grande defensora e sou do TP como um instrumento de respeito ao ritmo de cada um, como esse espaço do pensar e do resolver, e que o mediador, o professor, pode conduzir, que é bem o sentido da palavra “educar”. Você conduz, não necessariamente você ensina.

Tive alguns alunos ao longo dos anos, sempre na 8ª série, hoje 9º ano, que tinham facilidades imensas na minha área, por exemplo. Faziam quatro, cinco fichas e resolviam o problema. Comecei a sentar com essas alunas (e alguns meninos também) e falar: “O que você precisa para ir além?”. Aí, eu comecei a produzir materiais específicos para essas alunas. Eu achava o privilégio dos privilégios poder ter isso. As aulas coletivas eu também conseguia organizar de um jeito, para mim, muito satisfatório. Eu colocava na lousa o roteiro do que seria a aula, sempre trabalhava com o texto da semana; às vezes, um filme que aprofundasse o tema, uma leitura de um outro trecho, enfim, e a gente fazia aquele percurso. Era realmente como se eu estivesse regendo.

Em alguns momentos, eu tinha uma grande companheira ao longo desse caminho todo, da mesma área, que era a Maria Isabel Junqueira Bastos, a Bel. A gente falava: “Hoje, na aula, se a gente estivesse em um teatro, a gente mereceria ter sido aplaudida em cena aberta”. E, algumas vezes, tive vontade aplaudir os alunos, porque a gente fazia muito trabalho em grupo e eles, às vezes, se superavam nas linguagens diversas que usavam, nos saltos de raciocínio. Eu pegava uma faixa etária que estava realmente elaborando, do ponto de vista da abstração, como a história podia acontecer, quais eram os elementos que faziam a história da humanidade. Muitas vezes, presenciei esses saltos, era um objetivo nosso.

## Cada aluno sendo um...

O Vera inaugurou coisas que não vejo muito facilmente em outros lugares. Há inclusive muita coisa parecida no discurso, porque, como

tudo no mundo, as mídias vão espalhando falas, concepções, conceitos, tudo meio de orelhada, mas as pessoas vão repetindo, no processo de ensino e aprendizagem, e vão falando sobre as coisas, e não das coisas. Aqui, no Vera, a gente tinha uma experiência da coisa acontecendo. Tanto que, por exemplo, os Estudos do Meio, os quais, na 8ª série, eram o ápice — até porque ainda não havia o Ensino Médio na Escola —, tinham um caminho que promovia e colaborava para que os meninos fossem ganhando situações de ampliação, coletivas, assim como os boletins, que relatavam uma relação pessoal, mas que tinham a ver com o coletivo. Sempre, o tempo todo, o olhar sobre cada aluno. Ao mesmo tempo, você olhava como estava sua turma. Você se via, inclusive, naquele instrumento: “se todos não aprenderam, eu não ensinei”, ou “se grande parte dos alunos teve dificuldade aqui, é aqui que eu vou rever”. Muitas vezes, foram embates muito interessantes com as várias orientadoras que a gente teve aqui. Essa conversa, essa escola dialogada, era importante.

Nas reuniões, eu dizia: “Esse aluno é brilhante, mas ele não consegue devolver isso nas avaliações, ele está meio ausente”. Eu queria que ele visse que, embora fosse brilhante, ele tinha rendido aquilo que se enquadra no conceito B. Nunca me esqueço de uma das orientadoras que me chamou e falou: “Flávia, será que a gente não consegue entender que ele está passando por um momento difícil? Será que, se ele viesse com gesso no braço, você diria ‘Pode não fazer a prova hoje, que eu tenho outros elementos para avaliar’? Será que ele precisa vir com um gesso na cabeça para dizer que ele não está bem?”. Então, mais um aprendizado. Eu falei: “Não, este menino não está aguentando ter um B. Ele terá A”.

Até me emociono, porque a gente tinha essa troca intensa, que me fez melhor mãe, melhor pessoa mesmo, para olhar com quem eu trabalhei ao longo da vida. Tive uma aluna com bastante dificuldade em várias áreas. Um dia, eu falei: “Nossa! Ela fez um esforço que não é igual ao daquele menino que tem facilidade na área, mas o esforço

dela é quase um A. Essa menina teve um B de conceito". Não faz muito tempo, me encontrei com ela na rua, e ela me disse: "Flávia, queria que você soubesse que a primeira e única disciplina na vida que eu tive um B foi História do Brasil em OSPB e que, a partir dali, eu fiz uma carreira que devo a você. Fui fazer a história dos bolos e, hoje, sou uma confeitadeira muito bem-sucedida". Pensei: "Nossa! Como a gente tem uma importância, e como alguns lugares promovem esse espaço para que a gente faça esse exercício!".

## ... e sendo todos

Acho que a riqueza está em outro lugar, ou em vários outros lugares. Então, por exemplo, o Estudo do Meio, de que eu estava falando como ápice do caminho da educação do 1º grau, na época, culminava com os meninos indo para Minas Gerais por uma semana. Não era passeio, havia objetivos muito claros com cada proposta, e só faziam sentido porque eram ricas daquilo que a gente tinha clareza de que ia buscar.

Em Minas, eles ficavam uma semana. Não é pouca coisa para jovens. Eram cento e poucos alunos. Iam dez adultos animadíssimos, que levavam para Minas a estrutura inteira do Vera. Antes, com Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica], saía uma kombi com comida e equipamentos, porque a gente ficava em um convento, ficava em quartel. Eram experiências muito ricas. Nós, professores, também aproveitávamos muitíssimo, e eram ricos os encontros nos jantares, nos almoços.

Me lembro bem de um dos Estudos do Meio com um aluno que tinha bastante dificuldade na minha área, pelo menos. De certa forma, era aquele aluno esperto, inteligente, mas que a gente falava: "Tem que empurrá-lo". No Estudo do Meio, o menino se mostrou com uma inteligência incrível, porque era brilhante nos jogos. A gente fazia campeonatos interestaduais, eram situações bem incríveis. À noite,

o convento ficava cheio de jovens da cidade, uma festa, e esse menino se mostrou brilhante. O mais importante foi a formação que todas as áreas aportaram para que aquele menino se constituísse como uma pessoa capaz.

A gente ainda tem — e o Vera me ensinou o contrário disso — uma dicotomia entre intelecto e corpo. A gente é inteira.

Só saí do Vera Cruz porque pensei “Não é justo com a minha filha que vai chegar. Sempre estudou na escola em que a mãe trabalhou, aí vai ser aluna também, bem no Estudo do Meio, com a mãe lá olhando”, porque a minha área era imprescindível. A gente estudava século 18 de uma forma que eu, até hoje, não vi nada melhor. Se a gente tivesse os recursos digitais e tecnológicos que se tem hoje, talvez fizesse coisas mais interessantes ainda, mas a proposição não envelheceu.

Então, os alunos sonhavam com o Estudo do Meio muito tempo antes. A preparação era uma maravilha. Como a minha área era exatamente a que preparava para o Estudo do Meio, era fundamental que eu estivesse lá. Fui em todos os anos, até grávida de sete meses, porque eu achava primordial a gente trabalhar tudo aquilo, e a gente fazia um preparo muito inteligente, muito interessante. Bel, a companheira da área de Estudos Sociais, e eu fizemos um trabalho de leitura de imagens, de objetos museográficos, preparando-os aqui em São Paulo para as várias linguagens, o que não era e nem é comum. A gente fala, hoje, das várias linguagens, mas a gente trabalhava com música, com arte sacra, com objetos. A preparação também fazia parte do processo, era igualmente estimulante. Então, imagine para um aluno de 8ª série... Ele esperava por isso, era uma culminância; ele saía por uma semana para a região das Minas com outros alunos circulando pela cidade. Dá até emoção. Falando agora, sinto o ar. Porque a gente ia sempre em maio, com um céu lindo, festas religiosas. Era comum a gente encontrar aquele monte de anjinhos circulando por Ouro Preto, para ensaiar na igreja. Era uma coisa mágica, realmente. E eu lá, como

mãe e como professora, ia tirar metade da graça da minha filha. Já estava há 17 anos na Escola e pensei: “Meus alunos não merecem que eu envelheça na frente deles. Eu gostaria que eles tivessem o frescor que eu sempre tive na sala de aula, na frente deles”.

## A educação como eixo de vida

Eu tinha uma coisa que acho determinante também para a educação: alegria. A alegria é revolucionária, especialmente em um país que tem se mostrado bem mais deprimente do que a gente sempre pensou que fosse. Eu me chamava educadora, não era só professora, e penso que a gente se enriqueceu demais.

Fui muito feliz até a hora em que falei “Eu quero outra experiência”, porque evidentemente também cansa trabalhar em um espaço majoritariamente feminino e com os desafios que você conhece repetidamente. Eu queria outras coisas, queria trabalhar em empresa, e já estava com o pé na *Folha de S.Paulo*, trabalhando com leitura de jornal em sala de aula, dentro da *Folha*, em um programa dirigido para escolas. Ele durou um bom período, a gente conseguiu atingir um número bem expressivo. Foi muito legal, porque me deu outra possibilidade de mirar o mundo, dentro de uma empresa jornalística, em um momento estratégico do país, com abertura. A educação tem um tanto de angústia, porque você aposta que está dando certo, que está fazendo o melhor, mas você não necessariamente vê.

Da *Folha*, fui para o Itaú Cultural. Eu olhava para trás: “Nossa, vim lá de Franca, trabalhei, fiz as melhores escolas, a Vocacional, a USP, fui trabalhar nos melhores lugares, o Vera, a *Folha*, que era um grande jornal. O Itaú Cultural foi uma instituição de referência na gestão em que eu estava lá, fez a virada, e me abriu o mundo para as tecnologias digitais.

No Itaú Cultural, fui gerente de uma área de mais de cem pessoas, Centro de Documentação e Referência do Itaú Cultural, que era uma biblioteca em arte e cultura brasileira com produção de materiais com pesquisa e com monitoria nas exposições que a gente produzia. Realmente, alargou completamente meu horizonte. Pude experimentar o papel de gestora de pessoas, de projetos, viajei o mundo inteiro, e, aí, foi realmente uma delícia. Depois, saí para abrir o Educação na Editora Ática, e também foi um outro ganho. Eu fazia assessoria pedagógica das equipes de vendas do Brasil inteiro. Deu outra estatura. Poder falar para o público, poder ter clareza, tudo isso porque fui professora, e fui professora em um lugar que investiu nas potencialidades que eu podia desenvolver e desenvolvi.

Em toda minha carreira, gostei muito de ter feito o que fiz, em todos os lugares, mas penso que, sem ter sido professora, todas essas outras coisas seriam mais difíceis, porque, quando virei palestrante, foi a velha sala de aula que me deu essa caixa, esse olhar para o outro; liderar equipe é fácil, porque eu sei falar com o outro, sei ouvir o outro, sei conversar. Depois, fui desenvolver materiais didáticos e paradidáticos, numa carreira solo com uma amiga. Já tenho alguns livros publicados, um sobre *fake news*, e vamos trabalhando em várias frentes. Agora, estou escrevendo um sobre formação da educação política como estratégia para os momentos que estamos vivendo, também sempre voltado para o público do Ensino Fundamental II.

No Facebook, montei um canal chamado Ávida, sobre o processo de envelhecimento, porque eu não queria envelhecer na frente dos meus alunos, achava que eles mereciam essa alegria renovada, esse vigor, essa formação mais atualizada. Então, fui trabalhar com os mais velhos.

## Seis décadas de solidez

Querida fazer uma nota mesmo de agradecimento a Stella e a toda Direção desta Escola, aos coordenadores, com uns mais e outros me-

nos, mas com todos aprendi. Aprendi de mim, porque a gente é um espaço fértil. Gostaria muito, não só nos 60 anos do Vera, que a gente tivesse uma comunidade de ex. Ex-alunos, ex-professores, porque a gente assiste àqueles filmes americanos e fica encantada com a tradição de determinadas instituições, as famílias indo lá apoiar, seja financeiramente, seja nas festas etc. Ter uma instituição que fala em cima de uma história dessa estatura deveria ser motivo de valorização por parte dos ex-alunos.

Não suporto quando falam mal do Vera, e não é por bairrismo, é que a gente sabe o que é fazer uma educação de qualidade, como é difícil. Não é só recurso, óbvio que passa por aí, mas passa pela qualidade do olhar, pelo entendimento do que é aprender, do que é formar, e quem você está formando. Todo começo de ano nos perguntávamos: “Quem estamos querendo formar?”. Isso tudo tinha também muito drama de consciência, porque a gente estava lidando com uma classe alta e, muitas vezes, nós, professores, somos classe média, e ainda mais no meio da ditadura. Esta Escola surgiu e cresceu muito tempo na ditadura. A gente, principalmente os das sociais, se perguntava: “O que queremos aqui? O que estamos fazendo aqui? Quem que eu quero formar? Para quê? Para quem? Que país eu quero?”. Me lembro de um grande seminário em que a gente dizia: “Estamos formando a classe dirigente”. E essa classe dirigente há de ser sensível a este país. Então, muitas vezes, encontrei ex-alunos em cargos estratégicos, e me pareceram bem formados em todos os sentidos, sensíveis, preocupados socialmente, atentos. Acho que, quando a gente olha para trás, a gente fala: “O Vera continua fazendo isso”. Agora, por exemplo, com o projeto antirracista.

Era uma alegria, um orgulho de estar aqui dentro. Uma grife. Daqui para fora, em todos os lugares por onde passei, continuei muito ligada ao Vera Cruz, porque as pessoas perguntavam: “Onde eu ponho meu filho?”. Saí do Vera, fui para a *Folha de S.Paulo*. Minha editora depois foi mãe de aluna aqui, amigos meus de lá puseram os filhos aqui, eu era quase uma consultora na área de educação. Encaminhei muita

gente para o Vera Cruz por pura convicção. Ouço, às vezes, ex-alunos e mesmo pais fazendo algumas críticas, as mais ácidas ou mais rascantes, e penso que a gente precisa retomar essa alegria, essa percepção de que aqui é um lugar de excelência, e que não quer dizer que a gente não produza equívocos, como toda a atividade humana.

Estávamos em um lugar especial, o que se fazia aqui sempre buscava uma excelência, uma qualidade que a gente não via nas outras escolas. Tanto era referência que, depois, eu passei a fazer formação em muitos lugares e as pessoas tinham as pastas [de material didático] do Vera Cruz como referência, para cópia. Era uma estrutura muito acertada em muitas coisas, e é aquilo que eu também estava dizendo: você pensa que hoje todo mundo está fazendo a escola que está sendo dita, porque hoje está sendo dita muita coisa, mas fazer a escola de verdade é outra coisa. Todas essas escolas bilíngues, trilingues, eu rio, porque fico pensando que eles estão formando um exército de CEOs. Mas é preciso ver quantas empresas desse porte teremos no mundo para que esses meninos ocupem os lugares, porque é excelência ou nada. Não, aqui a gente trabalha — até falei no presente — com pessoas que são ricas pela diversidade que têm, nem todas vão ser CEOs, nem todas vão ser presidentes, seja de terceiro setor ou do primeiro. Serão pessoas que trabalharão com muita competência, com um olhar para o outro, com uma experiência rica, e isso há de ser valorizado.

## Sessenta anos de ikebanas

Acho que vale a pena retomar a diferença entre a Escola Vera Cruz e as outras tantas escolas que aparentemente têm o mesmo discurso, se valem das mesmas referências pedagógicas, sempre falando em trabalho por projeto, em metodologias ativas.

O que eu acho que permanece forte no Vera Cruz, porque é fincado numa história de 60 anos, é a experiência, aquilo que atravessa o corpo

da gente e faz todo o sentido. Me lembrou uma história que eu ouvi no Colégio Equipe, quando meu filho foi prestar, na saída do 9º ano para o Ensino Médio, ele quis. Eu achava que, porque tinha bolsa no Vera, não tinha que ser uma escolha automática e preguiçosa, ele tinha que reafirmar a importância e o desejo de permanecer na Escola. Então, ele foi conversar e conhecer outras escolas, dentre elas, o Equipe.

Chegando lá, os jovens estavam fazendo uma experiência, um trabalho em grupo, e, nós, pais, conversando com o outro lado. A diretora de lá, que admiro e prezo muito, dizia assim: “Eu imagino que, para vocês, pais, deve ser difícil fazer a escolha da escola pros seus filhos”. Porque se você for visitar todas, elas têm o mesmo discurso. Todas elas vão dizer maravilhas dos seus processos, das suas metodologias, dos seus objetivos etc., mas poucas farão isso efetivamente. Então, ela disse: “Eu queria que vocês prestassem atenção e observassem que a gente enfeitou a escola com ikebanas; foi nosso professor de Artes que fez esses arranjos para receber vocês. Vocês e seus filhos. E, para isso, ele foi à Casa de Cultura Japonesa, que fica na Cidade Universitária, e perguntou para uma japonesa que o recebeu de quimono se havia algum curso para ikebana e quanto tempo levava o curso. A moça respondeu: “Leva dez anos”. Ele falou: “Dez anos?”. Aí, ela respondeu: “Pois é, dez anos passam, fazendo ikebana ou não”. Isso eu queria dizer sobre o Vera. Sessenta anos passam fazendo uma educação competente, que não é só no discurso.

## Embates respeitosos

Lembrei-me de momentos muito especiais e específicos da minha relação dentro do Vera Cruz, ao longo dos meus 17 anos como profissional da Escola. A gente tinha uma relação, digamos, muito próxima. A gente fazia junta a Escola. Mas, de qualquer forma, a gente foi instada a tomar posições diante de uma Direção que, às vezes, estava dividida; digamos assim, que era uma coisa que a gente olhava para trás e comentava

“O Vera Cruz tem no cerne de sua história uma grande disputa, um tanto de divisão que a gente vê”. Hoje, até como mãe de ex-alunos e também como avô de alunos, vejo diferenças nas várias unidades do Vera, e que sejam bem-vindas as diferenças, mas naquela ocasião a gente tinha uma proximidade muito grande, em um momento em que a Escola Vera Cruz fazia parte de um grupo de escolas particulares que comungavam uma mesma identidade pedagógica, que hoje a gente chama de escolas do “vale encantado” na zona oeste, ou essas que são as tops, seja porque têm um projeto pedagógico avançado, seja porque são caras e atendem o mesmo grupo social. Naquela ocasião, as escolas do grupo também se alinhavam do ponto de vista dos salários etc.

Era um contexto mais ativo politicamente, a gente estava brigando pela redemocratização, estava abrindo espaços que, até então, nos eram negados. Então, lá pelos anos 1980 e poucos, estávamos tinindo politicamente. Então, a gente discutia muito sobre nossos direitos, nossos salários, achando que, porque trabalhávamos com uma escola de elite, a gente podia receber como professores de elite, digamos assim. Foi uma iniciativa pioneira; depois, era pensar em expandir esse grupo para as outras escolas que faziam parte também do tal batalhão de elites. E aí a gente, então, fundou a Apevec (Associação dos Profissionais da Escola Vera Cruz), nos organizando muito bem.

Já não sei se fui a primeira ou a segunda presidente, só sei que eu era bastante ativa politicamente, e nós todos éramos bastante ousados ou, talvez, irreverentes. Hoje, está todo mundo muito mais contido e tudo muito mais bem posto, não no sentido positivo, necessariamente, mas todos remando na mesma direção. Naquela ocasião, era muito bem-vinda esse tipo de contestação. Portanto, a gente batia na porta da Direção reunida, e exigia, digamos assim, ser recebida. Éramos muito bem organizados, de tal maneira que vinha Sônia Bustamante [diretora financeira], por quem eu tenho o maior apreço também, e nos explicava tudo. A gente também resolveu contratar um economista para nos orientar, para fazer uma discussão de

alto nível com a Direção. Eram coisas muito inusitadas, infelizmente depois diluídas, mas a gente conseguiu produzir uma experiência política importante dentro da Escola, importante porque a gente tem a dimensão da prática pedagógica, do projeto político-pedagógico e da publicização disso, de tornar pública essa visão política, viver essa visão intensamente no cotidiano profissional da gente.

## Emoção revisitada

Fico muito entusiasmada de saber que meus netos Martim e Flora vão para a Escola com alegria. Vejo como eles são recebidos, do porteiro à sala de aula. O olhar que cada um tem. Também fico ávida para ler os boletins deles, ler o que é que eles estão vendo nos meus netos que eu não estou vendo, ou o que confirma o que enxergo. Tenho segurança de que eles estão bem atendidos; quase todos os dias, levo os netos para a Escola, então, tenho uma relação também com as professoras. Olho a atenção, cada roupa, cada brinquedinho. Uma bobagem que a Flora leva está lá de volta para ela, porque a professora sabe que se ela chegar em casa sem aquilo vai abrir um berreiro. Até mesmo a proposta pedagógica: como é rica, como eu consigo ver quando sou convidada pelos netos e filhos para ir a alguns momentos de exposição dos trabalhos. É comovente de ver, porque vejo do outro lado, e vejo Martim falando: “Vou fazer esse desenho de observação”. Óbvio que ele está sendo formado para pensar assim e olhar as coisas, enxergar e traduzir em outra linguagem aquilo que é possível para a idade dele.

Uma escola desse jeito, com 60 anos de trabalho, dia após dia — a gente vê na porta da Escola um monte de gente chegando todos os dias —, me emociona de ver. Por isso, acho que no Brasil a gente precisava aprender a valorizar a história, que foi construída com muitos desafios. Não vamos jogar nada fora, este país não pede que a gente jogue fora. Vamos depurar, mas acolhendo. O Brasil vive em busca do novo e do moderno e repete o antigo de um jeito lamentável. A gente tem que visitar a história sempre para ressignificá-la, para torná-la vigorosa.



Flávia, à direita, com Maria Lúcia Di Giovanni e Sonia Bustamante

# Estudo e brincadeira unidos

Glinis Rodrigues Lisboa

Professora especialista — Inglês (Ensino Fundamental)





## Uma casinha na praça

Sempre tive uma relação forte com língua, sempre gostei muito de viajar. Estudei num colégio francês e, desde pequena, já estudava francês e inglês, por isso fui estudar Letras na PUC. Comecei a trabalhar cedo, com 18, 19 anos numa escola em Higienópolis. Casei e fui morar em Alto de Pinheiros. Um dia, estava passando e vi “Inglês Vera Cruz” numa casinha pequena, na praça [Profa. Emília Barbosa Lima]. Deixei meu currículo, assim como deixei também no [Colégio] Santa Cruz. Trabalhei nos dois, mas me identifiquei muito com o Vera.

Comecei como professora das crianças menores, trabalhava com Maria Helena [Galli de Menezes Senna]. Gostei muito, porque era um método de inglês bem diferenciado, uma coisa gostosa, alegre, com muita música, rimas, histórias. A gente era um grupo, tanto de professores, como de crianças, muito chegado. Fazia uma dinâmica gostosa, uma coisa meio caseira.

Quando tive a minha primeira filha, saí do Santa e fiquei só no Vera. Comecei a trabalhar com a parte da 5ª série, à tarde, mas sempre com essa relação muito gostosa com os alunos. A gente estudava bastante música, cantava, partia muito do interesse deles. Mesmo com a Direção, Lucília [Bechara, fundadora], dona Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora], era muito gostoso, porque elas iam, às vezes, às reuniões e nos conheciam pelo nome, perguntavam dos filhos; um ambiente de trabalho impecável. Fiquei 32 anos no Vera.

## Um jeito diferente de aprender

Logo no começo, durante bons anos, era uma coisa muito próxima a relação professor/aluno, e mesmo professor/orientador, professor/coordenador. Acho que todo mundo ganhava com isso, os alunos, a gente. Era um método que saía muito do conhecimento do aluno, do

interesse do aluno, e isso era incomum naquela época. Naquela época, era uma coisa mais padrão. No Vera, não, a criança tinha muito *input*, a gente tentava falar o máximo possível em inglês em sala de aula, com muita brincadeira. Os alunos usavam aquele conteúdo que a gente tinha visto durante o ano, e a gente montava as peças. A parte oral, de pronúncia, foi sempre muito trabalhada, e isso era um grande diferencial. Cheguei a dar aula em uma escola de idiomas, e era completamente diferente, mais padrão, com mais livro.

No Vera, o aluno que precisasse de ajuda ficava trabalhando por um tempo. Eles colocavam o nome na lista de atendimento, e você os chamava individualmente. Era o TP [Trabalho Pessoal]. Quem não precisasse podia trabalhar em seu próprio tempo. O TP sempre era a parte escrita do que você já tinha trabalhado oralmente. Eles sempre estavam um passo atrás do que se tinha feito oralmente. Primeiro, o aluno tinha toda a exposição oral, a gente trabalhava muito diálogos, rimas e repetições, depois, a gente começava a trabalhar a parte escrita.

A gente trabalhava muito as histórias também. As crianças ficavam memorizando aqueles trechos grandes das histórias, e depois era fácil, porque ela fazia a transferência naturalmente para outras situações, porque assimilava aquilo. Às vezes, de uma forma muito espontânea. Era um método diferenciado, muito especial, muito gostoso de trabalhar, tanto para a gente como para o aluno.

O material didático era criado na Escola, nas reuniões de toda sexta-feira. Era um diferencial enorme da Escola. A gente trabalhava de segunda a quinta com os alunos, e sexta era um dia só para reuniões, para dar um atendimento mais individual para o aluno, das 13h00 às 14h00 ou das 13h15 às 14h15, mas depois era só a reunião. Nos primeiros 10, 15 anos, a gente criava muito material. Nessas reuniões, a gente tinha essa liberdade de sentar com quem estava no mesmo nível que você e criava o material, o jogo, a carta enigmática. Era muito incomum você ter essa liberdade numa escola.

A gente ia mexendo [no material], era sempre uma coisa muito móvel e que dava resultados excelentes, porque era essa coisa personalizada. Eram grupos de 12, 13 alunos logo no início, depois ia aumentando, mas a gente conhecia o aluno muito bem.

## Brincando de Drama Festival

Sempre gostei muito de música, então, nas peças que eu montava com os alunos, a gente sempre usou muita música, não necessariamente em inglês; a gente colocava música em português se tivesse a ver com o tema. A gente sempre brincou muito. Isso sempre ajudou a envolver as crianças. Era um trabalho que fluía com facilidade. Quando chegava no fim, todos os 12, 13, 14 alunos sabiam a peça de cabo a rabo. Se faltasse alguém, outro até poderia substituir, porque a repetição era muito intensa, e eles também já tinham interiorizado o vocabulário. Os alunos gostavam muito de fazer a peça do final do ano, de apresentá-la para os pais. Quando a gente começou, era naquela casinha. A gente convidava os pais, e cada grupo apresentava ou para outros alunos, ou para os pais. Aí, foi tomando uma dimensão maior, lógico. A Escola cresceu, a gente foi para aquele prédio maior, eram mais alunos, mais turmas. Aí, faziam em teatros, teatro da USP, da Cetesb..., foi crescendo. Hoje em dia, encontro vários alunos que: "Ai, a tal peça, ai, a tal música, ai...". Ficou uma memória, um *link* muito forte. Acho que esse *link* também foi forte no começo, porque, depois de 20, 25 anos que eu estava no Vera, a Escola foi crescendo, foi crescendo, e as coisas foram ficando diferentes. Acho que perdeu um pouquinho daquela coisa caseira, de colo. Trocou-se isso por outras coisas. A gente tinha uma relação pessoal, tão *homemade*, feita em casa. Ótimas lembranças!

Quando encontro um ex-aluno, é muito mais fácil ele se lembrar de mim do que eu dele, porque foram muitos. "Ai, Glinis, você me deu aula." Às vezes, lembro, mas é mais fácil eles se lembrarem de mim.

Mas sempre: “Ai, o teatro!”; “As músicas!”; “A gente cantava tanto!”. E é a pura verdade, a gente cantava muito. A música foi um *link* muito forte que criei com eles. Eu gostava muito de cantar, de jogar, era bem lúdico. Sabe esse lugar que você vai trabalhar e diz: “Que delícia, vou sair de casa, vou encontrar minhas amigas, vamos conversar, o café é bom”. Era tão gostoso, durante muitos anos, com as mesmas pessoas. Convívio até maior do que com a própria família.

Me lembro, num dos atendimentos a alunos, que eu estava ensinando os dias da semana. Ele tinha muita dificuldade de aprender os dias da semana. Ele veio para o atendimento e, no final, escreveu os dias da semana todos errados, todos, mas na sequência certa. Ainda me lembro que falei para ele: “Olha, que bom! Você acertou a sequência dos dias”. Sempre tentar pegar o lado positivo. Depois, você até vai rever, mas você sempre puxa primeiro pelo lado positivo. Isso foi uma coisa que aprendi no Vera. Muito. E as garotas têm isso, quando vejo elas lidando com as crianças.

## *Reading*

Na 5ª e 6ª série, eles já liam livros. Você dizia: “Pra próxima aula, você lê capítulo dois ou três”. Íamos fazendo atividades paralelas. “Não tem importância que você não entenda tudo, pegue a ideia geral.” Aí, chegava na sala de aula e a gente fazia alguma atividade relacionada para garantir a compreensão, tentar que o aluno fosse lendo sozinho. Aos poucos, a gente jogava o aluno para frente, garantindo aquela compreensão. É uma das características do Vera: um entende mais, um entende menos, um consegue mais, um consegue menos, mas, no final, todo mundo chegava lá relativamente igual. As crianças têm habilidades diferentes. A gente sempre respeitou isso e tentava que todos chegassem lá de formas diferentes. Às vezes, por caminhos diferentes, mas chegava todo mundo mais ou menos no mesmo nível, para prosseguir para o próximo passo.

## Trabalho e família

Minhas sobrinhas foram minhas alunas, mas tinha problema, me chamavam de tia, até os alunos brincavam: “Ah, tia... Ah, tia!”. Minhas filhas, Manuela e Camila, não foram minhas alunas, mas dei aula para muitos amigos delas. E não foi um grande problema para elas, que administravam superbem. Uma vez, Manuela falou: “Fulano disse que você não é legal, e eu respondi pra ele: ‘Ah, nossa, pra mim, ela é muito legal’”. Para elas, foi supertranquilo.

Reconheço o Vera nelas pela parte humana da Escola, do respeito. Sempre teve essa coisa de respeitar, de evitar abordagens que não fossem corretas, e vejo isso nelas muito forte, muito forte. Manu, que já têm dois filhos, vejo também nessa relação. O jeito que ela conversa, que ela tenta guiar para o que acha que é correto, de forma respeitosa. Acho que isso veio muito da Escola. Saber ouvir, ter paciência, não criticar o errado, admitir que errou: “Vamos conversar, vamos tentar acertar”. Isso era uma coisa do Vera.

As duas trabalham com inglês. Manuela é advogada e faz funções e aquisições empresariais, quase tudo em inglês. As duas moraram fora, estudaram na Columbia, em Nova York. Então, o inglês do Vera foi ótimo para elas. Eu não tenho muita vivência com escola bilíngue, não sei como funciona, mas o inglês que o Vera ofereceu para os meus sobrinhos, com os quais eu convivo, e para as minhas filhas foi suficiente para a vida profissional deles. Lógico, depois foram fazer coisas fora, cursos especializados, mas foi muito bom.

Naquela época, tinha muitos pais aqui da região. Tem pais que eu convivo até hoje, saio às vezes, porque a gente tinha essa relação, ia criando uma afinidade grande. Era a mesma escola, lugares que a gente frequentava. Como mãe, eu achava uma delícia os pais serem escutados, e como professora também; tinha a Orientação que fazia esse filtro, mas, quando os pais tinham acesso a você, as reuniões eram boas, havia uma troca, aquilo lá era mais próximo.

Você conhecia os pais de quase todos os alunos. Se encontrasse na calçada, chegando ou na saída, aquele pai conversava com você. Hoje em dia, não sei mais se é assim, porque cresceu demais. Mas era uma relação gostosa, que rolava com facilidade.

## Incentivo à formação

Eu mesma, durante uma época, ia fazer curso de *brush up*, para dar uma atualizada. Todas nós fomos, pelo menos uma vez, para a Inglaterra. Quando a gente fazia esses cursos, a gente trazia as atividades, as novidades... Todo ano, pelo menos uma ou duas professoras estavam indo durante um período. Era excelente, porque sempre tinha as novidades que a gente trazia de fora, bem frescas, sempre tentando adaptar para a forma que a gente trabalhava, com muita oralidade, tudo muito lúdico. Às vezes, íamos a congressos pelo Vera, que sempre incentivou essa atualização do professor.

Nas reuniões às sextas-feiras, a gente lia temas que extrapolavam o Inglês, voltados à educação, era uma formação educacional. Isso era excelente, agregava muito até para a vida pessoal da gente. Sempre foi muito interessante, muito. Uma vez por semestre, quando a gente tinha teatro, ia alguém da área de teatro para fazer um *warm up*, estimular a gente, ensinar, fornecer atividades que a gente podia fazer dentro da sala de aula, como estímulo aos alunos para começarem a se envolver no processo teatral. A gente sempre teve muito apoio nesses aspectos. Quando aparecia alguma proposta nova... mas aí chegou na tecnologia e eu falei: "Não". Juntou meu cansaço físico com tecnologia. As garotas já não estavam mais no Vera, já tinham saído...

## Saber a hora de ir

No final, eu estava exaurida, porque a sala de aula é o fermento do bolo. É você que vai resolver, naquele momento, o que aconteceu.

Isso drena muita energia. Nos últimos anos, eu já estava cansada. Percebi que já não estava mais rendendo como eu queria e também não estava mais me identificando tanto, porque, como eu falei, era uma paixão, adorava. Ir trabalhar era uma delícia, as pessoas eram uma delícia, o lugar era uma delícia, as crianças eram ótimas, a dinâmica toda era gostosa, mas também todo mundo cresce, as coisas vão mudando e tal.

Acho que já podia ter terminado uns dois anos antes. A sala de aula é muito cansativa, e tinha a função dos boletins, aquele monte de boletins que você tinha que escrever. Você tem que ter muita energia, até física.

A tecnologia foi entrando, a gente foi acompanhando. Não sou uma pessoa tecnológica, não faz parte da minha geração. A gente foi acompanhando conforme deu. As [professoras] mais novas usavam mais tecnologia, tinham mais conhecimento, muito mais facilidade do que a minha geração. Essa também foi uma questão, porque eu já não tinha tanto interesse nessa parte de tecnologia. Eu gostava, acho, mais do *tête-à-tête* com o aluno. A tecnologia também foi um determinante para eu falar: “Não é isso”. Fui no básico da tecnologia, não vestia a camisa e, hoje em dia, as crianças têm domínio total.

## A vida sem o Vera

Eu ia ser avô, aí falei: “Chegou minha vez”. Parei. Falo com algumas professoras ainda, é bem gostoso. Sempre falei: para quem gosta de trabalhar com educação, de trabalhar com criança, o Vera era maravilhoso, porque você tinha todo esse envolvimento, o ambiente de trabalho era bom, os alunos eram bacanas, era uma coisa bem afetuosa.

Convidei uma amiga minha para a gente comprar uma franquia da Casa do Pão de Queijo. Gosto muito de me relacionar com as pessoas, de conversar, e sou muito fácil nessa parte de sociabilidade. Estava até

achando até muito gostoso, a gente não precisava ir toda hora. Tinha alguém que tomava conta, mas, aí, veio a pandemia. Aí, saí.

Hoje em dia, eu estudo francês, gosto de esporte, jogo tênis, faço academia, ajudo meus netos. Estou com uma vida bem mais tranquila. Viajo bastante. A gente pode curtir um pouco agora. Adoro ficar com os meus netos, ajudo as garotas bastante com as crianças.

Com a escola, você aprende a se relacionar com pessoas diferentes. Trabalhar com educação para mim foi muito bom, também porque eu trabalhei meio período. Eu podia fazer atividades com Manuela e Camila de manhã. Levava-as para a Escola comigo e depois trazia de volta. Isso também foi maravilhoso, porque eu sabia que elas estavam em boas mãos.

Ficaram ótimas lembranças, tanto dos alunos, como do pessoal com quem eu trabalhava. Lógico que também teve a parte mais complicada, mas, no cômputo geral, as lembranças boas são muito maiores e melhores. Foi muito bom.



# Paladar e ouvido para a música

Hermelino Neder

Assessor de Música [Educação Infantil]





## Primeiro movimento

Comecei no Vera com 19 anos. Comecei onde quase todo mundo da minha idade começava, no Verinha. Dava aula de violão em domicílio, como assistente do meu pai. Meu pai foi professor de música, era aposentado, mas dava aula. Com 16 anos, comecei a ajudá-lo. E tinha muito aluno. Então, quando vim pra São Paulo, dava aula na casa deles. E aí um colega da ECA, na USP, falou que o Vera Cruz estava procurando um professor de Música. Viemos e fomos ambos aprovados. E a Escola foi muito legal. A maneira como a Escola acolheu a gente é uma de suas marcas.

Na época, eu não tinha um método. Realmente, a gente ia criando junto, eu e Klaus Petersen, que toca no Premeditando o Breque. Ele era da minha classe, da ECA. A gente conversava, fazia planejamento, contava o que a gente estava pensando. Mas é uma característica das aulas de Música ter um currículo. Como recorte do amplo conhecimento musical, você tem que fazer um recorte e um percurso, para garantir uma verticalidade. Isso só foi se desenvolver com os anos.

Não lembro agora quantos anos eu fiquei lá, nem exatamente em que ano saí, o que fui fazer. Acho que voltei no começo da década de 1990, em 1992 ou 1993. Quando eu voltei, Ricardo Breim, Elisa Zein e eu já tínhamos escrito um trabalho chamado Percepção e Alfabetização Musical, o PAM. O PAM foi uma encomenda do Fernando Morais, quando foi secretário de Estado da Educação. Sou parceiro do Arrigo Barnabé. Quando nós trabalhamos juntos, eu e ele, na Secretaria de Estado da Cultura, Fernando Morais, antes de ser secretário da Educação, foi secretário da Cultura, e nós éramos assessores de música dele. O Arrigo tinha a ideia de fazer um projeto de alfabetização musical nas bibliotecas do Estado. Quando Fernando foi para a Secretaria da Cultura, falei para ele: "Olha, vamos fazer, mas não para as bibliotecas. Vamos fazer para as escolas!". Fizemos um método baseado em percepção. A criança primeiro escuta, vê que a música tem elementos

reconhecíveis, como pulsos, ritmos, compasso, alturas, notas, e a gente vai nomeando esses elementos e ensinando a colocar no papel. É um projeto lindo! A base pedagógica é do Ricardo Breim, assessor de Música da Escola até hoje.

Então, em 1992, voltei com o PAM. Aí, a gente já sabia muito bem o que fazer. E foi a primeira vez que a música saiu do Verinha e veio para o Verão, eu que trouxe. Eu acompanhei a classe! E aí acompanhei essa classe, talvez, durante todo o Fundamental 1. Aí, eu saí, mais uma vez, porque não estava conseguindo escrever minha tese. Pedi uma licença, e o Vera contratou a escola do Ricardo Breim, chamada Espaço Musical, para prestar assessoria — o que incluía o serviço de quando se precisava de um professor de Música. A gente formava o professor e supria a escola de professores; isso fazia parte do pacote de assessoria. Quando esse professor saiu, eu voltei e não saí mais. E fiquei no Verão. Em alguma época, no final dos anos 1990, fui professor do ISE, hoje Instituto Vera Cruz. Eu dava um semestre ou dois, de Música, para quem estava se formando para ser professor de classe. Então, eu fazia a formação deles. Acho que eu tive duas turmas, no ISE.

Aqui, sou contratado como assessor e professor. Teve uma época do Cevac em que a gente fez formação. Envolve as professoras de maneira que elas aprendem também, não só a cantar as canções. Durante a pandemia, eu comecei a ensinar a elas teclado, violão e ukulele. É um velho sonho meu, que eu chamo de projeto “Noviça Rebelde”, baseado na cena da Maria tocando, porque eu acho que se as professoras tocarem um instrumento, vai ter muito mais música no dia a dia das crianças do que uma vez por semana, por meia hora. Tã dando certo! Vamos fazer nosso primeiro ensaio presencial. Vamos encontrar quem está aprendendo violão, e assim por diante. Vamos nos encontrar para tocar!

Em determinado momento, senti a necessidade de ser contratado pelo Vera Cruz. Eu me sinto em casa, eu adoro o ambiente do Vera!

Então, eu falei com o Ricardo que eu ia sair da nossa sociedade de assessoria, e falei com o Heitor [Fecarotta, diretor geral]: “Legal, então, você vai. Estamos começando a Educação Infantil e eu vou colocar você lá”. Me senti honrado. Achei que ele queria que a música começasse com força, ali.

## Investigação afinada

Tenho uma convicção de que nessa faixa etária a gente precisa desenvolver habilidades musicais que a gente chama de básicas, intuitivas. Porque a gente ainda não está no momento da alfabetização. Que é o lance do PAM, que foi desenhado para começar quando o aluno já estiver alfabetizado, para se alfabetizar também na música. Só que, antes disso, é muito importante, quando o aluno chegar nessa hora de começar a dar nome para as coisas, de escrever música, que ele tenha adquirido algumas habilidades musicais intuitivas básicas, como cantar afinado, adquirir o tempo musical, porque cada música propõe o seu tempo. Quando estou falando, não tem uma pulsação, que você consegue bater palma enquanto eu estou falando. Mas, se eu cantar qualquer música — “Quando olhei a terra ardendo...” —, a gente já sente que tem um pulso. Quer dizer, cada música propõe seu pulso, seu andamento. São as duas grandes linguagens sonoras da humanidade: a fala e a música. As duas têm notação e a música tem seus elementos. Então, não são todas as crianças, todas as pessoas, que têm a habilidade de ouvir o pulso subjacente quando você ouve uma melodia.

Mas, quando a gente consegue trabalhar com crianças dessa faixa etária, a partir de 1 ano e pouco, você tem um olhar clínico para perceber se elas não estão pegando o pulso. Você pode ajudar a criança a desenvolver essa capacidade de intuir, ouvir uma música e sentir. Sem isso, você não faz nada com música, não dança, não canta, não toca com outra pessoa. Porque todo mundo tem que entrar naquela pulsação. Todo mundo tem que sentir aquilo pra poder fazer música

junto. Então: afinação, aquisição do tempo musical, desenvolvimento do gosto musical com a apresentação de um repertório grande. Desde pequenininha, a criança ouve pelo menos quatro grandes vertentes da música: a étnica, a popular, o jazz e a erudita. A gente a coloca pra ouvir, desde muito pequena, e fazer atividades com o corpo, uma escuta ativa, em que ouve andando, dançando, sentada ou deitada.

E outra coisa que a gente já consegue fazer com a criança, desde pequena, é composição, improvisação. Assim, os alunos compõem, desde pequeninhos. Eles já cantam com letra e música. Basicamente, é isso, é um trabalho de percepção básica da linguagem musical; quer dizer, o aluno cria habilidade, canta afinado, sente o tempo musical e reproduz batendo palma, ou andando, ou tocando o instrumento. Tem uma analogia com o interesse em determinadas comidas para crianças desde pequenininhas; elas crescem com um paladar mais desenvolvido do que aquelas para quem você não oferece uma iguaria.

Esse é um dos princípios. Basicamente isso. E o Vera segue muito a linha pedagógica de Reggio Emilia, baseada na investigação, em contexto, circunscrições que a gente cria para que os alunos possam fazer investigações. Então, por exemplo: eles colocam blocos de madeira grandes para o aluno criar o que ele quiser; ele pode criar uma ponte, um edifício, e o professor está ali, acompanhando essa criação. Quando você apresenta uma canção, você está criando um conceito, está dando um contexto. O aluno vai investigar a canção em si, a voz dele nessa canção, a afinação, o ritmo da canção, o pulso da canção. Quer dizer, quando você oferece esse material incrível que é uma canção, porque você canta e ainda tem um texto — além de desenvolver um monte de coisas: a linguagem, a coordenação motora, trabalho em grupo —, chega uma hora que está todo mundo cantando junto e experimentando o barato de fazer música em grupo! E a beleza disso!

E o repertório de canções é muito importante, para que você ofereça canções que os alunos possam, de fato, cantar. Então, por exemplo, se você canta uma canção que tenha três notas, o cérebro deles tem a oportunidade de entender essas três notas. Então, se você vem com uma música que tenha oito, nove notas na melodia, talvez eles não consigam, ou uma que tenha uma tessitura muito grande, que a voz não alcança. Eles mesmos não se reconhecem como cantores competentes e fazedores de música como tem que ser. No PAM, a gente analisou quase duas mil canções, para escolher 30, que a gente chamava de “canções possíveis de cantar” e que então tinham essas características.

## No ritmo da pandemia

As crianças entravam a partir da casa delas, e eu, com meu violão, cantava, elas cantavam. Tenho um repertório pra dançar, pra pular no ritmo, andar no ritmo, galopar no ritmo. Então, tinha um momento em que eu cantava, pedia pra elas cantarem. Aí, tinha o momento em que eu pedia: “Quem quer cantar agora?!”, “Eu!”. E a criança ria e cantava. Tão bonitinha, essa adaptação. O cara tem 3 anos, você fala “liga o microfone!”, e ele liga o microfone e canta. “Legal, pode desligar.” E ele desliga o microfone. A gente tinha receio. Como é que vai ser essa interação? Nossa! No começo, os pais tinham de ligar. No final, estavam fazendo aula sozinhas. Aí, tinha esse momento que eu cantava, tinha o momento de elas cantarem. Tinha outro de dançar, outro que eu pedia para prepararem um set com os instrumentos ou objetos que faziam barulho. Aí, eu tinha um momento: “Bom, vou tocar agora! Vou tocar uma música, pelo violão, e vocês tocam aí na casa de vocês”. Todos os microfones desligados, porque não tem tempo real. Na verdade, eu estou tocando aqui e ele está ouvindo em outro tempo. Então, fica uma loucura, né? Eu via os meninos tocando, mas de vez em quando falava “liga”, aí vinha aquela bagunça. “Todo mundo liga agora, vamos ver que som que vai dar!”. Tinha o momento em que eles criavam.

Foi uma experiência interessante, a de entrar na casa das famílias. Alguns pais faziam junto. Teve um pai que quis aprender a tocar uma música, ensinei ele a tocar, pois ele toca violão. Aí, ele veio tocar a música na Festa Junina. E as babás, uma beleza! Elas dançam junto, pegam no colo, cantam. Foi legal! Tivemos a oportunidade de juntar música com dança, nunca tinha feito isso antes. Sempre quis fazer. A gente tem professores de Dança incríveis, na Escola, que tocam instrumento, cantam, têm um repertório incrível! E, durante a pandemia, nós fizemos juntos. A gente fez duplas. Às vezes, eu era assistente; às vezes, eles eram meus assistentes.

A gente viu as crianças curtindo muito, você via a carinha delas lá do outro lado. Outro aspecto é esse de a gente entrar na casa e os pais cantarem junto ou tocarem. Isso foi legal, mesmo.

## *Welcome to Vera Integral!*

Colecionei um repertório muito legal de músicas em inglês, muito bonitinhas, muito legais de cantar, mas que não tinham uma versão em português. Então, eu fiz várias versões. Muito caprichadas. Assim, de maneira que se você faz um gesto ao cantar a canção em inglês, você pode fazer o mesmo gesto ao cantar a canção em português, por exemplo: “Ana Vânia Aranha sobe pela casa. Mas quando vem a chuva, ela se atrapalha. Quando vem o sol e a chuva evapora. Ana Vânia Aranha sobe a cem por hora”.

Então, fiz várias versões muito caprichadas. Tentei cantar desde 2008, já queria cantar em inglês e português com as crianças. Mas a Escola não gostava muito. O Vera tem uma abordagem forte em relação à identidade nacional, à cultura nacional. A gente tem uma Festa Junina incrível! No Ensino Médio tem o maculelê etc. Os professores não gostavam muito e eu achava que seria o maior barato. Mas tinha uma pegada política também. O Heitor queria, mas não rolou. Não adiantou.

Eu sentia que não cabia aquele negócio. Então, eu usei muitas versões só em português, que é um repertório incrível, que as crianças adoram, e outras canções brasileiras, claro. E agora, com o Vera Integral, e com a ideia de trazer o inglês já para o currículo, fazer o inglês no integral, aconteceu. Agora, Heitor e eu achamos que cabe a gente fazer isso. E isso está sendo visto de uma maneira diferente, agora. Estou feliz da vida, porque adoro esse repertório, já colecionei, fiz várias versões. Então, eu estou achando isso um barato. Vamos ver como é que vai ser uma nova aventura dentro do Vera Cruz.

## Teoria e prática

O século 20 foi o período em que a experimentação artística foi maior do que em qualquer momento da história da arte. Nunca se experimentou tanto. Nunca se quebraram tantos parâmetros como nos primeiros 70 anos do século 20. No final do século 19, então, teve o dodecafonismo, os ritmos quebrados, a criação de instrumentos com o quarto de tom. É impressionante o que aconteceu de pesquisa, na música! E nas outras áreas também. É o tal do modernismo, a vanguarda. E com isso criou-se uma educação musical, também, que refletia esse tipo de abordagem. Então, por exemplo: havia os compositores, que às vezes abandonavam o pulso, o ritmo, o compasso, o tom e faziam músicas que não tinham isso, porque eles queriam achar outras possibilidades musicais para a criação. E a educação acompanhou muito isso. Foi muito importante, naquele determinado momento.

Criou-se o que se chama hoje de “a nova educação musical”, que agora já tem um século e 20 anos. 120 anos! Antes, tinha um jeito de estudar música muito baseado na partitura, no visual. Eu me lembro de estar estudando e: “Você tá tocando de ouvido! Não pode!”. Como não pode tocar de ouvido? A melhor coisa é poder tocar de ouvido, certo? Porque música é som. Vou usar a partitura quando eu precisar. Na música erudita, não dá pra decorar tudo aquilo, então

you use sheet music, but you see that in popular music almost no one uses sheet music.

Then, at the beginning of the 20th century, musical education created projects related to perception, to the body, to movement. And, also, there was the creation of approaches that researched timbre, sonorities, recording sounds: noises, soundscapes, all a big research also in the area of education. This created a lineage of music teachers who do not value, do not prioritize rhythm and pulse. They think that if the child is recording timbres or doing research on noises or drawing, inventing musical notations or building instruments, that's a lot of activities, approaches, contents that have to do with this big research of modernism and avant-garde music. Ricardo Breim and I think that not, that it's worth taking advantage of the musical janelinha (crack) that is open for the child to feel the pulse, because, after all, the history of music, starting from the 1970s — post-modernism —, recovered the pulse and the rhythm in a broad way, but recovered. This is a hard thing to explain, because modernism is still very present.

Then, there was a moment in the history of musical education that was very visual, a lot of sheet music, then there was a movement of zero sheet music, and now, in PAM, the synthesis. It's possible to use the body, perception, and teach to read music in regular school. It's not that the child goes to play music, reading anything. But the child knows how to accompany a sheet music, it's possible to do that. You democratize musical production, because not everyone can play by ear, with ease. When you can follow the notation, you make it possible for a lot more people. In the same way that in speech annotation, that is the person learning to read and write. It's when you expand when you see the written thing in the same way as in speech. Imagine, there wouldn't be erudite music if I didn't have it written. The child wouldn't see a mirror, variation of themes, all this that is possible to see at the moment you start to write.

Então, é uma filosofia. Até hoje, dentro do Vera, convivem essas vertentes. E eu fico batalhando: “Gente, precisamos aproveitar esses pequeninhos!”. Vamos aproveitar o ouvidinho, a vizinha deles. Vamos fazer com que eles cheguem no Fundamental 1 com a mente preparada para a música, capazes de pegar o ritmo, de cantarem afinados. Dá para desenvolver essas coisas. É uma luta.

## Ouvir, olhar, dizer

O Vera me mostrou — porque eu trabalhei em outros lugares — que existe um sentimento humano de acolhimento. E isso vem desde a Direção. Parece que isso vai descendo e chega no porteiro, nas meninas que ajudam na classe. Essa é uma coisa do Vera Cruz que tem um valor incrível! Mas o que acontece é que essa coisa que eu chamo de acolhimento, a maneira como nós aprendemos a olhar para a criança, é uma marca do Vera, que eu acho que na hora que as coisas estiverem mais estabilizadas, isso vai voltar a ser um diferencial do Vera.

Acho que o Vera Cruz ajuda a criança, o aluno e depois o adulto a terem um sentimento bom de ser quem eles são. Porque a gente ouve a ideia que vem do aluno, aquilo que ele cria, aquilo que ele propõe, a gente ouve e transforma e trabalha junto com ele. Então, acredito que a criança sente que aquilo que ela pensa tem valor.

Isso eu acho fundamental! Para a saúde mental mesmo, para a vida! Para o cara crescer com um sentimento bom. Imagine numa escola: “Não, está errado, tá errado...”. “Pô, tá tudo errado?!” Não é que você fica falando que tá tudo certo, não é isso. O Vera não faz isso. Mas você ouve o que o cara tá criando. Ouve, olha pra ele e diz: “Mas e se for assim?”. Acho que isso o Vera faz muito bem. Esse é o meu grande gosto de trabalhar no Vera, porque eu sinto que eu estou fazendo uma coisa boa, sabe?

Falei o que eu queria falar.



Com Hilton Acioli



# As muitas vidas de Joana

Joana Maria Nitrini Guidolin

Coordenadora pedagógica [Inglês]





## Movida a desafios

Falo que entrei na escola criança e saí com 65 anos. A vida inteira dentro de escola. Mas não sou muito de ficar no passado, sabe? Eu gosto muito do presente. Viver o presente fazendo o futuro! Ir para o futuro estando no presente.

Nas vidas que a gente tem [as pessoas falam que os gatos têm sete vidas, na China eles falam que têm nove], acho que a gente acaba olhando para trás e vendo que são muitas vidas; às vezes, são bem marcadas, e eu acho que esses 33 anos no Vera Cruz foram uma vida, uma vida longa.

Eu tinha estudado inglês na PUC, dava aula na Cultura Inglesa, mas não estava muito satisfeita, para falar a verdade, então, uma amiga me pediu para substituí-la. Por curiosidade, queria ver como era o inglês em uma escola. Descobri que tinha uma proposta diferente, fiquei um mês, gostei, e, quando chegou no final do ano, me ligaram me convidando para dar aula no Inglês do Vera Cruz, que, na época, ficava em duas ou três salas no Verão.

Gostei da proposta, fui ficando, porque eu tinha uma certa insatisfação de ser só uma técnica de língua, só ensinar a língua, eu tinha um desejo de trabalhar a formação da criança mais globalmente, e foi isso que encontrei na proposta do Inglês do Vera Cruz. No primeiro ano, só dei aula. No segundo ano, veio um desafio: “Estamos mudando para uma casa aqui ao lado; será que você quer ser responsável pelo período da manhã?”. Levei aquele susto, porque não era isso que eu tinha traçado. Aceitei e gostei da responsabilidade, tinha uma orientadora, e, no fim de alguns anos, a orientadora foi embora e eu acabei assumindo também esse papel. Trabalhava com a Maria Helena Senna em algumas programações. Foi um período de muito aprendizado, de muita experiência, um período muito profícuo. Fiquei como orientadora do período da manhã e, depois, passei para o período da tarde. O Inglês

entrou no currículo da Escola dois anos depois. Até que, em 1989, assumi a Coordenação. Também assim, de repente. Mas com a Direção me dando muito apoio. Mas percebi que, a hora em que eu assumisse, teria que deixar a sala de aula. Mas foi necessário e compensador.

## A vida no Vera

Olhando para trás, lembro que precisei ler muito sobre educação, porque, afinal de contas, eu estava em uma escola de ponta, onde todo mundo era muito preparado. Comecei a ler Piaget, Wallon, Vygotsky e tantos outros. A fazer cursos! Além do inglês, que eu tinha de continuar desenvolvendo. Fui três vezes para a Inglaterra fazer curso e participava de congressos, apresentei trabalhos. Cheguei à conclusão, com a idade que eu tenho, que gosto de desafios. Não havia percebido, sempre achava que, de repente, algo aparecia, mas acho que, no fundo, eu sempre procurava um desafio.

A proposta do Inglês a gente realmente precisava difundir, mostrar que você precisava contextualizar, olhar a idade da criança, se está começando a aprender uma língua com 7 ou 11 anos. Isso tudo nós levamos em conta, porque olhávamos a criança inteira. Demos assessoria para outras escolas, falávamos em congresso; era uma época em que não se aprendia a língua em escola. Hoje, se fala em bilinguismo. Mas, antes, você tinha que ir para uma escola de língua se quisesse aprender a falar, no caso, inglês. E, já naquela época, nossos alunos eram fluentes. No início, eles começavam mais velhos, depois, fomos ampliando a faixa etária, começando aos 6 anos. Era um curso ligado à Escola durante um processo extracurricular, durante muito tempo, e, em algumas séries, ele era curricular. Durante muito tempo, foi assim. Foi bom, porque deu para desenvolver uma metodologia e um material muito interessantes. A assessora se chamava Elisa Campello, muito competente, que se debruçou sobre o material durante alguns anos, um material muito bom, muito bonito.

Aliás, sempre fui muito, muito orgulhosa da equipe do Inglês, uma equipe muito coesa, de professores competentes. Rita [Botter], que hoje é coordenadora, sempre trabalhou comigo, as orientadoras Miguelina [Mansur], Liliana [Fontana] e a Cida [Maria Aparecida Delgado] são pessoas ótimas! Até falavam “Mas que sorte que você tem com essa equipe!”, né? Para você formar uma equipe, você precisa ter bastante jogo de cintura, precisa dar espaço para as pessoas se colocarem e se posicionarem.

Cheguei a dar aula para adultos, mas nunca foi minha praia, não gostei muito, não. A criança sempre me envolveu mais. Gostava muito da Orientação também. Os pais sempre são os mais difíceis de trabalhar (risos), as crianças são ótimas. Eu me lembro de quando dava aquela briga na sala e chegavam os dois, eu falava: “Olha, agora vamos fazer o seguinte: vocês vão para casa, e, à noite, antes de dormir, você vai pensar numa qualidade que ele tem”. Eles olhavam: “Não tem nenhuma, não”. “Você vai pensar numa qualidade que ele tem, e, na próxima aula, vocês vão conversar comigo.” Era interessante, porque eles sempre conseguiam falar alguma coisa do colega. Então, eu gostava muito desse trabalho de Orientação, de conversar com os professores; a gente tinha conversa regular sobre cada agrupamento. E gostava do contato com as orientadoras da Escola, as conversas com os pais.

O que foi muito recompensador foi nós termos sido escolhidos para ser um centro de exames. Primeiro, éramos da Universidade de Oxford, então a gente se candidatou, mandou todos os papéis e saiu a autorização. Depois, Cambridge comprou os exames da Universidade de Oxford, ficamos com Cambridge e fomos novamente aceitos. Éramos só nós e a Cultura Inglesa, e nossos alunos sempre se saíram muito bem, porque o preparo é essencial. Você tem que ter todo um histórico para a criança chegar a uma fluência escrita e oral. Fico até feliz, porque meu neto teve o certificado Advanced, que eu consegui quando estava na faculdade. Ele, com 16 anos, porque começou a estudar inglês cedo.

Quem começa cedo, pode ter certeza de que vai ser fluente em inglês. E é esse o retorno que eu tenho. Fico muito feliz quando me encontro com pais ou com ex-alunos, e os pais falam: “Sabe que eles nem precisaram fazer outra escola de inglês?”. E não era para fazer mesmo! (risos) Esse retorno é muito compensador, sabe? Fomos experimentando. Você faz uma proposta em sala de aula, e aquilo é avaliado; se não deu certo, você para de fazer; se deu mais ou menos, você incrementa.

## A vida no teatro: Drama Festival

O trabalho do teatro começou lá atrás. Era uma coisa muito pequena, uma classe apresentando para outra. Mas eles mesmos foram querendo uma coisa maior. Então, durante alguns anos, tivemos várias pessoas que fizeram treinamento dos professores para o teatro. Não é só a língua, você tem que saber como trabalhar, senão fica uma coisa muito cansativa para quem assiste. Várias técnicas foram passadas. Era um projeto de um semestre. A gente parava, porque se trabalhava muito a linguagem oral. E foi crescendo, os próprios alunos escrevendo o texto — porque antes eram os professores que escreviam. Tem sempre um tema: heróis, *heroes*, Shakespeare, Beatles, *Moving On...* Todos os agrupamentos se apresentavam, independentemente do nível da língua. Com os pequenos, a gente fazia internamente. A partir do 6º ano, era para os pais. No Ensino Médio, percebemos que não dava mais para ficar apresentando para pais. Um jeito diferente para cada faixa etária.

O que diferencia o Vera é esse olhar para o aluno, para a faixa etária, para os desafios possíveis. A gente consegue formar crianças bilíngues sem ser uma escola bilíngue, nosso aluno com 14 anos está prestando o mesmo exame da criança de escola bilíngue com a mesma idade.

O horário tem que ser muito, muito valorizado. Horário é muito valorizado! Com criança pequena, numa aula de duas horas, ela tem

15 atividades, porque, se você fica um pouco a mais com uma criança pequena, ela não tem essa concentração. Para ficar meia hora num tema, não tem. Uma vez, um professor de inglês falou assim: *"Start your class with a 'bang'!"*. É verdade. Se você começa fazendo chamada, você começa meio assim... Você tem que começar com alguma coisa em que a criança já se ligue, uma coisa que pega. Você fica com esse objetivo de otimizar o tempo, de fazer uma aula interessante. Acho que essa é uma qualidade que deve estar sempre presente. É que, às vezes, as pessoas falam "Ah, eu nunca vou falar inglês" ou outra língua. É que você não teve um início legal. Às vezes, tem isso. A pessoa trava com uma certa idade. As pessoas falam: "Ah, não dou pra língua". Dá, para todo mundo dá.

Acho que você tem que respeitar a criança, respeitar a idade dela, respeitar o momento. Você sabe que tem crianças que ficam quietas no começo, não querem falar. De repente, você pensa que ela não sabia, mas ela fala, vai falando, solta a língua. Eu achava interessante os pais de crianças de 10, 11 anos quando chegavam e falavam: "Não dá mais pra falar em inglês porque ela entende tudo". Ai, que bom! Boa notícia para a gente [risos].

## Vida de pianista

Eu ia para os Estados Unidos com meu marido, no fim ele acabou não indo, então fui fazer inglês e minha carreira acabou indo para a área de línguas. Mas nunca me desliguei da música, sempre fiz cursos, uma vez com Almeida Prado, sobre Mozart. Então, nunca me desliguei, mas parei de tocar piano, porque tocava mal. Não tinha tempo de estudar, primeiro, porque durante esses 33 anos no Vera, meus filhos cresceram, estudaram lá a 8ª série, porque não tinha Ensino Médio. Então, também tinha os filhos em casa, tinha a profissão, não dava tempo de estudar piano. Parei de tocar porque eu não conseguia mais me ouvir.

Quando fui levar um neto para estudar música, encontrei uma amiga, dona da escola: "Por que você não volta a estudar piano? Faz uma aula experimental!". Essas aulas experimentais eu conheço bem...

Foi logo depois que eu saí da Escola, do Vera. Então, comecei com um professor e foi indo, foi muito bom, porque fui retomando, mas sou pianista amadora. Eu procuro estudar, às vezes eu fico a tarde inteira tocando, às vezes eu estudo uma hora, duas, depende muito do dia, da coisa da família. Até gravei CD para a família, toco em apresentações, tem um grupo em que a gente faz sarau, coisa de antigamente, mas que é muito gostoso, reúne, às vezes, pianista, violonista, celista. A gente se reúne, toca, come alguma coisa, é muito gostoso. Faço parte também de um coral pequeno, que se chama "Coral Canto da Casa", porque nós ensaiamos nas casas das pessoas, é um coral de amigos. O pessoal canta muito bem, sempre cantou em coral. Eu também cantei num coral do Vera, de adultos. Me lembro que Márcia Lopez participava, acho que Magdalena [Jalbut] também participou.

Na maior parte do tempo, toco bastante. Participei de uma oficina de música, oficina de piano na USP, mês passado. Achei ótimo. Me inscrevi, preparei uma música e toquei para dois professores diferentes. Aí, eu cheguei, já fui falando assim: "Olha, eu sou pianista amadora, não sou uma profissional, eu estudo, estudo bastante, quero tocar bem, mas sou amadora". E toquei minha música. Aí, quando terminou, ele falou: "Muito bem, muito bem! É uma pianista amadora, mas está ótimo". Isso vai mandando a gente para frente, né?

Como eu estudei piano no Conservatório Sagrado Coração de Jesus, todo o curso, descobri que eu poderia requerer ser professora de música, porque eu tinha feito todas as matérias regulares de um curso de música de faculdade. Tenho a carteirinha e autorização como professora de música. E fui dar aula. Eu tinha vinte e poucos anos e comecei dando aula de música.

## Vida sendo vivida

Meu marido é um dos fundadores do GRAACC, o Grupo de Apoio à Criança e ao Adolescente com Câncer. Tivemos a infelicidade de ter um filho que teve câncer. Quando ele já estava curado, veio um convite do médico para começar uma ONG. Hoje, tem o GRAACC, que tem mais de 30 anos. Acabaram de inaugurar uma nova UTI excelente, que atende o SUS. Isso que é importante, porque, às vezes, as pessoas não sabem, mas o atendimento maior, grande mesmo. Acabei me engajando na luta contra o câncer infantil indo a congressos, acompanhando muito meu marido.

Ele ajudou na minha carreira. Sempre me deu muita força. Quando eu fui para a Coordenação — primeiro, pedagógica, depois, também administrativa —, precisei me capacitar para isso. E o meu marido me ajudou, ele tem uma visão empresarial, foi bom para mim.

Hoje em dia, dá tempo de tocar piano, participar do coral, de fazer musculação e de ficar com os netos, cuidar da família. Mas não tem aquela correria de acordar cedo e tomar um café correndo, ir para a Escola. É evidente que, no primeiro ano, a gente sente muita falta desse movimento, dos colegas, das pessoas. Convivia com muita gente, o dia inteiro na Escola. Esses 33 anos foram uma vida mesmo [risos]. Então, quando saí, saí muito contente de ter trabalhado no Vera. Evidentemente, em 33 anos, existiram muitos problemas, dissabores, a gente não pode falar que tudo é um mar de rosas, mas eu não fico me lembrando disso. Eu me lembro das coisas boas, do apoio que a gente teve.

## Revelação em Macchu Picchu

Quando eu estava com meus 65 anos, numa viagem para o Peru, senti-me numa pedra em Machu Picchu e fiquei olhando aquela beleza.

E me veio um pensamento: chegou a hora de sair do Vera! (risos) Foi muito interessante, eu estava olhando lá... Por quê? Não sei! Acho que chegava o momento de eu sair. Isso foi em janeiro. Fiquei demissionária em um ano, ninguém sabia. Só a Direção, lógico. Preparei a saída, a substituição, deixei tudo em ordem e, por um acaso, também acabei voltando para a música, porque antes de ser professora de inglês, fui professora de música. Eu cheguei até a dar aula de piano.

Em Machu Picchu, vi que havia chegado uma hora em que talvez não tivesse mais desafios. Eu acho que foi isso. Eu pensava que a gente tem que ter outras vidas. Se eu sáísse mais velha, talvez eu não tivesse essa oportunidade que eu tive de voltar a estudar piano, de ter essa disposição para a música.

Quem diria, o Vera fazendo 60 anos [e o Inglês tem 50]! Pronto para novos desafios. E sempre olhando como melhorar. Eu acho que essa sempre foi uma característica da Escola.



Com Maria Aparecida (Cyda) Barcellos



# O sorriso no rosto como exemplo de vida

Joselita dos Santos [Lita]

Atendente de alunos [Verão]





## Chegada no Vera

Antes do Vera, trabalhei em casa de família. Fui criada praticamente na casa da família em que eu trabalhava. Quando eu vim aqui pra São Paulo, vim pra casa da minha irmã, que tinha trabalhado com a irmã da dona Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora], dona Carmen. Ela precisava de alguém e eu acabei indo pra casa dela. Fiquei na casa dela 2 anos e 11 meses. Saí de lá de manhã e entrei aqui de tarde.

Em 1992, entrei pela primeira vez no Vera. Fiquei um período, aí terminou esse período, saí em outubro e aí fui chamada novamente, em janeiro. E comecei em fevereiro de 1993. Até agora! Uma jornada! Dá uma boa caminhada no Vera Cruz.

Vim primeiro pra cobrir uma licença na limpeza. Quando voltei, foi pra ficar na copa. Fiquei na copa um período, depois fui caminhando por vários setores. Tinha cantina nessa época na Escola. Então, eu preparava os lanches, os sucos, essas coisas, fazia os pratos de almoço em dia de reunião na Direção, para dona Yolanda e todo mundo. Então, montava a salada com filê de frango, fazia a salada, o hambúrguer. Fiquei um tempo, depois saí pra sala de aula. Fiquei bastante tempo. Fazia as salas, depois fazia a saída das peruas, depois passei a fazer a saída lá da frente, onde tô até hoje. Fazia de manhã, no recreio, e depois comecei a frequentar a praça também. Foi cada período num lugar. Depois saí da sala de aula e assumi a saída e a chegada dos alunos.

## Fazendo as festas

Quando começamos a fazer a Festa Junina do nível 3, Elza me deu a receita de munguzá [canjica, aqui em São Paulo]. Eu treinei, e foi aí que a gente começou a fazer a canjica do Vera Cruz e o quentão, fazia aquele famoso quentão. Tinha pai que só vinha aqui pra tomar esse quentão.

Na última Festa Junina online, cozinhei um tacho, pra ensinar. Eu fazia três tachos daqueles pra Festa Junina aqui do nível 3, e mais dois caldeirões grandes de quentão — na época que podia fazer quentão. Aí, agora não faço mais, né [risos], não tem mais as festas. Por enquanto, se Deus quiser.

E as brincadeiras do Toshiaki [Tateyama, coordenador de Esportes]. Esses dois anos fizeram falta. É uma brincadeira gostosa [risos]. A gente sempre se mete e participa das cantorias, das brincadeiras que ele faz. É divertido, é bom. Foram momentos bons que eu tenho aqui guardados [risos]. Muitas passagens, a reforma da praça... Fizemos uns mosaicos. Um tempo atrás, tinha falado que precisava retomar aquilo ali pra repor os que já desgastaram.

## Educadora e cuidadora

Acho que a gente faz parte de uma equipe; cada um ensina do seu jeito e acaba a gente se envolvendo também com tudo isso, com cada criança que vem procurar a gente num momento em que precisa de uma palavra, de um carinho, de uma atenção. A gente dá e acaba se envolvendo, me sinto uma cuidadora. Uma educadora, não sei se faz parte também, mas eu me sinto uma acolhedora nesse momento de cada um que precisa de uma palavra ou de um carinho.

Fui uma vez pra sala de aula, da vez que eles fizeram uma biografia, que queriam que eu contasse a minha história de trabalho antes de entrar no Vera. Eles fizeram um trabalho legal, do 5º ano. Me emocionou bastante, me fez lembrar de coisas sofridas lá atrás. Na sala também passei algumas vezes pra explicar algumas coisas de limpeza, porque riscavam muito as mesas, sujavam muito as paredes. Então, a gente entrava de vez em quando. Um professor chamava a gente pra explicar o que era a limpeza, quem fazia a limpeza. Um ficou emocionado: “Ah, mas eu não sabia que era a Litinha que limpava”. Aí eu

falei pra ele: “Mas não é ‘porque a Litinha limpa’, porque as colegas da Litinha também limpam. Nesse limpar, vocês aumentam a carga horária, e não só do meu trabalho, mas a de todo mundo”. “Ai, Litinha, eu juro que nunca mais a gente vai pichar as mesas!” [risos]. Então, ele se emocionou “porque a Litinha limpava”. “Não, não sou eu, é a equipe inteira.” A gente tinha esse contato com os professores, que nos chamavam pra explicar o que era a limpeza, o que é desperdício de coisas, mas era legal, bem emocionante.

## Um repertório de histórias

Não guardo todos os nomes e sobrenomes, mas muito mais a fisionomia. Um dia desses passou um ex-aluno, mesmo com máscara e tudo, e ele ficou admirado por eu me lembrar dele. Aí, ele falou: “Você não lembra o meu nome? Eu era muito danado”. Aí, eu falei: “Você não é o João?”. Aí, ele ficou emocionado, porque eu me lembrei do nome dele; era magrinho, tava sempre subindo em alguma coisa e eu sempre atrás dele, porque ele jogava o tênis, subia na árvore. Esses assim a gente acaba marcando mais, né? Mas foi uma trajetória boa e gostosa, tudo isso. Outro dia, encontrei um andando na praia. “Esse é meu aluno do Vera Cruz, aqui na praia.” Aí, me abraçou na época — foi antes da pandemia [risos]. Podia abraçar, né? E, às vezes, num lugar, distraída, quando vejo, encontro algum.

Ave Maria, no Vera são muitas, muitas histórias, né? Tem muitas histórias, Ave Maria, tem muita coisa que a gente tem que levar com muito carinho. A emoção de uma mãe: uma vez, teve uma pessoa na praça, a gente cuidando do recreio, eu chamava a atenção dos meninos, que não podiam dar volta e tal, e ela só observando. Aí, antes do final, ela perguntou meu nome. Que bom que eu tava ali naquele momento, porque ela tava observando se ela podia confiar em colocar o filho na Escola. Eu falei “Que bom, a senhora gostou?”, e ela falou “Já vou fazer a matrícula, adorei, vocês cuidam muito bem”. Então, naquele

momento, participei um pouco da vinda dessa criança [risos]. É emocionante: muitos agradecem, chegam e falam que eu era o olho deles, porque eles nunca imaginavam os filhos soltos ali na praça e viam que o carinho que eu tinha por eles era muito bom e se sentiam confiantes. Então, me agradeceram: “Muito obrigado por você ser meus olhos”. Então, isso tudo é emocionante.

É uma emoção. Por exemplo, um dia, uma menina saiu, eu tava no horário do meu almoço. Ficava muito na praça e eu vi que tinha um moço na frente dela e ela presa na parede, ali, da rua da Nova Gomes. E de onde eu tava vi que não era a pessoa que pegava ela, quem pegava ela era a mãe. Aí, eu fui e vi que ela tava já a ponto, não sei, de chorar, tava tensa. Aí, eu cheguei e falei: “O que aconteceu?”. O moço saiu correndo. Aí, ela desabou a chorar. Chorava, chorava muito. Aí, eu segurei ela, abracei, acalmei. Ele entrou correndo num carro que tava na esquina, atravessou o farol e saiu com tudo. Aí, eu trouxe a menina pra Escola, chamei a orientadora, que ligou e chamou a mãe, o pai. Então, a menina ficou um bom tempo assustada. A mãe era muito grata. Ela falou que eu não tinha a obrigação, mas no momento que eu vi que era um aluno do Vera Cruz, então... A mãe depois me fez uma telha, um prato lindo de telha, de agradecimento.

E se ele puxa ela naquela hora? Quem ia saber? Ela tava numa rua mais ou menos... São algumas histórias, mas tem outras coisas boas, também [risos]. Muito emocionante tudo isso, viver tudo isso, muito gostoso de levar.

## Sem abraço nem beijo

Na pandemia, fiquei um tempo parada, essa coisa que a gente não conhecia, esse desconhecido. Foi chocante, né? Uma coisa, um medo, a gente não sabia o que fazer, nem pra onde ir e nem pra lugar nenhum. Então, tive esse medo um pouco. Nessa época, eu tava morando

sozinha, sempre morei sozinha, e aqui eu tinha uma escola inteira me abraçando o dia inteiro, beijando o dia inteiro. Aí, de repente, eu me vi sozinha, dentro de um apartamento, não vai no mercado, não vai na padaria, não vai, não fala, não pega. Fiquei meio desorientada. Fiquei bem... esquisita, meio mal, mas depois, conversando com uma ex-professora, ela foi me acalmando.

Fiquei em casa de quatro a cinco meses, sem fazer nada. Como eu tenho pressão alta, então não saio na rua, não fico sem máscara, não, lavo a mão, deixa que o mercado entrega, peço umas coisas. Esse aprender a que a gente foi obrigado foi bem estressante. “Não sai, Lita, pelo amor de Deus, tá com gripe” [risos].

Aí, foi voltando, a gente vinha com todos os cuidados. No começo, você fica tensa, “como que vai ser tudo isso?”, mas, graças a Deus, tenho o lado da alegria e não deixei depressão, nem mau humor, nem nada me atrapalhar. Se é pra ir, vamos, mas com todos os cuidados; aos poucos, fomos vencendo tudo isso. Então, acho que todos nós somos vencedores dessa batalha doida que jogaram na gente.

Os alunos, na volta, o medo que eles tinham mais era porque eles eram muito de pegar, de abraçar... Então, muitas vezes, quando vi-nham, “não pode” [risos]. Às vezes, disfarçadamente, um passava as-sim com o braço, dava aquele agarrão rápido e saía. A partir de de-zeembro, duas alunas da tarde já falaram que eu poderia até tomar um remédio pra dor no corpo, porque elas iam quebrar meus ossos [risos]! Não sei se em dezembro a gente vai ter essa chance.

## De volta à Bahia

Ainda não sei o que vou fazer quando sair, falei que primeiro eu ia ter o gostinho de dar uma descansada. Já falei com minha irmã que vou passar o Natal com eles lá na Bahia, coisa que faz tempo que não dá

para fazer, passar o Natal com eles lá. E depois de janeiro vou acalmar, refletir e aí eu vou ver o que é que eu faço, mas primeiro eu vou ter esse gostinho de dar uma descansada.

Mas acho que trabalhar assim, fixo, acho que não. Consegui me aposentar com meus 55 anos. Nasci na roça, e nascer na roça é nascer trabalhando. Semeando feijão, milho, plantando, colhendo. Então, acho que Deus me deu essa graça agora, e vou ter o gostinho de desacelerar um pouco, aí depois eu vejo. Eu gosto de fazer doce, cocadas, vai ter uns projetos, quem sabe? Projeto Doce! Pra não ficar parada, né? Essa coisa de ficar a vida toda parada acho que não existe, não.

Tenho três irmãos que moram aqui, tenho a minha filha, que é casada e mora em Jandira com minhas netas, duas tchutchucas, e tenho meus irmãos lá na Bahia. Também acho que vou curtir um pouco a turma de lá.

Minha cidade é Santo Antônio de Jesus. Eu acho que dá 180 km, mais ou menos, de Salvador. Lado gostoso da praia, Itaparica. Falo que a Bahia tá inteira me esperando pra eu ir a lugares que eu não tive tempo de conhecer. Quem sabe, daqui pra frente.

## A tristeza sem chance

Este ano tá bom de fazer, é um encerramento legal, cheio de recordações e lembranças.

Meu medo era de que vazasse pra eles [alunos] e pros pais minha saída. Na semana retrasada, na atividade do 3º ano, falei com uma mãe, mãe antiga, que vou sair de férias, não que vou sair do Vera. Vou sair de férias. Eu não quero entrar na parte da emoção. Aí, uma mãe falou assim: "Litinha, você não sabe, eu chego nessa escola e vejo seu sorriso, e não quero imaginar um dia chegar aqui e não te encontrar

nesse portão". Aí, eu desabei, eu falei que eu não queria entrar nesse lado da emoção. Então, é uma coisa que eu sei que eu vou sentir muito. Tomara que eles não saibam antes de eu sair daqui, porque vai me derrubar [risos].

Se despedir é importante, mas para as crianças que estão esperando esse abraço, essa coisa, acho que falar pra eles, por enquanto, acho que não vai ser bom, não. Melhor deixar isso [risos]. Não sei como vai ser a despedida, nem falei com o Daniel [Helene, coordenador] ainda sobre isso, nem com a Débora [Rana, coordenadora], de como que vai ser essa coisa de chegar no portão e a Litinha não estar lá... Acho que é bom ver o que vai acontecer, né?

Mas vou levar muita coisa boa daqui, sou muito grata à Escola, né? Cheguei aqui com 26 anos, sem saber nada de escola. De você errar, de aprender, assumir que errou. De errarem com você também. Mas sou grata demais, né? Quase 30 anos, praticamente, então é uma vida. Você tem que agradecer e ser grata por estar aqui, grata à oportunidade que me deram. E levar só coisa boa, as coisas ruins eu já joguei fora faz tempo [risos]. Não me deixar abater e nem machucar. Desde que você não se machuque e nem seja machucada, vamos tocar o barco!

Quero finalizar também com esse barco balançando de alegria, de felicidade, né? Muitos alunos que já saíram, que estão aqui na Escola com filhos! Ave Maria! Um dia desses, chegou uma aí e falou: "Tia Litinha, você tem que finalizar com ele, igual fez comigo!". Falei: "Ih, nem vou falar pra ela essa parte". Não vou acompanhar mais, né? Tem muitos ex-alunos aí, mas tá bom já de deixar o novo barco pra quem chegar fazer a sua história. Tô finalizando aqui feliz, é muito bom, imagina. É gostoso tudo isso [risos].

Teve muita gente, muita passagem de professores, orientadores, nesses 28 anos. É uma carga de lembranças, muitas passagens, muitas coisas boas, muitas alegrias.

Tinha uma história de que os funcionários que chegam no Vera têm um pé de árvore, lá na frente, onde a gente deixa os nossos problemas de casa, e, na saída, você deixa os problemas do Vera, pega os seus e vai pra casa. Porque aí não se machuca, não se mistura. Então eu aprendi assim, a não misturar. Tanto que uma mãe uma vez queria saber o que eu fazia pra estar sempre com um sorriso e se eu não tinha problema, sofrimento. Eu falei: "Tenho!". Se a senhora quiser saber, faço uma lista enorme. Só que não vem ao caso eu trazer os meus de lá pra largar aqui, em quem não tem nada a ver com isso. As pessoas não têm que passar pros pais, nem pros alunos, nem pros chefes, que lá fora tem uma carga que as deixa tristes. E nem daqui tenho que levar pra lá. "Mas, Litinha, você tá sempre sorrindo." Falei: "Isso vem da minha mãe, é herança de família, então não dá pra trocar". Aí, ela ficou feliz: "Ah, quero aprender com você". Então, sempre que ela vinha buscar o filho ou trazer alguém, ela falava que queria aprender comigo. Falei: "Olha, é só pôr um sorriso no rosto e deixar o resto tocar que a senhora nem vai perceber que tem problema pra resolver". Não sei se um dia ela aprendeu, deve ter aprendido. Ela não voltou pra me falar [risos]!

Então, espero que não decepcione as pessoas que vão chegar aí e não vão encontrar mais "a Sorriso" lá fora, na portaria. Agora, eu que fico mais um pouco pra dentro, porque antes eu ficava o tempo todo lá na frente, mas a parte dos alunos, na chegada e saída, vou passar adiante [risos]. Quem sabe? Mas a gente se encontra, sabe? Todo mundo hoje tem Face, Instagram, Zap. Encontro todo mundo. Aí, vou contando as novidades.

Espero deixar histórias boas, sim, espero. Que vou levar comigo sempre. Cada história, cada conto. As histórias, os relatos, os abraços, os carinhos, essa coisa é o que faz bem e é o que a gente leva com a gente. Tristeza, não, eu não gosto, prefiro sorriso. Sorriso é melhor.

Que bom, esse papo. Ai, Jesus!



# A palavra é: encanto

Kátia Santos Frazão

Professora [Ensino Fundamental, nível 2]





## A mosquinha da educação

Cheguei no Vera muito menina. Estava no 1º ano de uma faculdade de turismo e tinha uma amiga que trabalhava no Vera e fazia faculdade comigo. Comecei a trabalhar numa empresa. Ela chegou lá, de férias, toda queimada, e eu lá... Na época, tinha fax, tinha um monte de coisa, uma empresa multinacional, e ela falou: “Kátia, você não serve pra isso. Vamos viajar, vamos sair de férias”. Falei: “Não, mas eu não tenho férias como você tem, duas vezes por ano”. Naquela época, as férias eram até maiores. “Vou indicar seu nome pra você fazer um estágio lá”. No fim, fui conversar. Era a Wilma [Gasparini Araujo Costa], coordenadora [do Fundamental, nível 2]. Ela gostou muito de mim, e já comecei como auxiliar no ano seguinte. Fiquei quatro meses como auxiliar, uma professora ficou doente, em seguida, eu já peguei uma classe. A minha vida toda é como professora polivalente. Comecei com o 4º ano, que seria na época 5ª série.

Mas, antes disso, vim para São Paulo, eu sou mineira de Poços de Caldas. Na época, todo mundo saía da cidade para estudar, e todas as amigas de infância vieram para São Paulo. Somos as melhores amigas até hoje. Cada uma foi para uma área, e eu comecei a fazer faculdade de turismo. Gostei, terminei a faculdade, mas entrei logo para pedagogia. Sobrou isso: uma menina que veio morar num pensionato, em São Paulo. Sobra uma vida em Minas, de brincar na rua, de outro tipo de vida, uma adolescência cheia de amigos e amigas, de festas de escola muito legais, de uma cidade muito acolhedora, sem medo, sem violência. Vim para São Paulo começar uma vida e, logo em seguida, comecei a trabalhar, a me sustentar, e meu pai já me deu um carro. “Ó, agora você vai cuidar da sua vida”. Fui.

Então, minha vida profissional virou o Vera. Sou psicopedagoga, cheguei a ficar com o consultório muito tempo, mas não dei conta do Vera e do consultório, estava mais pagando do que atendendo. Isso foi

antes da pandemia. Então, foquei mais. Tenho um plano de voltar, mas, por enquanto, não. Este ano, ainda não.

Quando comecei no Vera, lembro que, na primeira reunião, levei um susto, porque eu estava numa empresa que eu tinha que ir de salto, de terninho, de vestido, de meia de náilon, e cheguei no Vera, todo mundo muito à vontade, sentava todo mundo no chão. Levei um tempo para me adaptar.

Wilma me contratou, e fiquei como auxiliar com duas classes. Uma era a professora Deise, que eu, de vez em quando, vejo no Instagram, eu morro de saudade, uma mestra para mim. E outra era Solange, que ficou doente e saiu. E, em agosto, eu assumi uma classe. Acho que foi meteórico, porque hoje as pessoas esperam muito tempo para assumir uma classe. Eu estava no lugar certo, na hora certa. Quando eu me vi diante de uma classe só comigo, a mosquinha da educação me mordeu.

## O encanto da sala de aula

Tenho uma história com o Vera, de muitas mudanças. A gente vinha de muitas reuniões com assessores de cada área, porque a professora polivalente toma conta de quatro áreas — Língua Portuguesa, Matemática, Ciências da Natureza e Ciências Humanas —, e a gente sempre tinha reunião com os assessores de cada área. O Vera sempre se destacou como uma escola que faz uma formação de professores de excelência. Esse foi o grande cartão-postal do Vera, essa formação de professores. Acho que isso me encantou profundamente. Mesmo eu não sabendo nada, eu era formada constantemente; toda semana tinha reunião com pessoas muito sabidas, muito antenadas nas áreas delas e no mundo da educação. Eu ia para a faculdade ainda porque não quis desistir do turismo. Ainda bem, porque eu adoro viajar, então também usei um pouco disso. Mas eu ia para a faculdade, levava o *Grue-ma*, livro de matemática que Lucília [Bechara, fundadora] escreveu.

A Matemática era, para mim, o mais difícil de aprender. “Meu Deus, como eu vou dar aula de Matemática?” Esses meninos, essas meninas tão sabidas que já vêm do Verinha sabendo outro tipo de pensamento matemático, de cálculo mental...

Então, eu ia para a faculdade, ficava fazendo o livro inteiro e pedia ajuda para todo mundo. O dia de dar aula de Matemática era um evento. Sim, me lembro de todas as professoras dizendo: “Ai, hoje eu vou dar aula de Matemática”. Então, a Matemática era a porta de entrada do Vera. O quanto eu tenho de admiração por Lucília, porque a Matemática ainda hoje é a área pela qual eu tenho maior paixão, meu olho brilha. Devo isso a Lucília, eu bebia daquela fonte, me encantava com ela. Lucília me marcou muito como profissional. “É isso que eu quero fazer, é disso que eu gosto”. Fui professora de dois filhos dela, e o nosso vínculo foi ficando um vínculo de amigas.

Outra pessoa que me marcou muito também foi Ana Caleiro, que me ensinou muito a como ser uma professora em sala de aula, como olhar para o aluno, como observar o aluno, como tirar dele toda a potência que ele tem. Então, tenho essas duas grandes marcas dessas pessoas que me ajudaram muito.

Ontem, uma professora que acabou de entrar, virou e falou: “Eu não quero sala de aula tanto tempo como você”. A sala de aula me encanta profundamente! Nenhum dia é igual ao outro, eu não consigo contar o que acontece na sala de aula. Por exemplo, depois de três meses de trabalho [após o início do ano letivo], o vínculo é tão profundo, que eu não consigo nem reportar para os pais tudo que acontece em um dia. É como se a gente fosse um time cheio de combinados, cheio de gratidão pela aprendizagem, pelo que o aluno me ensina, pelo que eu ensino para ele.

A sala de aula é muito rica. Nunca me vi fazendo Orientação, porque eu gosto é da sala de aula e do trabalho com criança. Por isso, fiz

psicopedagogia, gosto de acompanhar, e acho que o Vera me proporciona uma coisa que é encantadora. Principalmente nos últimos anos, o Vera tem me proporcionado muita autonomia. Então, faço planejamento, o que é muito difícil, porque a gente não tem mais assessores, agora temos consultores. Somos professores pesquisadores o tempo todo. Às vezes, me sinto solitária, porque eu também tenho auxiliares muito jovens chegando, estagiários muito jovens que dependem muito da minha formação. Então, tenho um trabalho muito denso em casa. Não posso me dar ao luxo de, no domingo, não começar a pensar na minha semana. Tenho que planejar quatro áreas. Venho de um momento que tinha TP [Trabalho Pessoal], que requer atividades, duas, quatro, cinco, no mínimo, oito por semana. Lição de casa, no 5º ano, a gente dá duas por dia, por área. Não tem como quem está chegando criar tanta atividade. Então, temos um acervo muito importante na Escola. Hoje, não é só ele, mas ele é muito importante. Eu não vivo sem um monte de coisas que acabei revisando, que eu gosto, que sei que importam, que são importantes para o aluno. Se foi bom para mim, vamos socializar. O digital ajudou muito, a gente tem um *SharePoint*, por exemplo. Sou vidrada, antenada com notícia, posto muito. O ano passado, eu fui a única professora que fez cinco saídas a museus. Gosto muito do [jornal] *Joca*. Então, leio o *Joca* com as crianças, faço muitas atividades, e, para quem não tem tempo, eu vou lá e coloco no *SharePoint*: “Gente, fiz duas, três atividades no *Joca* da semana”.

Acho que é importante esse trabalho de equipe, que sempre teve no Vera. Tudo que a gente fala com o aluno, para trabalhar em dupla, em trio, e respeitar a diferença dos outros, nós, adultos, somos muito assim, respeitamos quem está chegando. Me sinto extremamente respeitada na Escola. Com tanto tempo de casa, tenho uma equipe que, desde os estagiários até a minha coordenadora, tem um respeito por mim, e eu por ela, por eles todos. É o que me faz me sentir muito bem.

## Brilho nos olhos

Falei que tenho muita autonomia no planejamento. Olha, quero ir para [a unidade] Vila Ipojuca na sexta-feira. Meus alunos estão sentindo falta de lá. “Débora [Rana, coordenadora], vamos fazer essa logística? Acho que é importante”. Então, tenho muita autonomia, sou muito feliz.

Acho que meu olho brilha quando falo na sala de aula, com meus alunos, quando faço uma reunião de pais, porque o dia em que esse olho parar de brilhar assim, vai brilhar em outros países. Além da sala de aula, tem as saídas pedagógicas, o planejamento, e tem uma coisa que eu acho que o professor, principalmente o novo, precisa muito entender. O Vera não é uma escola para você trabalhar das 13h00 às 18h00 ou de manhã. É uma escola em que você precisa estudar muito, saber muito sobre o que acontece, porque são alunos muito antenados, famílias muito argumentativas, e a gente, no mínimo, tem que ter esse respeito por esses alunos. Vou dar um exemplo: “Quero saber se vocês sabem a última notícia do dia”; “Ah, o Cuca do Corinthians...”; “Não, não é isso, é quase”. Um aluno quase chegou no que eu queria, que era o verbete do Pelé no dicionário, com letra minúscula. No fim do dia, ele disse: “O 5º D é muito pelé, né? A gente é muito pelé, né?”.

## Matemática sem fronteiras

O *GeoGebra* é uma ferramenta que trabalha com geometria. Paula Takada [professora do 5º ano] e eu começamos a criar um planejamento único, com toda a ferramenta *GeoGebra*. Ela fez curso, depois eu fiz curso com ela no Instituto. Ano passado, a gente tinha um horário que foi facilitador. Ela dava aula para a primeira turma, e eu dava para a segunda. Só que com os meus alunos e com os dela. Paula é uma parceira, uma menina muito sabida, mais nova que eu, chegou há

pouco tempo, mas tenho uma admiração, ela é uma referência para mim e tem esse jeitão que nem o meu. Em julho, eu estava viajando: “Kátia, tem um congresso interamericano, topa ir?”. Eu falei: “Topo”.

Fizemos a inscrição sem saber nada e, de repente, quando a gente foi apresentar, eram só professores de Ensino Médio e nós duas do Fundamental. A gente mostrou uma sequência de atividades que fez em sala de aula, com cubos geométricos, com palitos fazendo triângulos. A gente deu um passo fora do Vera. Mostrou que não tem isso, que o *GeoGebra* não é uma ferramenta que só se usa nos últimos anos do Fundamental e no Ensino Médio. A coordenadora do grupo fez um comentário muito interessante: “Nossa! O Vera Cruz é uma escola realmente inovadora! Nunca imaginei que fosse possível trabalhar com *GeoGebra* no 5º ano, e vocês estão me trazendo essa diferença”. Então, 2022 foi um ano fantástico, de levar o Vera Cruz para fora dos muros da escola com o *GeoGebra*. A Matemática criou um novo momento.

Sou da época em que a Matemática era a porta de entrada para a Escola. Nossos alunos fizeram pela primeira vez a Olimpíada Sem Fronteiras, as Olimpíadas Canguru. Começamos a ver que é possível, sim; a gente se prepara para um momento desses. Meus alunos ficaram duas horas respondendo a uma atividade que muitos adultos não respondem, porque são enunciados muito difíceis, e é encantador ver os alunos ficarem lendo aquele enunciado que muitos adultos não conseguem resolver. Estou muito feliz porque estou vendo a Matemática voltando para esse lugar de excelência.

## Outro jeito de ver o Brasil

Ano passado fiz um trabalho do qual fiquei muito orgulhosa, com [o artista plástico] Dalton Paula. Foi um trabalho que fiz para o final do ano, na Mostra. Escrevi para o Dalton, para [a historiadora] Lilia Schwarcz, para todo mundo. Fiquei encantada e levei os alunos ao

Masp e vi quanta potência a gente pode tirar de um aluno de dez anos olhando para uma obra em um museu que faz parte da cidade dele, com esse outro olhar. A obra de Dalton veio ao encontro de nosso currículo antirracista. Dalton deu vida e voz para aquelas pessoas que nunca tinham tido nem a imagem. Isso foi muito forte para meus alunos. Até então, a gente falava de não ter voz, do momento muito triste da escravização. A partir da obra dele, pude abrir um olhar mais bonito para esse momento.

Acho que eu não poderia fazer isso se não fosse numa escola que tivesse um currículo antirracista, e se eu não estivesse tão empolgada com esse currículo. Logo que a gente começou a trabalhar, fui fazer o curso\* da Kati [Nascimento] e da Silvane [Silva], que fecharam um buraco que eu sempre tive na minha escolaridade. Sou de uma geração em que bandeirante é bonzinho. O novo currículo está me dando muita margem para estudar os buracos que eu tinha como aluna, como pessoa, e, hoje, estou podendo mudar esse olhar. E estou falando do lugar de uma mulher, professora, branca, privilegiada. Sou uma pessoa privilegiada que está trabalhando com um currículo antirracista, que está tendo muito prazer de trabalhar com uma diversidade muito grande. Hoje, eu vejo o Vera — e isso é muito importante — e olho para minha equipe, ela é diversa, olho para as crianças, elas são diversas; isso é o grande diferencial da Escola. Ela sempre foi muito contemporânea. Ano passado, quando eu estava revendo a história do Vera para contar aos alunos, vi que Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] quis criar uma escola durante a ditadura para os filhos dela, era muito contemporânea. E que coragem! Mostrei para os alunos de 3º, 4º e 5º ano a coragem dessas mulheres de montarem uma escola como o Vera. E acho que o que é diferente na Escola ainda hoje é essa coragem de bancar o currículo em que a gente acredita, bancar o trabalho em que a gente acredita, porque não é fácil.

---

\* Trata-se do curso Educação Antirracista: princípios, desafios e possibilidades no contexto escolar, do Instituto Vera Cruz.

A gente encontra quem diz: “Mas, ah, a outra escola da zona oeste é bilíngue, é trilingue, é integral...”. Mas há famílias que ainda querem essa coragem de um currículo muito contemporâneo, muito humanista. E Regina Scarpa [diretora pedagógica] faz muito para que a gente aconteça.

Agora, fui para o Grupo Guardião. Sobrou um tempo, e a Débora me convidou. O Grupo Guardião é composto pelas pessoas que cuidam do projeto da educação antirracista. São profissionais da Escola e pais. Agora, nós estamos num momento de reuniões mensais em subgrupos, para olhar esse currículo, as políticas, os projetos pedagógicos. A gente tem muito trabalho para fazer com esse novo currículo. Muitas pessoas falam da pouca transparência do nosso currículo. Mas o que acontece na minha sala de aula, mesmo que eu faça uma documentação pedagógica clara todo dia, não conseguirei passar a riqueza de tudo que eles falam, porque eu não gravo tudo. É preciso você assumir que é essa a escola que você quer. Se ela é transparente ou não. Mas é uma escola que escuta os profissionais, as famílias, é uma escola que acolhe.

Um exemplo do 5º ano: ano passado, fiz um trabalho; a maioria das famílias da minha classe era de descendência europeia. Eu não tinha nenhum negro na sala, como eu também não tenho este ano. Poucos eram da América. A maioria era europeia. Então, a gente está trabalhando com os biomas. É um trabalho árduo ouvir todas as notícias dos biomas e das comunidades tradicionais. Este ano, o 5º ano está muito ligado no trabalho de geografia. Vamos conhecer esse Brasil, quais são esses biomas, o que está acontecendo com esses biomas, quais são as políticas públicas em relação aos biomas e quais são as comunidades. Cada classe escolheu uma comunidade, e fui estudar os pomeranos, nos Pampas. E os pomeranos são uma comunidade tradicional que não tem negros. Então, tenho que fazer esse link com os quilombolas, dá muito trabalho, mas é isso que me encanta estudar.

É muito novo para mim tudo isso, e [a assessora] Kati Nascimento é uma sabida, faz um trabalho lindo no Vale do Ribeira. O encantamento do 5º ano é que você pode trabalhar esse tipo de conteúdo.

## Há males que...

Uma coisa na minha vida profissional que eu achei que ia me desestruturar foi a pandemia. Ficar na tela, aprender aquilo de um dia para o outro — afinal, não sou tão jovem, não sou nativa digital, mas descobri um mundo fantástico. Fui atrás. Me dei muito bem com aula online. Claro que não é a mesma coisa de você estar ao vivo com todos, mas não tive essa dificuldade toda de lidar com as ferramentas. E essas ferramentas vieram para me ajudar hoje. Trabalho o *Padlet* com eles, o *Sway*. Monto minha reunião de pais sozinha. Não faria isso antes da pandemia. Sempre escolhia o *PowerPoint*, hoje posso escolher uma série de ferramentas de apresentação, de acordo com o grupo que tenho. Então, o digital me trouxe essa curiosidade, e essa curiosidade me levou a muitas novidades. Estou aí querendo aprender cada vez mais, não fiquei paralisada.

Na verdade, foi um susto quando a gente foi para casa, de um dia para o outro. Como sou muito otimista, falava: “Não, gente, não precisa levar todo o material, a gente volta na semana que vem”. E foi um susto. Mas foi muito mais um susto para minha vida pessoal, porque adoro sair. Adoro ir ao cinema, fazer mil coisas. E olhar pela janela de minha casa, na Vila Leopoldina, e ver aquilo tudo parado...

Mas, na hora em que eu entrava na tela, fui procurando formas de atrair os alunos. Via muitas crianças deprimidas, muitas crianças que não entravam na tela. Aí, fui descobrindo formas de saber quem não estava mais ali. Era a última a sair e via quem ainda ficava. Então, chamava individualmente. Fui criando combinados. Criei um diário virtual. Todo dia, eu fotografava minha rua parada, aquele Sesi vazio, sem

atletas... E fui escrevendo e fui mostrando para eles, a partir da minha história, o que estava me fazendo falta e como é que eu poderia suprir.

la dando dicas culturais para eles, que poderiam ser aproveitadas na casa da gente. Mesmo assim, descobri que na sexta-feira precisava criar uma coisa nova para que todo mundo não ficasse tão entediado depois de cinco dias. Comecei a fazer uns *happy hours*: cada semana, um tema. Todo mundo vai trazer seu *pet* para mostrar. Todo mundo vai cozinhar. Então, tinha hora que uma aluna cozinhava e mostrava a pipoca, o bolo. E a gente comia junto. Fui vendo que aquilo estava muito legal. Foi assim que eu fui ganhando a turma. Falando assim, parece que foi fácil, mas eu tinha uma classe muito alegre, que topava tudo.

[No começo da pandemia,] a gente não tinha tido nenhuma reunião de pais, eu não conhecia os nomes das famílias, porque foi dia 18 de março. Você está criando vínculos. Sabe aquele carro que a gente tem, que ama muito, mas tá velho, você precisa trocar e precisa mudar a marcha, ou então é automático? Tem muito isso: tem o amor dos alunos pelos professores anteriores e tem você chegando. E a professora do 5º ano tem muito conteúdo, é mais exigente, no 6º vamos remanejar alguns alunos... Você precisa criar esse vínculo, nesse mês, que é quando você faz esse diagnóstico, sondagens, mas tem que criar um vínculo; muitas vezes, você tem que criar mais o vínculo com as famílias do que com as crianças, porque: "Ah, mas a minha professora anterior...", mas na semana seguinte eles já esqueceram, eles já se jogam. Já conquistar as famílias não é tão fácil.

Uma das coisas que mudou é que, agora, a gente atende muitas famílias que buscam os alunos na porta da sala. Isso foi fantástico. A gente até começou por causa do espaço, de não entrar todo mundo junto, mas foi fantástico. A gente conversa, se atualiza. Quando a gente já vai para uma reunião coletiva, a gente já se conhece, está muito mais à vontade, não fica aquela tensão de antes.

A pandemia foi um susto. Muitas famílias não tinham nem os computadores para todo mundo, porque todos foram para casa. “Por que você não entrou ontem?”; “Porque meu pai está trabalhando no computador”. Aí, você tem que falar: “Meu Deus, estou pensando que eu estou falando com uma clientela que tem computador em casa para todo mundo. Kátia, quebra isso”. Tudo isso teve que ser adaptado, e a gente começou a ver que havia muitas famílias assistindo a nossas aulas, e nem sempre era bom, nem sempre era ruim. A gente também tinha que conquistar aquele outro aluno que estava ali ouvindo. Aquilo me deixava muito angustiada. No começo, entrava o pai e falava: “Mas por que a Microsoft? Na minha casa, é tudo Apple”, no meio de todo mundo. Foi um exercício de muita paciência.

## Formando o futuro

Quando falo em mudança, estou dizendo que eles precisam acordar e querer trabalhar no Brasil, e querer fazer uma mudança no país em que eles estão crescendo. Para isso, a gente está trabalhando com desigualdade social, com comunidades tradicionais, para olhar para o Brasil. Chega de olhar para o copo cheio lá fora e o copo vazio aqui dentro. Acho que o Vera é essa escola forte, e cada aluno ainda é cada aluno, é realmente protagonista. A gente conversa muito com eles sobre o que vai planejar e fazer, e a gente ainda consegue atender essas crianças com dificuldades, com outros tempos, outras condições e sentar ali junto com o estagiário ou com auxiliar, fazer um planejamento diferenciado. Acho que essa é a marca que o Vera nunca vai perder. Eu, como professora antiga, tenho essa responsabilidade de manter aquilo que sempre achei que encanta não só quem chega no Vera para trabalhar, mas quem coloca seu filho e começa a ver. “Ah, mas na outra escola já aprendeu divisão, algoritmo...” E, com o tempo, acaba falando: “Agora entendi por que ele não aprendeu algoritmo ainda”.

Tenho o maior orgulho de me encontrar com ex-alunos que falam: “Kátia, você goi foi minha professora do ano tal, você não mudou nada! Você se lembra disso? Daquilo?”. Gosto de acompanhar profissionalmente o que eles postam, o que fazem, o que estão criando. Eu tenho muitos ex-alunos arquitetos, ex-alunos que estão criando escolas. Isso me dá um gás, porque a gente tem certeza de que criou alunos muito antenados, que têm essa função social.

## Kátia Frazão do Mundo

Meio-dia e meia! É rotina. Bate o sinal, eu já subo, espero meus alunos. Quando descobri isso, vi que era um diferencial. Conflitos, eu já resolvia, porque eu já estava na sala. Não posso me dar ao luxo de faltar, pegar um atestado e não ir. Eu quero ir. Não peguei covid. Não pego gripe. Acho que sou uma abençoada. Minha vida não foi fácil. Tive muitas perdas nesse caminho, mas tive um pai que me jogou muito para o mundo. Por mais que ele fosse rígido, me falou: “Você vai pro mundo”. Lidei com as perdas, me lembrando muito do meu pai: “Vai pro mundo!”. Quando eu estava para me casar a primeira vez, ele falou para o meu marido: “Você tem certeza? A Kátia não é uma pessoa fácil de conviver, ela é do mundo”.

Já fiz coisas assim inusitadas, de ir para o Vietnã sozinha, para o Camboja. Eu gosto. Agora, estou muito ligada no Egito, no Marrocos. Gosto muito de viajar e não tenho medo. Se não tenho com quem ir, pego uma agência, uma operadora que conheço, começo a conhecer um grupo novo, faço amizades e vou. Gosto muito. Acho que é um presente que me dou. Quando volto de uma viagem, já estou pensando na próxima; acho que é assim que abro mais meu caminho.

É me dou outros presentes aqui em São Paulo também; a gente precisa desfrutar do que tem aqui. Queria ir mais, mas a gente sai mais tarde agora. Eu tinha aquela fase de sair do Vera e ir para o cinema,

duas vezes por semana. Agora, a gente sai de lá seis e meia, porque a carga horária aumentou. Então, nem sempre tenho mais esse pique. Assim, deixo minha vida pessoal mais para o fim de semana.

Tenho amigos morando fora, então quero ter essa experiência de ficar fora um tempo. Estou me preparando para ter essa saúde. Estou encantada com a África nos últimos tempos, também. Penso em fazer formação de professores. Já fiz muito, para a Assessoria Externa. É que a carga horária virou um capítulo à parte. Este ano, estou me dando um tempo para mim, que sou muito exigente comigo, para não chegar da escola e ligar o computador, porque na pandemia o computador ficava ligado direto. Respondia a alunos pelo *Teams*, direto. Comprei altas brigas, porque eu respondia, eu atendia direto de manhã à noite. Eu precisava acolher alguns. Eles estavam num momento muito triste. A gente está vendo tantos adolescentes tão deprimidos, e tudo isso pós-pandemia. Eu falei: "Pô, eu estou aqui na minha casa, vou ficar ouvindo esse *Teams* tocar...". E, até hoje, tenho esse hábito. Falo para os meus alunos: "Então, tudo bem?". Mas eles são superbonitinhos agora, só escrevem assim: "Kátia, na lição de casa, tá aqui pra escrever a palavra, mas eu posso fazer um mapa mental?". Poxa vida! Eu não vou responder a isso? "Mapa mental, claro que pode, fotografe que eu quero ver". Então, é não desprezar o que a gente aprendeu no digital e que foi bom, e trazer para o ambiente vivo que é a sala de aula. Mas eu tenho muita vontade de fazer formação de professores.

## Uma simbiose

Ano passado, o Vera fez 59 anos, e a Débora me convidou para contar para os alunos de 3º, 4º e 5º ano, a história da Escola. Como começou até chegar ao Instituto [Vera Cruz]. Fui atrás de arquivo, montei um *PowerPoint*. Apresentei para aquela plateia de crianças que nem conheciam direito o Vera, nem as orientadoras mais novas. Ano passado, vi que tenho essa responsabilidade.

Elas não sabiam que o Vera começou com uma casinha porque a Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] quis — essa história fascinante. E que, depois, foi para a Rua Frei Caneca, e da Frei Caneca foi para a Avenida Brasil. E como é que isso foi sendo pensado? Porque cada projeto foi muito pensado. Me lembro como foi pensado o Ensino Médio. O Instituto, a Alvilândia. Então, nada vem por acaso. São anos e anos de muito estudo.

As crianças ficaram encantadas de saber isso, que tem um instituto que forma professoras. Esse foi, para mim, o grande marco de 2022. Este e a apresentação do *GeoGebra*. Foi muito bom.

Eu faço parte dessa história. As coisas meio que se confundem. Eu não sei onde acaba a Kátia e onde começa o Vera Cruz. É uma história muito única; a minha família fala: “Você é o Vera Cruz, não veste a camisa, você é a própria escola”. Então, acho que é uma história que começa comigo e que se mistura muito. As minhas memórias vão ter mais tempo da minha vida profissional na Escola do que fora dela. Saio com amigas que moram em outros bairros e sempre encontro alguém, então já sei o que elas vão dizer: “Pronto, Vera Cruz”; “Agora, ela vai ficar falando horas com os pais, se lembrando de quando o filho foi aluno dela...”. Faço parte dessa comunidade, e como toda comunidade, a gente tem que ter rituais. Este aqui é um ritual. E está me dando muito prazer; achei que eu ia ficar muito emocionada, mas estou descobrindo aqui que isto não é uma despedida, é uma homenagem. Estou me sentindo muito homenageada. Muito, muito obrigada.



# Uma vida em construção

**Laura Moreira Barboza Pinto**

Professora especialista — Artes

[Ensino Fundamental, nível 2]





## A descoberta da arte

Vou começar por onde a arte entrou na minha vida, porque é importante.

Quando eu tinha 17 anos, fui fazer um intercâmbio nos Estados Unidos, daqueles intercâmbios de último ano do Ensino Médio. Como cheguei lá praticamente formada pelos critérios americanos, já tinha todos os créditos de Matemática, Física etc., eles me obrigaram só a fazer créditos de Inglês, que eu não tinha tido aqui no Brasil suficientemente. Então, pude escolher minha grade curricular. Foi uma delícia, só escolhi matéria de artes, porque nunca tinha tido Artes na escola. Eu estudava em escola pública nos anos 1960, então era aquela coisa bem careta, bem dentro do moldezinho. Lá, eu me esbaldei. Fiz tudo que a escola oferecia. E também fiz um estágio, um trabalho voluntário num instituto neurológico para crianças. Trabalhei um pouco lá também como voluntária. Aquilo, então, me aproximou desse universo da criança.

## As certezas da vida

Voltei para o Brasil depois dessa experiência com duas certezas: queria trabalhar com Artes e queria trabalhar com crianças. Logo em seguida, fiz o vestibular, entrei na ECA/USP, e fui fazer artes plásticas. Durante a faculdade, fiquei amiga de uma pessoa que era orientadora do Verinha na época, a Iara do Vale. Acho que apareceu uma oportunidade, e ela me convidou para fazer um estágio no Vera. Fiz o estágio no Jardim I, e logo no ano seguinte, em 1977, me ofereceram a oportunidade de ser professora de uma sala, e aceitei. Foi muito difícil nesse primeiro ano, porque eu não tinha experiência, tinha muita vontade de fazer certo, mas foi um ano bem complicado, bem desafiador. Mas me apaixonei pelo trabalho, pelas crianças, foi uma delícia mesmo. Nunca mais esqueço, nem daqueles rostinhos, nem do ano que passei ali com eles. Foi muito bom.

Depois, o Verinha mudou de endereço, foi para a [Rua Dona] Elisa de Moraes Mendes, e, ali, fiquei durante muitos anos. Era 1978. Dei aula lá de 1978 até 1989, para o Jardim I, Jardim II, e [cheguei] até a dar aula para a 1ª série também. Fiz um pouco de alfabetização, embora não fosse a minha formação, mas consegui dar conta do recado. Então, apareceu a oportunidade de eu passar por uma seleção no Verão, porque um dos professores de Artes tinha saído, e passei. Por um ano, fiquei dando aula de Artes no Verão para a 2ª série, que hoje é o 3º ano. Não era mais professora de sala de aula, era professora especialista de Artes, no Verinha também. Foi um ano bastante intenso, porque eu ficava nas duas Unidades, mas foi muito bom também.

No ano seguinte, continuei só como professora de Artes no Verão, e fiquei lá até 2009. Então, ao todo, de 1972 a 2009, fiquei 32 anos trabalhando no Vera Cruz! Não sei nem se dá para descrever o que a Escola representa na minha vida, porque ela marca minha vida desde muito jovem, eu estava na faculdade ainda. Atribuo mesmo minha formação profissional à Escola, o aspecto pedagógico que eu nem tive muito na faculdade. Então, a pedagoga em mim brotou durante essa formação no Vera ao longo desses anos.

## Espaços de formação

As reuniões de professores, por exemplo, no Verinha eram altamente formativas. Era um espaço mesmo de muita troca, muita discussão, muita construção. A gente realmente construía um projeto naquelas reuniões, e aquilo era muito importante para a formação profissional de cada uma daquelas pessoas. Na parte de Artes, tive uma formação boa na faculdade, na ECA, mas a Escola me trouxe a prática mesmo, o estar com a criança, acompanhar o processo dela. Uma coisa muito importante, um diferencial, eu acho, pelo menos entre as escolas que conheci, foi o projeto que eu, a Celina [Gusmão, professora de Artes] e Suca [Suzanne Mazzamati, professora de Artes] desenvolvemos, na

raça mesmo, porque a gente estudava junto, propunha junto, discutia as questões, voltava para a reunião semanal da gente para expor o que tinha acontecido. A gente acompanhava esse grupo de alunos durante três anos. Na 2ª série, 3ª e 4ª, então voltava; se despedia deles, que iam para a 5ª série, e a gente voltava para a 2ª de novo, para acompanhar um novo grupo. Eu era amiga da Suca já no Verinha. Conheci Celina quando comecei a trabalhar no nível 2, no Verão.

Trabalhar com Celina e com Suca durante tantos anos, nesse processo de construção do projeto da área, foi uma maravilha. A Escola dava uma liberdade muito grande para a gente. Me lembro com muito carinho da Ana Caleiro, coordenadora, uma pessoa fantástica, que realmente entrava na oficina de Artes, e a gente via que ela tinha um verdadeiro prazer de estar ali com a gente, observando o que a gente estava inventando.

## Hora da aula no quintal da avó

A gente percebia que essas crianças tinham uma agenda muito atribulada, tanto na Escola com a grade curricular, como fora da escola também, com aula de inglês, terapia, fono, escolinha de esportes etc. Então, a gente percebia que a aula de Artes era o momento da invenção na vida deles. Sabe o quintal da casa da avó? Era ali. Aquela casa de avó em que você inventa tudo que quer, e a avó vai para o quintal junto com você e faz fogueirinha, faz comidinha em panelinha de lata, e tudo aquilo. Era mais ou menos esse clima que a gente queria imprimir a essa aula de Artes. Era experimentação, invenção. Tinha pontos do currículo que a gente realmente queria abordar, técnicas de como trabalhar argila, de como pegar no lápis, a questão do desenho.

Os quinze minutos iniciais da aula de uma hora e quinze a gente dedicava ao desenho, sempre. Mas, a partir desse momento do desenho, a criança podia escolher o que ela queria desenvolver. Era uma sala

montada com os materiais à disposição, e a criança podia transitar por aquele espaço sem uma ordem preestabelecida, um comando preestabelecido da professora. E como a gente acompanhava essa criança durante três anos, a gente tinha a oportunidade de conhecer bem essa criança.

Sinto que a melhor avaliação que tenho de que isso fazia muito bem para as crianças é que eu nunca vi criança pedir para repor feriado quando ele caía na aula de Artes: “Isso não é justo, a outra turma teve aula, e a gente não teve, você vai ter que repor”. E eu falava: “E como é que eu posso repor feriado?” [risos]. Isso era uma prova de que a gente estava realmente construindo alguma coisa bem significativa para eles. Guardo essa alegria que eles me traziam, essa energia, tudo no meu coração, para a vida mesmo. Foi uma maravilha!

## Sem ensaio para a vida

Me casei em 1982. Meus filhos foram entrando na escola a partir do final dos anos 1980, depois já tinha o Ensino Médio. Eles fizeram do Maternal ao Ensino Médio. E até o começo deste ano, minha filha, que atualmente mora no Canadá, fez questão de vir para o Brasil em uma data em que ia ter um encontro da turma dela. Estava toda animada, acompanhei uma parte dos preparativos para esse encontro, e ela estava muito feliz. Eles conseguiram pinçar gente que estudou com eles durante o período todo, não foi só quem se formou no Ensino Médio.

Minha filha é advogada, só que está morando no Canadá, e como o filhinho dela está muito pequenininho ainda, ela está só cuidando dele. Ela tende a trabalhar com ONG, com trabalho social, é bem voltada para isso. Meu filho do meio fez história na USP, mas, na verdade, ele produz um podcast que tem sido muito bem avaliado por todo mundo, que está na lista dos dez mais ouvidos no Brasil, o *Xadrez Verbal*. E meu filho caçula fez publicidade e trabalha numa agência, está

bem contente, porque é uma agência que tem contas das coisas que ele gosta de fazer, como esporte radicais, ele é bastante ligado nessa área. Os três tiveram experiências diferentes no Vera Cruz, mas todas bastante significativas, a Escola foi importante na vida deles.

Mas uma coisa que realmente foi difícil, especialmente em alguns momentos da vida, foi a diferença social entre nossa família e as famílias com quem eles conviviam, mais para meu filho caçula e o do meio. Isso foi uma coisa bastante difícil de lidar, de compor em casa, porque eram aquelas diferenças sobre o que você pode comprar, o que não pode, onde passar as férias... Ficava essa discrepância muito grande, muito sofrida para eles. Às vezes, me pergunto: “Será que eu fiz bem deixá-los no Vera a vida toda?”. Porque, enquanto são pequenos, essas diferenças não aparecem tanto, mas depois, na adolescência, isso fica mais gritante. Acontece que a gente não ensaia para a vida, então fiz o que achava que era o melhor para eles.

Pelas pessoas que eles se tornaram, pela integridade deles, os valores, a forma de olhar o outro, sinto que isso tudo foi construído pela família e pela Escola. Mas foi realmente complicado não poder, por exemplo, ir para a viagem de Estudo do Meio, porque a gente não tinha dinheiro para pagar a viagem proposta. Não tirou pedaço, mas foi muito duro. Para a gente, como mãe, acompanhar isso foi bastante sofrido, mas, enfim, acho que atualmente não faz tanta diferença.

## Diversidade no Vera

Me encontro bastante com Angela [Fontana, coordenadora], e ela me contou bastante sobre o projeto [de educação antirracista], e eu achei uma coisa maravilhosa de linda, e a forma como ele está sendo pensado é bem acertada, trazendo essas crianças de outras origens, outros *backgrounds*, em número também, porque não adianta bolsa para uma ou duas pessoas, porque elas vão continuar se sentindo

peixe fora d'água. Agora, tendo assim um grupo mais volumoso, aí, sim, faz diferença e dá para modificar, inclusive, os outros que têm outros tipos de vivência, eles aprendem uns com os outros, porque a escola é para isso, para gerar essa fricção entre os diferentes.

## Intervalos para novos ares

Teve uma época em que tirei uma licença, aliás, tirei duas licenças sem remuneração. Uma foi antes de eu ir para o Verão, porque eu tinha muita vontade de fazer um mochilão pela Europa por muitos meses, sem data de volta. Então, quando finalmente me formei — porque entrei no Vera antes de me formar! —, pedi uma licença sem remuneração. Foi em 1980. Eu já estava na Escola há três anos e fui para Europa, fiquei lá oito meses. Foi uma experiência muito importante. A Escola não tinha me garantido de que haveria uma vaga me esperando, mas, assim que voltei, uma colega do Verinha estava entrando em licença-maternidade e não havia ninguém para ocupar a vaga dela, então me chamaram. Um pouco mais tarde, fui convidada para fazer parte de uma equipe do MEC, para formação de formadores de professores da rede pública pelo Brasil afora. Viajei pelo Brasil todo fazendo essas formações.

Foi uma experiência muito, muito rica. Nessa hora, acho que a formação que o Vera vinha me dando estava sendo mais significativa do que a da faculdade, essa coisa da sala de aula, de lidar com o professor. Foi a primeira vez que trabalhei com adultos, e foi muito interessante, muito rico. O Vera me proporcionou ficar esses meses sem a sala de aula.

Foram os dois momentos, nesses 32 anos, que fiquei um pouco afastada da Escola.

## As voltas da vida

Quando chegou a hora de me aposentar, o medo que eu tinha era de ficar sem crianças por perto. “Como que eu vou fazer na minha vida sem ter criança junto?” Achava que não ia conseguir sobreviver, porque a criança proporciona essa energia, essa alegria, essa vontade de descobrir coisas, e isso vai contaminando você.

Quando me aposentei, tinha planos de viver um sabático bem esticado, levar minha mãe para conhecer Portugal, fazer um ateliê na garagem de minha casa. Meu plano era fazer um ateliê, dar aula particular para crianças ou adolescentes, adulto. Mas, aí, a Stelinha [Barbieri] tinha ido trabalhar como curadora educacional na 29ª Bienal de São Paulo e, assim que ela soube que eu estava aposentada, me convidou para fazer parte da equipe dela.

A vida inteira eu tinha vontade trabalhar em uma instituição cultural também, achava que faltava essa ponta na minha experiência como arte-educadora, então eu não podia falar não para o convite de uma Bienal. Pensei: “Bom, Bienal é um ano só. Deixo meus planos atrasados por um ano e aceito o convite da Stella”. Foi uma experiência absolutamente transformadora na minha vida. Quando entrei na Bienal, quem encontro trabalhando na equipe? Ex-alunos do Vera, já jovens adultos. Pensei: “As crianças da minha vida agora são os jovens, porque, para trabalhar com criança muito pequenininha, é preciso ter uma energia que já não tenho tanto. Depois que abaixo, não consigo mais me levantar com aquela facilidade, tem que ficar me agarrando nas coisas e tudo” [risos]. Então, sala de aula realmente não dava mais nem para pensar. Mas, lá na Bienal, tive essa alegria de trabalhar com vários ex-alunos, monte de gente de quem eu tinha sido professora. Foi uma delícia reencontrá-los nessa outra fase, já se formando profissionalmente, escolhendo carreira, alguns indo para a carreira de artes também. Foi maravilhosa essa experiência de reencontro em outra etapa da vida.

Caí na Bienal e, de cara, eu tive 500 estagiários para dar conta. Sem experiência alguma de grupão, ter que organizar 500 estagiários que depois viraram 300, porque a gente estava formando um grupo de estagiários para atender o público na 29ª Bienal. Entrou um grupo de 500 e, depois de dois meses, a gente selecionou 300. A gente se reunia e falava: “Gente, como é que isso está dando certo? Não dá para entender como é que está dando certo”, porque realmente era uma demanda sobre-humana.

Fiquei 12 anos na Bienal! Acabei de sair de lá. Foi a pandemia que me deu o ponto-final, porque, se não, acho que estaria lá até hoje. Com esse negócio de de repente estar dentro de casa, tendo que inventar o trabalho todo que você faz presencialmente através das telas — e a parte tecnológica lá em casa não era tão boa —, passei muito sufoco. Você vai dar palestra para 50 professores, e sua internet cai! Foi cada lance tão estressante!

Meu marido teve problemas sérios de saúde nesse meio tempo, precisa de acompanhamento depois de um AVC, e, nesse período da pandemia, eu não tinha ajuda externa nenhuma. Fiquei com todo o trabalho da casa, toda atenção do meu marido e mais o trabalho virando online. Quase tive um *burnout*, foi por pouco mesmo. “Não, saúde em primeiro lugar, deixa eu dar um jeito na minha vida”. E aí, infelizmente, tive que pedir demissão da Bienal, mas morro de saudade lá também.

## Tudo por um banho de lama

Eu adorava ir para os acampamentos — Paiol Grande, RepLago, Carroção. Eram experiências muito legais. A gente passava três dias com as crianças, tinha toda aquela farra da noite; os que tinham medo; os que vinham para sua cama dormir junto, porque estava com saudade da mãe; os que ficavam resfriados, íamos atrás da ficha e de dar os remédios. Uma coisa que a gente brincava até na equipe era que eles

estavam sempre com a mesma idade, e a gente estava sempre um ano mais velha para aguentar o tranco dos acampamentos.

Havia experiências corporais mesmo, que estão na memória das minhas células! O que é aquela coisa do futlama, a trilha do Barroso, quando você ficava com lama até o pescoço? Aquilo é uma coisa transcendental, uma delícia, morro de saudade. Tenho vontade de ir lá no RepLago e fazer essa trilha de novo e, depois da trilha, aquele banho de esguicho enorme e o tal do futlama, que era jogar futebol no meio de um charco maravilhoso. Isso aí eu não esqueço nunca mais, morro de vontade de voltar e experimentar.

## A construção de cada um: marca indelével

Logo que entrei no Vera, a gente fez um grupo de amigas. Todo mundo com 22, 23 anos, aquele começo de vida. A gente ficou muito amiga. Um amigo meu, que era de outra área, falava: “Nossa! Deve ser muito bom trabalhar num lugar em que você tem vontade de sair com o pessoal no final de semana, tem vontade viajar com as pessoas, eu não tenho isso no meu trabalho”. Eu falava: “Você não imagina como é bom!”. E essas amizadas eu carrego até hoje, são minhas amigas da vida, meus amigos da vida. É muito importante isso que a Escola gerou de significado na vida de quem trabalhou aqui, na minha, particularmente. Dou este testemunho como uma coisa muito importante que carrego dentro de mim, com muita força.

Tinha certeza de que o Vera faria 60 anos! Só não tinha certeza de que eu estaria aqui dando este depoimento, pelo que me sinto muito honrada. O Vera vai longe, longe, porque é um trabalho feito com muito amor, muita verdade. A Escola que eu conheço não faz de conta, ela faz para valer mesmo.

É claro que cada um de nós que trabalha aqui, que trabalhou aqui, tem sua essência, mas a maneira como a Escola mudou essas essências, tudo isso construiu a pessoa que sou hoje. Estou com 69 anos, e o Vera é um pedaço enorme desses 69 anos. Tem uma marca que é indelével, e sou muito agradecida por isso.



# Exemplo de vida

Leonardo Ferreira dos Santos (Leo)

Auxiliar de manutenção e serviços gerais (Verinha)





## São Paulo recebe Leonardo

Nasci no estado do Piauí, em Marcos Parente, uma pequena cidade no sudoeste do estado. Cheguei aqui em 1984, tinha 21 anos, através de um irmão que já é falecido. Ele me convidou, e eu vim pela primeira vez. Foi um processo de curiosidade. Eu não tinha nenhuma experiência em cidade grande. Então, ele me convidou, e eu aceitei, pedi permissão para meus pais — eu era sempre uma pessoa muito obediente a meus pais —, aí, eles deixaram, e eu viajei para cá.

Minha cidade tinha três mil habitantes, hoje ela tem cinco mil habitantes; continua muito pequena, mas muito gostosa. Aqui, fui trabalhar em um supermercado. Fiquei aproximadamente dois anos, depois saí, porque eu ganhava muito pouco e fui trabalhar numa metalúrgica, onde eu tinha um bom salário. Só que eu não tinha um conhecimento do procedimento das metalúrgicas, e ela acabou me dando umas férias bem antes de completar um ano. Eu tinha programado viajar nas minhas primeiras férias para eu rever meu povo, meus pais, meus irmãos, amigos, enfim. Por coincidência, recebi essas férias coletivas, acabei não viajando porque estava bem próximo de quando eu tinha saído do outro emprego. Enfim, não dava para eu viajar e, aí, acabei pedindo para sair da empresa depois que eu retornei das férias. Saí e viajei até minha terra para rever meu povo, meus familiares. Depois de três meses, retornei para São Paulo. Foi quando comecei a trabalhar na Escola. No início, foi mais para ver se eu conseguia voltar a estudar. Eu achava que, começando a trabalhar numa escola, seria mais fácil voltar a estudar, mas não foi o que aconteceu. Só que eu sempre tive muita facilidade para trabalhar com criança. Eu venho de uma família muito grande.

Meus pais tiveram nove filhos, 29 netos e 33 bisnetos, até meu pai falecer, em 2015. Então, era uma família gigantesca, sem falar nos primos, que são muitos, muitos mesmo. Isso fez com que para mim fosse muito fácil estar envolvido nesse meio, lidar com criança, com

muito público, estar no meio dessas pessoas, constituir uma amizade, uma vivência saudável. Eu sempre tive facilidade para ter esse tipo de convívio com as pessoas. E fui cada vez mais me apaixonando por isso, cada vez mais eu me empolgava com esse trabalho. Era um ensinamento para mim, e eu também estava contribuindo para que essas crianças também pudessem receber, da minha parte, um funcionário que tinha dedicação, que tinha vontade de ensinar dentro do que eu podia oferecer a elas, aquela convivência, aquele apoio.

## O que importa: ser verdadeiro

Comecei na função de vigia, sempre no Verinha, mas foi um período de quatro anos apenas. Depois, passei para a função que tenho hoje, que é auxiliar de serviços gerais e manutenção. Estou até hoje fazendo isso. Mas sempre fui o porteiro, sempre estou ajudando na limpeza, na manutenção dos pátios, de uma certa forma. Fui plantonista por 32 anos dessas crianças, era eu que entregava elas. Até hoje, recebo as crianças durante o dia, aquelas que são entregues pela frente da Escola, tipo um corredor. Então, tem os funcionários que recebem, e eu sou um deles. De uma certa forma, estou sempre no dia a dia, convivendo bem próximo deles [alunos]. E antes da pandemia eu era o plantonista. No final do dia, eu estava com eles, era eu que entregava eles para cada um dos pais.

Continuo fazendo isso na portaria, mas aí já não sou mais um plantonista, são outras pessoas. Para mim, sempre foi isso, estar próximo das crianças, oferecer a elas um apoio, porque tem aquelas que são mais fáceis, aquelas que são mais difíceis, tem umas que são mais confiantes, tem outras que não. Isso faz parte do ser humano.

São crianças pequenas. No início, não havia Alvilândia, então, as crianças começavam no Verinha com três anos, chamava-se Maternal. Elas iam até a 1ª série, hoje 2º ano. Eram cinco anos no Verinha: Maternal, Jardim 1, Jardim 2, Pré e 1ª série. Hoje são três séries: G5, 1º e 2º ano.

A partir do momento que eles implantaram a Alvilândia, para os pequenos, houve esse processo de mudança. Não foi muita mudança, no sentido de que, quando eles chegavam aos três anos, no Maternal, eles estavam naquele processo de aprender algumas coisas, principalmente, de ir ao banheiro, brincar com o amiguinho que estava em volta; ainda era um processo de iniciação. Já no G5, não, eles já estão no começo da alfabetização, já é um processo mais avançado. E, aí, tem aquela iniciação da alfabetização para chegar no 2º ano apto para ir para o 3º, no Verão.

Todos nós, funcionários, estamos lá para fazer nosso trabalho e ter esse cuidado com as crianças, dando total apoio a elas no que for necessário. Ajudando, recebendo o que os pais estão entregando, levando até a classe, buscando quando o pai vai buscar mais cedo. É um processo bem movimentado no dia a dia, porque quase sempre tem essa necessidade.

As crianças prestam muita atenção e, às vezes, fazem até perguntas: “Ah, o que você faz, Leo?”. Não só a mim, mas aos outros também, que prestam o mesmo tipo de serviço. As crianças nessa faixa etária são muito curiosas, costumam perguntar muitas coisas no dia a dia. E uma das coisas que sempre faço é ser verdadeiro. Ser verdadeiro é uma das partes mais importantes que você tem quando oferece um trabalho. Quando você oferece um serviço, se propõe a fazer algo, seja sempre verdadeiro com aquilo que você faz, porque, aí, você está oferecendo confiança. Quem está observando, está vendo que você é uma pessoa verdadeira, que é uma pessoa de confiança, e é o que eu faço durante todos esses anos que estou na Escola.

Ensino a elas como ter cuidado com as plantas, com algumas coisas que não podem ser danificadas. Por exemplo, chego em algum lugar, tem uma criança que está chutando uma porta, digamos assim. Aí, eu chego e já falo: “Olha, não pode fazer isso, você vai danificar a porta, a fechadura, não faça isso”. Aí, ela ouve com atenção e acaba não

fazendo mais. Então, esses pequenos ensinamentos são positivos, são proveitosos, porque a criança vai observar que não é para fazer aquilo, que aquilo não está certo, não é para ser feito, porque ela está danificando uma coisa que é útil para a Escola, para a gente, para o dia a dia.

Assim como não é para quebrar um galho, não é para machucar uma planta, porque tem plantas grandes e tem plantas pequenas. Então, essas observações são feitas por nós, adultos, orientando as crianças a não danificar.

## Uma família formada

Eu estava há uns cinco anos no Vera quando me casei. Minha esposa é da minha cidade, mas ela não morava aqui. Ela morava lá. Então, eu me casei, retornei sozinho; depois de uns meses a minha esposa veio, porque ela era funcionária pública, precisava se desvincular desse trabalho. Tanto que, no início, ela veio com licença sem vencimento, por dois anos. Após esse prazo, ela tinha que optar por desistir definitivamente ou retornar para o trabalho dela. Cheguei a falar com a dona Yolanda [Vidigal Meyer], uma das fundadoras, que eu precisava sair da Escola, porque eu gostaria de retornar com ela para ela não perder o trabalho, porque era um emprego concursado. Eu não gostaria que ela perdesse. E o meu, não, o meu era um emprego que para mim era mais simples, eu poderia arrumar outro em qualquer lugar. Mas, aí, ela fez a opção de ficar também. Eu disse: “O que você achar que deve fazer, você faz. Na minha opinião, você deveria retornar, mas já que você não quer, tudo bem, aceito sua condição”. E assim a gente ficou.

Depois de uns três anos, nasceu meu filho, Danilo. Aliás, ele fez 30 anos ontem. Danilo ficou com a mãe, sem ir para a escola, até os três anos, mas isso foi uma decisão nossa, minha e de minha esposa. Disse: “Não quero o meu filho pequenininho na escola, eu quero que ele se fortaleça

mais, em casa, com a mãe". Depois de três anos, a gente colocou ele numa escolinha bem próxima de casa. Ele ficou um ano e pouquinho, e, aí, foi o momento em que eu pedi a bolsa à Escola, para colocar meu filho onde seria o G5 hoje. Então, ele começou no G5 de hoje e deu continuidade até os 17 anos, quando terminou o Ensino Médio.

Ele sempre foi muito bom aluno, nunca teve nenhuma dificuldade para nada. Recebeu uma orientação de minha parte, porque eu sou muito exigente e a mãe dele também. Nosso filho, apesar de ter estudado numa ótima escola, tinha orientações diferenciadas, porque a gente foi criando com princípios muito rígidos. A forma de conduzir nossas vidas, uma família muito grande... Como esses pais vão criar nove filhos? Oito homens e só uma mulher? Nossos pais criaram a gente com bastante rigidez, no sentido de seguir aquilo que era correto para ser seguido. Não era essa educação de hoje. Não sou contra a liberdade, mas acho que essa liberdade é um pouco exagerada. Acredito muito na disciplina. Eu acho que o aprendizado só é mais saboroso quando você tem disciplina; quando você relaxa demais, esse aprendizado não flui.

Nós criamos nosso filho dentro desse conceito; ele recebia todas as instruções pedagógicas da Escola, mas a orientação de como seguir a vida era oferecida por mim e pela mãe dele. Dan seguiu seu caminho, estudando, dedicado, com muita facilidade no aprendizado. Eu vou só citar um exemplo de quando ele terminou a 8ª série no Verão: das 18 notas do ano, dos três boletins que se recebe no Ensino Fundamental no Verão, ele tinha 15 "A" e 3 "B". Sempre foi esse tipo de aluno. Lia 50 livros por ano, todo ano. Ele pegava toda semana um livro, pegava um na sexta-feira e entregava na quinta seguinte, então pegava outro na sexta.

A gente tinha esse cuidado de orientar primeiro com as obrigações da escola, depois a brincadeira. Então, Dan nunca foi de brincar antes dos compromissos com a escola, o compromisso que ele tinha era com os estudos. Depois dos estudos, aí ele podia brincar, ligar uma TV, ver um desenho que ele gostava ou brincar com algum brinquedo que ele

tinha, mas a prioridade era fazer as tarefas da escola. Então, nunca me deu nenhum tipo de trabalho relacionado a isso.

Quando ele terminou a 8ª série, para fazer o Ensino Médio lá na Unidade da Baumann, ele trouxe a lista: “Pai, eu preciso desses 23 livros para o Ensino Médio”. Eu disse: “Tudo bem, filho”. Tinha uma livraria lá na Praça do Verão. Fui lá e peguei os 23 livros. “Tá aqui, tudo na sua mão”, porque eu não gostava muito de ficar pedindo coisas emprestadas — às vezes dava certo, às vezes não dava certo. Então, eu achei melhor comprar e entregar para ele.

Eu tinha me preparado para isso. Eu me preparei inclusive antes dele entrar na Escola, porque eu acho superimportante você oferecer uma garantia de que seu filho pode desenvolver um trabalho na escola de uma forma bem positiva. E você tendo o material em mãos, fica muito mais fácil fazer isso. Isso é acreditar. Acreditar que é possível. Eu tenho total respeito por todos que são envolvidos na educação do Vera Cruz. Principalmente, por ser uma escola que oferece todas as oportunidades a quem está lá dentro para aprender. Só não aprende aquele que não quiser, mas quem quiser aprender de verdade no Vera Cruz, aprende, porque ela dá todas essas condições. Com os profissionais, com o material didático, enfim, com a orientação que recebe de cada um dentro de suas funções. É o professor, é o orientador, é o porteiro, é o servente que limpa o banheiro e a sala de aula, é a coordenadora, enfim, todas as pessoas que estão envolvidas no projeto. É nisso que eu realmente acredito.

## O futuro agora

Danilo terminou o Ensino Médio aos 17 anos, em 2010. Em seguida, ele fez o vestibular e passou em relações internacionais na PUC. Recebeu 100% de bolsa na PUC porque ele tinha notas muito altas. Ele podia até escolher medicina se ele quisesse, mas ele nunca gostou muito

dessa área. Terminou em 2014. Em seguida, arrumou um trabalho no consulado inglês, passou oito anos, dois anos de estágio e seis anos como funcionário. Agora, em 2021, aceitou uma proposta de outro consulado, financeiramente uma proposta melhor. Atualmente, ele trabalha no consulado dinamarquês.

Ele conhece uns 50 países ou mais. Não só a Dinamarca, mas esses da Europa, quase todos. E um pouco desses do Oriente: Japão, Coreia, Catar, Dubai, todos esses aí, até mesmo a Austrália, Nova Zelândia, todos esses países, porque, no trabalho, ele está sempre viajando.

É um filho maravilhoso, não só porque é meu filho, mas porque é uma pessoa maravilhosa mesmo. Por isso, eu agradeço muito à Escola por ter tido essa oportunidade. Eu sou o único servente da Escola que colocou o filho no Vera, nenhum outro teve essa coragem. Quando eu pedi a bolsa a Angela [Fontana, coordenadora], muitos me perguntaram: “Mas você tem essa coragem?”; “Sim. Por que não? Eu quero sempre o melhor pra meu filho”.

Precisa de coragem exatamente porque eu estava colocando um menino pobre no meio de uma elite. Essa é a diferença, essa é a coragem. Não tinha o projeto que existe hoje.

Eu falava com o meu filho de uma forma adulta. Explicava a ele em detalhes o porquê de eu ter colocado ele na Escola, e o que eu gostaria que acontecesse na vida dele. Então, essas explicações, esse jeito de lidar com ele, no dia a dia, explicando isso, foi encaixando na sua cabecinha, que ele precisava ser um bom aluno acima de tudo, ter uma referência inclusive em relação aos outros, porque ele é referência para seus colegas de escola.

A maioria dos colegas do meu filho é da Escola, não é da faculdade. E todos adoram ele, ele sempre foi uma referência. Além do que ele recebia como orientação da minha parte e da mãe, talvez isso tenha sido

um fator para que ele se esforçasse ainda mais para ter essa condição, receber essa forma de conhecimento, e se empenhar de maneira mais dedicada, para aprender mais, para ser uma referência para parte do grupo, dos amigos, das amigas que estavam em volta.

Enfim, ele sabia que as coisas não eram muito fáceis para mim e a mãe dele, porque nós vivíamos com um salário limitado, morávamos numa casinha de fundo. Não tínhamos mansões ou apartamento de luxo, nem carro, nem casa de praia ou férias na Disney, nada disso. O que eu queria para ele era que obtivesse um conhecimento para que pudesse, na vida adulta, adquirir as coisas com mais facilidade.

Esse era o fundamento do meu filho estar na escola. Era o que eu gostaria que ele tivesse: um aprendizado que oferecesse condições dele batalhar por um trabalho e conseguir, porque a vida é uma competição, as pessoas são competidoras o tempo todo. Quando você se candidata para um emprego, principalmente um emprego de mais importância, você não chega lá sozinho como único candidato, tem vários candidatos. Em todos esses empregos, esses dois trabalhos que o meu filho teve até agora, ele sempre competiu com muitos candidatos. No primeiro, mesmo para ser um auxiliar do consulado inglês, ele concorreu com mais de 40 pessoas. Ele chegou a ser segundo gerente, sempre concorrendo, porque eles não promovem ninguém. Nesse último trabalho, ele começou concorrendo com 38 pessoas; quando chegou nos três últimos, uma das concorrentes era uma ex-chefe dele do consulado inglês. Ela era uma pessoa altamente experiente, mas a vaga ficou para ele. Então, ele é uma pessoa que tem essa dedicação, que procura se aprimorar o tempo todo. Ele fala muito bem o inglês e ele tem um pouco de espanhol e de francês. Ele entende. Não é muito fluente, mas entende bem.

## Uma questão de pele, mas não só

Quando eu falei da época do meu filho, não havia esse projeto, não se falava em racismo, não se falava nesse assunto. Quando aparecia uma criança negra na Escola, era adotada por alguma família branca e rica. Então, a gente quase nunca via um negro na Escola. Como a minha esposa é branca, meu filho não tem pele escura que nem a minha. Em qualquer lugar, ninguém vai achar que ele é filho de um negro, assim, pela cor dele, mas eu não tenho essa preocupação. A minha maior preocupação sempre foi relacionada à condição social. As pessoas são muito vistas de acordo com a condição financeira que têm. Eu sentia um pouco esse lado financeiro.

Quando as outras crianças, que gostavam muito de mim, queriam ir à minha casa, eu nunca me opus a isso. “Dan, eu quero ir pra sua casa”, ótimo. Combinava com as mães e tal. Iam. Os meninos iam, as meninas também. Era aí que eu percebia que algumas delas, não todas, mudavam o comportamento comigo; não as crianças, os adultos, as mães. Porque elas descobriam onde eu morava, numa casinha humilde, simplesinha, num fundo de quintal, mesmo sendo em Alto de Pinheiros, um bairro de rico. Moro bem pertinho da Escola. Eu vou para a Escola e almoço em casa todos os dias. Isso facilitou muito a minha vida e a do meu filho também. Então, eu percebia mais esse lado, não era nem a questão da minha cor ou do meu filho, era mais a questão financeira. Mas eu também não dava importância a isso, porque sou uma pessoa muito equilibrada. Para eu desmoronar, vai ter que acontecer uma coisa muito grave, porque eu não sou esse tipo de pessoa, sou uma pessoa muito equilibrada em tudo que faço, em como direciono minha vida. Sou uma pessoa que organiza tudo de uma forma equilibrada, para nunca faltar o que eu preciso.

Então, essa confiança que tenho em mim mesmo eu ofereci ao meu filho também, para que ele se tornasse um homem equilibrado,

firme, capaz de resolver as coisas sem ter um queixume. Vamos fazer as coisas de uma forma mais positiva, acreditar que é possível, que a gente vai conseguir chegar em algum lugar para que nossa vida, no futuro seja melhor.

É necessário que os pais estejam próximos dos filhos, porque só assim eles vão confiar mais nos pais, vão acreditar mais no que os pais falam e fazem para terem uma vida digna. E o bom da Escola Vera Cruz é que é a única diferenciada entre as escolas. Ela consegue oferecer um padrão de ensino para que seus alunos façam parte da sociedade como grandes cidadãos e cidadãs. Essa é uma diferença na Escola Vera Cruz; ela não é uma escola seletiva, ela é inclusiva. Todos se abraçam, todos se apoiam, todos querem o melhor para seus filhos, mesmo aquelas famílias que não são tão ricas, mas são sempre muito bem acolhidas. Tenho muito orgulho de fazer parte da Escola Vera Cruz exatamente por ser assim. Mesmo eu sendo um servente, sendo negro, sou uma pessoa muito querida na Escola por praticamente todos os pais e mães, não só pelas crianças, porque eu tenho respeito total por todos e todos me respeitam muito. Não tem nada melhor do que isso: você ser uma pessoa querida, respeitada. Isso é muito importante e é o que eu almejo para todos — pobres, ricos, brancos, negros, não importa.

## A bolsa e a vida

É aí onde entra o projeto que foi implantado há dois anos na Escola, sobre dar oportunidade a essas crianças, a essas famílias negras e pobres, porque elas são as duas coisas, não é só uma coisa, não é só a outra. Porque você ser negro adotado é uma coisa. Se você for negro, filho de um jogador de futebol que tem fortunas, é diferente de uma pessoa que mora na periferia, que não tem carro, que anda no transporte público, que mora numa casinha humilde ou, às vezes, até num barraquinho. Quantas famílias no Brasil vivem nessa situação?

São milhões delas nessa condição. Então, quando a Escola abriu esse projeto para oferecer a essas famílias que seus filhos possam estudar numa escola de ótima qualidade, como o Vera Cruz, foi a coisa mais fantástica, a mais maravilhosa que aconteceu nos meus 30 e poucos anos de Escola, porque está dando a oportunidade que meu filho teve. Dá oportunidade dessas crianças, no futuro, serem alguém bem diferente do que elas poderiam ser se não tivessem essa oportunidade. Quando você oferece a essas crianças pobres e negras a oportunidade de terem uma boa educação, oferece a elas uma vida diferente do que elas poderão ter no futuro. Os caminhos que elas, hoje, estão seguindo é para o amanhã delas ser diferente do da maioria dos brasileiros, que são, hoje, pobres e negros.

## Um momento especial

A despedida do 2º ano, no final do ano. É um momento muito emocionante. Fico muito emocionado com aquele momento. É a despedida do 2º ano para o 3º ano, no Verão. Todo ano tem essa programação, desde quando eu cheguei na Escola. O professor de Música, dentro do semestre, faz todo o planejamento. Eles têm aquele treinamento durante o semestre inteiro. Uma semana antes de terminar as aulas, tem essa apresentação, o coral dos alunos do 2º ano, para todas as famílias. E, aí, tem os pais, os avós, amigos, primos, enfim, familiares. Esse é um momento dos mais emocionantes da Escola, mesmo para quem já viveu tantos anos, como eu, presente no dia a dia; sempre me emociono nesse dia porque eles apresentam umas músicas, e algumas pessoas até choram. Primeiro, porque eles estão se despedindo do Verinha para irem para o Verão; e pelo que eles apresentam, músicas tão bem elaboradas, uma apresentação especial, e com a presença de seus familiares se torna muito mais emotivo aquele momento. É um momento muito especial para mim e, acredito, para todas as famílias. É muito empolgante, muito maravilhoso esse momento.

## Sair e dar lugar

Já comecei a pensar sobre sair do Vera, até porque, quando a gente se aposenta, tem que ceder o lugar para outro. Acho que para que um novo comece um trabalho é preciso que o velho saia. Acho que é preciso a gente ter esse entendimento. Fiquei tantos anos trabalhando, me aposentei. Então, eu vou ceder o meu espaço para outro que precisa. Além disso, tenho um trabalho braçal. Não é fácil você passar 35 anos trabalhando assim, é um pouco cansativo. Em algum momento, chego à noite em casa e estou com meus braços e perna supercansados, é natural; já não sou mais um garoto, tenho 60 anos.

Então, já estou pensando sobre isso, por esses dois motivos: primeiro, pela idade, já um pouco avançada; e, segundo, porque eu acho que tenho que dar oportunidade aos mais novos, uma vaga para uma pessoa mais jovem começar, ganhar seu dinheiro, oferecer alguma coisa para sua família. E até ter a oportunidade, se tiver filho, de colocá-lo na Escola, por que não? Se foi tão importante para mim e para meu filho, pode ser importante para os outros.

Já fui convidado por outras escolas para trabalhar, mas eu não sei se vou fazer isso, não pensei, em definitivo, o que eu vou fazer depois que eu sair do Vera Cruz. A princípio, penso em ficar uns dois ou três meses sem fazer nada, replanejando alguma coisa. Depois, vou ver o que posso fazer. Eu não queria assumir um compromisso, mais um emprego com registro em carteira para estar lá presente todos os dias, de segunda a sexta-feira, ou de segunda a sábado, como estou até hoje. Já que me aposentei, pelo menos eu gostaria de ter um trabalho mais suave, uma coisa mais flexível. Mas não dá para ficar totalmente parado, principalmente com 60 anos, tem que fazer alguma coisa.

Gostaria de agradecer a meus colegas de trabalho, todos, do administrativo e do pedagógico. Agradecer à Escola por ter oferecido não só o trabalho a minha pessoa, mas a oportunidade a meu filho. Agradeço

a Angela, que foi a primeira pessoa, que eu subi à sala dela para pedir esse apoio, essa bolsa. Enfim, é uma pessoa por quem tenho muita gratidão, em função disso. À Direção da Escola, a seu Heitor [Fecarotta, diretor geral], e, hoje, a Marcelo [Chulam, diretor de gestão], a Regina [Scarpa, diretora pedagógica], que não faziam parte antes. Agradeço a todos eles. Aos que já saíram, aos que já são memória, pessoas maravilhosas que faziam parte do dia a dia de nossas vidas — a gente sempre foi muito amigo. A um professor em especial, Roney [Luiz Rosa], que já se aposentou há muito tempo e mora no interior de São Paulo. À minha primeira supervisora, a finada Yara [Miranda Collet e Silva], que era uma pessoa fantástica, muito bacana. E a todos, os pais, as crianças. É por elas que estou até hoje, procurando fazer o melhor possível por todos. Eles sempre acreditaram em mim, e isso é superimportante.

Desejo que o Vera Cruz, que está completando 60 anos este ano, se multiplique por muitos 60. Que tenha uma vida longa, oferecendo, cada vez mais, o melhor a essas famílias, a essas crianças e a todos que fazem parte dela.



4 5 6 7 8 0 1 2 3 4 5 6 7 8

Voa longe!

6ª série - 11 de maio de

- 1. Litteratura
- 2. Organização da sala para a assembleia
- 3. Assembleia
- 4. Lanche/aulas
- 5. Entrevista com o diretor
- 6. CAC

no... não traz de... tendo... não... para... não... não... e...



Com Joselita [Lita] Santos



Um longo  
caminho e outro  
a percorrer

Leonel de Oliveira (Leo)

Inspetor de alunos (Verão)





## Quando tudo começou

Vou fazer 59 anos, sou de escorpião. Cheguei no Vera no dia 16 de maio de 1989. Antes eu trabalhava num condomínio na Cerro Corá. Trabalhei oito anos lá. Lá eu ganhava um salário mínimo e saiu uma oportunidade aqui, e eu vim falar com a Vera [Lucia Froio], do RH. Foi minha primeira chefe. Aí, depois eu fiz entrevista com a dona Stella [Mercadante, diretora], e depois veio a resposta. Positivo! Fui contratado como porteiro, trabalhei muito tempo lá na portaria. Sempre trabalhei no Verão, mas aí quebrava galho nas outras Unidades: no Inglês, no Verinha, no Ensino Médio. Festa Junina, se precisava fazer algo, eu sempre tava lá.

Comecei como porteiro, mas sou curioso, gosto de trabalhar e sempre ter envolvimento. Então, eu comecei a fazer tudo. Além da portaria, comecei a fazer manutenção, fazer painel, grudar quadro na parede, fazer faxina. Não rejeito nada. A gente sempre está ativo, e o tempo vai passando mais rápido pra gente também.

Também ajudo nas festas, em exposição dos alunos, sempre estou meio envolvido, no Feito por Nós, na Festa Junina. Em todos os eventos eu estou envolvido, me colocam lá no meio e eu vou, né? É uma delícia.

## Apoio na travessia

Sou conhecido pelos alunos por causa do meu envolvimento com eles. Trato como meus filhos. Eu tenho quatro filhos e trato eles como se fossem meus filhos. Não posso fazer algumas coisas, né? Como dar uma palmada [risos], mas são como filhos. Filhos do coração.

Eu tinha duas vontades na minha vida: trabalhar com idosos, que a gente aprende muita coisa com idoso, e aí vieram as crianças. Apareceram e eu me apeguei a elas. Porque a gente aprende muita coisa com elas. Hoje a criança já nasce quase falando e a gente acha que é

um pouquinho mais antigo. A gente aprende muito, muito, com elas e às vezes falam coisas que a gente vai pensar. Vai tentar aprender, entender. Para a gente poder ajudar, é muito bom. A gente aprende muita coisa, com todo mundo, né? Mas com a criança é coisa nova. Continuação... Nossa, o futuro. E a gente pensar que ela vai ser o nosso futuro, para um Brasil melhor e um mundo melhor.

No turno da manhã, tô na entrada. Faço a entrada já falando: “Deixa a preguiça do outro lado!”, “Acorda!”, “Ânimo!”, “Mais rápido!”. Então, esse é o começo de um bom dia! Às vezes algumas pessoas não gostam daquele bom-dia alto para acordar a vizinhança, que é como eu falava: “Vamos acordar a vizinhança”. É desse jeito que começa. Depois eles entram, vou fazer as outras coisas, que nem, agora de manhã, fui à composteira. Aí me chamaram para ver a exposição, que vai ser no sábado. Então, a gente vai ajudando a organizar, organizando tudo.

Na hora do recreio, não, porque eu tô na travessia [ajudando as crianças a atravessarem a rua para a praça]. Aí, depois entro e vou fazer outras coisas. Tem um segurança que fica no portão e eu vou fazer outras coisas.

Conheço alguns pelo nome, sim. Mas passado o tempo, a cabeça já não é mais como antes. Alguns, sim. Depois a gente guarda o dos mais danados. Dos que dão mais trabalho [risos]. Desses a gente guarda mais o nome. Mais agora, que eu não fico mais no portão da saída, só na travessia. Aí, entra criança nova, mas de alguns ainda a gente guarda o nome.

## Feito por Nós e por Leo

Eu dou a ideia e eles abraçam [risos]. Que nem: comecei fazendo pão. Na primeira remessa, eu fiz 50; na segunda, fiz 80. Faço aqui! Chego um pouco mais cedo, preparo o fermento, faço ele crescer de volume.

É pão caseiro, né? Você deixa descansando para depois bater a massa. E depois eu inventei também a pizza, e o plantio de mudas para os pais levarem. Eu participava de três eventos: planta, pão e a pizza. Fizemos sucesso.

Porque todo mundo gosta de uma coisa mais orgânica, que não vai assim tanto material químico. Então, a gente tenta fazer, e eu faço isso em casa. Com os netos, em aniversário dos meus netos, eu faço a pizza e o pão. Aí, eu divido com os vizinhos um pouquinho, um para o lado direito, outro para o lado esquerdo. Sempre fazendo alguma coisa diferente.

No Ensino Médio eu sempre vou para fazer os enfeites da Festa Junina. A dona Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica] me encarregava de fazer os enfeites. Modelava os papéis e depois ia para a biblioteca com os alunos fazer as flores. E nisso a gente vai ajudar os alunos a enfeitar as barracas. Aí, coloca a saia com chita, as faixas com os nomes das brincadeiras. Das brincadeiras, geralmente, eu e Toshiaki [Tateyama, coordenador de Esportes] sempre estávamos participando. O Toshiaki chamava ali e a gente já fazia. O pessoal de Arte também fazia as faixas, a gente sempre estava ajudando, para colocarem a molecada para trabalhar. E a do nível 2 [do 3º ao 5º ano], a gente fazia aqui [no Verão]. Eu, e os meninos e as meninas também, ajudando a fazer os enfeites. E eu com as minhas ideias: fazer o balão, fazer umas coisas diferentes. Brincadeiras também diferentes! Sempre dando opinião para ter coisas novas, brincadeiras novas, enfeites também diferentes, fazer uma montagem diferente das outras, sempre para aparecer uma coisa diferente.

## Alunos mais que especiais

O Verão tem muito obstáculo, tem muita escada, precisaria ser num lugar mais plano, por causa dos deficientes, e a gente se cansa muito

também. Na época não tinha elevador, não tinha essa plataforma que sobe até a quadra, a gente carregava no braço, a gente pegava um por um lado, que nem o Felipe. Ele não gostava que o carregassem na cadeira. Tinha medo de que derrubassem ele. Então, eu pegava ele no colo, trazia até a quadra e outro trazia a cadeira. O Pedro também! Trabalhamos muito com eles e depois, geralmente, eles vão crescendo e vão ficando mais pesados e isso necessita da gente mais força. Depois veio o elevador, a plataforma.

O Felipe é apegado até hoje, porque ele passa para visitar. O Felipe foi um caso especial, né? Ele tinha mais confiança em mim, ele falava que eu era o único que não tinha derrubado ele — éramos eu e a cuidadora dele, a Kekéu. Eu faço pão para ele também. Agora tem um pedido, ele está com vontade de comer meu pão e eu vou ter que fazer para trazer pra ele. Então, ele se apegou demais. O Pedro também era um menino que tinha os problemas dele, mas ele era mais ativo, tinha movimento nos braços, mas o Felipe já não tem, anda até amarrado na cadeira.

Quando ele entrou, não tinha um banheiro que desse condições para ele. Aí, eu, com as minhas ideias, falei com Ana Lúcia [Amaral, supervisora administrativa] e fizemos uma mesa. Tipo um balcão, para não pegar espaço, porque só tinha aquele banheiro para deficientes, que ela dobrasse e ficasse na parede, e a gente colocou um gancho para ela não despencar na cabeça de ninguém. Aí, depois compraram o assento adaptado e a cadeira de rodas, que até aí não tinha. Aí, a gente tinha que segurar. E o Felipe não tinha mobilidade nenhuma do corpo. Aí, foi necessário fazer essa mesa, essa mesa embutida na parede. Ela ficou como uma cama japonesa, abaixa e levanta. Bem prática, e funciona até hoje. E com eles foi muito bom.

O Felipe se queixava, ele falava, porque ele queria ser igual aos amigos. Ele queria fazer algumas coisas, queria ter mais mobilidade no corpo, mas ele não tinha. Ainda bem que tem um pai, uma mãe e os

irmãos que cuidam dele muito bem. E as cuidadoras também cuidam dele muito bem.

O Pedro foi o primeiro. Disse que já está muito bem e está se virando sozinho. Ele foi para os Estados Unidos e depois voltou. Tem um grupo de amigos que se encontra com ele às vezes, eles passam e eu pergunto como está ele, e dizem: “Está ótimo! Dando trabalho, né?” [risos]. Dá aquela saída, balada, essas coisas. Então, tá muito bem.

Sempre tenho notícias dos ex-alunos, que às vezes passam na porta, tiram fotografia comigo, mandam para os amigos. Então, é bastante o que acontece. E a gente sente falta. Não passam para visitar a gente e a gente sente falta. São os filhos, né? A gente cria o filho para o mundo.

Eles têm a vida deles. Têm as obrigações, mais responsabilidade. Eu falo sempre pra eles: quando pega a responsabilidade, depois vêm os filhos, e mais responsabilidade ainda. E a gente agora está recebendo os filhos dos ex-alunos. Então, é bom, é bom a gente ver que a roda gira. E eles: “Ah! Que pena que você vai sair!”. Mas agora preciso descansar um pouquinho, meu tempo já foi.

## Fuga na pandemia

Eu fiquei em casa sete meses. Eu fugi algumas vezes. Não para cá [risos], fui para outro lugar. Teve um dia que eu fui no banco, já que tinha o problema da covid e algumas agências estavam fechadas. Peguei um ônibus, saí do meu bairro (moro em Santana do Parnaíba) e não avisei ninguém também, em casa. “Onde seu pai foi?”, “Ele foi pagar uma conta!”. Aí, a plaquinha dizia que estava com suspeita de covid, estava fechada, era para procurar o centro Santana de Parnaíba. Daí eu não vou. No centro Santana de Parnaíba dá muita gente. Eu vim pra Vila Anastácio, que fica aqui na Lapa, também fechada. Aí, eu fui ali na Nossa Senhora da Lapa, também

estava fechada. Aí, eu lembrei: “Eu vou lá no Vera, que a agência vizinha do Vera está aberta”. Aí, eu vim aqui, e aqui não tinha ninguém. Aí, eu passei um tempinho, fui até a portaria e depois voltei para casa, quase fui assassinado [risos], porque eu não avisei. Eu não uso celular, sou do modo antigo ainda, não quero esse tipo de comunicação. Me achar, não!

Aí, cheguei e quase me matam: “Onde você estava?”, “Eu fui lá no banco do lado do Vera, porque lá não tinha ninguém”, “Mas podia ter avisado”. Eu ia avisar como? Mas eu estou aqui vivo. Também não peguei covid. Tomei todos os cuidados, mas foi desse jeito. Aí, depois eu voltei a trabalhar, mas sempre que o pessoal perguntava: de covid eu não vou morrer, não vou morrer! Eu chegava no corrimão de ferro, e já colocava os braços pra trás, também no meio. Evitava dentro do ônibus pegar naquelas ferragens. Quando saía, já passava o álcool e aí chegava em casa, na lavanderia já um pré-banho, para depois entrar para dentro, ir para o banheiro.

E aqui a gente aprendeu a se cuidar. A gente toma mais cuidado no tocar, observar as pessoas, quando uma está tossindo, já não ia ficar do lado. Evitava também ficar sentado. Porque os ônibus estavam vazios, mas eu vinha em pé. Vão ser as únicas coisas em que eu vou passar álcool, nas minhas mãos e nos braços.

Pra Escola a gente vinha escalado, por turnos. Eu vinha num período, aí passava sete dias, depois era escalado de novo. Aí, vínhamos eu e minha filha, que trabalha na cozinha, para não ficar misturando, né? Mas, depois que os alunos voltaram, continua tendo os mesmos cuidados, tomado a vacina, mas com os mesmos cuidados de sempre. Pra gente não transmitir para eles e nem eles para a gente. Então, para evitar essa contaminação, a gente não sabia como é que a molecada ia reagir. Nós tomamos cuidado, mas foi de boa. E depois, quando começou tudo de novo, lá na rua me divertia, porque é bom, né? A gente se sentia abandonada. É uma coisa meio forçada. Meio, não! Forçada! Porque uma

bendita de uma pessoa vai lá, não sei pra onde, traz um vírus, que ele faz uma tremenda desordem, e faz a gente pensar que a gente precisa tomar cuidado. E mais cuidado, porque, além dessa, pode vir outra. Mais uma coisa ou mais mortal do que essa, ou menos. Então, a gente precisa tomar cuidado. Mas a covid de agora está sendo vencida.

Para a gente até que foi rápido, muito rápido. Porque, para a febre amarela, que matou muita gente, o medicamento foi demorado, e agora tem gente mais inteligente e foi mais rápido para combate. Agora está saindo até o comprimido. Prefiro o comprimido que a injeção, porque detesto injeção e ainda por cima tive que tomar duas [risos]. E ainda tem a terceira.

## Antes e depois do Vera

Já tá tudo engatilhado. Parado eu não vou ficar. Eu quero comprar uma chácara. Seja onde for, mas dentro do mato, longe de vizinho. E quero cuidar de plantas. Eu nasci no interior, sou de São Gabriel da Palha, no Espírito Santo. Saí de lá tinha 4 anos de idade. Passei um bom bocado, lá. Aí, fomos para o Paraná, do Paraná voltamos para Vitória de novo. Aí, com 18, 19 anos eu vim para São Paulo, trazido pela minha tia, e aqui eu estou até hoje.

Cuidei de idoso também. Quando eu vim para São Paulo, morei em pensão. Ali na Antônio Borba, e a na pensão tinha uma senhora, que era até deficiente. Ela tinha um problema na cabeça e ela era casada, o marido dela, quando vim morar na pensão, não tinha mobilidade, daí a gente levava. Então eu já comecei desse jeito. As pessoas precisam, né? De ajuda, de se levantar, de caminhar e fazer esses tipos de coisas. Aí a gente levava para dar banho, trocava. A senhora também, a gente cuidava dela e depois os dois faleceram. Ele morava num quartinho tão pequenininho, ele era grande, aquele senhor, e ele ficava encolhido na cama.

Naquela época, para alugar uma casa era mais difícil, porque precisava de fiador. Aí, demorou um pouco e perguntamos ao proprietário se daria para ceder um quarto, para colocar a cama dele, a cama desse senhor, e o proprietário cedeu. Fizemos a mudança dele, mas no dia que a gente fez a mudança, ele faleceu, e eu estava sentado na cabeceira da cama. A lágrima caindo, escorrendo do olho. Fechei o olho e morreu. Ele precisava de espaço, para se esticar, para descansar, mas sofreu bastante. E a esposa dele viveu bastante tempo depois disso. E a gente sempre cuidando, fazendo comida, arroz, ovo, e a irmã dela também. Eu consegui a aposentadoria dela por invalidez, porque é tipo família que não tem aquele vínculo, né? E ela ficava sempre sozinha, não tinha filho. Então, o meio de sobrevivência dela era da pensão, que ela pagava aluguel. Colocava o pessoal, a gente dormia num quarto com oito pessoas, tipo um presídio. Mas sobrevivemos e era uma turma legal, tinha umas pessoas meio tortas, mas a gente não se envolvia, sempre conversávamos. Eu pedia para não acontecer ali no espaço, senão prejudicava todo mundo. Contanto que fizesse na rua, a gente deixava para lá. Mas sobrevivemos. Aí, aluguei uma casa aqui e comecei a trabalhar no Vera, em 1989.

Casei quando eu estava aqui, porque nós moramos um ano e cinco meses juntos. Então, a minha filha tem a idade que eu tenho aqui no Vera, porque a gente se casou depois que teve a minha filha, recém-nascida.

Aí depois eu fui trabalhar de caseiro. Sofri que nem sovaco de aleijado. E quando eu entrei no Vera, aí começou a melhorar, porque eu ganhava um pouquinho mais, dava para pagar o aluguel e depois eu pensei no futuro. Comprei a minha casa quando liberaram aquela carta de crédito. Eu fiquei um ano, um ano e 15 dias na procura de uma casa que desse para mim. Saí do aluguel logo de imediato, sem reforma, sem fazer nada, só a limpeza. Coincidiu que eu achei essa casa onde eu moro hoje, que foi de uma pessoa já falecida também. Ele era também

lá da minha terra, e ele na época não tinha documentação da casa. Eu fiz tudo, ele estava pedindo um valor e ela valia mais. E por onde eu já tinha andado as casas não tinham condições de comprar e morar, precisavam de uma boa reforma. Então, eu não tinha condições de fazer isso. E aí, banquei. Falei com ele se ele não se importava, falou que não, já que a gente era conterrâneo. “Eu espero. Quando ficar pronto, a gente fecha.” E foi assim que aconteceu e agradeço que deu certo, melhorou muito a vida. Depois disso, eu tenho só que agradecer, trabalhando no Vera, todos os companheiros, os colegas de trabalho, ajudaram muito! O Vera Cruz também me ajudou muito. Tenho que agradecer muito os diretores, professores, os coordenadores, tenho que agradecer por terem me ajudado muito e me atuado também. Porque é uma vida, é a metade dela, mais da metade dela, bem boa.

## Leo educador

Me sinto também educador. Porque o que eu sei passo para eles. De composteira, de histórias às vezes, que eles pedem e eu contava as histórias, que eu ouvi das pessoas falarem. Dos meus antepassados também. De plantas.

Semana passada fomos numa sala conversar sobre composteira e sobre as plantas. Nossa! É cada pergunta que eles fazem, e a gente foi respondendo o que a gente sabe, né? Ali tem uma fruta que a gente já tira, já dá pra um, e daí erva-cidreira. “Ah... A minha mãe gosta de erva-cidreira, chá de erva-cidreira, com três folhinhas dá pra fazer um chá?” Eu falei: “Dá! Coloca na xícara a água quente que dá para fazer”. É uma coisa, assim, maravilhosa. É muito bom, você explicar e aprender.

Na sala de aula, falei várias vezes, sobre pichação no banheiro, pichação nas carteiras, o trabalho que dá quando você faz uma pichação

numa carteira, o que vai ali naquela limpeza, quando danifica e o que está se perdendo.

Um belo dia, a cadeira tá raspada com estilete, a fórmica. Qual trabalho que o marceneiro vai ter? Eu vou ter que retirar o tampão da carteira, eles vão ficar com a carteira fora da sala durante um período. Aquele compensado, a fórmica, não dá pra se recuperar totalmente, aí tem o acabamento em volta, que agora é de borracha, e aquilo custa um valor, e aquela fórmica perdida e a cola também, e tem mais o trabalho do marceneiro. E daí o professor pede para ensinar para o aluno. Para a gente explicar, e daí a gente explica pra sala inteira.

Uma vez, todo o 7º ano se propôs a me ajudar a tirar todas as pichações da sala deles. Então, na hora do recreio, eu ia lá com a lixa, lixava junto com eles. Todos eles tiravam e depois limpamos tudo, ficou sem pichação. Então, a pichação agora diminuiu bastante.

Eles picham com aquelas canetinhas, porque às vezes a gente vai com a bucha em cima da fórmica, a fórmica é lisa e acaba o brilho, né? O branco vai soltando e vai aparecendo o preto da fórmica, que é um material escuro e aquela camada branca por cima. Então, quando vai aparecendo, fica uma coisa feia e precisa retirar. Então, é disso que a gente fala, para eles não fazerem uma coisa que fica difícil de tirar, um tipo de caneta que não dá mesmo para tirar, só esfregando na bucha. Mas isso está aos poucos se alterando. Dá resultado.

A gente tem que entender, porque a gente já teve essa idade, mas a gente vai conversando para ver o que arruma, o que tá mal pensado, o que dá, aí eles prometem que não vão fazer mais. Mas melhorou muito, muito, porque tinha muito. Agora, você entra na sala e tem muito pouca coisa rabiscada.

## O futuro pela frente

Sim, comprar uma chácara. Os netos tão adorando. Tô fazendo pesquisa de valores que eu possa pagar, né? Mas eu quero um lugar bem pra dentro do mato. Minha esposa concordou da gente ficar por aqui mesmo, para ficar mais perto dos filhos. Eu quero visitar talvez para passar em médico, alguma coisa, e depois cair fora, não para ficar, eu quero vir só para passeio e voltar. Eu quero ter um espaço para fazer muda, ter um tanquinho para peixe. Eu quero procurar bem uma casinha simples, porque eu nasci numa casinha que era de chão batido, não tinha assoalho. Mas nessa casa vai ter, vai ter assoalho decentemente [risos], mas eu quero uma coisa simples. Se fosse depender de mim, eu não queria azulejo na cozinha, piso, cimento queimado tava ótimo. Adoro cimento queimado.

Então, eu quero ir para um lugar que tenha bastante verde. Eu quero plantar frutas, verdura, legumes, fazer produto orgânico, porque o outro tá ficando envenenado, o nosso ar tá envenenado, as frutas, legumes tão envenenados, tudo tá envenenado. Se você for a um supermercado, geralmente você vai pelo que tá mais bonito. É excesso de hormônio, essas coisas que deixam veneno. No morango vai muito veneno, e todo mundo adora. Além disso, os venenos vão pros rios, pra terra, e acaba ficando em tudo, nascentes.

A gente precisa cuidar, eu quero cuidar. No espaço que eu conseguir, meu espaço vai ser bem cuidado. Às vezes tem só aquele lugarzinho cuidado, mas vou observando para ter um equilíbrio. Quero um lugar que tenha bastante água. Não gosto de rio, mas eu quero água. Pra ter uma plantação mais saudável, sem cloro, que o cloro também atrai doença. E tem outros produtos que eles colocam, além do cloro tem outros, sulfato de cobre, sulfato de alumínio, tem um monte de coisa que faz mal para a saúde. E eu quero viver um pouco mais saudável talvez, um pouco, talvez para viver um pouquinho mais.

## Vera, uma família

Ah! Não falei do meu casamento. Eu me casei no cartório, eu não era casado no religioso, mas eu sou espírita, aí eu fui fazer o curso pra gente se casar na igreja. Quando eu tava lá no altar com a companheira, quando eu olhei para trás, só tinha o Vera Cruz, porque não tinha família nenhuma. Então, minha família era o Vera no meu casamento. Só tinha a turma do Vera Cruz, faz uns quatro anos. Foi muito bom. Muito bom a gente ser agraciado. A gente pensa que tá sozinho, mas não está, tem muita gente em volta que gosta, ama, tem carinho, tem toda uma coisa gostosa pra gente sentir, e olha: fiquei muito feliz de ter todo mundo lá, me dando um abraço, acolhi todo mundo na minha casa e foi muito bom, tenho só que agradecer. Agradecer a família Vera Cruz que me acolheu, e a gente tem uma história.

A gente não pode contar toda a história, porque vai demorar, mas o que dá mais ânimo para continuar é que a gente tem um caminho ainda para percorrer futuramente. Nova etapa.



# O grande Luiz

Luiz Carlos dos Santos (Luizão)

Professor de Língua Portuguesa (Ensino Médio)





## Sou o que soa

Não gostava desse apelido, Luizão; não gosto nem do aumentativo nem diminutivo. Não gosto nem de Luizão e Luizinho. Fui chamado pelos dois. Na minha família, era Luizinho. O primeiro neto, primeiro filho, então, desde pequenininho, Luizinho. Só que aí fiquei com um metro e noventa e no Vera virei Luizão. É uma coisa hiperbólica, exagerada, sei lá, mas eu não reclamava, não. Tenho noção de que é esse o momento para um apelido se fixar, quando você começa a falar que não gosta. Ficou, mas tudo bem. É uma coisa que está associada à minha presença física, melhor do que Negão. Só me chama de Negão quem eu conheço e permito que faça isso. “Você fala Brancão para o professor branco grande? Não fala. Então, pense antes.”

## Os anos de aprendizado

Minha experiência educacional começa com uma atividade voluntária na década de 1970. Sou jornalista de formação, e, à noite, no Rio de Janeiro, dava aula em uma das comunidades do Complexo do Alemão, por iniciativa nossa e de uma entidade educacional ligada à igreja. Era um curso de alfabetização de adultos, e minha participação nesses cursos foi sempre ligada à visão crítica da sociedade, com uma intersecção muito forte com a minha própria condição de ser negro no Rio de Janeiro e protagonista de algumas situações; por exemplo, de batidas policiais violentas, militante daquele movimento negro, na década de 1970, e com uma criticidade típica de suburbano, que é o que eu sou.

Nasci na Andaraí, me criei em Brás de Pina, subúrbio mesmo, onde estudei, fiz minha formação e eu sou técnico em contabilidade, porque esse é o caminho que geralmente jovens negros e negras tinham naquela época para continuar uma vida razoável e se integrar, quem sabe, na sociedade de classe de uma forma menos precária.

Foi essa formação que me levou a fazer a primeira atividade econômica. Tive muita dificuldade, mesmo formado, em arrumar emprego na época. Em 1972, entrei na faculdade, mas, em 1971, eu não conseguia arrumar emprego, e logicamente isso estava associado à questão de ser um jovem negro no mercado de trabalho. Para isso, eu fiz das tripas coração, botei até blazer, andava de blazer, uma coisa que redundou em nada, a não ser um reforço da consciência do racismo no Brasil. Finalmente, consegui um emprego e com o salário desse emprego ajudava em casa e, ao mesmo tempo, pagava o cursinho pré-vestibular.

Entre na primeira prova da Cesgranrio, na época, em 1971, para a Universidade Federal Fluminense, no curso de jornalismo. Isso vai me levar, posteriormente, a participar de eventos educacionais em comunidades precarizadas, o que eu chamava, à época, de proletariado. Sempre trabalhando durante o dia e, à noite, fazendo trabalho voluntário na educação. Em determinado momento, foi exigida de nós uma autorização para que a gente pudesse dar aula, e até para segurança nossa, em termos de atuação nos espaços, para não sermos confundido, já que eu, homem negro numa favela, numa comunidade, com problemas relacionados a narcotráfico e outros, naturalmente já era confundido com um narcotraficante, um bandido, seja lá o que for, como todo homem negro é visto.

A partir daí, então, consegui essa autorização para dar aula de Língua Portuguesa, lá no Rio, dada pela Secretaria de Educação. Comecei a dar aula, me mantendo como repórter, participando da fundação de alguns jornais e das pautas de jornais alternativos daquela época. Fui rádio-repórter, fui repórter e, em determinado momento, fiz uma greve no jornal com os meus colegas e fui demitido por isso.

É importante também salientar que anteriormente eu dava aulas particulares na rua que eu morava. Aí, já um pouco mais adulto, em Duque de Caxias. Caxias sempre foi um lugar muito violento, Caxias é o berço do Esquadrão da Morte, por exemplo. E, durante muito tempo,

trabalhei cobrindo [a editoria de] polícia, quer dizer, era uma coisa que, para mim, foi importantíssima na escola do jornalismo, tanto a cobertura de polícia quanto a cobertura de esporte. São os dois “filés mignon” do jornalismo em termos de aprendizagem, de contato com a realidade brasileira. Na polícia, porque muitas vezes o repórter policial se confunde com o próprio policial; e no esporte, porque você conhece como funcionam essas estruturas.

## No sangue, na marra

Minha facilidade de falar e fazer coisas com relação à questão social negra, que chamo hoje sociorracial, me facilitava entrar nos espaços, mas minhas posições políticas com relação a isso facilitavam minha saída. Essa coisa que se discute hoje, chamada perigosamente de racismo estrutural, é uma brilhante construção do professor Silvio Almeida, para resgatar como o funcionamento do racismo no Brasil vem acontecendo, mas não era para nós, militantes do movimento negro e do povo brasileiro no geral. Para nós, se nós tivéssemos uma democracia racial, efetivamente eu não estaria aqui falando sobre isso, estaria falando de outras coisas.

Mas, em função dessa experiência, a gente começa a ser um pouco mais conhecida, e esse conhecimento chega tanto para quem se identifica com o que você pensa como para quem não se identifica. Sempre fui um militante ativista do movimento negro, não me descobri negro em nenhuma circunstância especial, porque eu nasci negro, minha família é negra e, como eu sou o primeiro filho de uma família de três, minha mãe do lar e meu pai ferroviário, o nível de conhecimento ou de consciência que eles tinham sobre a questão era o da sociedade brasileira.

Então, na marra, fui tomando pancada aqui e ali e percebendo como as coisas iam acontecendo para mim. Primeiro, não conseguindo

emprego facilmente; e, segundo, quando conseguia, eu tinha que ter um jogo de cintura muito grande para não deixar de ser como sou e, no processo, me embranquecer e criar um mecanismo como muitos criaram para sobrevivência dentro dessa adequação.

Sempre procurei me manter, de uma forma sensata, coerente e fiel aos meus princípios, muito bem sedimentados ao longo das minhas duas formações acadêmicas. Fiz um curso de jornalismo com excelentes intelectuais, como Muniz Sodré, Nilson Lage, Cacaso.

A polícia sempre teve uma facilidade muito grande em ver bandidos nos negros. E, nós, negros, de um modo geral, sempre percebemos isso, pelo menos para minha geração isso era muito nítido. E o que eu fazia para me resguardar era ficar em casa, lendo. Eu lia e, ao mesmo tempo, toda vez que eu saía, procurava de alguma maneira articular minha leitura com o que eu estava vendo, porque eu não tinha interlocutor, objetivamente, em casa. Meus pais não tinham essa preocupação, e eu tinha uma coisa que me deu muita consciência: sempre gostei muito de música, música sempre fez minha cabeça. Eu ouvia o conteúdo, se eu devia ou não dançar aquela música, se eu devia aproveitar de uma forma mais séria ou me divertir com ela. Eu ouvia Ray Charles sem saber inglês, porque meu pai ouvia. Essa foi a contribuição do meu pai em termos de minha formação como negro.

Então, ficava em casa ouvindo música. E, ao ficar em casa ouvindo música, também acompanhava os programas radiofônicos policiais. Tinha um programa chamado *Patrulha da Cidade*, que era profundamente violento com relação à juventude negra. Todos os acontecimentos de roubo, assassinatos e crimes que aconteciam fundamentalmente no subúrbio, na Baixada, eram noticiados, tendo como consequência o protagonismo negro. Um negócio espetacularizado mesmo. E era muito ouvido no Rio de Janeiro, um programa feito por um tal de Samuel Corrêa, que virou deputado depois. Eu anotava as coisas e denunciava, na medida do possível, mas essas denúncias não tinham

efeito na massa da população negra, que de alguma maneira também faz aquela velha e boa pergunta racista: “Mas o que que eles fizeram?”.

Então, era essa minha formação entre ouvir o que estava acontecendo no geral, ler muito a respeito, discutir com os colegas no curso de jornalismo e, posteriormente, com colegas jornalistas também. Também nos espaços de trabalho, geralmente eu era o único com posicionamento crítico com relação às questões. E quando eu falava que eu era negro, para essas [pessoas] era muito difícil. Mesmo na minha família. Minha própria mãe falava: “Você está procurando chifre em cabeça de boi, está procurando confusão”. A mãe da minha mãe era negra, os meus avós paternos, negros, quer dizer, só negros na família. Eu, negro, sem dúvida. Minha mãe seria uma pessoa parda, porque o pai era português: “O papai era pardo”. Aquela velha história: pega uma mulher negra bonita, como minha vó, têm duas filhas com ela e depois vai para Portugal.

Tudo isso vai ser acrescido ao meu currículo de professor, já que jornalista está trabalhando com a linguagem o tempo inteiro, de uma forma mais dinâmica, provavelmente, do que professor de Português, porque estou escrevendo o tempo inteiro. Como jornalista, comecei no lugar que todo mundo terminava, na Rádio JB. Minha editora era Ana Maria Machado. Quer dizer, uma escritora. Entrevistei Pelé, eu com 22 anos, ao lado da Glória Maria, por exemplo. A rádio me proporcionou isso, em função de eu ser um dos poucos, ou o único, na época, repórter negro. Claro que reconheço em Ana Maria posições políticas bem diferentes da minha, mas ela sempre foi uma pessoa que democraticamente respeitava as condições, possibilitava nosso trânsito em relação a trabalho, distribuição de pauta, isso foi ajudando.

A formação da gente é profundamente dialética. São relações de vários contrários que vão nos constituindo como pessoas, inclusive a não consciência da família. Na minha família, eu sou professor, jornalista e sociólogo e tenho uma irmã médica e outra irmã professora, também. Só minha irmã médica estudou em universidade privada. Na minha

família, tenho primas dentistas, psicólogos, engenheiras. É uma família negra que, agora, nesta nova conjuntura, se reconhece como tal, como negra, embora antes fosse só o cara chato aqui que se colocava nessa perspectiva. É uma família negra, com mulheres negras bonitas que se casaram com homens brancos.

## A dura poesia concreta

Vim para São Paulo e a minha namorada na época também veio, um pouco antes. Ela veio convidada, para dirigir uma escola aqui, ela era professora — era não, é. E ela foi convidada para dirigir uma escola no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. E nós tínhamos um grau de consciência política devidamente organizado, a gente sabia o que estava fazendo em São Paulo, a gente veio para cá pensando politicamente, em termos de atuação política, e o Sindicato era um lugar legal para fazer isso, além de ela ter muita competência técnica para isso. Ela pegou a escola do Sindicato dos Metalúrgicos de Santos, se eu não me engano, com 300 estudantes, e quando ela saiu, havia mais de mil estudantes.

E minha primeira experiência como professor de Língua Portuguesa, em termos profissionais, não mais como voluntário, foi no Sindicato dos Metalúrgicos de Santos. Foi uma experiência bastante curiosa. Todos os professores tinham o mesmo salário e ganhavam pelo mesmo número de horas trabalhadas. E a gente sabe que o currículo não permite que isso aconteça, em função da distribuição da carga horária; mas, naquelas escolas, os professores complementavam a carga horária de 30 horas, se eu não me engano, com produção de textos referentes ao seu trabalho.

Era um momento de muita efervescência política no Brasil. A crítica à ditadura estava muito acirrada. Paulo Freire estava voltando [do exílio], muita gente voltando, no finalzinho da década de 1970. Tudo

estava ficando bastante animado. Passei durante dois anos, três anos nessa experiência, em Santos. Depois, fui dar aula como professor de cursinho. Dei aula no cursinho da Poli, como professor de redação durante alguns anos. Isso também me deu uma experiência muito boa na área. E, na sequência, fui convidado a participar de um projeto novo como educador de rua, feito pelo primeiro governo Franco Montoro, em 1986. Fui consolidando em mim os meus princípios.

Via muita criança negra (antes eu via homens negros, jovens negros) dormindo na rua, sendo estuprada na rua. De alguma maneira, isso vai constituindo um currículo pessoal, além de rico, muito difícil para que alguém o dobre para posições diferentes às suas, porque você está vivenciando histórias dramáticas. Eu vi aluno meu morrer em experiências educacionais. Eu vi lá na Escola Oficina, eu e outros professores da época. A gente pegava os menores da rua, na Praça da Sé, e levava para o interior da escola, tentando alfabetizá-los. Nesse processo, eu era responsável por alfabetizar em língua portuguesa crianças que não sabiam nada; a experiência que a gente tinha em alfabetização popular serviu um pouco para isso. Eles gostavam de ouvir histórias, eu era um contador de histórias para os menores de rua. Era o único momento de paz que a gente tinha. E me chamava atenção como aquelas crianças não queriam ouvir histórias que não fossem da Branca de Neve, ou seja, as histórias dos irmãos Grimm, as histórias fantasiosas, encantadas. Elas só queriam essas histórias. Você não tinha muita produção associada à cultura negra, como temos hoje, mas a gente conhecia algumas histórias que também introduzia, ou inventava histórias.

A segunda formação acadêmica: sou mestre em sociologia pela Universidade São Paulo e, ao mesmo tempo, fiz um curso inacabado de literatura hebraica, português e hebraico. Foi uma imersão em função de uma necessidade familiar. De mudança para São Paulo, eu já tinha três filhos. Tenho quatro, mas os meus três filhos aqui em São Paulo não tinham clube para ir. E todos os clubes que estavam no entorno do Butantã, que é onde eu moro, eram clubes que manifestavam racismo.

E um clube que tinha um prestígio bastante interessante estava à minha disposição, do lado de minha casa, o clube da USP.

Só entravam funcionários, estudantes e tal. Como eu já tinha um curso universitário, fui me informar quais eram as possibilidades de eu participar daquele clube com minha família, e conheci uma tal Portaria 68. A gente fazia um vestibularzinho para as vagas restantes em determinados cursos, ou aquelas que depois de entrarem os alunos abandonavam. Soube que tinha vaga para português/hebraico. Tinha árabe também, algumas línguas interessantes, mas absolutamente irreconhecíveis para mim, para meus interesses imediatos, até que eu saquei uma ligação que existia entre a luta dos judeus e a luta dos negros. Sempre fui muito crítico com relação a essa aproximação, sempre acho que são coisas diferentes. Principalmente, porque os judeus são brancos. Eles têm que ter uma posição política muito forte, e aí, sim, vão ser discriminados. E o negro não precisa de posição alguma, basta ser negro andando na rua, que a polícia vem e dá um tiro, mata e acabou.

Nossa vida é o tempo todo a condição da sobrevivência, mesmo hoje nada garante que vou chegar em casa tranquilo, nada garante. As pessoas não têm noção do que isso significa. Não é essa terminologia cínica, de chamar esse tipo de situação de vitimismo ou mimimi. Vitimismo ou mimimi só fala quem nunca viveu e, geralmente, são pessoas que provocam as agressões que a gente geralmente sofre, seja de natureza física ou mesmo psicológica.

Não terminei o curso de literatura, fui até o 3º ano, mas ali o engavetei.

## Um professor fora do comum

Sempre trabalhei na perspectiva de ensino da língua como a língua viva, trabalhando objetivamente. E isso foi me dando segurança, e fui

chegando nas escolas de classe média. Primeiro foi o Santa Cruz, dei aula na EJA do Santa, que ficava na boca da favela, no Jaguaré. Fiquei lá cerca de oito anos.

Depois, fui convidado para trabalhar na Escola Caravelas. Estou com 70 anos e, quando entrei lá, eu estava com 30 e poucos, com muito mais energia para fazer. Na Caravelas, a gente começou a discutir coisas interessantes, era 1988, centenário da Abolição, aquela coisa toda, muita evolução política. Não perdi tempo, associei uma coisa a outra, joguei no currículo. Sempre fiz uma coisa não muito forçada, tenho consciência do grau de resistência que uma criança pode ter e até onde eu posso ir como adulto naquela situação, até pelos meus próprios filhos, que ajudei profundamente a criá-los, não só a fazer.

Na região oeste, tinha um grupo de escolas chamado Grupo, com cerca de 65 escolas, o Vera Cruz também fazia parte, Gracinha, Rainha da Paz, uma série de escolas que tinham uma proposta, digamos, mais de vanguarda em termos de educação, e de alguma maneira os professores dessas escolas também conversavam entre si, os coordenadores também, portanto, tinha uma articulação de educação de vanguarda, alternativa. São escolas fundadas por professores, como alternativas à situação política do país. O Vera tem um pouco dessa história. Você tinha um grupo de escolas em que você poderia ter uma atuação diferenciada.

Sempre acreditei no seguinte: se você me der a Bíblia, eu dou uma aula com ela. Quer dizer, a relevância que a Bíblia tem para mim é ter sido um livro de vários livros, feito por várias pessoas e que de alguma forma deu uma constituição à sociedade ocidental. Eu brincava com os alunos do Vera. A gente discutia racismo com *Ensaio sobre a cegueira*. O cara fala de uma cegueira branca, certo? Que ninguém percebe. É isso, é o racismo no Brasil, quer dizer, as pessoas estão o tempo todo aqui vivenciando, praticando racismo de uma forma tão natural, que é essa cegueira branca. Quer dizer, a genialidade de Saramago estava

nisso, você poder lê-lo de acordo com as circunstâncias em que você se encontra e ir além. Essa foi uma sacada minha para discutir *Ensaio sobre a cegueira* com a molecada.

Nunca tive nenhum tipo de questão com relação ao meu trabalho no Vera Cruz, nem em escola nenhuma, nunca tive. Até porque minha argumentação era muito forte, não dava. Qualquer coisa que eles fizessem ficava muito difícil de a gente ir para o debate e eu ser dobrado nesse debate, porque eu tinha um princípio de vida em que eu acreditava. As pessoas também tinham, mas não tinham esse conhecimento que hoje está sendo colocado como protagonismo, lugar de fala, seja lá o que for, mas que muitos de nós fomos constituindo isso na prática, vivenciando isso, construindo.

Uma das coisas que sempre enfatizei: leitura, produção, interpretação e escritura de textos. Isso é lei para saber língua, ler bastante, escrever bastante, e, nessa intersecção, você saber fazer releituras, portanto, interpretar o texto do outro. Isso, a princípio, é sempre uma coisa muito óbvia quando falado, mas, na prática de sala de aula, não é assim que se dá, porque a sociedade não estimula a leitura de livros. Mas, de repente, todas as outras ferramentas hoje existentes, tecnologicamente falando, começam a ser mais requisitadas, porque são mais sedutoras, a juventude está mais articulada com elas, e o livro passa a ter um lugar meio que secundário. Na minha cabeça, o desafio estava aí. Eu gostava dessa ideia de “Vamos discutir como vai ler, mas vai ler”.

No Vera, tem essa preocupação bem marcada com relação aos alunos que vinham para nós, por exemplo, no Ensino Médio. Primeiro, uma característica de classe dos alunos, até porque a gente via que nossos alunos eram filhos de pais professores, de intelectuais, pessoas que tinham uma preocupação social já diferenciada e hábitos de escrever e ler; acho que isso ajuda bastante, porque não é só a escola que faz isso, mas tem uma família, são partes iguais.

Eu dizia para os alunos da 1ª série [do EM]: “Daqui a três anos, vocês vão buscar caminhos novos para vida. A vida vai começar de verdade para vocês. Vocês vão perceber que ela não é uma festa em homenagem a vocês. Antes de vocês nascerem, outras pessoas existiram e traçaram alguns rumos que a gente segue até hoje. Então, vocês vão precisar saber de coisas que talvez não sejam agradáveis para vocês. E essas coisas estão em alguns livros, e os livros são esses, 16”. Comecei dando entre 16 livros nos primeiros anos, depois eu diminuí para 14, porque percebi que estava meio forçado. Eram livros clássicos. O desafio era ler quatorze livros. Tem que ter uma carga horária razoavelmente boa, pelo menos o Vera sempre teve.

## Ensino Médio: reflexão...

Quando comecei no Vera, fui o primeiro professor de Língua Portuguesa no Ensino Médio. Comecei com 26 aulas, quer dizer, uma carga fantástica; além de eu ganhar mais, trabalhava muito. Mas uma coisa puxa a outra. Tem esse outro dado que é importante. O Vera tem uma competência administrativa, em termos de pagamento de professor que realmente cria uma situação interessante para o profissional. Eu entendo desse jeito. E quando não cria, se o professor tiver algum princípio sério com relação a sua atividade sindical, profissional, você vai à luta. A gente fez isso, a gente fez uma greve no Vera, para melhorar determinadas circunstâncias do trabalho. Hoje, você tem uma sala dos professores com lanche, porque essa era a minha briga em outras escolas. Até porque eu sabia o quanto as escolas cobravam dos pais, portanto, a escola tinha que dar também condições legais de trabalho ao professor.

O primeiro grupo de professores do EM do Vera era a nata, fantástico. Eram companheiros com a competência política, visão política e de mundo, todos com muita experiência política e com a competência profissional muito grande, todo mundo lia muito, discutia muito.

O principal mentor da minha presença no Vera foi o Edaival [Mulatti, coordenador]. Por que digo isso? Ele era um homem casado com uma asiática, eu acho que isso faz diferença no pensamento. No caso brasileiro, acho que isso faz diferença, porque você percebe a diversidade dentro de casa. Quer dizer, um homem branco casado com uma mulher asiática, com certeza passou por determinadas situações. E o Edaival era físico, muito respeitado na Escola. Maria Lúcia [Di Giovanni, coordenadora] era socióloga, também muito competente.

Esse primeiro grupo de professores estava ajudando a pensar a formação do Ensino Médio. Em 1995, a gente começou. Foi trocando ideia aqui, ali, aparando arestas e depois começamos a ter reuniões regulares com Maria Lúcia e Edaival para traçar um quadro curricular. Conversamos com vários especialistas, filósofos, pedagogos que vinham da USP ou de outros lugares para constituir um currículo sólido. O Vera sempre teve a preocupação de não entrar de qualquer jeito numa experiência, acho que isso é também muito importante, e, ao mesmo tempo, deu para a gente também uma ampliação na formação de cada um, e todos tinham uma experiência acumulada muito grande. Isso fez a diferença.

Era um grupo de professores de que se tinha orgulho, a maioria tinha pós-graduação, eram pesquisadores e tinham conhecimento da realidade. Tanto é que a gente fez uma greve. E a Escola parou um dia, a gente foi para a Escola e não trabalhou, no Ensino Médio. E as outras Unidades também fizeram. E nós conseguimos o que queríamos. Uma das reivindicações era plano de saúde e plano de carreira. Eram duas situações que as escolas particulares têm muita dificuldade de trabalhar, a rede estadual também tem. Passa um determinado momento, e o professor fica desestimulado para trabalhar. E uma das coisas que eu sempre me neguei a fazer é repetir o conteúdo. O professor tem que olhar o seu conteúdo sobre vários ângulos para poder não ter a ideia de que vai esgotá-lo em um ano.

## ... e prática

Sempre achei importante trabalhar com os clássicos. Eu usava a gramática como elemento de pesquisa. “Vocês, agora, vão para a biblioteca, peguem as gramáticas e produzam uma paráfrase sobre concordância que tenha imagens. Eu quero que vocês mostrem isso por imagens.” Eu sempre procurei trabalhar com todos os recursos disponíveis. Se eu trabalhasse aqui [na Unidade Vila Ipojuca], eu não daria aula em sala de aula, mas ao ar livre. “Cada grupo fica num canto”, e eu ficaria rodando. Os alunos adoram isso. E você cria uma situação de aula. É a coisa não virar animação sem sentido. Eles iam com um caderno e com uma indicação do que fazer, então, ficavam espalhados pela Escola, não só dentro da biblioteca, mas na Escola inteira. E eu ficava rodando. Então, muitos alunos não tinham noção de que estavam tendo aula. Depois, todo mundo tinha que apresentar um trabalho sobre concordância, sobre o uso dos porquês, coisa e tal, mas dentro de um contexto necessário, porque o conhecimento precisa ser construído, não surge na frente do aluno. Quando você começa a aplicar aquilo que você de alguma forma pesquisou e ouviu, você introjeta melhor isso, passa a entender mais o uso que está fazendo das coisas.

Mas, aí, a Escola começou a ter perspectivas diferenciadas com relação à entrada do vestibular, e também os colegas professores das outras séries tinham uma visão diferente da minha, e eu era voto vencido. Objetivamente, a Escola e os dois professores, professoras, pensavam semelhante, e elas se colocavam desse jeito, mas eu fazia do meu jeito, na 1ª série. Como eu era o cara, fui o primeiro, eu abusava um pouco dessa minha posição [risos].

Eu trabalhava na perspectiva de que leitura, escritura e interpretação de texto são elementos de um mesmo processo, e não dá para separá-los. Toda vez que você separa, e as escolas fazem isso, eu não tenho a menor dúvida de que as aulas de redação são separadas

das aulas de língua e literatura em função dos interesses acerca dos vestibulares. Eu não tenho a menor dúvida disso, porque eu fui professor de redação em cursinho. E eu percebia o tempo todo que, quando você vai dar redação, não tem como falar de literatura e não falar de língua portuguesa, das articulações, da coordenação, da subordinação, da pontuação, da interpretação, ou seja, essas coisas não se separam. Quando você separa, em algum momento, você tem que pegá-las todas de volta e juntar. Quer dizer, quando você fala em literatura, você vai ter que fazer os alunos identificarem tipos diferentes, por exemplo, de discurso, descritivo, narrativo, dissertativo. E, aí, não é necessário só que o aluno identifique no olhar, ele tem que fazer, porque se ele faz, ele incorpora o conceito.

É muito complicado falar para o aluno que não existe neutralidade na produção de texto. E tem professor de Português que acredita que existe, mas não existe possibilidade nenhuma de você fazer um texto neutro. Isso é conversa de jornalista ou dos donos de jornais, mas neutralidade não existe. A gente escolhe as palavras que vai colocar no texto *a priori*. Você vai escrever um texto, você escolhe palavra, e isso já é um momento de marca subjetiva do texto. Procurei sempre mostrar isso para os alunos, quer dizer, toda vez que você escreve um texto, você escolhe uma palavra e outra coisa, todas as palavras que a gente escolhe ou não escolhe, elas são no mínimo polissêmicas, elas têm vários sentidos.

## O curso...

Eu dava aula de Cultura Brasileira também para os alunos de 2ª e 3ª séries. A Lei 10.639 começou lá atrás, e eu fazia cobranças ao Vera: “Olha, vou começar a trabalhar em cima disso.” A gente fazia o seguinte: eu tenho uma certa segurança com relação à importância dos meios de comunicação, da indústria cultural, de modo geral. Acho que esse é o momento que a gente está falando muito

da tecnologia e esquecendo quem é a mentora desses processos, a indústria cultural. As escolas ficam seduzidas ou convencidas da importância de introduzir a tecnologia de ponta que vai aparecendo, porque é uma forma de seduzir os seus alunos e pais de alunos. Porque se você não usar tecnologia de ponta, a outra escola vai usar. Resultado: todo mundo começa a usar coisas que os alunos já dominam de alguma maneira. Minha crítica é que esses usos sem a devida compreensão geram alienação com relação a conhecimento. Você tem uma produção de conhecimento que é apresentada por você, o operador disso. Você não é construtor disso, você não tem o domínio concreto dessas histórias.

## ...e a famosa feijoada

No fim do curso, a gente fazia a feijoada na lanchonete, na hora do almoço, e a nossa discussão era sobre o que representava a feijoada na cultura brasileira. Primeiro, é que historicamente a feijoada era um catado do que sobrava da casa-grande e dado para os escravizados. Juntava-se tudo que sobrava e se fazia uma panelada, e dava para os escravizados. Alguns teóricos levantaram polêmica com relação a essa questão. E isso começou a ser visto de uma outra forma. "Mas será que não seria possível a gente fazer uma releitura nossa? Da feijoada, da composição desse prato? Eu vou pensar basicamente como carioca: no Rio, a gente come colocando feijão preto embaixo, aí, depois, coloca o arroz branco em cima, a carne vermelha do lado e a couve do outro. Se bobear, você tem uma laranjinha ali perto. A gente pode fazer uma leitura mais ousada, entender que aqui tem um pouco da população brasileira, entendeu? Olha bem: feijão preto, arroz branco, carne vermelha e laranja amarela. E cada um proporcionalmente colocado no prato. Por que que é diferente a constituição do prato de comida de vocês aqui? Noto isso aqui no refeitório o tempo todo." O que eu quero dizer com isso é que eu marcava na feijoada esse elemento fundamental, porque a gente é aquilo que come. Os judeus não

comiam a feijoada. Eles contribuíam, mas não comiam. E, no final, a gente fazia uma avaliação, e a gente dava a nota a partir daí.

O trabalho final era geralmente uma feijoada. Esse tipo de situação, só depois que eu percebi isso, era o atrativo. Meu curso de Cultura Brasileira não tinha vaga nunca. Estava sempre superlotado. E, aí, começou a dar problema, porque tinha outros cursos [eletivos]. Aí, a Escola teve que mudar minha metodologia para poder contemplar todo mundo em termos de participação dos outros cursos. Eu dei o curso por quase oito anos, uma coisa assim.

Essa era a natureza da tal feijoada, no curso de Cultura Brasileira. E nas primeiras turmas, recebi uma placa: "Luiz também é cultura". Eles mandaram fazer. Tinha uma coisa muito positiva na minha relação com os alunos, muita troca verdadeira, muita conversa interessante.

## Projeto de vida – de vidas

Sou uma pessoa que leu muito e ainda lê, então, o primeiro conceito de raça ficou lá no final do século XIX, Hitler tentou trazer de volta, mas não conseguiu, os fascistas estão tentando, tem que tomar cuidado com isso; esse conceito quando utilizado hoje, dessa forma, é perigoso. Mas, então, por que a gente fala de racismo? Porque foi colocada a questão pelos brancos. O conceito é utilizado politicamente, não geneticamente. Ser negro, ser branco é uma condição geográfica, agora, a utilização política disso, a gente vai lutar contra. E a minha militância é essa. E a questão era essa, em função da minha radicalidade de princípio, parecia que minha família estava sendo contraditória, porque sou casado com uma branca.

Já discuti isso no interior do movimento negro, sou militante. Não saí atrás da minha mulher, caçando uma mulher branca, simplesmente aconteceu; a gente tinha interesses sociais na época bastante

semelhantes, que nos uniu até hoje. Essas coisas acontecem, quer dizer, as pessoas têm uma noção meio parecida com a do Monteiro Lobato, aquela coisa do presidente negro. Negro casa com negro! Parem com isso. Eu caso com quem eu quiser. Estou brigando pela minha autonomia de pensamento e vivência. Conteí essa história para os alunos. “Vocês não se surpreendam se me virem com a mulher branca na rua, baixinha, um metro e cinquenta, e de braço dado. É minha mulher. Resultado: o que eu quero dizer com isso é que essa minha interface também criava uma empatia de me colocar no lugar do outro e o outro no meu lugar.

Minha filha, Inaê [Lopes dos Santos], que é filha de uma mulher branca com um homem negro, é uma das grandes intelectuais antirracistas. Tudo isso está na previsão da vida, ou seja, ser negro, ser branco, insisto, é uma questão de distribuição geográfica e, depois, de posição política. E, aí, você tem que saber lidar com isso. No Brasil, ser negro é uma posição política. Não é só uma questão de pele, porque senão você começa a ser atropelado pela realidade. A gente tem que entender isso para não ficar com trauma interno, com angústia, úlcera, câncer.

A Escola sempre teve uma preocupação quando eu abria a boca. E uma delas foi recentemente, com a criação do Travessias, o grupo de ex-alunas. A própria Regina [Scarpa, diretora pedagógica] as colocou em contato comigo. Elas foram se articulando para haver maior número de negros na Escola. Achei fantástica a ideia, porque eu tinha começado um processo na Escola de ver como tinha sido a aplicação da Lei 10.639 no Vera. Conversei com todos os professores, fiz um perfil e entreguei esse estudo para a Direção, mostrando um certo conhecimento, mas que poucos aplicavam, que é o perfil das escolas brasileiras com relação à lei que obriga todas elas a trabalharem a história da África e a cultura afro-brasileira e indígena, que, este ano, está completando 20 anos. Fiz isso em 2017, 2018.

Isso tudo ajudou o surgimento de uma massa crítica de ex-alunas que viraram mães da Escola e que começaram a pensar numa forma de mudar um pouco o perfil do alunato do Vera, colocando crianças negras. Eu achei a proposta muito boa, fui discutir com elas, depois participei do Travessias. Me convidaram para ser um assessor, mas claro que não aceitei, porque, concomitantemente, o Vera tinha convidado minha filha para ser assessora. Não precisa ser muito inteligente para perceber que isso aí não ia dar certo.

Ao assumir o projeto [de educação antirracista], a Escola fez bem, porque era ela que tinha que assumir isso, por mais que tenha sido uma iniciativa que começou também na Escola, mas com mães. Com certeza, o caminho era esse; a Escola, como instituição, tem que assumir esse processo, até porque as mães saem da Escola com seus filhos, e a Instituição permanece. A Escola é a estrutura que vai ter que pensar nisso de forma honesta, é ela que tem essa visão, digamos, de unidade mais bem articulada.

Isso foi uma coisa interessante, porque também me fez poder avaliar minha presença na Escola. Não fiz isso sozinho, acho que tive uma boa contribuição, os outros colegas professores não interferiram de forma negativa, atrapalhando, nunca aconteceu isso. Muito pelo contrário, a gente muitas vezes trabalhou junto discutindo coisas, eu e Ana [Bergamin, coordenadora] trabalhávamos muito essa questão, posteriormente com os outros professores de História também, de Geografia, Biologia, Química. A gente procurava sempre estar articulando, porque eu também queria entender formas, fora da área de ciências sociais, que pudessem abordar essa questão racial, a luta antirracista e que estivesse dentro do conhecimento específico de cada disciplina.

Muita gente, como eu mesmo também, tinha, digamos assim, pouca informação e pouca formação sobre a questão racial, dentro do Brasil, de um modo geral, porque de alguma maneira nossa história conseguiu contaminar a todos com a ideia de democracia racial, uma ideia

absolutamente voltada para os interesses das elites brasileiras. A abolição da escravidão no Brasil não trouxe para o negro brasileiro e a negra brasileira uma reorganização social, uma recomposição, um novo lugar na sociedade, muito pelo contrário: foi o lugar do abandono, sem qualquer tipo de respaldo. Então, essa experiência dentro da Escola, de alguma forma, me contemplou, e ela também se contemplou.

Na leitura de determinados livros, duas ou três vezes, ouvi a Coordenação falando para mim: “Luiz, tem pai reclamando que você está falando muito da questão negra”. Eu falei: “Veja bem, eu dou 16 livros, três são de autores negros. Acho que não sou eu o problema. Chame os pais, e eu converso com eles. É só o que eu posso fazer, porque eu vou continuar fazendo isso”. Imagina, eu estou dando 16 livros, se três falam sobre negros, o problema não eram os autores, era eu, porque eu pegava qualquer livro e trabalhava em cima dessa perspectiva, mostrando de alguma forma, estimulando e provocando os alunos para essa questão também, mas não o tempo todo, porque eu não sou idiota. Ainda hoje falar de negro na sala de aula é uma coisa complicada. Menos, porque a Rede Globo e algumas mídias, de modo geral, agora descobriram que negro é lindo, é competente, pode fazer propaganda.

## Eu não douro pílula

Naturalmente, o Vera é uma escola que não manda professores embora, o professor ficava o tempo que quisesse ficar, desde que a sua competência permitisse. Eu mesmo, quando entrei, achava que, por ser como sou, não ia durar muito. A cada ano que acabava, até os dez primeiros anos, eu achava: “Deste ano, não passo” [risos]. Sempre trabalhei no Vera, mas trabalhava em outras escolas e dava aula na universidade. Então, essa situação me dava uma certa autonomia. Meu lugar social não estava garantido só pela minha presença no Vera, mas outras tantas presenças também como militante. Chegando próximo

dos 20 anos [no Vera], comecei a perceber que provavelmente estava na hora mesmo. Para mim, foi uma festa. Eu falava isso a colegas: “Não se impressione com esse momento. Esse momento não é o que vai acontecer o tempo inteiro”.

Minha saída foi tranquila. Eu tinha consciência de que eu não tinha nascido no Vera Cruz, portanto, eu ia ter um momento para sair. Esse é um dado que eu acho que todo trabalhador tem que ter com relação ao local de trabalho. A outra coisa é que muitas das coisas que eu vivenciei no Vera, de muitas delas eu participei na luta para tê-las, como plano de saúde, previdência privada, essas coisas todas; e, na maioria das vezes, fui reconhecido nas reuniões pedagógicas por Lucília Bechara [então diretora do EM], falando da importância da minha participação. De qualquer forma, eram coisas que eu fazia na Escola e que me davam um certo prazer, inclusive trabalhar na Escola me dava prazer.

Eu tinha alunos muito interessantes, majoritariamente muito interessantes, tive pouquíssimos problemas. Acho que outros professores também tinham essa possibilidade de vivência, sempre muito gostosa e sempre muito íntegra.

Claro que, pessoalmente, você fica um pouco tocado, porque, querendo ou não, você vai deixar de fazer uma coisa que você gosta de fazer, mas ao mesmo tempo reconhece que já deu.

Foi um prazer!



# Uma experiência que não tem fim

Lygia Maria Ramos Uchôa  
Cavalcanti (Dudu)

Orientadora (Ensino Fundamental, nível 3)





## Dudu no Vera

Meu nome completo é Lygia Maria Ramos Uchôa Cavalcanti. Dudu é de neném. Acho que quando comecei a falar dizia “Dudu”. E tinha uma prima de quem eu gostava muito que era Duducha. Daí tinha uma pajem que ficou me chamando Dudu, e aí virei Dudu. Minha mãe se chama Lygia também, então é uma coisa para diferenciar mesmo, né? E não respondo por Lygia [risos].

Eu já cheguei no Vera sendo Dudu. Vim para cá em 1974, fazendo estágio. Fazia Pedagogia, acho que no 2º ou 3º ano comecei a fazer estágio numa escola e falava: “Nossa, aqui vim aprender como não deve ser uma escola”.

Então, [minha amiga] Elisa Vieira me disse: “Dudu, tem o Vera Cruz e tal, vamos fazer estágio lá que é superlegal”. Aí viemos, a gente fazia faculdade juntas. Comecei o estágio com os pequenos (Jardim e Pré-primário), e Elisa começou no primário. Isso foi antes das férias!

Quando chegou agosto, apareceu vaga e a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora] já nos chamou, e Elisa e eu começamos como professoras auxiliares. Naquele semestre houve a epidemia de meningite, com pouquíssimas crianças na classe; a professora teve que pedir licença, eu fiquei substituindo a professora e, enfim, terminamos o ano. E então já me chamaram para ser professora, porque eu acho que a professora que eu substituí já não voltou.

Comecei a ser professora de Maternal, no endereço da Avenida Brasil. No final do ano, a gente se mudou. Então, em 1975 e 1976 fui professora de Maternal. Peo, que era aquela pessoa fantástica, por quem tenho a maior admiração, foi muito importante na minha formação. Acho que aprendi muito com a Peo, tive uma relação muito forte com ela, foi bem bacana.

Quando terminei a faculdade, fui pra PUC, fazer uma especialização em Educação Infantil, mas aí apareceu a oportunidade de ser orientadora no ladê [Instituto de Artes e Decoração], que era uma escola de desenho técnico de comunicação, bem diferente na época. Fiquei dez anos como orientadora no ladê, mas com todas as mudanças na legislação ela acabou diminuindo, foi decaindo muito.

Então surgiu a oportunidade de vir para o Vera como orientadora de 5ª a 8ª série.

Nesses 10 anos no ladê fiquei trabalhando com adolescentes; era uma escola bastante inclusiva, no sentido de que ia para lá quem não tinha muita facilidade de aprendizagem, quem queria outras coisas na vida, já queria trabalhar. Com essa experiência lá, vim pro Vera como orientadora e entrei na 7ª série, na época. Foi minha primeira turma, que se formou em 1989.

## O nível 3

Naquela época, os orientadores já acompanhavam todo o segmento. Este ano é a minha 9ª turma, sempre seguindo do 6º ao 9º. Uma experiência muito legal. Nessa fase, eles estão deixando de ser crianças, começando a virar jovens, a descobrir o mundo, a se separar mesmo da família e a descobrir a vida deles. Você participar disso é muito legal, é muito bacana você poder estar ajudando, estar compartilhando, criando coisas, vê-los se percebendo, se descobrindo, vendo a vida. Eu brinco que o desafiador é que, por mais legal que a gente seja, o conflito de gerações não acabou. Por isso, é um embate você criar uma relação de confiança nessa idade, que está justamente querendo confrontar as coisas que você fala, que a família traz, descobrir a própria vida, o próprio caminho. Ao mesmo tempo, é muito gostoso e muito prazeroso você acompanhar isso, ver a criança desabrochar para um jovem. Acho que é uma experiência que não tem fim. Eu gosto muito disso.

Depois que terminam, tenho notícias de muitos. Acho que, em geral, são pessoas bem bacanas que têm um lugar, um papel importante, interferem e fazem a diferença. Eu acompanho bastante. E tive filhas aqui também. Estão com seus 40 anos agora. É bem bacana a gente ver em que pessoas esses meninos e meninas se transformaram. Uma coisa interessante agora é que sou orientadora de filhos dos filhos da minha primeira turma, dos alunos da minha primeira turma! Brinco que agora sou uma orientadora-avó, e é bem gostoso isso também. É importante ver que esses ex-alunos apostaram na Escola, continuam aqui, continuam pessoas bacanas, empenhadas, querendo dar uma boa educação para os filhos.

## O Vera muda e é o mesmo

A gente sempre discutiu, trabalhou e batalhou pelos princípios do Vera. Esses princípios não mudam, mas, para os princípios não mudarem, a gente teve que mudar muita coisa, mas é sempre um processo muito natural de mudança. O Vera tem uma coisa que poucas escolas têm: ele cria uma condição de reflexão sobre tudo o que vai acontecendo, o que naturalmente vai nos levando a fazer as mudanças necessárias; a sociedade vai mudando, as teorias vão evoluindo, e o Vera sempre ficou muito atento a tudo isso. Nossa, eu olhando para trás... Mudou muito de lá para cá, mas continua o mesmo. Acho isso muito legal porque se continuou mesmo nisso de você acreditar, de você dar valor para tudo isso, de você estar sempre buscando o melhor em função do aluno. Eu acho que o aluno mudou muito também.

Por exemplo: a primeira vez que fui para o Estudo do Meio em Minas foi em 1989. Dois alunos não foram: um porque esqueceu documentos e não podia ir sem documentos, teve que sair do ônibus, e outro porque perdeu a hora. Esses meninos foram se encontrar com a gente em São João Del Rei, sozinhos, tomaram o ônibus e chegaram lá sem a gente combinar; não tinha celular, não tinha telefone; para fazer uma

ligação, demorava, e nos encontramos lá, andando na rua. Chegaram? Chegaram! Que legal e tal, então está todo mundo aqui. Nunca isso aconteceria hoje. Mas jamais, em tempo algum, qualquer pai botaria o filho num ônibus sozinho e chegaria numa cidade em que não conhecia ninguém. Isso mudou demais. Quando eles saíam para a praça [em frente ao Verão] antigamente, eles saíam, iam tomar sorvete na frente do Verinha. Não podia, mas iam e você não tinha que tomar conta. Era normal essas coisas acontecerem.

A transgressão faz parte até hoje, mas de outro jeito. A transgressão hoje ficou muito mais reduzida, e eu acho que tem a ver, primeiro, com como a gente veio trabalhando, pondo as coisas mais no lugar, as coisas foram ficando mais... corretas. Tudo era muito cuidado também. Mas acho que as expectativas são outras, não é?

Lembro quando teve um assalto, e os pais fizeram um movimento, queriam fechar a praça, tirar a praça, não podem ir para a praça — como se ir para essa praça fosse uma coisa perigosíssima. Antes a praça era uma coisa bem feia, de noite era suspeita, você mal conseguia andar. Foi um processo superlegal a gente fazer a reforma da praça, a Escola com os pais, e ficou essa praça linda. A gente ocupou a praça. Eu acho que a praça tomou uma outra dimensão muito importante, e a gente discutia muito com os pais sobre isso. Se a gente não usar a praça, a praça será usada. “Ah, mas os meninos fogem.” Os meninos não fogem. Porque eles sabem que é sagrado você conseguir manter as regras na praça, e se você fura, você perde a praça. Então, eles veem a praça como uma conquista deles também. Eu acho que é um trabalho conjunto, é uma conquista dos meninos. Sair pra praça é uma liberdade que nenhuma escola tem, é muita responsabilidade e eles honram isso. Eu acho que a praça significa muito isso.

A praça significa um pouquinho de rua; no 6º ano a gente ensina a atravessar a rua, e daí você vai descobrindo coisas: os meninos não sabem o nome das ruas, dos caminhos das casas deles até aqui, muitas

vezes não sabem o nome da cidade onde fica o sítio em que eles vão passar férias. Eles não têm essa noção.

Alguns que moram aqui perto começam a poder vir de bicicleta; de ônibus, acho que ninguém até o 9º ano. Quando chega no Ensino Médio, vira uma conquista poder vir de ônibus; eles não querem mais vir com os pais, mas aqui alguns batalham para poderem vir a pé. Eu acho que as crianças que vão amadurecendo mais, que querem mais essa liberdade, conseguem batalhar um pouco por isso, mas são poucas.

## A formação do corpo técnico

O Vera, nessa possibilidade de reflexão, faz com que você vá em busca das coisas de que você precisa também. Eu acho que tem uma coisa que Escola dá, vai fazer junto com você, e tem outro lado que você cuida da sua formação também e vai atrás do que você precisa. Lembro que depois eu fiz um curso de Psicopedagogia com Ana Maria Muniz; o Vera convidou muito Alice Fernandes, em tempos idos, para fazer formação para a gente. E pensar que estamos sempre lendo, buscando. Como orientadora, você fica formando e sendo formada concomitantemente. Acho que poucas escolas fazem o que o Vera faz. Em termos de trabalho para o profissional. Acho que não tem uma escola melhor para trabalhar. Não é à toa que eu fiquei 30 anos aqui.

Eu mudei, mudei. Interessante porque tem coisas que eu falo e vejo o quanto eu ficava nervosa, aflita no começo, fazia entrevistas com pais; às vezes era um assunto que pedia discussão e tinha que brigar com os pais. É essa coisa de você ter que fazer isso sem romper a relação, fazer com que o pai fosse junto com você e ficasse parceiro mesmo. Às vezes era muito difícil isso no começo. E os pais do Vera sempre foram muito, muito participantes e ativos e achando que às vezes sabiam mais que a gente. Então, era difícil. Essas coisas que eram muito difíceis, elas vão ficando muito fáceis. Coisas que a Nádia [Dimitrov,

assessora pedagógica] me explicou: chama-se precipitação da experiência. Acho que você vai sempre ressignificando as coisas que você vai fazendo. Fiz análise muitos anos, então acho que é tudo junto. É o trabalho da sua vida também. Eu vejo que eu fui crescendo junto com Vera, o Vera também foi crescendo comigo. Acho que foi assim.

## Peo, Stella, Vera, Nádia: legado

Sou a orientadora que sou por conta da Peo, uma das figuras mais importantes. Acho que a minha vida ficou aqui no Vera e aqui fiz muitos amigos. Outra pessoa muito importante foi a Nádia. Nossa, uma irmã. Muito mais, uma amiga. Com a Vera Conn [coordenadora], eu vinha duas vezes por semana de carro, Vera tinha um profundo respeito pela pessoa. Do jeito muito calmo, muito tranquilo. Vera, muito doce, fazia tudo funcionar muito bem; às vezes, você nem percebia que ela estava por trás disso tudo. Até que você percebe que, se não fosse a Vera, não seria isso tudo do jeito que estava sendo. Eu acho que a Vera era uma pessoa que trazia muita tranquilidade para a equipe, muita segurança. E essa coisa do carro que a gente vinha junto, de Higienópolis até aqui, vinha e voltava, a gente discutia muito, a gente teorizava muito, era muito bacana isso. A gente consertava as coisas no caminho, era muito prazeroso, além de tudo.

Quando você convive por tanto tempo, dia a dia, com as pessoas, a intimidade vai lhe possibilitando conhecer as pessoas, você vai entendendo as pessoas, você vai reconhecendo-as. Falta falar da Stella Mercadante. Mesmo quando ela parou de ser diretora, ela está aqui. Mas admiro demais Stella, que tinha Paulo Freire encarnado nela. Ela tinha uma coisa de ser brava, de ser não sei o quê, mas não era nada disso, porque ela era, acima de tudo, uma das pessoas mais democráticas que eu já conheci na vida. As pessoas diziam: “Stella não deixa a gente fazer isso, não deixa fazer aquilo”. Não é verdade! Com Stella, você conseguia fazer tudo o que você achasse neces-

sário, desde que você mostrasse para ela que era necessário e você conseguisse se justificar. Se você pegar os discursos que Stella fez em todas as formaturas do Ensino Fundamental do Vera, durante todos esses anos, você vai ter uma visão fantástica da história desta Escola, do momento social que vivíamos, do que precisávamos falar para os pais e de como era o respeito que ela tem pelos professores. É aquele respeito de que Paulo Freire fala e que ela encarna. Por mais que você fizesse alguma bobagem, ela fazia você consertar a bobagem, mas você se sentia supersegura com ela. Acho que as pessoas do Vera têm uma sensação de pertencimento. Você veste a camisa da Escola, você sente que é a Escola.

## Despedida

Agora vou me desligar; venho me preparando, sim, direitinho. Eu achava que a penúltima turma seria minha última. Mas aí vi que era importante ainda ficar mais essa, e venho me preparando para isso. Acho que você fica velha também para fazer umas coisas, você não quer mais mudar uma série de coisas, você quer guardar aquilo que você fez.

Acho que a hora que eu sair do Vera e vier aqui não será mais aqui-lo. Eu acho que tem algo que se encerra mesmo. Mas acho que vou continuar ligada aqui. Espero que a minha neta um dia venha para cá.

Não sei dizer como é que vou ver o Vera, mas acho que vou ver o Vera como o Vera. Eu acho que ele vai continuar, espero, sendo o que ele é e sempre foi, ocupando esse lugar tão grande na educação. Eu acho que ele tem tudo para continuar. Espero e torço que continue.

No que o Vera é diferente? Falo desse lugar do nível 3, do 6º ao 9º ano. Eu acho que essa metodologia do Vera, assim, do TP [Trabalho Pessoal], da aula coletiva, dos tempos de aula, são um diferencial muito grande. Eu acho que a Escola, de fato, consegue enxergar o

aluno, a aluna, como eles são e consegue criar condições para eles se perceberem, aprenderem e darem conta de si. Eu acho que a gente desenvolve uma autonomia grande; o Vera consegue fazer os meninos pensarem na relação deles com eles, na relação deles com a aprendizagem, com os outros, com as regras, com a sociedade e se fazerem pessoas melhores. O Vera é muito bom nisso e eu vejo o jeito que os alunos saem, o jeito que eles conseguem pensar, raciocinar. Tudo fruto desse jeito que o Vera trabalha. Isso é muito importante. Às vezes se diz: “Nossa, pena que nem todas as escolas são assim”, e quando eu vejo algumas escolas parecidas, falo: “Nossa, que legal! Parece o Vera”.



Com Maria do Carmo [Mamo] Guedes Kopp e Vera Conn

# A dona dos blocos lógicos

**Mara Vada Lopes**

Assessora de Matemática [Ensino Fundamental, nível 2]





## Quando o Vera era bebê

Minhas duas sobrinhas estudavam no Vera. E minha irmã falou: “Por que você não faz um estágio lá?”. Aí, eu fui ao Vera, na Rua Frei Caneca. Fiz estágio. Durante meu estágio, em função do que eu coloquei num questionário escrito que preenchi, fui convidada para trabalhar na biblioteca. Acabou o ano, e, no começo do outro, me ofereceram uma classe. Direto. Não fui auxiliar, nada. E fiquei dez anos dando aula. Sempre para a 4ª série. Eu que fiz o primeiro acampamento do Vera com a minha classe. Com a 5ª série também. Você não vai acreditar... No Cemucam [Centro Municipal de Campismo], em barraca do Exército, sem ganhar um tostão extra. A cozinheira do Vera ia lá fazer a comida, e nós servíamos. Época ótima! Imagine! Cemucam, em barraca do Exército... Depois, eu ainda fiz mais dois anos no Cemucam, mas dentro da sede. Meninas em cima, meninos embaixo. Era ótimo! Um ambiente muito familiar, não era uma grande empresa.

A gente tinha muito contato com os pais. A gente não tinha orientadora de série. A gente é que fazia as reuniões com os pais. Era uma outra época, mas muito boa. Foi durante o período militar, então nem precisa falar que era o espaço de discussão, de tudo. É essa minha história.

## Anos de chumbo

Não chegava a ser um espaço de resistência. Acho que muito em função do nosso comprometimento com as crianças. Aos sábados, nós tínhamos reunião geral, porque funcionava de manhã e de tarde. Tinha classes de manhã e de tarde. Então, sábado era quando a gente podia se reunir. Tivemos palestras, mas acho que era uma coisa mais cuidadosa em função das crianças. Alguns pais tiveram que sair do Brasil, famílias que se mudaram. Acho que era um cuidado para não chegar às crianças.

Eu era professora polivalente e fui discípula da Lucília Bechara [fundadora]. Os primeiros trabalhos e experiências da Lucília no Vera, antes de fazer parte do Vera Cruz, foram na minha classe. Entrei em contato com o material multibase, com blocos lógicos. Começou na minha classe, e eu fui sendo formada pela Lucília. Eu não sou matemática, fiz pedagogia. É engraçado isso.

## Tardes no Verão vazio

Era diferente o jeito que funcionava [a Matemática]. O TP [Trabalho Pessoal] era diferente. Tinha atividades livres, e era muito baseado no desenvolvimento do raciocínio, não das técnicas. Tanto que os alunos só aprendiam a dividir com nove e dez anos. A dividir o tradicional. Era sempre através de material, de descobertas: “Como João, eu tenho tanto em dinheiro, quero comprar quatro qualquer coisa, quanto vai custar cada um?”. Eles pegavam o material, e cada um tinha o seu ritmo e o seu jeito, e todos eram valorizados.

Eu não sou matemática, sou pedagoga. Às vezes, encontro ex-alunos que falam: “Ai, tia, me lembro dos blocos”. Naquela época, se chamava professora de tia. Péssimo hábito, mas era. “Eu me lembro dos blocos lógicos, da gente no chão.” Tanto que, quando eu e Elisa [Vieira, na época, professora] tínhamos classe no mesmo andar, eu ia dar aula de Matemática na classe dela, ela ia dar aula de Português na minha classe. Foi aí que começou nossa grande amizade.

Então, começou a construção da Emília Barbosa Lima. O ano seguinte teria 5ª série.

Com isso, a maioria dos alunos da 4ª foi para o período da manhã, ainda na [Avenida] Brasil. À tarde, só ficaram 17 alunos. Lá fui eu com os 17 alunos para a [Praça] Emília Barbosa Lima sozinha.

Tinha as duas salas da manhã, e eu sozinha, à tarde, na Escola com o Carlos, que era porteiro, faxineiro, ajudante, era tudo. Eram só eles, os 17. Então, eu jogava futebol com eles, o laboratório era aberto, se tinha uma ficha de Ciências, “Vai no laboratório”. Se tinha um desenho, “Vai na sala de Artes.” Aniversário? “Vamos por a mesa no pátio.” Foi um ano com ganhos. Mas eu, sozinha, esperava o último ir embora junto com a perua. Não lembro o nome do perueiro... Ele era tão simpático! Pegava carona com o perueiro, ele me deixava perto de casa, porque tinha uma aluna que morava lá perto. Loucura.

Outros tempos. Aí, as classes vieram. Minha sobrinha, na época do meu estágio, foi da primeira turma de 5ª série do Vera — a mais velha não pegou e foi para o Rainha da Paz. A orientadora dela foi a Cynira Fausto [fundadora]! Como não tinha essa Assessoria, fiquei orientando Ciências e Estudos Sociais. Ciências com Teruco [Hayashida] e Estudos Sociais com Maria Lucia [Di Giovanni]. Ah, e Educação Física com Toshiaki [Tateyama].

Lucília me orientava, orientava a minha classe, e assumi a área de Matemática. Lucília era assessora. Quando ela saiu, eu assumi. E, aí, fiquei mais dez anos. Como assessora, fazia um estágio nas classes e tinha reuniões individuais com as professoras e, às vezes, reuniões gerais, mas pegando professora mais nova, auxiliar nova. Tive alguns problemas com algumas, mas tudo bem. Sempre me dei muito bem com todo mundo.

## Atalhos do destino

Depois de dez anos, saí porque eu ia mudar para o interior. Eu e meu marido tínhamos plano de mudar para o interior. Mas meu marido morreu de repente. Aos 49 anos, quando nós estávamos fazendo esses projetos. Aí, a pessoa que tinha entrado no meu lugar não estava dando certo. A Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] foi lá em casa me fazer uma visita e falou: “Mara, por que você não volta?”. Falei:

“Yolanda, eu não estou com cabeça nem pra fazer lista de feira, de supermercado. Estou péssima”. “Nós te apoiamos, vai ser bom pra você. Você vai começar com poucas horas.” Aí, comecei aos poucos.

Voltei a assumir a área de Matemática. Tive que reorganizar todo o material, porque essa pessoa desorganizou tudo que eu tinha deixado, e fiquei mais dez anos como assessora de Matemática. Até que eu falei: “Chega”. Senti que eu já tinha perdido talvez aquela coisa de juventude, querendo fazer outras coisas que no fim não deram certo, mas tudo bem. Hoje, eu sou uma senhora aposentada.

## Alunos e colegas para sempre

Como professora, o que eu mais gostava era do contato com as crianças. Parece bobagem, mas aprendi a deixar de ser enjoada para comer com as crianças, porque tive que trabalhar isso com elas nos acampamentos. E perceber como a criança é sincera, é afetiva. Nossa! Resumindo, meu advogado é ex-aluno.

Estive em algumas festas no Vera e reencontrei ex-alunos. Claro que a maioria não reconheci. Estão carecas, barrigudos! Outros reconheci, mas não tenho contato. Só via nas festas, nas reuniões do Vera. De encontrar em algum lugar, no casamento de uma pessoa, de repente, mas não tenho contato.

E tinha Nair, que era cozinheira na Frei Caneca, na Brasil, que ia fazer a nossa comida no Cemucam, nos três anos que ficamos lá. Leonel eu lembro que ele fazia um pão, um pão maravilhoso. E que cara boa! Carlos eu nunca mais vi, que ficava comigo sozinha lá na Praça [Emília Barbosa Lima]. Leonor que entrou depois, junto com o Carlos...

Gueisa [Guimarães Grassmann, professora], Anna [Maria Machado de] Campos [professora auxiliar] e eu fomos as três primeiras a ocupar o

prédio da Praça. Só que ela e Anna Campos eram de manhã, e eu, sozinha à tarde. Mantenho o contato com Anna Campos, com a Gueisa, a Elisa [Vieira, coordenadora], é claro, com a Branca [Albernaz, fundadora], e eu tinha contato com a queridíssima Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora], uma pessoa maravilhosa. Quinha [Maria Luiza Nazarian, orientadora]... Sou aquela que liga no dia do aniversário — a não ser quando não tem —, por delicadeza social.

## Informação como alimento

Passei a pandemia sozinha em casa porque eu não tenho filhos. Minha sobrinha Adriana, que é médica, dando as maiores recomendações. Sou fumante, então, cuidado dobrado. Foi muito difícil esse período da pandemia. Perdi conhecidos, não só para a covid, mas de acidente, de uma série de coisas. Era uma situação de muita impotência.

E com o que a gente via nos noticiários, a atitude do governo... É uma coisa que mexe muito comigo, não consigo ser como algumas pessoas que dizem: “Deixei de ver noticiário. Olho a manchete, não leio a reportagem”. Não consigo. Não consigo ficar desinformada. Acho que é o mal de educador. De repente, o que está acontecendo na Escandinávia, nas escolas modelo, e por aí vai. Parece que é ser um pouco masoquista, porque, quando a gente vê o que acontece nas assembleias, na Câmara, no Senado, dá uma vergonha! Como o povo não sabe votar! E sou a maior defensora de tudo que está acontecendo sobre as *fake news*, que são responsáveis por muito do que tá acontecendo no Brasil.

## O pronome certo

Consigno imaginar o Vera daqui a dez anos, desde que acompanhe inovações. E não estou falando só de tecnologia, não. Mas consigo!

Não sou espírita, mas sou espiritualizada. Yolanda olha por nós lá de cima. Ela tinha um amor [pelo Vera]! Ela empenhou a casa em que ela morava para cobrir o salário dos professores. Foi um sonho dela realizado, porque ela não gostou das escolas que ela visitou para matricular os filhos.

Então, ela nos olha lá de cima. Olha, estou usando “nos olha” — notou o pronome?



Com Lucília Bechara, Cynira Fausto, Sonia Bracher e Ana Caleiro



Com Cláudia Pegoraro

A gente não  
deixa de ser  
professora nunca

Maria Celina Pinto de Gusmão

Professora especialista — Artes [Ensino Médio]





## Rascunho do presente, desenho do futuro

Fiz licenciatura plena na Faap. Me formei em dezembro e minha filha nasceu em janeiro, então foi um ano de aprender a ser mãe até a vida começar a andar, tudo ficar engatilhado. Comecei a procurar um estágio, porque eu queria trabalhar em escola; na faculdade, já percebi que era mais pra educação do que pra parte de artista, apesar de eu sempre ter desenhado, de ter feito minhas coisas, nunca parei, mas o lance era educação. Sempre tive essa coisa mais voltada para educação, pra sala de aula, pra lida em sala de aula, do que pra artista. Até parei um tempo e depois falei: “Não, espera aí. Pra dar aula de Artes preciso continuar trabalhando com as minhas coisas, com meu desenho”.

Meu estágio no Vera durou um semestre. Comecei em março, saiu uma professora e me chamaram pra assumir a sala dela, 4ª série, hoje 5º ano. Tive que pegar o touro a unha, uma moçada pré-adolescente. Foi uma experiência incrível. Fiquei no Fundamental; era uma área que estava passando por um processo de mudança na área de Artes. Alguns desejos e anseios de mudança. Aí, se formou uma trinca que foi maravilhosa: eu, Suca Mazzamati e Laura Barboza. Juntas, com a batuta da Suca como assessora, a gente foi construindo uma área de Artes pro Fundamental 1. E foi sensacional. Era uma coisa bem junto, de ir costurando, lapidando, devagarinho, sem deixar de lado os princípios básicos, mas mudando umas coisas que a gente achava que já tinham que mudar pela demanda, pelo tempo. Umhas coisas caducam, outras a gente tem que manter por uma questão de princípios, mesmo. Foi uma trinca que funcionou muito bem, apesar de que a Suca tinha esse contato mais com o pedagógico e o corpo técnico da Escola; mas era tudo construído muito junto. Era pensado muito junto, era feito muito junto. Foi um aprendizado. Foi aí que aprendi meu ofício de dar aula. Foi nessa lida que fui sacando que meu negócio era dar aula.

Nós três tínhamos essa coisa, essa pegada, vamos dizer assim, de “bora?”. Era uma coisa que era um ateliê, mesmo. Um casinhas geminadas com um corredor. Cada turma ocupava uma salinha, cada professora numa sala. Um professor pegava a 2ª série e acompanhava até a 4ª, com o orientador. Então tinha também essa coisa gostosa, de você ir acompanhando uma turma ou aluno durante três anos. E a gente ficava num quintal, um quintalão. Era uma coisa de experiência mesmo, de investigar, de brincar também, mas sempre alimentando um pouco essa verve da experiência: “Vamos experimentar!”. As crianças faziam fogo, faziam pão... Tinha uma efervescência de experimentação incrível. Depois de encontrar alunos já adultos, velhos, pais de família, eu ouço: “Nossa, a coisa que eu mais lembro da sala de Artes era o pão” [risos]. E era uma coisa horrorosa. Um amassado, com muito sal — enfim, era essa coisa da experimentação, de pôr a mão na massa mesmo, concretamente.

Até hoje funciona um pouco assim, o Fundamental 1. São as mesas já organizadas pro trabalho. Mesa de desenho, mesa com material de argila e mesa com coisas de sucata e materiais para construção. A criança vai circulando naqueles espaços, cada uma tinha o seu tempo. Tinha alunos que ficavam semanas fazendo a mesma coisa, até uma hora que você falava: “Não, pera aí, vamos...”. Dava pra ter esse acompanhamento mais individual do projetinho ou da experimentação de cada aluno. Alguns já tinham essa visão de projeto, de começar um trabalho com várias etapas, se organizar e tal. Outros ficavam na experimentação imediata. Era a hora de a gente sentar com a pessoinha e falar: “Vamos fazer outra coisa, a partir daqui?”. Aí, Suca parou de dar aula, mas continuou como assessora, mas a gente conseguiu manter essa estrutura de funcionamento, essa metodologia de ateliê, de prática mesmo. E quando tinha projetos interdisciplinares, a gente se juntava com a área de Ciências, com a área de Português... Enfim, com as diferentes áreas, pra podermos ter esses projetos coletivos. Era uma farra boa.

Tinha também uma coisa que pra você escolher e desenvolver um trabalho, porque tem horas que você precisa aprender a lidar com algum material. Então, tinha as aulas mais dirigidas: “Vamos fazer argila”. Como se prepara, como se bate. A gente tava sempre nesse movimento de, de vez em quando, dar uma aula mais diretiva, mais conduzida, para todos experimentarem uma determinada técnica. Foi uma experiência incrível. As parcerias com as professoras também, um pessoal por quem até hoje eu tenho muito carinho, muito afeto. Impressionante.

## Do menor pro médio

Quando começou o Ensino Médio, uma amiga minha foi dar aula lá, Márcia Cirne Lima. E quando ela resolveu sair, me chamaram já no começo do ano, e eu fiquei naquele dilema, porque eu estava começando uma turma de 2ª série, tinha mais dois anos com aquela turma. Mas fiquei muito tentada a experimentar uma coisa nova. Já estava havia mais de 20 anos aqui. Pensei: “É um desafio bom, acho que adolescente me assusta, mas eu quero topar essa parada”. E fui. Meu desejo real, que não foi possível, era permanecer nas duas Unidades. Ficar aqui, no Verão, e ficar na Baumann, porque a carga horária lá era bem menor. Mas o problema foi conciliar as reuniões, as demandas extraclasse. Aí, foi uma coisa que tive que escolher. Escolhi o Médio.

Foi um desafio e tanto. Foi um começo “uau”. É outra praia, muito diferente. Porque quando você tá com os pequenos, nesse sistema de oficina, a coisa vem muito rápida, essa relação intenção-forma-conteúdo. Primeiro, porque não tem toda essa teorização, ela acontece mais espontaneamente. Fazer pensar, escolher e, enfim, tá tudo muito junto e a resposta deles é muito rápida. Com adolescente é diferente. Não dava pra manter, e nem queria, esse esquema de ateliê, porque é outra demanda, outro momento, outra fase de amadurecimento, a autocrítica é muito forte, as expectativas são outras.

Tive um período de adaptação, pra sair desse esquema de mesinhas: ficavam todas arrumadinhas e a gente trançando entre as mesas, e passei a ser essa figura que tava ali, coordenando aquele grupo. Mas deu pra conciliar isso de projeto pessoal, do fazer individual de cada um, com uma coisa mais dirigida, com propostas mais encadeadas, de projetos mais a longo prazo. Esse pensar vai ficando com mais substância, mais encorpado, mais forte, então dá pra você puxar mais também: “Olha, você quer fazer isso, mas como você vai fazer? Por que você vai fazer? Por que essa escolha e não a outra?”. Tinha esse espaço da escolha, mas era mais dirigido. E a coisa da técnica, de aperfeiçoamento técnico, também acontecia. Tipo xilo, pegar a goiva, como é que pega, coisa técnica que é preciso. Até me lembrei duma frase que o [artista plástico] Carlos Fajardo fala, que eu adoro: “Arte não se ensina, se aprende”. Essa parte da técnica é um pouco por aí, que se você dá uma ferramenta, dá o alimento, o que o aluno faz com aquilo? Ele vai quebrando a cabeça um pouquinho.

Fiquei dando aula lá pra 1º e 2º ano, dividindo a área com o Paulo Padilha [professor de Música]. Quando entrei, eram três áreas: Música, Teatro e Artes Visuais. Os grupos se dividiam, os alunos faziam a opção por uma das três áreas, e éramos três professores. Era optativo: no início do 1º e do 2º ano, o aluno faz a opção do curso que ele vai seguir até o final do ano. Então, a gente também tem que pensar num planejamento, num curso que não seja continuidade um do outro. Eles são autônomos, mas conversam. Porque tem quem queira repetir o curso que fez no ano anterior. É um desafio e tanto, mas é dinâmico pra caramba.

Inhotim virou uma viagem do 3º ano. A ideia era ir juntando outras áreas: Artes Visuais, Linguagens, tinha um pouco de Biologia. Os professores que se interessavam podiam ser incluídos nessas viagens ou no projeto, porque não ficava só centralizado na área de Artes Visuais. Cris, professora de Língua Portuguesa, e eu centralizávamos. E o Carlos, professor coordenador, também da área de Geografia, entrava

com questões relativas ao conteúdo dele. Depois é que tinha essa viagem de discussão, mas não era pré-requisito fazer Artes, era uma outra coisa. Era o projeto “Arte e Sociedade”. Como é que, por meio da arte, você fala ou coloca questões do mundo? Como você lê as questões do mundo contemporâneo? Pra mim, isso era demais. Todo mundo pergunta: “Mas você vai pela sexta vez, você não cansa?”. Não cansa, porque cada turma é uma viagem diferente. Era, né? Eu ainda falo “é”, porque eu ainda tenho esperança de um dia voltar [risos]. A gente não deixa de ser professora nunca.

O fechamento desse projeto no Inhotim é uma intervenção e uma ocupação do espaço escolar. A gente também foi lapidando isso a cada ano, e cada ano mais um pouquinho, e chegou num formato muito interessante, muito legal. E os meninos iam de cabeça. Eu sempre achava que precisava de mais tempo, que não era assim que se faziam as coisas [risos]. Eu era a pentelha das Artes. Falava: “Ó, gente, não vai dar certo esse negócio. Tem pouco tempo, cada um tem que fazer com calma”.

No fim, eles faziam a mágica deles lá e a Escola não abria mão de que tinha que ser daquele jeito, seguindo aquelas convenções, aquelas normas e os limites, e saía tudo muito legal.

## Do médio pro maior

Acho uma delícia quando ex-alunos entram no Facebook ou me chamam, no Instagram, pra tomar um café, porque querem falar da faculdade de Artes. Isso não tem preço que pague. Isso é “uau!”, é muito bom! Era isso mesmo que eu tinha que fazer. O ofício foi bem-feito, tá tudo certo. Mas você atingir a todos e de maneira igual ao mesmo tempo, com o mesmo tesão ou o mesmo frisson por aquela área de conhecimento, você não consegue. A gente até quer, mas não é assim. Tem aqueles que se identificam mais, aqueles que não.

Essa experiência também é uma coisa que eles carregam. Uma aluna que também tem meu Instagram, ela desenha e eu a sigo. De vez em quando, eu comento os desenhos. Aí, ela postou uma foto da exposição da Regina Silveira, e ela falou: “Ai, que saudades da aula da Cel!” [risos]. Também morro de saudades. Esses momentos, de sair um pouco da Escola e fazer outras coisas, eu acho uma delícia. Morro de saudade de sala de aula. Muito, muito. Desse contato olho no olho com o aluno.

## Despedida na pandemia

Ano passado [2020] foi o ano da minha despedida, eu já tinha decidido que eu ia sair. Aí, veio esse curso online, a pandemia. Foi muito difícil, porque eu sou uma pessoa do tipo: “Gente, esse trabalho não tá bom, vamos pensar aqui e tal”. Uma vez o aluno bateu de frente: “É assim que eu quero. Essa é a escolha que eu fiz”. Daí, uma aluna falou: “Ô, meu, cala essa boca. É a primeira professora de Artes que fala pra gente que o trabalho não tá bom, cara” [risos]. Vivi coisas assim, muito divertidas, muito gratificantes. E coisas difíceis, com aluno, às vezes situações da Escola mesmo. Sempre foi uma beleza, um mar de rosas? Não, mas fui levando. Foram 38 anos.

A gente nunca sabe como vai ser de verdade o último ano. Mas tinha uma expectativa de como seria, o que eu queria fazer. Seria meu último grafite com os alunos da 2ª série. Seria meu último Inhotim com alunos. Então, estava me preparando pra um último ano, pra essa despedida, e de repente veio a danada e aí eu me confinei e foi um exercício muito difícil. Foi chegando perto do fim do ano, não tinha nada de expectativa, de volta, zero. E tem aquela coisa de que não se sabe quem tá com você na tela. Tem os seres hediondos, os avatares que eles colocam para que você não saiba quem é aquela pessoa — tem as iniciais, mas como é que você vai saber? Quem é aquele ser? Então, as conversas, no começo, eram muito difíceis, porque parecia

que eu estava falando com o além, sei lá, com uma entidade, um ser lá de outra dimensão. Era uma coisa meio esquisita. No começo, fiquei muito chateada de eles não responderem. Eu cobrava, enchia o saco. Depois, eu fui me acalmando. “É o que temos, é assim que é e é assim que tem que ser.”

Foi um desafio, também, mudar o planejamento. Como é que eu vou dar aquilo que eu acredito que tem que ser, o fazer, a mão pensante, eu, longe, sem estar lá pra ver? Então era um desapego também. Deixar o cara ir, se estivesse a fim, por conta própria, um pouco. Teve uma adesão até que legal. Aí, falei: “Vou dar aula pra esses caras”, e foi o que eu fiz. Foi pra eles que eu dei aula, pros que estavam ali. E foi até chegando mais gente, no decorrer do processo, foram aparecendo mais alunos nas aulas. Eu não checava, confesso, mea culpa; eu não checava quantos apareceram numa aula minha. Então tinha lá aqueles que abriam a câmera e conversavam comigo e participavam etc. Recebi muito trabalho bom. Apareceu muita coisa legal. E tive que lidar com essa coisa que eu odeio, que é a tecnologia.

Também tive que me adaptar à linguagem da tecnologia. Porque comecei a fazer umas demandas. Muita coisa de fazer, porque na 1ª série a gente trabalha com desenho. Trabalhei desenho com eles, mas uma proposta que fosse mais prazerosa e que tinha a ver com aquilo que eu estava passando. Então, tive também que inventar outras aulas, outras propostas de desenho e de fotografia. Comecei a trabalhar mais com a linguagem da fotografia, com o desenho e a colagem virtual. Me obrigou a ingressar um pouco nesse universo, mesmo sem vontade. Mas, mesmo assim, acho que eles me ajudaram muito. Eles foram muito parceiros, foram muito legais, porque eles também estavam ali na mesma, naquela condição, que pra eles era horrível. E recebi muito retorno legal, que essa atividade ou essas propostas aliviavam um pouco a demanda de lição de casa. Por conta da pandemia, os alunos trabalhavam mais, tinham mais coisas pra fazer. Eu era mais flexível no tempo de entrega. Tinha uma coisa de troca e essas

conversas pelo chat: “Olha, eu tô pensando em fazer assim... eu fiz assim. Estou desenvolvendo um trabalho ‘x’, posso mandar os desenhos pra você ver?”. Aí, a gente conversava.

Na verdade, eu acho que sempre foi um pouco assim, mas foi muito mais no papel de diretora de arte, orientando, do que se estivesse numa sala de aula. E o curso de eletivas, que era uma aula mais expositiva, História da Arte, enfim, arte moderna e arte contemporânea, e ver como as coisas se desdobraram até hoje, no fim, foi de muita conversa. Tem que ser visual, bastante. Mas, eles curtiram. Os alunos presentes se mantiveram fiéis do começo até o fim. O número de inscritos no meu curso foi menor, então deu pra levar, e eles foram “parceiraços”. Os meninos e meninas foram pontas firmes. Acho que pra eles deve ter sido muito difícil.

E quando chegou ali, naquela reta final, foi me dando um negócio. Aí, fui um dia só na Escola, e lembro que tinha que dar três aulas. Foram pouquíssimos alunos e eu pensava que com mais alunos pelo menos me despediria de um pouquinho mais. Não de todo mundo, mas me despeço desses alunos em sala de aula. Mas foram pouquíssimos alunos. No comecinho da volta, na primeira mobilização para os alunos voltarem, e aquele poquitito de gente. Tive que ficar numa sala, mas a tecnologia me quebrou as pernas. Era um telão aqui, uma câmera ali. Eu e uma camerazinha apontada pra mim. Aqui acontecendo um monte de coisa que eu não podia ficar o tempo inteiro assim. Fiquei tão desconcertada que parei depois de dez minutos. Pensei: “Gente, não. Não vou dar a minha última aula desse jeito. Sem ninguém nessa sala, com as carteiras todas vazias, com uma câmera olhando pra mim, um negócio aqui atrás que eu não estou sabendo o que tá acontecendo. Não dou conta”.

Naquele dia eu fiquei bem mexida, saí acabada. Me deu uma coisa, uma tristeza. É muito tempo de sala de aula, é muita história. É muito caso divertido, muita coisa chata também, mas teve muito assunto, pra, de repente, aquela camerazinha olhando pra mim. Ah, não! Mas

depois teve uma despedida legal, a Ana [Bergamin, coordenadora] organizou, uma querida, os alunos foram queridos. A Iza Lotito [professora de Dança] foi sensacional, o Paulo Padilha também. Teve uma festa na Escola. Tinha uma apresentação do FestiVera, no final do ano. Fui pra ver o FestiVera. Aí, eu vi que tinha uma movimentação: “Espera! Não entra!”. Falei: “Ihh, esse negócio tá esquisito”. Depois tinha uma super-homenagem, chorei pra caramba. Foi uma coisa muito emocionante. Foi linda, a despedida foi linda. Ganhei esse anel maravilhoso, que eu uso. A despedida não foi do jeito que eu imaginei, de pegar todo o ano, de fazer todas as atividades. E tinha um projeto de novo Ensino Médio. Ana me queria junto pra ir pensando nessas questões todas dessa mudança que tá havendo.

## Filhos, afetos

Entrei quando a Chica tinha 1 ano. Tenho uma gratidão, um reconhecimento enorme, porque a Chica foi da primeira turma do Ensino Médio do Vera, então ela fez o Vera de cabo a rabo. E Pedro também. O Pedro tem 35; Chica, 41. Era tudo muito novo, e eu me encantava com as coisas que ela chegava contando de como era a Escola.

Vejo hoje esses meus filhos — e já sou avó —, profissionais na lida já, e acho que tudo que eles são como profissionais, como pessoas, também tem, logicamente, do que foi a história deles aqui no Vera. Isso é uma coisa que eles também reconhecem. A Chica uma vez me contou que estava no trabalho e perguntaram de que escola ela vinha. “Vera Cruz.” E eles: “Ahhh”. É uma coisa que tem reconhecimento. Tem uma coisa na argumentação, na participação da conversa, em como se colocar, estar no lugar. Eu acho que isso é um reconhecimento pra vida, essa formação que os meus filhos tiveram aqui na Escola. São hoje superprofissionais, e estão superbem. Enfim, essa parte acho que tem uma pegada Vera Cruz, nessa formação deles, nessa constituição deles é muito forte.

O que me encanta também são os amigos, a turma de amigos. Os amigos da Chica mais queridos e amigas são do Maternal, até hoje. Não sei se porque foi a primeira turma que fez o Médio, então eles foram nessa trajetória até o final. O Pedro também, menos um pouco que a Chica, mas os grandes amigos são do Vera, lá do Verinha. Isso eu acho uma coisa admirável.

Tem aqueles também que falam: “Nossa, mas lá é tudo alternativo”. O que é que você entende por isso? Pra mim, foi onde eu construí a minha vida profissional. Onde tive certeza de que esse era meu ofício. “É aqui. É sala de aula, é essa lida direta com aluno.” Às vezes fico pensando, com esse novo Ensino Médio, com essas questões que ele tá trazendo com a linguagem e a tecnologia, como é que eu me sairia. Já sou meio estabanada, ia ser uma beleza [risos]. Mas tá na hora dessa moçada vir e mostrar coisa nova. Porque chega uma hora que você também fala: “Missão cumprida, tá tudo certo, tá tudo bem. Foi tudo bem-feitinho, foi legal”.

Acho que devo muito à Escola. Lucília Bechara [diretora] foi a pessoa que me contratou, foi minha coordenadora por muito tempo. E a relação que ela tinha com a gente, professores, era uma coisa incrível. A Lucília era uma pessoa que comprava a ideia. Tem outras pessoas, tem muita gente pra falar [risos]. Muitos queridos. Ana Caleiro, que foi uma pessoa incrível, foi orientadora da minha filha, impecável. Foi também minha orientadora quando eu era professora, no Ensino Médio.

Falei as coisas que eram mais importantes pra mim. Isso do vínculo, da relação legal. Falei dos filhos, era uma coisa que pra mim foi muito importante também. E as coisas que você vive na sua vida pessoal, fora da Escola, e que, de repente, tive, em momentos muito difíceis, uma acolhida incrível, dos parceiros. Da Direção, da Coordenação e dos colegas. Ficou uma coisa que nem de irmão, que você briga, briga, briga, mas na hora do vamos ver tá todo mundo junto. Acho que fui muito feliz nessas parcerias. Muitos afetos.



# Profissão e afeto

**Maria Lucia Ruiz Di Giovanni**

Coordenadora pedagógica [Ensino Médio]





## Uma socióloga no Vera

Me formei em ciências sociais em 1969, em plena ditadura militar, num momento em que a gente tinha uma crença de que podia melhorar o mundo, tinha um vigor revolucionário, vamos dizer assim, de querer fazer as coisas bem-feitas. Escolhi trabalhar com educação. Costumo até dizer que acho que a vida foi muito generosa comigo, do ponto de vista profissional.

Cheguei em São Paulo em 1970, casada, e fui trabalhar na [Escola] Experimental da Lapa. Não podia ter um melhor lugar para estar, para quem tinha o propósito de trabalhar com educação no Fundamental. Fiquei uns dois ou três anos, aprendi muito, estudei muito. Aquilo que eu estava praticando, na sala de aula, era uma coisa de verdade. Sempre tentei criar um espaço profissional onde aquilo que eu estava fazendo e praticando não era o projeto de alguém de fora, onde eu só estava cumprindo uma tarefa. Eu precisava de um envolvimento meu mesmo. Isso foi possível no Experimental, mas foi muito mais possível no Vera Cruz.

## O Fundamental em construção

Do Experimental, saíram Cynira [Fausto, fundadora] e Stella [Mercadante, fundadora], que criaram o ginásio do Vera, e eu vim trabalhar com elas, por indicação de uma pessoa que já trabalhava comigo no Experimental. Vim trabalhar como professora polivalente na segunda turma do ginásio. Eu inaugurei aquele prédio [do Verão]. As salas eram embaixo, e a parte de trás foi feita durante o primeiro ano. Me lembro de ficar escrevendo na lousa e apagando, porque a letra não tinha ficado muito bonita naquela lousa nova, maravilhosa.

Minha formação em ciências sociais me ajudou a me encontrar como professora polivalente, de um lado, e como professora de Estudos

Sociais, de outro. Estudos Sociais era uma área muito criticada naquele momento, porque era uma disciplina enfiada goela abaixo, sem a especificidade de História e de Geografia. Mas minha formação mais polivalente, do ponto de vista das sociais, me ajudou a compreender isso, e o Vera sempre criou uma estrutura que fez possível essa interdisciplinaridade.

Acompanhei minha primeira turma por quatro anos. São os alunos inesquecíveis, porque comecei como polivalente, depois, nos últimos anos, eu tomava conta do TP [Trabalho Pessoal] e dava aula de Estudos Sociais, só. Dois ou três anos depois, fui convidada a assumir a Assessoria de Estudos Sociais. Fui trabalhar direto com Stella, fazendo o material didático, pensando numa proposta de área. Foi outra aventura. Dias e dias criando aquele material, textos, exercícios; ninguém tinha computador, o mimeógrafo ainda era a álcool, e a gente fazia tudo a mão, cortando e colando: uma tesoura, um rolo de durex e muito papel. Esse período foi de muita aprendizagem. “Como vou construir esse material?” Isso tudo era de um desafio maravilhoso, e o sentimento de realização que essa prática permitia era muito, muito bom.

Eu era assessora, mas era professora também. Então, [era preciso] você pensar como aquela cabecinha vai pensar e se aproximar daquele conceito, e criar um material para isso. Um material com o qual ele trabalha sozinho e coletivamente. E discutir com os professores como isso se dá na prática, reformular para o ano seguinte... O Vera sempre permitiu uma continuidade do trabalho; é outro viés superimportante que vai sedimentando e ampliando aquilo a que a gente, no primeiro momento, se propôs, sem enxergar o tamanho.

## Assessoria dentro e fora

Depois, comecei a fazer assessoria externa. Já havia um contato da Escola para assessoria a uma escola pública. Mas, num determinado

momento, a gente descobriu que uma escola particular estava usando material de Estudos Sociais sem que a gente soubesse. Se é assim, vamos fazer contato e vamos fazer direito. Se quer usar nosso material, a gente fornece, dá assessoria, vamos fazer isso bem-feito. Assim começou a Assessoria Externa, que, depois, se expandiu. Era muito trabalho, sempre.

Durante esse tempo todo, mantive o trabalho em sala de aula, como professora. É um trabalho que alimentava todos os outros e mantinha o vínculo, o discurso, a capacidade de compreensão do dia a dia da escola, dos professores. Acho que eu não era uma pessoa distante dos professores, era uma pessoa que estava no mesmo, como professora. Isso resultava numa relação bem diferente, sólida.

A formação de professores na Assessoria era um trabalho desafiador, porque você encontrava realidades completamente diferentes e, às vezes, você achava que estava usando um discurso que as pessoas estavam entendendo, mas as pessoas estavam longe de entender aquilo que você estava falando. Foi uma interferência positiva, que sacudiu o dia a dia deles.

A Assessoria do Fundamental era muito em cima de trabalhar com o polivalente e depois acompanhar cada área. No Ensino Médio, não, cada professor era especialista. Tinha as reuniões de área, e, às vezes, a gente chamava um consultor, quando precisava resolver alguma coisa que escapava da nossa condição, mas normalmente eles se encontravam, porque eram três pessoas, um especialista para cada série. E o conteúdo do Ensino Médio é uma coisa mais quadrada, já está instituído. É aquilo e tem que ser. Tem a forma do professor trabalhar, sem dúvida, mas tem menos espaço para divagar. Tem o vestibular. Tem o que precisa ser enfrentado.

## Breve intervalo

Parei de trabalhar um ano, em 1992, quando morei fora do país, na Itália. Foi um tempo de repensar, descansar, se distanciar. Eu não sabia se, na minha volta, eu reassumiria a sala de aula ou não. Mas sabia que voltaria para o Vera. Foi uma experiência muito boa para a família inteira. Minha filha, que era adolescente, foi para a escola pública, do quarteirão. Foi muito importante nas nossas vidas. E quando eu voltei, voltei com um distanciamento. Porque você não enxerga direito o que está acontecendo. E eu voltei a assumir uma sala de aula de Estudos Sociais e a minha função de assessora.

## Nasce o Ensino Médio

Um dia, apareceu a Lucília [Bechara, fundadora]. Eu estava trabalhando, fazendo as tarefas da Assessoria. Lucília sentou e me contou do projeto do Ensino Médio que a Escola ia colocar em prática e me convidou para participar dele. Eu tinha sido uma das pessoas que encaminhava para a Direção um documento falando da oportunidade de a Instituição criar o Ensino Médio — as famílias se sentiam desamparadas quando acabava o ginasial.

Muito em função disso, Lucília veio me convidar para compor o trio que fez a montagem do projeto do Ensino Médio. Trabalhei com Edaival [Mulatti, coordenador do Ensino Médio] no Experimental, foi um reencontro. E trabalhei com Cecília Betti, sempre muito competente, desde meu primeiro ano no Fundamental, como professora polivalente.

Só que aí, quando você faz o projeto, descobre que está com o projeto na mão. É você que vai ter que colocar aquilo em prática de alguma forma. E começamos nós três, depois Cecília Betti se afastou, e ficamos o Edaival e eu. Eu como coordenadora pedagógica, foi muito bom.

Eu era a coordenadora pedagógica, e o Edaival fazia a direção mais pedagógico-administrativa. A gente trabalhava junto. Trabalhamos juntos os três nessa montagem de um jeito muito, muito próximo, de muita confiança. Nós éramos três pessoas que dormiam tranquilas com o olho do outro aberto. A história vinha de longe, acho que essa união entre nós deu muita força para o projeto que foi enorme, tanto do ponto de vista da construção pedagógica quanto do ponto de vista daquele espaço todo e do funcionamento e do crescimento daquilo. Eu me lembro do começo, quando eu entrava naquele espaço vazio e nenhum papelzinho ia para a parede se não fosse nossa iniciativa.

Não tinha parâmetro, não tinha protocolo para nada. Criar a estrutura toda de funcionamento e de gestão do espaço e das pessoas foi um desafio enorme. Uma equipe grande, muito masculina, diferente da equipe do ginásio. Acho que a gente tinha 50% ou mais de homens. Era muito mais fácil encontrar professor candidato do que professora candidata. Você divulgava: “Preciso de professor de português!”. Apreciavam dois, três homens. Era uma coisa que aparecia como a oportunidade para profissionais que se apresentavam.

## Muito além do turismo

O livrinho que ganhei quando saí do Ensino Médio foi montado com fotos e só tem viagens e festa. Parece que a vida foi isso o tempo inteiro. Particpei das excursões desde a primeira vez que o Vera foi para o Paiol Grande, no Fundamental. Me lembro de uma situação, todos sentados no chão, com Cynira tentando organizar por onde a gente ia, discutindo como fazer, que regras estabelecer, no Paiol Grande. Iam ser uns 70 e tantos alunos. Me lembro da montagem das viagens para Minas.

Enfim, foi uma aventura. A primeira viagem, longuíssima, de não sei quantos dias. Fomos arredondando essa viagem, que existe até hoje.

Mas eu estou lá, na origem dessas viagens. No Ensino Médio, fomos para Fernando de Noronha. Um desafio, uma coisa incrível. E eles não acreditavam que tinham conseguido chegar lá. Lindo! Fomos sempre estimulados por propostas dos professores. O professor de Biologia tinha a biologia marinha como o mundo dele. E aonde é que você pode levar de mais bonito, de mais incrível? Acabamos em Fernando Noronha com mergulhos e tal, muita coragem, mas muito, muito planejamento, muito cuidado, com pessoas muito responsáveis. Fomos para o Amapá, e a origem dessa proposta era de uma professora de Geografia, que tinha contato com a equipe que nos recebeu — tinha uma superestrutura.

Eu pensava: “Como é que a gente vai organizar uma viagem com a qualidade das viagens que o Vera sempre teve, do ponto de vista administrativo e funcional, no Amapá? Impossível! Como é que você sai do rio, do barco, e tem um ônibus esperando? É impossível”. Pois não era impossível. A gente arrumou uma pessoa e descobriu que americanos, franceses e principalmente ingleses do Ensino Médio vêm para o Brasil conhecer a Amazônia. Foi uma viagem também desafiadora, mas é uma descoberta do mundo. Acho que todo brasileiro precisava conhecer a Amazônia.

Depois, fizemos viagens aqui também, para a Ilha do Cardoso, sempre com outro fôlego de trabalho e de contato com a população, porque eles têm mais condição de fazer isso mesmo. Acho que deu para ser saudável, sempre com as urgências do Ensino Médio e do vestibular. Como é que se chega no 3º ano e, em vez do aluno estar estudando, ele está viajando como se isso fosse uma perfumaria? Tenho certeza de que aquilo que foi vivido eles não esqueceram e elaboraram de alguma forma, ajudando-os a se encontrarem, sem dúvida.

Para Inhotim, eu não fui. Mas Inhotim precisava ser uma coisa diferente, tinha que ter sempre um desafio de verdade para que eles se envolvessem e não fizessem a viagem também de faz de conta.

“Estou só viajando para brincar.” Não. Está viajando para pensar a sério naquilo que está fazendo. Acho que esse também é o viés da proposta do Vera. Quer dizer, a gente não vai para um lugar, a gente vai estudar uma situação. Difícil as pessoas entenderem isso. Parece que é pouco, mas não é, muda tudo. “O que é que eu vou fazer em Ribeirão Preto? Em Araraquara?” Vai estudar a propriedade da terra, posse da terra. Não é um passeio. É o estudo de uma causa, um tema. Isso norteia o trabalho, a proposta do Vera. E essas coisas sempre me encantaram, sempre fui muito apaixonada, sempre fiz junto o máximo que eu podia. Depois, sozinha [na Coordenação], era muito difícil deixar a Escola e viajar uma semana. Então, para Inhotim eu nunca fui, nem com a Escola nem sozinha.

## O Grande Arraial e a Dança

Já a festa junina a gente queria que fosse feita como festa de rua. Benito Campos, que é um artista de rua, ajudou a dar essa cara, a definir o espaço, como fazer as barraquinhas, os enfeites, e ficou aquela cara de arraial. Mas lembro que eu sempre dizia para o Heitor: “Vamos fazer festa junina a cada dois anos” [risos].

A criação de um curso de Dança no currículo foi muito importante, porque você tem os alunos que não gostam de bola, que não querem fazer capoeira, e, de repente, se encontram na dança. Um dia, eu passei pela aula e tinha um menino dançando um tango, uma coisa parecida, tudo meio fantasiado. Eu falei, essa professora é muito boa, porque conseguiu que um adolescente menino dançasse com aquela soltura. O curso de Dança sempre deu certo, sempre tinha alunos. Acho que ele foi muito bem colocado, como proposta dos professores e como opção, para os que não estavam ligados no esporte, não queriam aquela competição. A maioria quer, mas alguns não querem. E a Iza [Lotito] juntou teatro com dança, com uma oportunidade para eles se encontrarem diante de todos os outros, o FestiVera, quando

todos encontram espaço. Sabe aqueles que estão meio perdidos, que não conseguem fazer nada? Ela ia integrando tudo, e eles conseguiam participar e se sentir realizados.

## O centro de tudo

Teve uma coisa que fiz no Vera que gostei muito. Uma vez, brinquei: “Acho que a maior contribuição que eu dei para a Escola foi um círculo amarelo desenhado no chão do pátio”. Deve ter até hoje. Aquele círculo a gente criou para fazer um espaço de dança, na festa junina. A concepção de festa era menos como tarefa escolar, mas mais como festa mesmo, e acho que a gente conseguiu implantar esse conceito. Pegou. A festa ficou do tamanho que ficou. Mas aquele círculo, que era um círculo para dançar, virou meio que o centro da Escola, de tudo que acontece, até do ponto de vista político da relação com professor.

Uma vez, tive uma situação de confronto com os alunos, não lembro mais por quê, e eles se posicionaram em volta dele e queriam fazer uma assembleia. Lembro que eu desci, fui lá conversar com eles, consegui levá-los para o salão, com microfone. Foi a Escola inteira e virou uma grande assembleia. Foi uma virada institucional, do ponto de vista da relação dos alunos com o trabalho. O círculo ficou uma marca importante daquele espaço amarelo.

## Exercícios de cidadania

Tenho pensado quanto tempo vai levar para a gente conseguir instituir o Hino Nacional, de novo. Com todo o sentido que ele tem e que deve ter. A gente, da época da ditadura, tem muita crítica em relação ao ensino do civismo. Mas ele é fundamental do ponto de vista coletivo.

[No Ensino Médio] demorou muito, muito [para os alunos respeitarem a execução do Hino em aberturas de eventos]. Isso eu já sentia enquanto estava só no Fundamental e, depois, quando a gente foi para o colegial. O esporte foi ajudando, além de nossas posturas. Então, a formatura começa com o Hino Nacional, o Fórum de Debates também; é uma situação coletiva. Essa era uma tecla em que a gente batia muito. O que você faz aqui não é você, é você numa situação coletiva, e esta é uma instituição privada, mas pública, porque parte de uma sociedade. Houve muito trabalho para chegarmos naquele ponto [de respeito ao Hino], sem muito discurso, mas com muita situação prática. Até que na formatura é uma coisa formal muito bonita.

Já o Fórum de Debates nasceu de um daqueles congressos no Rio Grande do Sul, o Fórum Social de Debates, de movimentos de antiglobalização. Então, apareceu uma prática desses fóruns de discussão. Queríamos que os alunos entendessem um pouco aquilo e tentamos transpor e adaptar, pegando um tema de discussão no ano para pôr a Escola inteira trabalhando em cima daquilo. Era um dia muito especial, de debate coletivo, para fazê-los participar, argumentar, pensar juntos, como escola, numa situação que fosse importante, a partir de um determinado tema.

Lembro que um dos Fóruns de que mais gostei foi um que a gente discutiu direitos humanos. Lembro de uns alunos falando comigo: “Ah, mas não adianta discutir isso aí, ninguém segue”. É como se direitos humanos fossem uma lei. A compreensão do que é direito e do que é lei, do que não é lei, do que é ética: uma coisa tão tênue, tão difícil, e que precisa ser discutida. Alguns temas são discutidos pelas disciplinas em sala de aula, outros têm que ser promovidos numa situação coletiva. É uma das marcas da Escola. Nós tínhamos uma disciplina chamada Projetos, também uma marca da Escola. Ensinar a propor, pensar, planejar, fazer. Os alunos escolhiam algumas coisas para fazer à tarde; em dois dias, eles tinham Inglês, e, no outro dia,

Educação Física, e muitos tinham projetos, como trabalhar com robôs, fazer programação, astronomia... Os professores foram pegando seus projetos e suas paixões; esse foi meu movimento como coordenadora: abrir espaço para isso no trabalho com o aluno. Esse foi meu jeito de conduzir, no sentido de fazer aflorar aquilo que o professor tinha para dar, e queria dar. E todo professor tem um sonho. E, aí, as coisas iam acontecendo. Enfim, é essa uma história longa de relação com a Escola, uma história de muita descoberta, muita realização.

## Saber partir

Acho que eu fiquei 15 anos coordenando sozinha, até que pensei e comecei a perceber que a Escola demandava mais energia do que eu tinha. Era muita energia, das sete da manhã até... sei lá. E aí achei que estava na hora de me afastar e cuidar um pouco mais de mim, do meu tempo, da minha vida. E foi por aí que eu saí, com o sentimento de realização muito grande, muito grande. De ter feito uma educação de boa qualidade, de ter criado uma escola duas vezes: o Fundamental e o Ensino Médio. Sempre com muita liberdade para propor, falar, criticar, elogiar. Foi uma experiência muito positiva, muito boa. Tanto é que, depois que eu saí do Vera, nunca mais quis fazer nada. Eu, profissionalmente, não fiz nada, nada mais. Fui refletir sobre envelhecimento, tenho um conjunto de amigos com os quais a gente trabalha, pensa, mas nenhum compromisso profissional mais, não. Não tive vontade.

A Escola é uma instituição, mas ela é uma empresa também. Não adianta eu querer ir lá, dar um abraço em alguém agora, eles estão trabalhando e vou atrapalhar. De vez em quando, a gente se encontra, é muita, muita emoção, muito carinho, muito afeto, mas é pouco. Tem professores que me ligam até hoje, contam coisas, ligam no aniversário, no final do ano, avisam que nasceu o filho e tal. "Ah, eu mudei de emprego, estou fazendo isso". Mas não é nada íntimo, nada da vida, do dia a dia. Para mim, o Vera é eterno! Esse alcance do Vera

é uma coisa sobre a qual de vez em quando eu penso, mas não tenho uma leitura clara de por onde passa e até onde chega. Esta Instituição, com essas características e essa importância, que se propõe a marcar, a fazer cabeças reflexivas, pensantes, verdadeiras, não pode passar despercebida, tem que fazer sua marca. Agora, nesse universo de tecnologia, não sei por onde é possível manter essas marcas, manter essa coisa tão concreta, do temperinho em cima das mesas [dos alunos, na Vila Ipojuca] e ao mesmo tempo falar em inteligência artificial, em comunicação a distância. Como é possível equacionar isso tudo e manter a formação daqui para a frente? É um desafio que não é pequeno. Por isso, acho importante falar sobre como é, como se construiu, sobre quais pilares esses princípios foram construídos. É importante esse registro.

## Realização como alimento

Toda experiência no Vera Cruz foi muito boa. Sempre deu muito trabalho, sempre trabalhei muito, mas era um trabalho muito prazeroso, porque era um projeto da Escola para a Escola, mas era meu projeto também, isso estava muito sólido. Eu lembro um dia, uma amiga comentou que, quando encontrou minha filha, ela falou: “Ah, nunca vi minha mãe trabalhando tanto e tão contente.” Entendeu? Porque foi de verdade uma oportunidade de pensar em educação, de fazer uma escola do jeito que estava na nossa cabeça, né? Pelo menos nosso impulso era fazer do jeito que estava na nossa cabeça.

Tenho um sentimento de realização muito bom. É uma coisa que alimenta, inclusive. Não vou trabalhar em outra escola. Se eu quisesse, se eu tivesse gás para trabalhar, eu teria ficado trabalhando no Vera Cruz mais um pouco. Esse sentimento de realização é muito bom. E a Escola sempre permitiu isso, sempre acreditou, sempre abriu o espaço. Isso é muito, muito confortável. Juntar a profissão e afeto talvez não sejam coisas mais deste tempo.

Essa é uma característica da Escola que ela não pode perder. Não sei se conseguirá com os novos tempos. Esse é o desafio. Por isso é importante falar.

Fiquei muito contente com o convite e com a iniciativa da Instituição. Acho que uma instituição de sucesso como o Vera não pode perder a memória das pessoas que trabalharam tanto tempo aqui, que construíram juntos esta Instituição, cada um com a sua percepção, no seu nicho. Fiquei muito contente nesse sentido, não é o da minha valorização ou da valorização de cada uma das pessoas que trabalhou aqui, isso também, mas é o do fortalecimento institucional. Acho que essa instituição de sucesso precisa se manter forte, e essas memórias só vêm a fortalecer. É um momento muito importante, significativo. Que bom que vocês inventaram isto!



# Aquela que mergulhou no Vera

Maria Luiza Nazarian Resende (Quinha)

Orientadora [Ensino Fundamental, nível 2]





## Formação no Vera

O apelido Quinha é de quando eu era pequena. Quando comecei a trabalhar com crianças, me apresentei como Quinha, porque achei que era mais fácil do que Maria Luiza. Algumas me chamavam de Minhoquinha. Ficou Quinha. Hoje, tenho consultório, e no meu cartão pus Maria Luiza Nazarian, mas, entre parênteses, Quinha, porque é assim na minha história.

Me formei no magistério no Dante, porque era a alternativa possível. Fazer pediatria, ou biologia, era uma ideia, então fui fazer aquele científico do Dante para medicina. Detestei, era uma coisa muito fechada. Fui ao magistério conversar com a secretária, e ela disse: “Acho que você vai gostar daqui, porque se você não quer o clássico, aqui tem psicologia, matemática, metodologia didática”. Fiz.

No último ano, tinha uma menina que estudava comigo que me disse: “Quinha, sabe o que eu acho? Que você devia ir a uma escola que se chama Vera Cruz”. Sempre agradeço a ela por isso! “Mas por quê?”; “Olha, a minha irmã tem as filhas lá, mas é uma escola muito moderna. Então, ela vai tirar as crianças, mas acho que tem tudo a ver com você”. E fui conhecer o Vera. Era na Frei Caneca, na época, em 1920 (risos). Fui lá, conversei com a secretária, que me disse: “Olha, agora não dá para fazer estágio, só em abril”. Isso era janeiro, fevereiro,... Então, fui fazer estágio em uma outra escola, um horror de escola. “Meu Deus, se isso é educação, estou no ramo errado, não sei o que eu vou fazer.” Consegui ficar quinze dias, e saí chorando. “Quer saber? Vou esperar o estágio do Vera.” Entrei na pedagogia da PUC e fiquei fazendo. Quando o Vera me chamou, quem fez a reunião foi a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora], uma grande amiga. Ela e a Branca [Albernaz, fundadora] acreditaram em mim, acharam que eu podia dar muito para a Escola e que eu já tinha muito da educação dentro de mim. Eu tinha vinte anos.

Então, fui fazer estágio, de manhã e de tarde. E me apaixonei pelo Vera Cruz. Na época, o Vera tinha da Educação Infantil até a 4ª série. Fazia estágio numa classe, no almoxarifado... Participava de reuniões com Peo e Branca — elas me deixavam assistir a algumas delas. Fiquei o ano inteiro. Transferi o curso de pedagogia para a noite. Então, para mim, minha formação em educação foi no Vera Cruz, sem dúvida alguma, não foi na pedagogia da PUC, que era bem antiga, e o Vera tinha uma coisa de atualização, de reflexão. Foi maravilhoso. Para mim, para minha vida, e não só a profissional, é antes do Vera e depois do Vera.

Então, elas me chamaram para eu ser auxiliar. Fui auxiliar da antiga 1ª série até a 4ª. Não tinha esse negócio de uma auxiliar para cada duas salas. Foi uma experiência ótima, porque eu fazia de tudo: cortava a cartolina, ia na biblioteca — era na Avenida Brasil, numa casa linda, e eu ficava no hall da biblioteca, vendo os livros que as crianças queriam tirar, devolver. Foi uma coisa de uma riqueza! Fazia estágio na 4ª série, na 3ª, 1ª, tocava violão no recreio. Fiquei um ano como auxiliar, ia de uma sala para outra.

## Professora para sempre

Depois me chamaram para ficar com sala de aula, e eu fui para a 1ª série. Foi incrível, porque aprendi muito com aquela sala, uma sala muito difícil, aprendi muito. Era um trabalho de formação, de acompanhamento mesmo. E as reuniões com Branca e Peo eram muito enriquecedoras. Por exemplo, Lucília [Bechara, fundadora], quando entrou, foi um ganho para Escola maravilhoso, porque ela ensinava Matemática para a gente, com os materiais que trazia do Canadá. Tinha vezes que a gente ficava até tarde da noite “brincando”, mas era brincando mesmo, aprendendo Matemática com aquele material. Era muita gente boa, muita gente dedicada à Escola. A gente foi fazendo um grupo muito forte, muito consistente, com as reuniões, os grupos-série. Foi riquíssimo.

## Uma nova etapa

Fiquei quatro anos como professora, e, quando eu ia assumir a quarta classe, Peo foi para Brasília e me chamou para ser orientadora. Eu fazia orientação de duas salas num turno e, no outro, tinha sala de aula. Eu falava: “Não quero deixar a sala de aula, de jeito nenhum”. E ela: “Não, mas você não vai deixar mesmo”. Só que, no final do ano, vi que não dava para fazer tudo. E, nessa época, [a Escola] era na [Rua] Guilherme Moura.

Era uma casa pequena. A minha sala de aula, acho, tinha três metros por quatro. Era muito pequena. Eu tinha uns 11 alunos. Em algumas aulas de Matemática, a gente fazia um trem, que a gente construía com a lógica, e eu saía pelo corredor, porque não dava para fazer lá dentro. Tudo isso fazia parte. E tudo bem! Nessa época, eu também coordenava a parte de Artes, que era numa sala que dava para a sala de entrevista. E as pessoas estavam conversando com os pais... Depois, mudamos para a [Rua Dona] Elisa.

No ano seguinte, saí da sala de aula. Me lembro que fiquei alguns anos no G5, porque a gente queria firmar o currículo do G5. Depois, acompanhei o Maternal, Jardim 1, Jardim 2... Fiquei muito tempo no Verinha.

Sempre gostei demais também de fazer Orientação, mas, na minha vida no Vera, eu não pensava: “Ah! Sou auxiliar, mas quero ser professora um dia, agora que eu sou professora, quero ser orientadora”. Nunca tive esse desejo, as coisas aconteciam.

## Educação além-mar

Fui morar em Portugal. Meu marido foi chamado para trabalhar lá, e fui com o Vera Cruz dentro de mim. Peo me apresentou à diretora de uma escola, Lucinda. Conversando, ela falou: “Olha, Quinha, vou falar o que quero que você faça aqui. Tem um menino que corre

pela escola o dia inteiro. Não quer ficar na sala de aula. Ele precisa de alguém, assim como você, e que, depois, você explique para os professores como lidar com ele". Foi muito interessante. O menino se chamava João Nuno. Eu o alfabetizei, com o português de Portugal. Foi de uma riqueza esse trabalho! A dona da escola tinha setenta e poucos anos, mas ela era mais jovem do que as professoras. Fiquei um ano trabalhando lá, montei uma brinquedoteca com uma angolana que conheci num congresso. A gente montou, porque as crianças ficavam muito na rua; saíam da escola às três e os pais chegavam do trabalho às cinco. Essas duas horas eram horas de risco. Era uma escola pública.

## O Vera e a maternidade

Quando voltei, tinha uma mãe do Vera que me chamou para trabalhar em uma escola lá no aeroporto. Depois, trabalhei na Paulo Freire, uma escola parceira do Vera. Foi quando Ana Caleiro [psicóloga educacional] [me chamou] para assumir o lugar de uma orientadora que estava saindo. Fiquei três anos.

Tive a minha filha e, na hora de ela entrar para escola, pensei: "Gente, quem vai fazer a adaptação dela?". Meu marido não podia. Entregar para alguém fazer? "Ah, não!". Aí, saí do Vera e fiz toda a adaptação dela. Foi incrível. Ela tinha dois anos, entrou no Vera e ficou até o final.

Reconheço o Vera na minha filha. Ela saiu daqui, fez relações internacionais na ESPM. Eu perguntava: "Filha, por que você está querendo fazer relações internacionais?"; "Mãe, quando eu estiver trabalhando na ONU, se a gente mandar remédios para a África e não chegar nenhum, vou descobrir por que não chegou". Pois ela terminou relações internacionais, está fazendo o 5º ano de medicina. Então, é isso, poder fazer, não fazer, levar a sério, e a coisa da humanização. A família tem esse lado, mas ela aprendeu muito com a Escola. O Estudo do Meio, a

Ilha do Cardoso, o RepLago, tudo isso também, a coisa da natureza, a coisa da cooperação, do grupo, de partilhar; realmente, eu enxergo o Vera nela.

Talvez tenha netos no Vera, vamos ver. Minha filha está namorando um rapaz que foi do São Luís, então... Sogra não pode se meter muito (risos). Vou esperar para ver o que acontece, mas acho que eu vou ter, sim.

## A reflexão como valor

O Vera para mim é um lugar de reflexão, um lugar em que o amor perpassa todas as áreas, as pessoas. Não quer dizer que não tenha problema, claro que tem, mas tem um diferencial, e, hoje, eu vejo claramente.

Montei um consultório de psicopedagogia em 2002 ou 2003, e o Vera me manda algumas crianças; trabalho com crianças de outra escola também. Não é porque eu estive aqui dentro, mas, aqui, tem uma coisa única: a amizade entre as pessoas. Muita gente que está aqui, ou que saiu daqui, continua se encontrando fora da Escola. Isso é muito forte, muito forte. A maneira como a Escola trabalha com crianças com dificuldades também é única. Toda essa inclusão que está sendo feita é única. Eu sei que outras escolas estão fazendo, mas é de outro jeito. Acho que tem coisas que são muito do Vera Cruz mesmo. E, muitas vezes, eu ouvia críticas, mesmo quando eu estava aqui: "Ah, o Vera demora muito para resolver as coisas...". Isso é um valor para mim, porque está cheio de escola aí que entra na onda e faz tudo na superfície, e quando o Vera decide, ele decide de verdade, depois de muita reflexão.

Particpei de muitas dessas discussões. Por exemplo, sobre se o 1º ano ficava no Verinha ou no Verão, no nível 2. Foi uma grande discussão. É muito bacana a gente poder refletir junto para tomar as decisões.

Uma vez, teve uma festa das crianças, e a proposta era que cada grupo de crianças construiria a escola ideal. Teve um grupo que fez uma escola cheia de pena dentro, porque era fofo, porque podia se deitar. Nunca me esqueço disso. Tinha a festa dos balões, quando a gente soltava os balões com os desejos das crianças. Na Avenida Brasil, o pessoal ficava buzinando por causa dos balões...

Apreendi com os alunos a maravilha que é viver, porque eles ensinam isso o tempo todo, e a brincar nos momentos de desafio, pondo seriedade, mas não deixando um lado da alegria ir embora.

## Amizades para sempre

Acho que a gente teve uma força de trabalho e parceria muito grandes, e tem até hoje. É um diferencial. Eu sou fã do Vera mesmo, adoro esta escola. Tenho um monte de amigos aqui, é uma escola que ajudou a construir quem eu sou, pessoalmente e no trabalho.

Magdalena [Jalbut, coordenadora] e Peo foram duas pessoas muito importantes para mim. Branca também era uma pessoa muito importante para mim. Branca e Peo se complementavam, era muito bonito ver isso. Peo era a pessoa da criatividade, da expressão, a pessoa que chegava com os textos simbólicos, que trazia para as reuniões. Branca era da Matemática, ela ensinava Matemática. Ela e Lucília. Ela acabava trabalhando com a Lucília lindamente para a gente. Ela elaborava as lições de Matemática. Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora] tinha as duas como referências, tinha briga e tudo, que eu sei, mas eram duas grandes referências para a Escola, porque elas tocavam o barco. Yolanda via todas as outras partes, administrativas e outras, mas as duas exerciam uma liderança muito forte na Escola, elas coordenavam a Escola. Estou falando da Avenida Brasil.

Tinha uma coisa que o lazer e o trabalho, para mim, não eram muito separados, eram juntos. A gente sentava e ficava criando fichas,

imagina na época do mimeógrafo. Eu entendia de mimeógrafo, imprimia em vermelho, azul e amarelo; a gente ficava inventando ficha no sábado à tarde. Para mim, era uma coisa que fazia parte. Todo mundo jovem, em outro momento de vida, mas funcionava dessa maneira.

A Matemática era lúdica. Para os conteúdos mais difíceis, ela tinha um lado lúdico. Branca já tinha essa construção, mas, quando Lucília chegou com toda essa parte lógica, foi maravilhoso, porque abriu a cabeça da gente. Como abria na questão das expressões escritas. Nisso, Vera Cruz sempre investiu muito.

Acho que, quando Lucília chegou, Artes, Língua Portuguesa, na parte expressiva, e Matemática com ela, ficou uma unidade. Aprendi Matemática aqui. Quer dizer, eu já gostava quando eu estava no Fundamental, na 4ª série, naquela época, mas muita gente aprendeu Matemática com Lucília e Branca. É bom demais. Bom demais mesmo.

A gente fazia teatro. Eu não sei se ainda acontece, mas os professores faziam teatro para as crianças, tudo um pouco improvisado. Me lembro uma vez que eu fui Rapunzel. Fiquei na sala de cima e joguei uma trança de corda. E Claus [Petersen], professor de Música, subia. A gente se divertia junto. Era maravilhoso.

## Fora do Vera, mas perto do Vera

Quando eu estava na Escola, o orientador encaminhava as crianças para fazer terapia, fono, ou uma avaliação e tal. Hoje, eu estou desse lado. Hoje, eu entendo o que um pai fala quando diz: “Acho que o professor não gosta muito do meu filho” ou “Meu filho... Olha... Não tem nenhum amigo”. Porque eu já vivi isso na escola, uma criança que não tem amigo, já vivi. Então, eu sinto mesmo a dor do pai: “Ele não consegue se alfabetizar, Quinha, não está dando. Preciso de sua ajuda”. Agora, estou do lado de cá. Por exemplo, quando eu recebo criança

do Vera, eu amo, porque venho conversar sobre a criança. Mesmo que eu não esteja aqui, sei a raiz qual é, porque o Vera não perdeu a raiz.

Outro dia, fui ao Verinha, numa daquelas festas que eles fazem com o trabalho das crianças e tudo. Falei para Angela [Fontana, coordenadora] que o que me emociona é que eu vejo que tem muita coisa diferente do meu tempo, mas a raiz do Vera está aqui. Não perdeu a essência. Isso me dá um quentinho no coração.

## Uma escola atemporal

Não imaginei o Vera com 60 anos, porque no fundo o Vera é atemporal, essas coisas que são com muita história se perdem no tempo. Hoje é muito difícil levar uma escola como o Vera, porque a quantidade de assuntos que há é muito grande. Então, acho que a união tem que ser maior, a reflexão tem que ser maior, porque não é brincadeira.

Hoje, tem que ser discutido desde atentado, pandemia, toda a história de gêneros, tudo. É bastante coisa. Acho que professores e orientadores e todo mundo estão numa *vibe* de terem que arregaçar as mangas e ir. O mundo mudou muito. Nem tinha internet. O almoxarifado, o mimeógrafo... Quando penso que eu filmava e editava as festas do Vera... Tinha um lado muito rudimentar que hoje não caberia mais. Mas gosto muito daqui, tenho muitos amigos, tenho muito orgulho e tenho muita alegria de ter feito parte dessa história mesmo. Uma delícia estar aqui!

Sei que eu colaborei bastante com a Escola, mas as oportunidades que eu tive aqui levo para a minha vida. E ter Peo e Branca acreditando em mim, com vinte anos de idade... Foram elas que puxaram a minha mão, porque, às vezes, não se tem essa oportunidade, esse reconhecimento, e eu tive. Muito importante ter vivido tudo isso. Mesmo.



Com Magdalena Jalbut e Elizabeth (Beth) Scatolin

# Uma história sem fim

Maria Silvia Doria

Isnard Carneiro (Silvinha)

Orientadora [Ensino Fundamental, nível 1]





## O começo de uma vida

Quase estudei no Vera. Quando eu era pequenininha, minha mãe chegou a procurar o Vera. Quando eu entrei na escola, entrei com meu irmão maior, mas a gente queria estar no mesmo período e não tinha vaga naquele momento. Então, fui estudar no Mater Dei. Na época, o Vera era ainda na Avenida Brasil. Depois, estudei no Colégio São Domingos, no Logos, e quando entrei na faculdade, em 1979, entrei no Vera. Estava cursando pedagogia, não tinha dado um mês de aula, quando Beth Scatolin, que foi coordenadora da Alvilândia, ligou para mim e falou: “Sil, olha, estamos precisando de auxiliar no Verinha”. Eu fiquei superanimada, acho que já tinha essa referência afetiva com o Vera, no sentido de que quase havia estudado aqui. Sabia que era um projeto potente, inovador, experimental. Falei: “Quero ir!”. Acho que, logo no dia seguinte, vim fazer uma entrevista com Magdalena Jalbut. Logo, comecei a trabalhar como professora auxiliar. Peguei três turmas: uma turma de Jardim 1 e duas turmas de Jardim 2 — atuais G4 e G5. Minha primeira orientadora foi Quinha [Maria Luiza Nazarian Resende], uma pessoa muito especial, muito querida. Marcou muito meu processo como profissional. Acho que é uma pessoa com quem fui tendo contato ao longo de todo esse tempo, uma pessoa muito querida mesmo!

## Professora e orientadora

Trabalhei sempre com o G5, 1º e 2º ano, sempre na [Unidade] Dona Elisa. Gosto muito do trabalho com essa faixa etária, que envolve alfabetização, aprendizagem da leitura e da escrita, Matemática, os processos investigativos. Sempre gostei de acompanhar os processos de aprendizagem das crianças e tenho boas recordações desse tempo todo.

Lembro-me dos acampamentos, como professora e como orientadora. Quando eu era professora, os acampamentos aconteciam até

com a turminha de 1º ano. Eles iam muito novinhos, e era muito gostoso! Começou lá no Carroção. Naquele tempo, ainda tinha o chalé dos meninos, o chalé das meninas. Era aquela quantidade enorme de crianças dormindo juntas! Lembro-me de que quando se estava começando a acordar, era aquele burburinho, um falando aqui, outro ali e, de repente, era aquela coisa enorme! Passei muitas noites sem dormir, cuidando das crianças, mas trago sempre uma memória muito gostosa desse tempo, dessa relação com as crianças, em que a gente ia conquistando uma intimidade muito boa, inclusive na equipe, uma coisa muito gostosa.

Depois desse tempo, assumi a função de orientadora, e, aí, vieram novos desafios. A questão da formação do grupo, da equipe, o desafio de acompanhar as crianças e as famílias, de dar continuidade à construção do currículo da Escola... Vivi um ciclo de acompanhamento que, por muito tempo, era um ciclo de três anos: eu recebia as crianças no C5 e fazia essa passagem, ou seja, entregava as crianças para o Verão, no final do 2º ano.

Essa possibilidade de viver três anos com as crianças foi muito bacana, porque me possibilitou acompanhar o crescimento das crianças, tanto em relação às aprendizagens como nas relações também. Todo final de 2º ano, como acontece até hoje, a gente tinha esse momento de apresentação de música. Todos os grupos de 2º ano se reuniam num sábado, em que as famílias vinham e as crianças se apresentavam, como um ritual de despedida do Verão. Era uma das ações de despedida. Tinha a pintura do muro, a visita ao Verão... Esse final de 2º ano era um momento muito importante, de passagem mesmo.

Naquele momento, eu sempre me emocionava muito, porque era um momento que dava para ver como essas crianças estavam crescidas, tão potentes! Esse sempre foi um momento muito marcante para mim. Muito emocionante!

## O projeto como alimento

No Verinha, a gente sempre trabalhou muito com os projetos; de lá para cá, os projetos foram ganhando uma intensidade, uma profundidade cada vez maior. Acho que esse lugar de curiosidade das crianças, e poder acompanhar seus processos investigativos, lhe dá a oportunidade de você alimentar, trazer elementos para o grupo, aquela coisa que se discute e volta. Eu sinto isso cada vez mais potente. Nesse sentido, também cada vez mais a documentação entrou como um movimento importante no acompanhamento desses projetos, de poder olhar onde está a pergunta das crianças, qual a questão essencial desse projeto: “Como isso conversa com minhas intenções de trabalho com as crianças?”; “Como a gente vai desenvolvendo isso?”. Por um lado, isso e, por outro, a documentação no sentido de como dar visibilidade a esses projetos para as próprias crianças, para elas poderem se olhar e poderem falar dos caminhos percorridos. E para a comunidade escolar, para as famílias, acho que isso tem sido muito potente!

## O novo mundo da leitura

O Sábado Literário começou muitos anos atrás como uma feira de livros no Pré, o atual 1º ano, quando as crianças vivem intensamente esse processo de alfabetização e esse lugar de quem aprendeu a ler e está se inserindo nesse mundo letrado. Fazia todo sentido ter essa aproximação da literatura, dos livros. O que começou como uma feira de livros — livros que são bacanas para as crianças, para que elas pudessem estar vinculadas a isso e dar lugar para esses livros — foi ganhando o seguinte contorno: “Não vamos mais comprar os livros, vamos fazer a feira de troca dos livros”. Foi um trabalho muito bacana de acompanhar, de as crianças poderem, cada uma, em seus grupos, falar qual é o seu vínculo com a leitura, quais os livros de que mais gosta, por que gosta mais de determinado livro do que de outro, que

livros ela traria para compartilhar com o grupo e poder trocar. Foram muito ricas essas conversas. Isso acontecendo nos grupos, os professores se reunindo depois em equipe, em grupo-série, também construindo esse novo formato. Aí, começaram a acontecer as trocas, que têm sido, até onde eu acompanhei, muito ricas, muito bacanas.

Além disso, a gente pensou em que eventos a gente podia trazer para as crianças e para as famílias que fizessem sentido com esse vínculo com a literatura, com a arte. São momentos com escritores, contadores de histórias, atividades ligadas à arte, relacionadas à literatura, música, teatro. O Sábado Literário foi ganhando uma amplitude bem bacana.

## O Vera como espaço de formação

Quando cheguei no Vera, uma coisa que me chamou muita atenção foi o espaço dedicado à formação de professores. Cheguei muito novinha, sem experiência nenhuma, e me via aprendendo uma coisa nova a cada dia. Isso foi muito marcante quando cheguei, e quando vejo esse tempo todo que permaneci na Escola, vejo que esse é um eixo muito importante. Vivi muito isso no lugar de professora e orientadora, de quem pensa a formação da equipe, e acho que é uma coisa muito bacana. Outra coisa que me encantou quando cheguei na Escola foi perceber esse projeto que vem sendo construído coletivamente, que valoriza a questão da diversidade, a cooperação. É um valor importante; todos têm espaço para dar sua contribuição para esse projeto.

Quando olho esse tempo e esse projeto construído a muitas mãos, vejo que eu também fui me constituindo como educadora, porque cheguei muito novinha e sem experiência, e fui me constituindo como educadora, inserida nessa rede. Fico muito feliz de ter participado desse projeto e fico muito feliz de saber que ele também tem um pedacinho, tem um pouquinho de mim nesse projeto.

Fiz algumas formações, um curso longo ligado à inclusão, que era uma questão que me mobilizava muito. E fui atrás de entender um pouco mais e poder me instrumentalizar para poder lidar com esse grande desafio que é a inclusão. Ao longo do tempo, Emilia Ferreiro foi uma grande referência para mim, deu uma virada para esse olhar sobre a alfabetização, para entender que isso é uma construção das crianças, de que tem uma hipótese ali, e essa escrita revela muitas coisas. Fiz o curso com Telma Weisz, na casa dela, eu estava grávida do meu filho, há muito tempo. O tempo inteiro a gente tinha esses encontros, a Délia Lerner, estudando essa questão do lugar de vida.

Já orientadora, cheguei a fazer uma parte do curso de psicopedagogia no Sesc. Não terminei, mas fiz por um período e o tempo inteiro colhendo muitas referências para estudar. Uma pessoa muito importante nesse processo de estudo, de reflexão, foi Cleide Terzi. Ela tinha essa entrada com a equipe, com o grupo de Orientação e Coordenação, trouxe muito alimento para a gente. Foi muito transformador, de repente, a potência de poder ver as coisas com esse outro olhar, com muito mais clareza.

## Inclusão e aprendizado para todos

Na Escola, a gente teve casos de inclusão de diferentes ordens. Sempre foi um desafio poder estudar e me instrumentalizar mais para lidar com isso, pois essa sempre foi uma questão muito desafiadora, tanto como professora quanto como orientadora. Foi preciso, num determinado momento, poder olhar o que essa inclusão mexe comigo como educador, o quanto preciso estar aberta para receber isso, para poder me relacionar com esse aluno, com esse sujeito, sem colocar a síndrome ou a questão dele na frente, interditando essa relação. Como é que cada um tem seu jeito de aprender, e como é que eu construo essa aprendizagem, como é que posso dar suporte para essa aprendizagem? Aprendizagem num sentido amplo, nos conteúdos, nas relações, no

estar na escola a partir das necessidades que a gente percebe ali que se colocavam.

Para mim, a grande aprendizagem, o grande ganho com essa questão da inclusão foi pensar na diversidade do grupo. Independentemente de a criança ter uma questão mais específica, temos, no grupo, sujeitos, cada um com seu percurso, seu tempo, sua singularidade, seu modo de aprender. Isso é valioso, precioso.

Aprendi muito com essa questão da singularidade de cada um, de que cada pessoa tem seu percurso, seu tempo de aprendizagem. Um tem uma potência maior aqui, o outro tem uma potência maior ali. Poder olhar para isso me trouxe esse olhar mais flexível. A questão do cuidar da vida esteve sempre muito presente nessa relação com os alunos, com a qual aprendi muito, uma relação em que você acredita. A gente se constitui mãe sendo mãe, a gente se constitui educador sendo educador, no lugar de quem acredita na potência do aluno. Isso é fundamental! Se o professor não acreditar que esse aluno pode, que ele vai crescer, vai aprender, é melhor não estar em sala de aula.

Se quero que o aluno se vincule e se encante, ele vai se encantar primeiro com meu encantamento, com tudo que eu estou estudando, pesquisando, investigando. Sinto que é um lugar de muita responsabilidade e muito prazeroso. Adoro sala de aula. É um contato muito precioso!

## Chega o inesperado

Vinha conversando com a Escola, nos últimos anos, sobre diminuir um pouco minha carga horária, diminuir esse ritmo de trabalho e me preparar mesmo para sair da Escola em 2020. Quando começou 2020, a gente precisou se recolher em casa... Por um lado, foi uma loucura, nunca imaginei que em meu último ano de trabalho eu iria viver os desafios que vivi em 2020. Poder levar aquela relação da Escola para

casa, via computador, foi um grande desafio para todo mundo. E a Escola deu muito suporte para a gente. Me senti muito amparada; a gente precisou inventar muita coisa, fazer de um jeito diferente.

A pandemia pediu para a gente: “Bom, se eu vou ter que me relacionar com os alunos através do computador, de outro jeito, o que vou trazer para esses alunos?”. Tem que ser o essencial. E que exercício é esse de perceber o que é essencial na relação com os alunos? Precisávamos manter essa relação de pertencimento a um coletivo, um coletivo potente! Construído de longe, isso não podia se perder. E o desafio tecnológico, claro. Esse foi enorme! Como lido com essas ferramentas todas? E as professoras? Elas, com certeza, lidaram muito melhor do que eu.

Nunca imaginei viver um desafio desse tamanho! Num momento em que eu estava me despedindo da Escola. Nesse sentido, foi difícil pensar que era o último ano, vivendo isso, mas afastada das pessoas queridas, sem poder estar presente, dar um abraço... Fiquei longe de muita gente querida e não pude me despedir do jeito que eu gostaria. Por outro lado, sinto que carrego em mim todos esses encontros bons, potentes, amorosos que vivi na Escola.

## Extensões da família

Meus filhos estudaram no Vera e sempre foi muito bom. Trabalhei no Vera porque era uma escola em que sempre acreditei; tinha meu coração, meu investimento, tudo no Vera. São dois filhos: Fernando e Mariana. Fernando tem 40 anos; Mari, quase lá também. Agora, como avó, tem sido muito especial, muito! Os filhos de Mariana estudam aqui, uma menina de 4 anos, que está no G4, a Malu, e o Luca, que está no G2. Mari estudou no Vera, é professora no Vera também e fez o curso de pedagogia no Instituto. Mas olhar os netos estudando aqui me dá uma coisa quentinha, um orgulho, porque o Vera é um projeto que respeito muito! Não é qualquer projeto que tem essa densidade,

que dá lugar para a curiosidade das crianças, contempla a diversidade, propõe processos investigativos potentes, respeita a cultura da infância. Meus netos estão podendo viver isso que também tem um pouquinho de mim, essas coisas que foram construídas.

Saí do Vera tendo vivido 2020 com a pandemia, num ritmo acelerado de trabalho, e acho que tinha de dar um respiro, diminuir um pouco meu ritmo. Tinha a ideia de trabalhar com orientação de famílias. Cheguei a fazer uns atendimentos por um tempo. Quando me aposentei, já estava morando em Cotia por causa da pandemia, e fui buscando um pouco o que ia fazer sentido para mim. Eu já vinha buscando um aprofundamento maior, outros caminhos, e a coisa veio caminhando para chegar num olhar para o mundo. Fala da mesma essência da escola, do cuidar da vida, que acho que permeou sempre meu trabalho com as crianças. Isso sempre deu muito sentido para meu trabalho, e, agora, esse cuidar da vida tem um outro formato. Está aqui dentro de mim e vem se formando, se configurando, o olhar sistêmico para o mundo.

Tenho me debruçado muito nessas constelações sistêmicas familiares. Fala muito sobre poder olhar as relações e o mundo, o que a gente vive, não de um jeito fragmentado, mas dentro de um contexto maior, sistêmico, que fala de tempo e espaço. É um outro jeito de entender esse campo de informações que a gente acessa. Quantas vezes acontecem coisas na vida da gente que falam de coisas que têm a ver com nossos antepassados, que têm a ver com pessoas que estão no nosso sistema familiar, mas que, por um amor cego, carrego comigo sem ter consciência e vou reproduzindo uma série de coisas? Tenho estudado muito Bert Hellinger, que fala das leis do amor, do sistema. E que leis são essas? E como é que essas coisas funcionam? Quando você vai se aprofundando, vai fazendo sentido! Você vai enxergando as coisas de outro jeito e, para mim, tem feito um sentido muito encantador. Isso tem me mobilizado muito e feito muito sentido na minha vida.



# Sim, sim e sim

**Maria Stela Fortes Barbieri (Stelinha)**

Assessora de Artes [Ensino Fundamental, nível 1]





## De Araraquara...

Nasci e vivi em Araraquara até os 16 anos. Quando entrei na faculdade, fui morar em Campinas. A princípio, eu queria ser jornalista e escritora, mas eu já era artista. Fazia muitos trabalhos de arte. E era *baby-sitter* em Araraquara, uma coisa que não existia na época; eu ficava com as crianças para os pais irem passear. Em Campinas, fazendo jornalismo ainda, fui trabalhar na Escola do Sítio, uma escola rural alternativa perto da Unicamp. E me apaixonei pela escola. Ao mesmo tempo, comecei a fazer estágio em um museu. Então, desde o início, eu trabalhava em escola e em museus. Fiz estágio no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Quando eu estava no meio desses estágios, comecei a perceber que o jornalismo não era o que eu queria fazer. Eu tinha um coletivo de artistas que se chamava Nós no Espaço. A gente fazia intervenções urbanas, e, um dia, uma dessas minhas amigas me trouxe um artigo de jornal falando que se procurava um educador para a Bienal de São Paulo. Estavam fazendo entrevistas. Só que eu não tinha nenhum pré-requisito. Eu não falava língua estrangeira, eu não fazia arquitetura, nem artes visuais. “Não tenho nenhum pré-requisito, mas mesmo assim vou tentar!” E fomos nós duas. Ela falava a língua estrangeira, mas também tinha feito pedagogia. Fui entrevistada pelo [crítico de arte] Tadeu Chiarelli: “Stela, gostei muito de você, mas como é que eu vou contratar se você não tem nenhum pré-requisito?”. Nessa época, eu já fazia pedagogia na Unicamp. E ele falou: “Olha, tem um setor aqui, na Bienal, que trabalha com as escolas. Se eles gostarem de você e te contratarem, eu também te contrato. Aí, você faz o curso de história da arte comigo e, depois, trabalha com eles, no dia a dia.”

## ... para São Paulo

E foi o que aconteceu. Eles me contrataram. Então, me mudei para São Paulo para trabalhar na Bienal. E fiquei um ano. Foi maravilhoso. Aí, já

comecei a trabalhar nas escolas. Ia às escolas periféricas, em bairros que eu não conhecia. Foi um desafio enorme para quem estava chegando em São Paulo. Quando eu saí da Bienal — trabalhei esse ano todo na Bienal —, foi uma maravilha na minha vida, o mundo se abriu para mim. Nessa época, eu tinha aula de artes com o [artista plástico] Guto Lacaz, que foi uma pessoa que no começo me ajudou muito, porque eu queria ser artista, mas não sabia como. Depois, comecei a ter aula com o [artista plástico Carlos] Fajardo. Mas eu precisava arranjar um emprego. Meus sobrinhos, filhos da minha irmã, estudavam no Vera. “Por que você não vai conversar com o Heitor [Fecarotta, diretor geral]?”. Me lembro da minha conversa com o Heitor como se fosse hoje. Era 1988, eu tinha 21 anos.

“Heitor, mas eu tenho uma viagem”. E ele falou: “Pode ir. Quando você chegar, você vem pra cá”. Aí, eu comecei. O Heitor falou: “Aqui é bom você começar como estagiária, mas como é que nós vamos fazer com a faculdade?”; “Ah, Heitor, mais pra frente eu retomo”. Então, comecei a dar aula como assistente do Maternal; minha coordenadora era Beth [Scatolin], que foi minha parceira o resto da vida. E comecei amando, porque o Vera tem um traço de profundidade, de fazer as reuniões com muito cuidado, com lentidão, é outro ritmo. Isso me causava um estranhamento e, ao mesmo tempo, um encantamento.

## Em eterna (trans)formação

Às vezes, falo para as pessoas “Estudei 32 anos no Vera”, porque acho que foi isso, foi uma escola para mim. Depois, eu fui assistente do Jardim 2, mas queria mesmo era ser professora de Artes. Mas não tinha lugar como professora de Artes, então, falei: “Ah, Heitor, então, acho que eu vou embora”. Ele falou: “Bom, então, vai, depois... uma hora, quem sabe?”. Fui embora em julho. Em setembro, ele me chamou de volta, porque Laura Barboza, que era professora, foi ter o terceiro filho. Foi uma maravilha na minha vida, porque o Vera tem uma riqueza

de história do trabalho com as artes muito grande. As mulheres que me antecederam eram muito maravilhosas.

O Vera tem uma característica de estar sempre em transformação, o que para mim foi sempre muito bom, pois nunca parei de estudar. A gente sempre estudou muito, tem uma inquietude, tem uma maturidade como instituição, mas tem uma inquietude que é jovem, que é uma escola que quer se transformar, melhorar, olhar para as suas potências e florescer, mas também olhar para os seus pontos fracos e enfrentá-los.

## Dentro e fora do Vera

Acho que foi uma estrada muito bonita que a Instituição foi construindo, com as várias pessoas que estiveram presentes. É uma escola em que a gente fica muitos anos. Eu fiquei 32 anos, teve gente que ficou 40 e tantos. Isso é muito bonito. Tenho um amor pelo Vera, por todo respeito que eu senti com a minha trajetória também. Estando no Vera, fui fazendo muitas outras coisas, e sempre houve uma flexibilidade em relação a essas possibilidades. Trabalhei no Cedac, uma ONG que faz formação de professores, fiquei oito anos, viajando pelo Brasil inteiro. A gente teve que mudar meus horários, eles faziam um arranjo e conseguiam. Depois, eu fiz uma viagem para o Japão, só para professores, e também deram um outro jeito. Sempre foi uma coisa muito de parte a parte, muito junta, de muita responsabilidade, mas de muita parceria.

Fiquei 14 anos no Espaço Itaú de Cinema [na época, Banco Nacional], fazendo ateliês com relatos de filmes. Estando ainda no Vera, fui diretora do Instituto Tomie Ohtake, por 12 anos. Fui curadora da Bienal durante seis anos. Saí de tudo e continuei no Vera, mas falava: “Heitor, acho que, quando os meus filhos saírem daqui, vou sair também”. Os meus filhos saíram, e eu fiquei um tempão ainda, sentia que sempre

tinha coisa para a gente fazer. Essa essência inicial, de muito idealismo, uma essência revolucionária, de olhar para o sensível da criança no momento em que o ensino era ultratradicional, essa essência de alguma maneira veio caminhando, e, com ela, outras necessidades foram surgindo do próprio mundo contemporâneo.

## Sem arte, nada feito

Comecei no Verinha, na Unidade Dona Elisa; depois, com a Beth, na Alvilândia. A gente fez junto aquilo, pensou na arquitetura, em tudo. Nesses anos, tinha muita abertura, a gente foi muito a museus, a bienais, quando eu trabalhava lá — e quando eu não trabalhava também. Artistas vêm à Escola, até hoje é assim. O Vera é muito ligado a essa relação com a produção de arte no mundo. Sinto que esse tempo que o Vera tem de formação das pessoas é muito maravilhoso e único. Já andei por muitas escolas particulares, públicas, depois dei muitas assessorias em vários lugares, e nunca vi essa qualidade de formação. Esse tempo empregado para a formação das pessoas, eu acho que é uma característica única, e sinto que as artes tiveram um papel importante, e têm ainda, nos diálogos, esses GTs [Grupos de Trabalho], por exemplo, das várias áreas do conhecimento. Acho que Beth foi uma figura muito revolucionária, ela teve um olhar!

Depois de dar aula, virei assessora de Artes, por muitos anos. Sentava com o Corpo Técnico para pensar na Escola. Então, esse lugar da arte na escola não é comum. Sempre teve uma abertura muito grande para as artes, e uma sensibilidade pra entendê-las. Heitor, Beth, Angela [Fontana, coordenadora], Stella [Mercadante, fundadora], os diretores que vieram depois, sempre tiveram esse cuidado. A gente tem ateliês em todas as unidades.

Com o passar dos anos, a área de Artes foi se integrando mais com as outras áreas. Para os mais novos, isso se efetivou. O trabalho conjunto,

para pensar nos eventos, tem sido muito recorrente, de muita investigação parceira, de troca de ideias. Isso foi se constituindo aos poucos. O Vera tem um caminhar vagaroso às vezes, uma característica de escola, diferente de instituição cultural, onde a gente caminha rápido, mas acho que deixa um lastro maravilhoso. E nos sábados em que a gente recebe as famílias, é sempre uma celebração do que está sendo estudado, um trabalho das várias áreas do conhecimento entrelaçadas.

## As narrativas de cada um

Recentemente, fui convidada para ir à Unidade Alvilândia para falar com os pais sobre literatura, foi incrível o encontro, porque foi feito um trabalho ao longo do tempo. É um trabalho artesanal.

A lida com a literatura também é muito importante no Vera. Esse trabalho com literatura que eles vêm fazendo com as crianças pequenas tem sido muito relevante para elas entenderem as narrativas do mundo, mas as próprias narrativas também.

Eu sou autora de livros infantis e fui falar sobre como se faz um livro. Mostrei os bonecos, as várias versões, falei como é que se escreve o texto, mostrei o trabalho de Fernando [Vilela], meu companheiro, que faz as ilustrações. Depois, os pais, a partir de uma história que contei, fizeram livros com as crianças. E os espaços, superlindos, arrumados com muita intencionalidade. São celebrações com as famílias, e sinto que são muito necessárias para você perceber que, para educar uma criança, você precisa de todo mundo.

O Binah é um ateliê do Fernando e meu, mas é um ateliê para muitas pessoas também. A gente tem uma programação nossa, faz produção de conteúdo. Agora, a gente abriu uma pequena editora e, ao mesmo tempo, presta serviços, faz formações de equipes de escola, de museus, de mediadores de literatura, que são as nossas áreas de atuação.

Sempre fui uma inventadora de histórias desde criança, mas trabalhei muitos anos com a [escritora] Regina Machado, como contadora de histórias. Quando me casei com Fernando, ele estava começando a ilustrar.

Ele que ficou me falando: “Stela, por que você não faz o livro das histórias que você conta? Acho que seria muito legal, porque isso vai chegar em outros lugares”. Agora, a gente tem 30 livros juntos, ele tem mais de 100, publicou com gente do mundo inteiro. E a gente começou essa pequena editora que tem quatro títulos, por enquanto. Três sobre educação e um livro ilustrado de arte e ciência.

## Ir e sempre voltar

A minha despedida do Vera foi muito especial também. Foi linda! Angela organizou um almoço, Fabiana [Meirelles, coordenadora] também fez uma cerimônia. Minha filha, na época, tinha uma banda de forró, e ela contratou a banda de surpresa para tocar para mim. Eu adoro vermelho, é uma cor que eu adoro. E todo mundo estava vestido de vermelho, com bandeiras vermelhas. Angela fez um álbum de fotos de desde que eu entrei no Vera até a minha saída, em várias fases, grávida, de todo jeito. Foi muito bonito!

Esses cuidados para mim foram fundamentais. Tenho uma relação muito profunda com essas pessoas, e acho que o Vera vem se transformando. Tem um chinês, Yi Fu Tuan, que fala sobre as materialidades do mundo. Ele fala que o mundo foi ficando muito liso, porque a gente foi plastificando para facilitar a limpeza, e diz uma coisa bonita: “As materialidades do mundo trazem os valores, trazem o que a gente acredita, porque se as materialidades têm uma certa organicidade, elas envelhecem com dignidade”, e eu sinto que o Vera vem envelhecendo com dignidade — ele não está velho, o Vera é um senhor. Está envelhecendo com dignidade, sabe? Eu, agora, vejo de longe, mas sou muito próxima dos professores que me procuram. Tem vários professores que também trabalham no Binah, meu ateliê.

Claro que cada momento do mundo tem suas urgências. Uma pandemia, por exemplo. O que foi uma pandemia para uma escola? E o Vera lidou com isso de uma maneira linda. Este espaço maravilhoso que eles construíram [a Unidade Vila Ipojuca], e, claro que, com as agruras, tem também as questões que vão surgindo. Acho que cada momento tem suas luminosidades e suas sombras. E eu que vivi muitos aqui, sinto que no cômputo geral tem sido muito bacana essa vida. É uma escola que tem muita integridade, nos modos de fazer as coisas, nos cuidados com as coisas.

## Da Educação Infantil ao Ensino Superior

Dei aula no Instituto, sim, num momento muito bonito. Era engraçado, porque a Lucília [Bechara, fundadora] me chamava e falava: “Stelinha, você não vai acabar essa faculdade?”. E eu falava: “Ai, Lucília, uma hora vou, mas agora eu tô muito ocupada”. E comecei a trabalhar no Cevac como professora. Prestei vestibular e entrei, também não acabei. Daí, elas falavam: “Bom, a gente desiste, porque agora que a gente tinha esperança que você ia acabar...”. Magdalena [Jalbut], que tinha sido minha coordenadora no Verinha, coordenava o Cevac.

Era um momento de pensar qual era a melhor maneira de trabalhar com os professores, como é que eles aprendem, o que era fundamental. Eram muitas reuniões para discutir os caminhos de formação. Eu vejo ainda muita potência no Cevac. Acho que a tendência é ser cada vez maior, porque realmente é uma escola no dia a dia. O professor que vê uma aula acontecendo, e o jeito como as professoras se dedicam e preparam o trabalho, é uma coisa impressionante. Quer dizer, aquilo está na alma das pessoas.

## Uma usina

Vejo as exposições [do Vera], e elas têm um lastro da vida que veio antes de mim, mas têm a cara de quem está lá. Isso é muito bonito para um estudante de pedagogia, que vê o envolvimento das pessoas, um envolvimento diferente. Sei que ouvindo tudo isso parece “nossa, Stela tem um olhar meio Poliana”, mas não é. Você fica 32 anos em um lugar. Você vive agruras também. Vive embates. Vive questões. Mas quando eu olho para tudo isso, essas coisas ficam muito menores do que a potência que tem esse lugar, como uma usina mesmo, de fazer educação de qualidade, de ter diálogo com o mundo.

Então, é uma escola que dialoga com o mundo. A gente estudou muito, a gente viajou para estudar, porque os tempos eram outros, e a gente podia fazer isso naquela época. Nós fomos para Reggio Emilia [na Itália], fomos para a Argentina várias vezes; acho que também teve muito cuidado na formação das equipes da Educação Infantil, na Alvilândia e na Dona Elisa.

## Filhos no Vera e no mundo

Tive a alegria dos meus filhos estudarem aqui. Eu acho que a gente se preocupa com a escola ser para todos. Heitor brinca comigo que a gente entra na educação por paixão ou por birra. Eu talvez tenha entrado um pouco por birra e, depois, fiquei por paixão, porque eu tinha muita dificuldade com a escola. Com a escola e com a universidade, achava muito chato. E sinto que os meus filhos reconhecem a maravilha do Vera. Ao mesmo tempo, claro, têm críticas também. A escola precisa dialogar com todas as maneiras de ser, e ter esse propósito é muito desafiador, porque a gente tem limites.

Reconheço muito o Vera nos meus filhos. Outro dia, a gente estava numa aula, e alguém perguntou o que aconteceu com as crianças que

viveram todas essas coisas. Ficaram pessoas muito legais, pessoas que têm senso ético, têm um compromisso com o mundo. O Vera faz uma formação para a vida, e meus filhos puderam usufruir de muitas questões que o Vera foi trazendo. Esse diálogo com o mundo é muito efervescente dentro do Vera.

## Um microcosmo chamado Binah

Eu comecei com o Espaço Binah antes de sair do Vera. Um grupo da Dona Elisa foi fazer um sarau. Foi a primeira vez que foi gente lá. Nunca tinha ido. E eu comecei o Binah, porque queria uma escala pequenininha. Eu, na Bienal, tinha equipes de quinhentas pessoas; no Vera, estava cuidando de muita coisa, da Alvilândia, da Dona Elisa, do Verão. Era muita coisa para mim. Também saí do Tomie Ohtake, onde eu comecei o educativo e, depois, também fiz muitos projetos. Queria uma coisa menorzinha.

## Reinventar juntos

O Vera tem muito a celebrar. Fico pensando muito nos momentos da vida, a gente tendo que entender os fluxos de expansão, de contenção, uma coisa da vida mesmo, da vida das instituições, da vida da gente como pessoa.

Eu tenho muita gratidão, fico até emocionada. Porque, para mim, foi mesmo uma grande escola. Acho que sempre fui uma pessoa meio fora do padrão também, tanto na escola como na vida. E o Vera foi um “sim” para mim muito grande, nessas minhas loucuras de fazer exposição, de viajar, de fazer muita coisa diferente que não cabia numa vida linear, mas teve muita acolhida e muita abertura para inventar junto. O fazer junto é efetivo no Vera. E sou muito grata a Beth, porque ela foi uma mulher com quem tive embates, vivi coisas maravilhosas

com ela, mas ela foi uma mestra, aprendi muito com ela. Com Heitor também. Pessoas que, quando precisava tomar decisões importantes na minha vida, ia falar com elas.

É muito engraçado, porque, agora, entro no Vera e fico horas beijando Leo [Leonardo Ferreira dos Santos, auxiliar de manutenção], a moça da Secretaria. É uma relação muito constituída, muito construída por muitos anos. Sou muito grata. Desejo muito que a Escola encontre caminhos cada vez mais vitalizantes, entenda os fluxos do mundo, que vão mudando mesmo. Mas o Vera tem prática nisso, de se transformar, de se reinventar. Desejo longa vida ao Vera.



Stelina com Madalena Monteiro



# A construção do sujeito como foco

Norma Suely Ribas Gonçalves Queiroz

Professora [Ensino Fundamental, nível 3]





## De volta ao começo

Passei mais da metade de minha vida no Vera. Quase 40 anos. Fiz Psicologia e já estava formada, com dois filhos pequenos, quando comecei a trabalhar no Vera em 1982. Juliana estava com 2 anos e Marcelo, com 1. Tinha consultório, mas também trabalhava com estudantes com dificuldades de aprendizagem. Dei aula para um neto da Eunice [Rossa, coordenadora], que trabalhava no Vera. Ela queria me indicar, porque os resultados com o neto tinham sido muito bons, ele tinha conseguido melhorar muito na escola. Então ela falou com Stella [Mercadante, diretora], que me convidou para fazer um estágio.

Vim fazer o estágio, e fiz um relatório. Lembro que Stella me chamou para discutir os relatórios e que ela gostou muito da forma como encaminhei o relatório. E disse que, se houvesse uma vaga, ela me chamaria. Quando entrei no Vera para ser professora auxiliar, tive contato com a metodologia da Escola, totalmente diferente, que envolvia a construção do raciocínio do aluno, do pensamento dele. Isso me encantou de imediato, porque o desenvolvimento da inteligência, do raciocínio, sempre foi uma coisa que me interessou, desde a faculdade. Comecei um trabalho como professora auxiliar e, ao perceber que havia alunos que tinham dificuldades específicas ou de organização do tempo, do material, ou de estudo de texto ou de Matemática, propus que a gente, na função de auxiliar nos TPs [Trabalhos Pessoais], nos momentos de trabalho individual, fizesse com esses alunos um trabalho diferenciado. Um trabalho mais específico, mais abrangente, relacionado a pequenos grupos que saíam em momentos de TP. Durante quatro anos fui auxiliar. Foi um tempo de bastante aprendizado, a gente tinha reuniões de formação de professores em cada área. E era sempre uma construção coletiva, a gente trazia nossas observações em sala de aula, os assessores nos ouviam. A partir daí, fazíamos reformulações necessárias. Nunca era, nunca foi, e nunca será o conteúdo pelo conteúdo. O foco era a construção desse sujeito aluno.

Era um trabalho muito fecundo, muito gostoso de ser feito e que dava bons resultados. Fiquei quatro anos como professor auxiliar. Depois virei professora polivalente de 6º e 7º ano, antigas 5ª e 6ª série. A gente, então, acompanhava os alunos durante dois anos, nesse período delicado da entrada da adolescência. Mas depois mudou e fiquei no 7º, pois gostava bastante de trabalhar com adolescentes um pouquinho mais velhos. Isso até o ano passado, quando então me convidaram para fazer parte do 6º ano e eu aceitei. Este ano finalizo, então, com o 6º ano. Comecei no 6º e vou finalizar minha jornada no Vera no 6º. Voltar para o 6º também foi uma experiência muito gostosa, muito boa.

## Uma escola para todos

Como professora de sala, sempre vi que todos são casos de inclusão. Em que sentido? De que o professor deve favorecer, criar espaços de existência para todos, porque todos são diferentes em certa medida, e construir o lugar de aluno. Nessa perspectiva, sempre considerei o aluno com necessidades especiais um aluno com necessidades diferentes, mas isso não significava que ele precisasse ser tratado de um jeito que não o incluísse dentro da sala de aula. Todos esses alunos tinham dificuldades de aprendizagem, de leitura. Foi esse trabalho que a gente começou a formalizar mais com os professores auxiliares. Quando entrei, fiz essa proposta.

Stella trouxe a questão: “Nós vamos ter dois alunos com dificuldades e necessidades muito especiais. Como é que a gente vai considerá-los como pertencentes ao grupo de alunos?”. Era uma questão de todos, não do professor, especificamente. Um aluno era aluno de todos. Nessa perspectiva, sempre trabalho com os alunos como potencialidades a serem desenvolvidas.

Tive alunos autistas, com síndrome de Down, com problemas emocionais mais sérios que precisavam ser cuidados. Mas acho que o que

alinhava tudo é que a gente precisa vê-los como alunos, como pessoas, como sujeitos. Sempre busquei não deixar que o diagnóstico se antepusesse à nossa visão. Nesse sentido, sempre foi um trabalho fecundo, porque eles tiveram espaço dentro da sala, sendo atendidos, muitas vezes, também fora da sala para necessidades específicas. Se é uma questão da leitura, da escrita, vai ter o momento do trabalho na Escola, mas também um trabalho de inserção no coletivo, em que ele vai participar dos grupos, contribuindo da forma que ele pode. Já tive vários alunos com síndrome de Down, mas todos eram muito diferentes. Então, existe um sujeito que precisa ser olhado, atendido, acolhido.

Tive alunos com algumas questões agressivas sérias, e que colocavam medo nos demais. Então, era preciso falar desse medo. Era preciso trabalhar essas questões e situar esse aluno dentro do contexto da sala de aula. Não eram situações fáceis, eram situações em que a gente precisava o tempo todo estar muito atenta, porque poderia acontecer alguma coisa que fugisse um pouco do contexto da sala de aula.

Mas uma grande questão, na inclusão, é o trabalho com o grupo. O grupo precisa ser muito trabalhado, e isso é um diferencial do meu trabalho. Trabalho muito o grupo, tenha ele alunos de inclusão ou não. Trabalho as questões da dinâmica do grupo, o envolvimento do grupo com as propostas. Então, cria-se um vínculo. O grupo precisa ter uma construção coletiva e real, a partir desses indivíduos. Sempre trabalhei o grupo e tentava de alguma maneira fazer com que o próprio conteúdo, de certa forma, favorecesse esse entrosamento.

Me lembro do livro *Na profundidade do bosque*, de Amós Oz, que fala do excluído. Então, ao ler esse livro, que fazia parte da lista dos livros que eles liam, isso pôde ser trabalhado. De forma que aquele livro, a literatura, sempre foram muito importantes para tratar essas questões do diferente, da exclusão, do não se sentir aceito, do sentir-se estrangeiro diante das situações. A questão do sentir-se estrangeiro favorece essa ideia do pertencimento. A gente não pode minimizar a

participação desse aluno na sala de aula. Acho que esta foi uma grande questão que me acompanhou durante esse trajeto como professora: favorecer, mesmo, a construção do grupo, fossem quais fossem os indivíduos que formavam esse grupo. Acho que a própria estrutura de aulas mais longas, de uma hora e meia, favoreceu; era possível trabalhar a proposta individualmente. Depois, essa proposta era discutida no grupo. E aí dava tempo também de a gente falar sobre eles, para que eles pensassem sobre como o grupo estava funcionando.

O conteúdo passa a ser um pretexto para toda a construção que se faz, a partir daquilo. A gente tinha essas aulas mais longas, muito favorecedoras, porque havia tempo para essa construção.

## Um dia a dia sem igual

Tenho consultório e trabalho nessas duas instâncias, de maneira que uma ajudou a outra. Então, o que me encantou na educação do Vera foi essa possibilidade de lidar tanto com o indivíduo, na formação desse sujeito aprendente, quanto na formação do grupo.

Acho que a polivalência é extremamente favorecedora, justamente quando o aluno está num momento de crescimento para a adolescência, com todas as mudanças, com todas as perdas. Ter um professor que agregasse tudo isso, que não compartimentasse o conhecimento: mesmo que a gente tenha as quatro áreas, elas conversavam nas nossas aulas, porque a gente estava falando de Língua Portuguesa, mas você estava trabalhando também a História, as Ciências da Natureza, a Matemática.

A gente tinha reuniões semanais para falar dessa metodologia, não só do conteúdo, mas sobre como administrar esse conteúdo. É uma construção coletiva muito forte, em que se discutia o processo de conhecimento para o aluno. Então, o Vera é uma escola com essa perspectiva

coletiva de discussão, de o professor ser autor. Ao mesmo tempo que tinha uma linha mestra que direcionava todo o trabalho, o professor era autor diante da sua sala, porque, quando você está em contato com o pensamento do aluno em quatro áreas do conhecimento, você consegue perceber como isso se dá, como esse conhecimento está se estruturando, e de que maneira.

Isso foi muito importante para que eu optasse por, de certa forma, ficar tanto tempo, porque é algo vivo! Dinâmico! Cada ano diferente. Embora eu tenha ficado muito tempo no 7º ano, eu não me lembro de uma aula ter sido igual à outra, porque essa possibilidade de enxergar o grupo era um desafio novo na formulação de novas estratégias. Dentro disso, nós tínhamos os assessores de cada área, e, num determinado momento, professores coordenadores, que tinham que pensar nessa programação bimestral, ou trimestral. E isso era discutido no grupo. A partir disso, também a gente formulava o material didático com o assessor.

Agora, estamos vivendo uma reformulação de currículo. Em 2015, fui chamada para fazer o material de Língua Portuguesa no 7º ano com os gêneros: contos, poesia e memória. Ou seja, a gente começou a trabalhar com os gêneros na Língua Portuguesa, cada professor na sua série. Alguns foram chamados para produzir esse material. E esse material pode ser reformulado? Sim! A gente percebe se o grupo está funcionando, se precisa ser modificado, e qual é essa modificação. Quando eu entrei, quem fazia o material eram os professores que estavam em sala de aula. Depois, isso foi se modificando. Então, tinha um assessor que não dava mais aulas, mas que estava em contato constante com os professores responsáveis por aquela área.

Então se produzia o material. Porque o Vera não tem essa coisa do livro didático no Fundamental, segundo uma percepção, também, que envolve a autoria do aluno na construção desse material. São atividades dadas em momentos de tempo e de aulas coletivas. Por isso

também a importância da organização desse material, que, em si, é uma construção do aluno.

Uma coisa muito importante que sempre achei estruturante no trabalho do nível 3 são os momentos de TP e de aulas coletivas. O TP não era um momento só de se fazer uma atividade, mas propiciava ao aluno a construção quase que subjetiva de um tempo, um espaço. Ele aprende a se organizar, primeiro, concretamente: sua pasta, com seu diário ou agenda. A partir das tarefas da semana, ele tinha que construir o seu planejamento semanal. Ele tinha que conversar consigo mesmo para construir isso. Eram procedimentos que estruturavam o aluno diante do seu fazer, dentro da sua atividade de estudante e de atendente. E depois ele se inscreve para o atendimento, e é aí que está a beleza da polivalência! Porque o professor polivalente acompanha esse raciocínio do aluno e esse processo de aquisição do conhecimento. Não era um atendimento da dúvida pontual, mas de como ele estuda e como ele acessa esse conhecimento. Esse é o momento de estruturação muito grande. Sempre achei o TP um diferencial, não uma tutela excessiva, porque ao mesmo tempo que você acolhe a dificuldade, você trabalha com uma questão e vai atrás da resolução desse problema. É algo além da própria aquisição do conteúdo em si. Por isso que a gente sempre fala: o Vera não é conteudista, parece que não dá bola para o conteúdo. Não é isso. É que o conteúdo também é um meio para se chegar na estruturação desse ser.

É preciso também poder lidar com todas as questões que surgem, porque às vezes o aluno vem ao seu atendimento falando de outras coisas, e não especificamente do conteúdo. Ele está ansioso porque aconteceu alguma coisa, e aí você tem que trabalhar essas questões sob o ponto de vista da sala de aula e oferecer uma condição para que ele supere aquilo, para que ele possa entender que o lugar dele, naquele momento, está preservado, está garantido.

## O futuro em casa

Em 83 nasceu Paola, minha terceira filha. Foi um momento que eu não estava esperando [risos] e a Paola veio. Os três estudaram no Vera. Juliana estudou até o 8º, não tinha ainda Ensino Médio. Mas Marcelo e Paola estudaram no colegial também. Todos diferentes, e embora um deles não tenha sido um excelente aluno, essa questão em relação ao vínculo com o conhecimento, a possibilidade de aprender, a curiosidade, se manteve. Mesmo não sendo aquele aluno que gostava de estudar ou que dizia que gostava, algo que eu sinto que a escolaridade do Vera propiciou foi essa curiosidade diante do conhecimento ou a possibilidade de resolver situações-problema. Isso foi uma coisa que eu observei nos meus filhos também.

Tenho duas netas que estão aqui. Manuela, a mais velha das netas, vai pro 6º e é uma leitora ávida! Lê, lê, lê... Acredito que isso tenha a ver com o Vera. Não que seja uma regra, mas eu acho que a maneira como a criança é aproximada da leitura, valorizando os gostos, percebendo a dificuldade — pois não é fácil entrar nesse mundo da leitura, não é —, acho que ajuda muito.

Eu estava num curso e, antes de começar, ouvi uma conversa. E aí as pessoas falavam: “Não sei o que fazer com meu filho, que não quer saber de ler”. Aí, uma senhora mais velha: “Nossa, meus netos gostam tanto de ler!”. “Mas como? Porque não dá para entender que uma adolescente goste tanto de leitura.” E ela falou: “Ah, mas a escola faz um trabalho magnífico, porque tenho outro neto que não gosta de ler. Ela se aproxima do aluno. Tem o momento da biblioteca, em que eles podem conversar sobre as dificuldades, inclusive, de leitura”. Aí, me interessei pela conversa, fiquei ouvindo. Então, a mãe, que estava preocupada, perguntou que escola era essa. O Vera Cruz! Aí, eu falei: “Aí, gente, que bom ouvir isso de alguém de fora”.

Eu estava aqui dentro, sabendo das propostas, dessa atenção. Lembro que a gente oferecia um título dos clássicos, por exemplo, e alguns gostavam e muitos não. E se a gente oferecesse uma lista para o aluno escolher? Porque, a partir do momento em que ele escolhe, mesmo que seja dentro de um gênero, essa escolha envolve vínculo. Acho que foi uma boa saída. Quando a gente introduziu as listas, elas favoreceram isso, esse vínculo.

## A importância do corpo a corpo

Foi um desafio imenso. Primeiro, para conseguir trabalhar com toda a tecnologia. Mas isso não foi tão difícil. Acho que a partir do momento em que você se vê dentro do desafio, você vai atrás. No começo foi bastante difícil, bastante assustador, porque o professor tem no seu cerne essa questão do encontro, do contato, do olho no olho. Nesse primeiro momento, não estar ali presente, alguns abrindo a tela, outros não. Não é do nosso feitio ficar obrigando, mas tentar construir a possibilidade de que abrissem, se sentissem à vontade para isso, porque a gente tinha a noção de que aquela sala de aula virtual adentrava a casa deles. Trabalhar essas questões do que é público do que é privado, tudo se misturou! Casa, escola, família... Foi um momento bastante difícil, mas acho que a gente encontrou maneiras de se aproximar, de falar dessas questões, de falar do difícil.

Mas a gente volta para a sala de aula, como foi no começo deste ano. Felizmente, o primeiro dia do 6º ano foi aqui. Então, a gente pôde se conhecer, se olhar e se apresentar. E aí a gente foi algumas vezes para o online, e quando a gente volta agora, a gente percebe claramente a defasagem, o quanto essa corporificação é importante, porque há, sim, defasagem de conteúdo, porque você não está vendo o olhar de interrogação, você não está vendo a dispersão, natural em muitos nessa fase. Estar em grupo significa ter regras de convivência, jeitos de falar, maneiras de se aproximar do outro. Coisas que foram, de

certa forma, perdidas. Então, a gente volta com esse imenso desafio de construir, de novo, esse coletivo. Desde regras de saída, porque eles se acostumaram a estar na tela. Até falavam: vou ao banheiro ou vou tomar uma água. Eles se preocupavam com isso. No entanto, era possível sair, porque era ele com ele mesmo, ali no quarto ou na mesa da cozinha. E o que aconteceu agora, na volta? [O aluno] levanta e sai, no meio da aula! Levanta e sai. Então, você tem que construir de novo o coletivo, que se perdeu. É um novo aprendizado. E considerando o 6º ano, é um momento de passagem. E eles ficaram muito tempo longe! Então, tudo isso não foi trabalhado. Não diria nem que não foi trabalhado, não foi vivido!

A gente acredita que aquela aula deu certo, porque dois ou três falavam, e eu achava que tinha atingido. Mas aí você vê que não! Que aqueles que têm mais dificuldade de concentração, que são dispersivos em sala de aula, você consegue imaginar o quanto se dispersaram nesses momentos em que não tinha a figura do professor ali, pra dizer: "Olha, você está se dispersando. Volta!". Ou às vezes você está dando uma aula, e você olha, e percebe que ele não entendeu. "Você entendeu?", "Ah, mais ou menos..." . Aí você retoma.

E na tela? Acho que esse tempo serviu pra gente perceber o quanto é importante a presença, o encontro, o olho no olho. Acho que isso nunca ficou tão claro como nesse tempo que a gente viveu. Foi desafiante! Mas eu acho que trouxe muito aprendizado, no sentido de observar o quanto a educação se faz mesmo ali, no trato, na presença corporificada do outro, porque a presença virtual não garante.

## Pular corda e saltar pra vida

Acho que faz parte do crescimento e desenvolvimento a gente se preparar para os desafios. Eu sou uma pessoa que sempre se desafia e se lança. Ser educador é estar diante do desafio constante, diante do

grupo, diante do indivíduo. Agora, por exemplo, a gente está vivendo novos desafios, essa fragilidade emocional que está acompanhando os nossos alunos. Você tem situações de alunos com muitas questões emocionais pulando na sala de aula. Ansiedades, pânico. Você tem que lidar com tudo isso. É aí que se faz a construção desse aluno, e garantir que esse é o lugar dele, de construção, para que ele se acalme, para que ele perceba que tem um lugar. Fiz isso com uma aluna: “Sua presença é muito importante na sala, suas colocações são fundamentais para que o grupo pense”. Ela tem um jeito de olhar para o mundo, para a vida, diferente. E que no momento presencial vinha de um jeito gostoso; mas, agora, como ela ficou confinada... Ela se assusta com tudo isso, ela não pode compartilhar essas coisas. Quando eu digo que ela é importante, ela é uma presença importante, com as colocações que fazem as reflexões do grupo serem melhores e mais maduras. E aí ela está conseguindo ficar, embora ela tenha esses momentos de crise de ansiedade.

Então, esses desafios me movem. Mas, sim! Eu estou preparada para sair. Dói um pouco, porque estar no grupo para mim é fundamental. Um dia eles estavam na aula de Biblioteca, ali, sentados. Eu olhei por um momento, eu olhei pra eles todos assim, sentados. E lembrei que eu não vou estar no ano que vem, nesse momento do grupo. Claro que dói! São 40 anos entrando por esse portão e fazendo um trabalho que é muito bonito! Muito lindo!

A psicologia e a psicanálise me ajudaram muito a ter essa escuta, a perceber o que o grupo precisa, o que o aluno precisa. E a trabalhar essas questões de forma a favorecer o aprendizado, porque nunca fui psicóloga em sala de aula, mas os conhecimentos tornaram minha escuta mais diferenciada. Isso, sem dúvida! Acho que houve uma convergência de conhecimentos que me ajudaram muito nessa trajetória. Claro que é difícil sair depois de tanto tempo, mas por outro lado eu também tenho o trabalho com adolescentes, já tenho consultório. Não me vejo sem trabalhar, porque sou ávida por conhecimento, por ir

atrás. Agora, vou sentir falta? Eu vou! Com certeza, mas eu sei que é o meu momento. Teria mais fôlego? Sim! Sem dúvida!

No ano passado, eu estava pulando corda com os meus alunos. A gente veio aqui e teve muita atividade física. Estava pulando corda e brincando de foguinho. E eu pulei melhor que eles [risos]. A gente aprendia a pular corda! Falei que só ia sair do Vera quando eu não conseguir mais pular foguinho. Eu consigo pular foguinho ainda, mas a hora chegou.

Acho que não é a mesma coisa todos os anos, não é! Já me perguntaram: “Como você aguentou ficar fazendo a mesma coisa?”. Não é a mesma coisa. Por isso que a vida se faz e refaz, se constrói, se modifica. Sentirei saudades? Claro! Porque é uma coisa que eu fiz com muito amor, muita dedicação.

Uma ex-aluna que trabalha com alunos com dificuldade me ligou perguntando se eu podia atender um aluno de outra escola que tem problemas com escrita: “Norma, você me ensinou a ler, me ensinou a pegar um texto e extrair do texto o que ele tem”. Eu fazia esse trabalho de estudo de texto e ela foi uma dessas, desses alunos que saíram do TP para fazer esse trabalho complementar. “Eu me senti mal, porque a dificuldade estava posta. Mas depois vi o quanto eu aprendi.” E hoje ela trabalha com isso. “Você me ensinou!” Ouvir esse depoimento daquela que você conseguiu ajudar foi muito gratificante. Muito bom.





# Uma bela fornada

Paula Fava Ditt Lutti

Orientadora [Ensino Fundamental, nível 2]





## Passo a passo rumo ao Vera

Nasci em São José dos Campos. Sou de uma família com quatro irmãs: tenho uma irmã mais velha, uma mais nova e um irmão caçula. Meu pai é de Santos e minha mãe de São José do Rio Preto. Eles se conheceram em São Paulo, se casaram, e meu pai foi convidado a trabalhar no ITA, em São José dos Campos. Meu pai é formado em psicologia, é um dos primeiros psicólogos. Hoje, ele tem 92 anos. Se eu não me engano, o CRP dele é nº 16! Meu pai também foi ligado à educação, trabalhou com Cynira [Fausto, fundadora], como orientador educacional, inicialmente.

Meus pais se mudaram para São José, onde os quatro filhos nasceram. Quando meu irmão tinha mais ou menos um ano e eu oito, a gente veio para São Paulo por causa do trabalho do meu pai. Meus pais ficaram em dúvida entre duas escolas: o Vera e o Pueri Domus, para onde a gente acabou indo. Os quatro no mesmo período, para o gerenciamento da família. Por isso, o Pueri Domus. Estudei lá até o final — na época, colegial — e cheguei a fazer magistério lá. Comecei a minha carreira no Pueri.

Conheci mais profundamente o Vera quando estava na faculdade de pedagogia e era colega de classe de Lucila [Toledo Bernardes], que foi professora do Verinha durante muitos anos. Lucila falava do Vera Cruz com uma paixão enorme! “Porque, no Vera Cruz, a gente estudava Emília Ferreiro”, e a faculdade nem sabia de quem se tratava. Isso era 1986.

Lucila trouxe meu currículo para o Vera, e acabei sendo chamada. Eu estava no último ano e não conseguiria conciliar as duas coisas, a reunião do Vera e as matérias que eu tinha que terminar na faculdade. Abri mão do Vera, mas, no ano seguinte, fui chamada de novo. Eu tinha 22 anos. Me formei em 1989 e, em 1990, comecei no Vera, como auxiliar de classe. No meio do ano, substituí uma professora que pediu licença. E, aí, foi, sempre na Educação Infantil, no Verinha,

menos os dois últimos anos. No Verinha, circulei por todos os segmentos da Educação Infantil, na época, os dois primeiros anos do Fundamental. Conheci todas as séries, trabalhei bastante com alfabetização. Era uma paixão ensinar a ler e escrever, muito maravilhoso isso. Fiquei dez anos pedindo para a Escola alguns desafios.

## A caminho da Orientação

Em 2000, assumi uma vaga de Orientação no G5. Fiz vários ciclos: G5, 1º e 2º ano. Peguei um momento muito maravilhoso do Verinha, um momento de muita mudança. Além da reforma física, quando o Verinha ficou muito bonito com aquele nivelamento dos pátios, acesso para cadeira de rodas, as salas todas abertas para as varandas, a construção daquelas varandas, teve uma parceria entre o projeto físico e o pedagógico, houve a ida dos bem pequenininhos para a Alvilândia. Peguei todo esse movimento da Escola como orientadora. Participei bastante da construção dessas duas Unidades que sempre conversaram muito, sempre tiveram uma parceria muito forte. Foram tempos maravilhosos, de muito estudo! A gente começou a estudar Fernando Hernandez, os trabalhos das escolas da Itália; foi um momento de muito investimento na formação dos professores, o que foi bem bacana. Falo sempre que me formei no Vera. Aprendi muito mais no Vera do que na faculdade.

Tem uma coisa fantástica que é essa descoberta que as crianças fazem do universo da escrita, o momento em que elas começam a enxergar o mundo de outro jeito, mais calcado na realidade. Elas têm acesso a todo tipo de informação, entendem as informações faladas, as escritas. Elas estão muito conectadas com o mundo externo. É uma época em que as crianças têm muitos medos também, exatamente por estarem muito conectadas com o real, com o assalto, o ladrão, as múltiplas possibilidades da vida. É um período em que aparecem muitos medos, mas é um período de muita abertura, muita desco-

berta, muita transformação. Quando eu estava com os menores, até brincava quando eles voltavam das férias: parecia que tinham descansado que nem pão, que cresce... [risos]. Era incrível! É um período de crescimento tanto intelectual quanto físico, é muito bom!

Como orientadora, lidava com muitas crianças, muitos professores, muitas famílias. O orientador tem algumas ilhas, e é responsável pela conexão delas: professores com Coordenação, famílias com professores... O professor é um protagonista que aparece, é o gestor do grupo, é a pessoa que tem que estar visível. E o orientador tem um protagonismo superforte, mas não aparece, ou aparece em algumas situações, quando se tem que fazer uma interlocução com uma família muito complicada, quando se tem uma criança com uma dificuldade muito grande, um professor que está precisando de muita ajuda, o orientador aparece. Senão, ele é um anteparo para o professor, uma pessoa que auxilia, mas não é ele que tem que aparecer. Quando o orientador aparece mais que o professor, a gente tem um problema. Quem tem que aparecer é o professor.

## Aprendizados de uma orientadora

No meu caso e no de algumas orientadoras, teve o momento delicado de ter saído do lugar de professora para o lugar de orientadora. Você é um parceiro e, de repente, tem um deslocamento. Você é um parceiro de um lugar um pouco diferenciado. Esse é um desafio nem sempre muito cômodo, principalmente no começo. Depois, na hora que você se estabelece no seu lugar, as coisas se organizam.

O orientador tem essas múltiplas entradas, um desafio também, sempre virando muitas chavinhas. Uma hora, estou falando com criança, agora, com professor, agora, com família, agora, com a Coordenação, outra, com a Direção, depois, com o profissional que atende a criança. Essa é a diferença. Enquanto o professor consegue estar mais focado

na aprendizagem das crianças e naquele trabalho, o orientador está em muitas frentes. Quando eu pegava uma turminha no G5, no final do ano as professoras conheciam mais as crianças do que eu, porque cada professora estava mergulhada no seu grupo e eu, em muitos grupos. Quando chegava no 1º ano, eu conhecia as crianças mais do que as professoras. Era um movimento de parceria com a mudança de lugar, de ser aquele que está dominando mais e, de repente, não. Você precisa do professor para ter dados daquela criança, precisa confiar no professor, e o professor precisa confiar em você. Acho que é uma construção boa.

Quando eu era professora e fui convidada para ser orientadora, eu queria isso; mas a gente faz o pedido, acha que não vai acontecer, e quando aconteceu, levei um grande susto. Lembro que Heitor me ligou, era 23 de dezembro. Era professora, estava de férias, fazendo massa de lasanha porque a gente ia fazer um jantar à noite na minha casa, para comemorar o Natal com a minha família. “Nossa, 23 de dezembro, o Heitor me chamando, o que aconteceu?!” Fui meio suja de farinha conversar, e ele veio com essa proposta. Lembro que a gente ficou conversando, porque meu filho estava no G5, e eu ia ser orientadora do G5. Ficamos tentando desfazer uns nós para dar certo. No fim, deu.

Quando fui convidada, eu tinha a sensação de que ia ser muito bom, que eu ia dar conta do trabalho com os professores e que ia sentir uma certa dificuldade no trabalho com as famílias. Sempre gostei muito do trabalho pedagógico, de pensar em atividade, propor ficha, criar projeto, então, achava que trabalhar com os professores ia ser fácil; com as famílias é tão delicado, você tem que pensar em como vai falar, o que vai falar, como vai apontar certas coisas. Quando eu comecei mesmo na lida, planejar reunião com professor, atender pai, acolher mãe, fui vendo que era bem difícil, talvez porque, naquele começo, eu estivesse nesse lugar delicado de ser colega, uma parceira que não está mais no mesmo lugar.

Achei os dois primeiros anos bem difíceis com os professores e me encantei com o trabalho com os pais. Fiquei completamente apaixonada, mesmo com toda a dificuldade. Não é fácil conversar com os pais, mas adorei! Deu supercerto minha parceria com as famílias. No trabalho com os professores, acho que fui me fortalecendo nesse lugar, então, depois, também virou uma coisa muito boa, positiva.

Já estava há 10 anos na Orientação, quando acabei fazendo um curso de formação em terapia de casal e família. Era 2010. Em 2014, me formei como terapeuta de casal e família e, em 2015, comecei, muito influenciada pelo meu papel de orientadora. Quando fui fazer minha escolha de graduação, tinha muitos desejos: pedagogia, psicologia, essas áreas do cuidado com o outro. Acabei escolhendo a pedagogia.

Fui uma aluna com dificuldade de aprendizagem, uma criança que demorou para ser alfabetizada. Não foi, para mim, um processo fácil. E me lembro da minha descoberta, no Vera, de questões da Matemática. No primeiro ano, a gente foi fazer uma reunião com Mara [Vada Lopes], que era assessora de Matemática, e ela explicou como se dá a decomposição dos números — o que é esse “vai um” na conta de subtração. Não é que vai um, não é que o número vira... Enfim, ela deu uma explicação. “Nossa, o ‘vai um’ é isso!”. Fui entender, com 22 anos, o que era o “vai um”. Olha só que incrível!

## Um susto e a decisão

[Durante a pandemia] a gente passou a viver uma escola que não era exatamente a escola em que a gente acredita. Uma escola atrás da tela, distante das crianças, que aprendem em relação, conversando com o outro, em contato com o outro. Por mais que você tente proporcionar isso por meio do computador, é muito difícil! A criança precisa ter um suporte físico para dar conta disso. Acho que a escola, nesse momento, perdeu esse lugar. E todo mundo se desestruturou

muito — as famílias, os professores, as crianças, e a gente tinha que dar conta de levar tudo isso, de ajudar todo mundo, sendo que a gente também não estava dando muito conta.

Em 2020, a gente trabalhou de manhã, de tarde e de noite, nos finais de semana... Fui dois anos orientadora do 3º ano. Tive que fechar o consultório, não dava conta do consultório diante da demanda da pandemia. Tive que criar material novo, aprender a mexer com a tecnologia, ajudar os professores com a tecnologia, acolher as famílias, fazer tabelinha de presença na Escola, quem entra com quem, os grupos que podem se cruzar, que não podem se encontrar porque um teve covid, aí, se suspende a classe inteira... A gente ficou num trabalho burocrático 100% do tempo, e, aí, eu acabei falando: “Não, fiz um projeto de dez anos de investimento na minha formação, na terapia de família. Ou paro agora para poder dar conta do consultório, ou vou perdê-lo”. E acabei saindo um ano antes do planejado. Saí no final de 2020, com muita dor no coração, com muita dúvida, com muito medo, mas encerrei para salvar o consultório. Trinta anos depois!

## Inclusão para o bem de todos

Cada aluno é um aluno, é um trabalho bem desafiador, mas muito formativo para todo mundo. Os adultos ficam muito desestruturados, no bom sentido, pois têm que sair do previsto para pensar no imprevisto, porque essas crianças pedem isso. É desafiador, mas é extremamente enriquecedor para as outras crianças, que aprendem que as pessoas são diferentes, que cada um aprende diferente, que, às vezes, uma pessoa precisa de mais ajuda do que outra e que está tudo bem, faz parte. As crianças aprendem a ser colaborativas, generosas. Na relação com essas crianças, elas aprendem muito, as famílias aprendem muito, e a criança que tem alguma questão, evidentemente, aprende muito também. Às vezes, a maior aprendizagem nem é no âmbito pedagógico; muitas vezes, é no âmbito da aprendizagem social. É estar

naquele grupo, brincar com aquelas crianças, se sentir desafiada. É estar num grupo de crianças que puxam você para cima e não com crianças que a deixam no mesmo lugar. Acho que o saldo é muito positivo. Do lugar de orientadora, a gente tem ainda a entrada dos outros profissionais que acompanham a criança, um terapeuta ocupacional, uma fono, um fisio; a gente aprende muito.

De vez em quando, as pessoas falam: “Nossa, você tem um olhar para questões de fono!”. Eu tenho porque conversei com muitas fonos e aprendi muito com elas, que me deram muita referência para eu olhar para coisas que antes não olhava, um olhar muito mais instrumentalizado a partir da conversa que tenho com elas. Esses profissionais que acompanham as crianças fora da escola ajudam bastante, às vezes até a vencer uns preconceitos que a gente tem com essa ou aquela linha terapêutica. Você vê que essa linha para aquela criança resultou num trabalho superbom, com coisas que a gente não conseguiu. Não tem quem não agregue, mesmo que as pessoas pensem muito diferente. É uma maravilha esse trabalho de inclusão.

Existe um documentário com uma aluna nossa, uma criança de inclusão com uma questão muito importante, muito diferente de tudo que a gente já tinha recebido. Ela participou do documentário que falava de crianças autistas; uma das características da síndrome dela era o autismo. Eles acompanharam a vida de seis crianças, e uma delas era uma aluna nossa. A gente aparece no documentário, falando do quanto foi importante para ela estar nesta escola, com crianças típicas, para o desenvolvimento dela, e de tudo que ela aprendeu dentro da Escola. É bacana ver como faz diferença na vida deles.

## Filhos, o saldo

Meus filhos estudaram no Vera o tempo todo, desde o Maternal até o final do Ensino Médio. Comigo, era bom e ruim. Bom, porque você está

pertinho sempre, saber do trabalho, pois sempre, sempre fui muito encantada com o trabalho da Escola como um todo. Poder acompanhar era muito gostoso, mas havia desafios, de eles me verem com outras crianças, me solicitarem no lugar de mãe e eu ter que dizer: “Não, sua professora está lá. Agora, você está na escola”. Essa divisão, quando eles são muito pequenininhos, é muito desafiadora. Para meu filho mais velho, foi difícil depois. Quando ele foi para o Verão, a gente perdeu esse laço. Brinco que ele fez adaptação no Verão, não fez no Verinha, porque ele me via o tempo inteiro. No primeiro semestre, deu um nó na cabeça dele. Foi difícil para ele essa passagem. Para minha filha, que é mais nova, foi um alívio! Ela se incomodava muito de me ver com outras crianças. Quando ela foi para o Verão e deixou de me ver, foi libertador.

Acho que meu maior desafio como mãe foi ser mãe e professora ao mesmo tempo. Sinto que não fiz vínculos com as famílias como as outras conseguem fazer. O fato de eu ser uma profissional da Escola me distanciou das famílias. Nem tudo dava para falar; quando tinha uma queixa, uma reclamação, tinham que cuidar para não chegar em mim; se chegasse, sabiam que de algum modo eu ia fazer alguma interlocução, alguma colocação. Isso criou um afastamento das famílias no lugar de mãe.

Mas, do ponto de vista da aprendizagem dos filhos, de ter acompanhado, de ter domínio do que está acontecendo, de saber que o trabalho vai dar certo, nisso eu sempre confiei muito. Rodrigo é engenheiro de biotecnologia e bioprocessos; Gabriela estudou relações internacionais. Todo mundo falava que o Vera forma alunos de humanas, mas o Rodrigo tirou 9,5 em cálculo na faculdade. Teve quatro semestres de cálculo em engenharia, e só no último ele foi mais ou menos, tirou seis, porque nos outros ele tirou oito, nove, dez. Ele dizia: “Eu não decoro fórmulas, eu entendo o exercício”. Para mim, essa é a Matemática do Vera. E reconheço o Vera em Gabriela, na escolha que ela fez: ela trabalha com logística reversa, na Associação Brasileira de Vidro, com destinação de vidro, reaproveitamento, trabalho educativo, pensar o meio ambiente. Isso tem bastante a ver com o Vera.

## Enfim, o consultório

Comecei a me encantar por essa coisa da aprendizagem, de ensinar, aprender, e fui para a pedagogia. A psicologia ficou como um sonho não realizado. Então, achei que a possibilidade de fazer essa formação era um resgate, uma possibilidade de eu ir para o consultório, um trabalho que eu tinha vontade de fazer. Fiz a formação, que me ajudou muito no trabalho na Escola e me possibilitou essa abertura para um outro campo. Sou muito focada e organizada, então também tinha o plano de fazer um projeto de aposentadoria, porque sei que a Escola pede uma vitalidade que, às vezes, a gente vai perdendo com o tempo. Não que a gente perca a vitalidade intelectual, mas a vitalidade física, o horário, aquele compromisso todo santo dia, às 7h30 da manhã, toda terça-feira até 9h30 da noite, e, na quarta-feira, às 7h30, você está lá de novo. A gente vai ficando bem cansada. Queria ter mais flexibilidade, uma coisa que a Escola não possibilita muito, quase nada. Se você falta, tem uma turminha de 30 crianças que fica “órfã” de um professor, ou tem uma turma de professores que fica órfã da orientadora, e assim por diante. Achei que o consultório era uma oportunidade de eu viver essa experiência.

Em 2015, comecei a trabalhar com um consultório bem pequenininho, porque era o que cabia numa manhã e numa tarde que eu tinha livres. E, aí, o consultório começou. Em 2018, me aposentei, mas não consegui parar. Fiquei morrendo de medo, superinsegura, achando que não ia dar certo, que eu não ia gostar de sair da Escola, e resolvi ficar por mais um ciclo. A Escola me convidou para seguir para o Verão com as crianças, com a turminha do 2º ano para o 3º ano. Então, vivi a experiência de passar para o Fundamental nível 2 e para o 3º ano, uma experiência sensacional. Foi muito bom ter podido conhecer o nível 2 de um outro lugar. Mas veio a pandemia.

Tenho uma sala bem gostosa, grande, parece uma sala de visita mesmo; então, na pandemia, a gente fazia um acordo para ter a janela aberta, sentava longe. Quem quis voltar para o presencial, voltou.

Foi incrível, porque, quando eu comuniquei à Escola, em julho, que eu ia parar no final do ano para fazer esse investimento no consultório, a Escola comunicou aos pais e professores. Já em setembro, algumas pessoas começaram a me ligar. As coisas foram se encaixando, fui conseguindo decidir fazer essa passagem, e o consultório foi dando sinais de que era isso mesmo, que era para eu investir nele.

## Pão e educação: uma rima com solução

O pão começou como uma coisa pessoal. Queria fazer um pão de qualidade para mim, porque estava cuidando da alimentação, dieta... Fiz uns dois cursos, aprendi a fazer o fermento natural, a saber o ponto da massa, e comecei a fazer pão para mim. Quando veio a pandemia, comecei a fazer pão para dar de presente, no aniversário das pessoas. Eu fazia um pão, comprava um azeite e dava de presente. Então, começou: “Você não quer vender? Você não quer fazer? Você faz um para mim? Vou receber uma visita, você faz um pão?”. E quanto mais a gente faz, mais bonito ele fica, a gente vai acertando a mão, a experiência ajuda você a saber o ponto da massa, se deu certo. Fiz um curso para padeiro mesmo, de pães integrais, um curso sobre fermentação natural. Comecei a fazer quantidade grande de pão: eram seis quilos de farinha, 12 quilos de massa depois, que dão 20, 24 pães, uns pães superbonitos. Eu fiz até um Instagram para os meus pães (risos). Depois, comecei a fazer umas experiências de pão sem glúten, deu supercerto também, é um pão delicioso.

O pão tem muito a ver, sim, com o projeto da Escola, que ensina você a ter paciência. O pão tem o tempo dele. Se está frio, é uma coisa; se está calor, é outra. É ele que decide tudo, não é muito a gente. É bem a relação com a aprendizagem mesmo (risos).

## Uma Escola que fica

Amo esta Escola, ela está em mim. No consultório ou quando a gente faz umas reuniões de supervisão, num trabalho voluntário que atende famílias e casais, vira e mexe eu vou dar um exemplo e falo: “Porque lá na Escola...”. A Escola ainda está em mim, e acho que vai ficar para sempre. Mas é muito interessante que eu consigo trazer mais exemplos de escola do que de consultório ainda. Então é isso, esta Escola, realmente, faz parte de mim.

Consigo enxergar que o que eu sou hoje tem uma parcela grande do que eu aprendi no Vera, do que fui no Vera, com as pessoas do Vera, na parceria com os professores, com o corpo técnico, com Angela [Fontana, coordenadora], com Beth [Scatolin], que foi a minha primeira mestra de Orientação, e, nos últimos anos, com Débora [Rana, coordenadora]. Todas essas minhas parceiras foram, cada uma, uma escola diferente.

É muito emocionante falar do Vera! O Vera é uma escola afetiva, que considera o humano, a pessoa, as diferenças. Quem tem o privilégio de ficar aqui tanto tempo sai mesmo modificado.





# Aquele que morou no Vera

**Pedro Saliba Filho**

Professor especialista de Artes — Teatro

[Ensino Fundamental, nível 3]





## Teatro desde sempre

Comecei a fazer teatro com 9 anos de idade, em 1965, com um ator que, infelizmente, morreu de covid há pouco tempo, Paulo Gaeta. Fizemos um primeiro espetáculo, chamado *Bilhete premiado*, e a partir daí não parei mais. Continuei na escola com Antônio Carlos Cosenza, um professor de francês, superculto, também diretor de teatro. E fui, nessa trajetória, fazendo muitas coisas, trabalhando com Tato Fischer, grande diretor de teatro. Aprendi muito com ele. Ele foi um dos criadores dos Secos & Molhados, junto com Ney Matogrosso. Ele veio para o meu bairro, o Ipiranga. E ali tinha uma escola, uma escola muito interessante, em termos de vanguarda, chamada Escola Educabras, dirigida pelo Cláudio Feijó, um dos donos da [escola de fotografia] Imagem e Ação.

Eles dois foram os nossos mecenas. E eu bebi da fonte. Fizemos coisas lindíssimas, Nelson Rodrigues... Espetáculos que não puderam estrear, por conta da censura, e uma série de coisas. Criei muitos movimentos de teatro em periferia, em bairros, dei aula em muitos lugares. Eu gostava muito de dar aula, de passar o conhecimento, aquilo que eu havia aprendido. Cheguei até a criar a casa de cultura "Liberdade para as Borboleta", que ficava ali no bairro do Moinho Velho. A gente convidava muitos grupos de teatro, de dança, de música. E nisso a gente criou a Cooperativa Paulista de Teatro, a primeira cooperativa do gênero na América Latina. E esse foi um ponto importante para a consolidação de nosso trabalho.

Em 1978, já havíamos conseguido a regulamentação da profissão de ator e de técnico, porque até então éramos reconhecidos, mas não regulamentados. Então, foram passos importantes, e eu estava no meio desse furacão. Nessa experiência, um dos alunos que eu tive foi o Sérgio Conventi, ao qual eu presto uma homenagem aqui. Ele foi meu aluno muito cedo, muito jovem, depois ele entrou no meu grupo de teatro. Isso, no final da década de 1970.

## Uma jornada de três décadas

Em 1986, Sérgio me convidou para ver o espetáculo dele numa escola, muito orgulhoso, e falou: “Saliba, vem pra cá, eu vou estar com um espetáculo, quero que você veja”. Era a Escola Vera Cruz. Vi o espetáculo, muito bonito, chamado *A caverna*, era a conclusão do ano. Da 8ª série, na época. Dois anos depois, em 1988, ele me convidou para vir pro Vera. Entrei no Vera em 1988. Vim pro lugar dele, e cheguei aqui no Vera. Aí, foi uma delícia! Ter uma estrutura para o artista é muito importante, porque uma das coisas mais difíceis, hoje, para fazer teatro, é você ter um espaço físico. Na época, década de 1980, começaram todas essas especulações imobiliárias, e a gente foi perdendo muito espaço. A pessoa preferia alugar pra alguém, ter benefícios materiais, a deixar o grupo lá, ensaiando. Então, perdemos muitos desses espaços. Muitos viraram igrejas, lojas de calçados. Só para se ter uma noção, no meu bairro, tínhamos 14 cinemas. Hoje, não tem nenhum. Então, “Puxa vida! Eu tenho toda uma estrutura, tenho o elemento humano, que são os alunos, tenho um espaço físico e todo um apoio logístico para poder fazer meus espetáculos”.

Era um espaço onde hoje é a biblioteca do Verão, uma salinha muito pequenininha, mas com uma arara pendurada com as roupas. A gente ensaiava nesse cubículo, que para mim era o espaço ideal. Era uma aula na grade curricular. Quando cheguei, nós fazíamos apenas o 2º semestre. Em 1988, 1989, 1990, 1991, até 1996, trabalhávamos no 2º semestre. Música, Teatro e Artes Plásticas. Eu dava aula com outra pessoa de Teatro. Cada um ocupava um espaçozinho. Era um espaço que a gente chamava de um “prédio novo”. Lá, nós ensaiávamos, tirávamos todas as cadeiras — eu sempre muito organizado, deixava o espaço totalmente limpo. E aí comecei a entender o processo, como trabalhar com essa clientela, e aí foi uma delícia, porque realmente pude experimentar. Este é o meu 34º ano no Vera. Fizemos de tudo. Foram mais de 50 espetáculos, no Clube Pinheiros, no Alto de Pinheiros, sempre tendo que ter mais espaço pro público, porque a clientela aumentava.

Fiz o primeiro ano no Masp, e esse ano foi muito interessante. Era uma peça que tinha uma alegoria, e eu já comecei lá da rua. Tinha uma alegoria que entrava, é uma coisa que eu não esqueço. Um aluno tinha que fazer uma mágica. Eu estava lá na frente, na primeira fila, não conhecia os professores direito, não sabia o que era a Escola direito. E aí o aluno chegou e falou: “Saliba, como é que é? Me ensina mesmo essa mágica, para eu poder fazer direitinho”. Isso, cinco minutos antes de começar. No teatro é tudo muito corrido. Só que quem estava atrás de mim, sentados na primeira fileira, eram o Eduardo Suplicy e a Marta. “Gente, vai começar. Ninguém levanta”, coisa assim, e sentou todo mundo. Fiquei no meio dos dois. Aí deu uma brecha e eu me levantei. Debutei assim!

As apresentações eram sempre no final do ano. Esquema super-profissional. E já tinha esse rigor, de realmente fazer teatro de verdade. Teatro tem que ser dado de verdade, não é? Não pode ser um diletantismo, você tem que ir fundo. Trabalhar com a transformação, as pessoas acreditarem no projeto, todos se envolverem, onde o grupo é mais importante do que as pessoas. E se o grupo ascende, todo mundo sobe junto, fica mais vigoroso. A gente não deixa, não deixava a desejar para ninguém. Ao longo desses anos todos, cruzei com pessoas da década de 1960 e 1970, que eram pais, avós da Escola nesse primeiro ano. O [ator] Umberto Magnani era uma referência: “Saliba, que coisa maravilhosa”. Ali eu já me senti: “Puxa vida! Eu estou no lugar certo”. Ele percebeu que era um trabalho diferenciado.

Faço questão de trabalhar com esses alunos, que cada um crie seu repertório, faça a sua dramaturgia. Mesmo que ela não atinja um grau de excelência. Infelizmente, a gente tem às vezes esse contraponto. Existem pessoas que já vêm com o texto pronto. E aí não fica uma coisa totalmente orgânica. Lembro que, uma época, a Stella [Mercadante, diretora] chegou para mim e disse: “Saliba, como você sofre! Você vai muito fundo no trabalho”. E eu entendi aquilo como elogio

[risos], embora ela quisesse me poupar. Mas eu acho que esse é o ponto nevrálgico, é você fazer com que, não só visualmente, todos os sentidos deles estejam ali presentes, com o público. Quer coisa mais gostosa do que você ver um filme ou uma peça de teatro e você viajar junto? Você entrar dentro da fantasia? Então, isso eu faço com eles, para que possam fazer esse exercício de poder. “Se permita, faça com que o público entre, esqueça a Escola Vera Cruz, esqueça que você é aluno daqui, você não é mais o aluno que sai no intervalo, que brinca. Não, você agora está fazendo o trabalho de passar seu conhecimento, sua sensibilidade, aquilo que você quiser. Chorar, então chore; sorrir, então sorria.” Acho que nesses anos todos tive esse retorno: “Puxa, valeu a pena! A gente foi fundo”. Emprego isso no meu trabalho. Tanto é que, ao longo desses anos, cheguei a trabalhar com essas pessoas. Até financeiramente foi bom para mim. “Ah! Venha trabalhar comigo, venha fazer um filme, venha dar tal curso.” Na Faap, fiz mais de dez filmes de ex-alunos que estavam lá e precisavam. Sinto que é um trabalho grandioso, esse. De você entender o universo, onde você está, e a partir daí você começa a desenvolver. Você não vai com uma coisa pronta, delineada.

Mas nunca atuei nessas peças, sempre só na direção. Eu acho que não cabe também, eu morreria de vergonha. Eu morreria de vergonha de estar ali, porque o espaço é deles. É um grupo muito unido, eles se unem demais.

Trabalhei como ator até 1980 e poucos. Aí, parti mais para a direção, que para mim é mais simples e mais “tranquilo”, porque sei pegar o que o ator precisa, porque falo para cada menino e cada menina daqui: “Isso aqui você já sabe fazer. Faça agora de uma outra forma”. Eu nunca desestimulo a pessoa. “Isso aqui você já sabe, agora vamos fazer de outro jeito, topa? Depois a gente vê qual é o melhor.” E aí eles se lançam para o outro lado. Eu não tento trazê-lo à força.

## Uma maratona e muitos personagens

A partir de 1980 e poucos, comecei a dirigir muita coisa, e me deu muita vontade de trabalhar como ator, de experienciar novamente. Criei dois monólogos. Um dos dois escrevi sobre a linha do tempo da literatura, do descobrimento, do barroco, do arcadismo e vou até o simbolismo. Faço 30 personagens! Padre Anchieta, Pero Vaz de Caminha, Gregório de Matos, Castro Alves... E vou me trocando em cena. O espetáculo dura 1h40. Isso começou a me satisfazer muito, aí comecei a abrir os congressos de educação. Num congresso para quatro mil educadores, vieram até mim quando terminei a apresentação propondo viajar com o espetáculo. Foi uma dádiva.

Eu tinha tempo, porque dava aula uma vez por semana aqui no Vera, tinha tempo para viajar. Então, comecei a abrir os congressos de educação. Viajei muito. Depois, nesse ínterim, criei uma segunda peça, sobre o modernismo: Mário, Oswald, Tarsila, Brecheret... Eu também fazia vários personagens. Duas peças bem diferentes. Esse espetáculo do modernismo foi legal, porque satisfaz esse meu lado de ator. Cheguei a fazer com os dois mais de 800 espetáculos, sozinho, com uma pessoa me ajudando e viajando. Chegou uma hora que não aguentava mais viajar. Não aguentava mais fazer mala, desfazer mala. Sorte que eu sei me cuidar organicamente, fisicamente. Tenho uma alimentação diferenciada. Isso me possibilitou não adoecer nessa trajetória. São muitos espetáculos.

## Ex-alunos, sempre alunos

Em 1990, formei um grupo de ex-alunos. Dan Nakagawa, que é um músico, ator e estudou no Vera em 1989, me convidou e o Vera

disponibilizou o salão pra gente. A gente ensaiava lá. Depois, eu acabei conversando com o Vera, e eu pagava todo mês uma mensalidade e ocupava o salão. Depois, houve uma reforma, aí nós ensaiamos em vários outros lugares, fizemos muitas produções, muitos espetáculos, porque tenho uma facilidade de trabalhar, fazer teatro de rua. Então, a maioria desses espetáculos era espetáculo de rua, com um pessoal muito bacana, ex-alunos do Vera Cruz. Nos apresentamos no Vale do Anhangabaú, na Praça da República, no Ibirapuera, nessa praça [Profa. Emília Barbosa Lima] aqui na frente, a Praça São João da Cruz... E nos divertimos muito. Foi, realmente, um grupo muito forte, muito sólido e guerreiro. Foi como uma continuidade das aulas que dei no Vera pra eles, com 15 anos de idade — eles já tinham 16, 17, 18, 19, 20 anos.

Foi uma caminhada, uma trilha importantíssima! E saber que o Vera Cruz abre esse espaço e que você também pode ter essa possibilidade de continuar. O retorno é uma coisa espetacular. Toda semana tem alguém que liga, alguém que te vê. Parei até de ir à Vila Madalena comer, porque passava vergonha: as pessoas pagavam seu jantar, uma coisa absurda! Pessoas muito, muito queridas.

E alguns ex-alunos... Dan Nakagawa fez agora um trabalho de direção teatral, faz um trabalho com Ney Matogrosso de excelência, estão sempre juntos fazendo espetáculos. Alice Braga foi pro mundo, pra Hollywood, e outros que trabalham na produção de teatro de grupo. Muitos foram para o teatro e — uma curiosidade — muitos foram para o Oriente, porque eu trabalho muito com mantras, com meditação, com relaxamento, que são fundamentais para os dias de hoje. A escola que não tiver um trabalho desses ou não entender, não tiver consciência de que isso é fundamental. Porque nós estamos conectados 24 horas por dia. O professor hoje está brigando não com o aluno, mas com o celular. Temos que nos desconectar. É um desafio muito grande. Quando você propõe o trabalho de relaxamento e, principalmente, quando eles conseguem se desligar e conseguem vislumbrar essa possibilidade, a vida muda dentro da sala de aula. A vida muda, é outra coisa!

Aí, aconteceu que alguns alunos foram até pra Índia. Hoje, você tem a Júlia Jalbut, uma pessoa importante dentro da yoga, que arrebanha muita gente pro Ibirapuera, que dá aula. O Ibirá Machado, também, que está no cinema de Bollywood, que se tornou expert nesse assunto. E pra muita gente o teatro é desconexão, é você se desconectar pelo mundo com uma boa qualidade de vida. Teve uma mãe que um dia disse pro filho: “Puxa vida, você está com Saliba. Você tem que ir mais ao teatro, tem que fazer teatro com eles, tem que ver peças”.

## Para além do teatro

Tem uma palavra em sânscrito que é *vritti*, que são os pensamentos turbulentos; *nirodha* é a mente. *Vritti nirodha*: pensamento da mente. *Chitta* é parar. *Yoga* é a parada dos turbilhões da mente. Pode-se ler como uma frase ou como uma palavra: *yogachittavrittinirodha*. E quando você coloca isso na lousa, você vai jogando pedrinhas na sua mente de pensamentos. É isso que nós passamos, hoje. É tudo muito rápido, sai de uma aula, entra em outra, vai para outra... e não para. Você cria uma resistência muito forte para isso e depois vêm as consequências. E então, quando você remove essas pedrinhas do lago e você deixa esse lago sereno, é aí que vêm as grandes ideias, as grandes sacadas. É entrar no lado espiritual, é você entender os mecanismos do seu corpo. E quando você relaxa, seu organismo trabalha para se reorganizar. Porque quando a gente está em estado de alerta, nosso organismo vai na nossa vibração, na nossa *vibe*. E quando você solta, ele se reorganiza. Isso é uma bênção, uma dádiva! Se todas as escolas públicas, por exemplo, pudessem trabalhar com isso...

Quando vim para cá, eu lembro que Stella falou para mim: “Olha, Saliba, tem muita coisa que você sabe, que você vai passar pra gente, e tem muita coisa que você vai aprender aqui”. Então, teve que ter essa adaptação, essa equalização, para que eu pudesse entender esse mecanismo todo. Porque todo diretor de teatro é meio impul-

sivo, grita, berra. Graças a Deus, eu não peguei esse jeito de ser. Tem pessoas divertidas, trabalhei com [Antonio] Abujamra, por exemplo. Abujamra era muito divertido, muito responsável, tinha que fazer o trabalho acontecer. E quando você trabalha com atores profissionais, o resultado, por exemplo, de um laboratório, de um exercício, não chega aos pés daquilo que nossos alunos fazem. Isso é uma coisa impressionante!

Não sei por quê, acho eles estão mais livres, mais despojados, mais felizes, sabe? Em 34 anos, trabalhei e dei aula para profissional, dei aula no Vera, dei aula para artista amador. Nesses 34 anos, tive pessoas aprendendo comigo, fazendo estágio, que me falavam isso: “Nossa, no nosso grupo a gente não tem esse despojamento”. Isso é muito interessante, porque a gente fica muito travado, o ator profissional fica muito arredo, com ego demais, sabe? Não se permite. E nossos alunos conseguem fazer coisas excepcionais. Excepcionais!

## Em sintonia com a contemporaneidade

Nesses mais de 30 anos, mudei, mudei, mudei! Mudei, porque tive que ficar mais observador. Tive que observar mais, porque acontece que o mundo mudou muito. Antigamente, você tinha as produções teatrais, tinha o teatro de verdade, o teatro engajado, o teatro compromissado, o teatro de dramaturgia. E nossos alunos iam a esses lugares: “Ah, fui ver uma peça com meu pai e com minha mãe”, “Ah, nossa, você foi ver, que incrível! Que bacana”. E hoje, não. O mundo mudou muito, hoje você tem uma variedade de peças de teatro, musicais. É outra coisa. Tem alunos nossos que fazem teatros musicais, mas não é o teatro que eu dou, é uma outra coisa. Não posso desmerecer esse teatro, ele é importante também, ele vem de uma outra cultura, de outro lugar. Ele gera empregos, por exemplo, está empregando essas pessoas que são profissionais

também, que talvez tivessem a mesma raiz que eu, mas encontraram essa oportunidade, lá. É legal. É o mercado. Mas tive que ficar observando esse fenômeno acontecer, porque a clientela muda também; quando o mundo muda, nossa clientela também muda. São outros parâmetros que eles têm. Tem o *stand-up*, que também que é considerado teatro, tem gente que faz com uma habilidade, uma facilidade incrível, mas também não é aquilo que eu dou.

Quer dizer, quais são as minhas referências, para onde eu tento levar esses alunos, para poderem beber disso que eu tô falando? Rubem Alves, por conta desses congressos, foi ver minha peça três vezes, e ele era muito engraçado, falava: “Meu, Saliba, você tem que apaixonar os alunos, você tem que criar paixão, contar história!”. E eu já contava histórias. Mas por conta disso comecei a contar muito mais histórias e eles se ligam. Eles percebem isso, alguns filmes que a gente consegue de Peter Brook, de Bob Wilson, alguma coisa de Stanislavski, algum ensinamento.

Então, o mundo mudou muito e as minhas aulas começaram a mudar também, porque você já tem o componente comportamental, dentro da sala de aula. Você começa a perceber certas animosidades, alguns problemas na sala que nós não tínhamos antes. Queria usar um termo melhor, não seria animosidade, mas alguma coisa que foge um pouco daquilo que a gente quer passar, um conteúdo. Você tem que cuidar de outra coisa, do comportamento do aluno. Isso mudou um pouco e eu comecei a observar que não poderia ser da forma como eu agia, que era sempre trabalhar com a geometria, com o círculo, com o movimento, a questão sinestésica e tal, que eu tinha que entender aquilo. Então, comecei a entender a configuração que se dava quando eles entravam em sala de aula. Aí, ficou muito legal.

Eu não mexia naquilo, eu começava onde eles estavam, todos jogados num canto, começava ali. E, de repente, você começa a ver interesse. Opa! Nossa! E aí você vai propondo e, de repente, você está num

círculo. De repente, você está de pé, alinhado, respirando, fazendo o jogo. E na minha cabeça: “Que legal fazer esse jogo, mas eu não posso já começar a fazer esse jogo, tenho que começar antes para poder tirá-los daquele lugar”, porque aquele lugar, na Gestalt, é um lugar deles. Eles estão tentando mostrar alguma coisa para você como adulto, professor. Então, hoje é fácil: chego, vejo a configuração, alguns querem mostrar alguma coisa, uma força ali ou não sei o quê. Você consegue depois demover tudo isso e fazer com que eles se aproximem de você. Essa foi uma mudança.

Agora, uma técnica que eu emprego é a de Bob Wilson. Conheci Bob Wilson em 1974, num espetáculo chamado *Vida e obra de Josef Stalin*. Aí, foi proibido que se fizesse a peça no Teatro Municipal, porque a peça tinha 12 horas de duração. Sobre um menino que tinha uma deficiência mental, chamado Christopher Moss. Bob Wilson começava a anotar tudo o que ele fazia. Bob e Cynthia Lubar, outra ajudante dele, começaram a criar uma dramaturgia e esse menino veio para o Brasil, em 1974, e aparece em cena no comecinho, dá um ramalhete de flores para a Rainha Vitória. São 12 horas de espetáculo, e ele contratou 100 brasileiros. Fiquei com aquilo na minha cabeça: “Que teatro lindo! Que coisa linda, que coisa bela! E ainda trabalhando com um menino”.

Em 1981, Luiz Roberto Galizia, um dos fundadores do [grupo de teatro] Ornitórrinco, foi ser discípulo de Bob Wilson e trouxe toda essa temática, estudou, criou, fez um livro. Ele fez um curso com algumas pessoas e passou todo o método do Bob Wilson. Nós saímos nas ruas, fazíamos os exercícios e eu adotei isso como um ponto importante nas minhas aulas. Quer dizer, a maioria das coisas que eu faço é de Bob Wilson. Tem coisas de Stanislavski, tem coisas de Brecht, mas, sobretudo, Bob Wilson, porque você também acaba trabalhando a desconexão. Bob Wilson é uma coisa! De vez em quando a gente sai, todo mundo em silêncio, como se fosse uma criança observando, sentindo o vento, vendo o *dégradé* das folhas, as árvores, o som, o cachorro que late, mas você não pode se identificar. Você tem que ser como uma

criança, deixar aquilo reverberar dentro de você, e a partir daí você tem todo um trabalho dramatúrgico, de vontade, de querereres.

Aí, a gente volta para a sala e cada um faz aquilo que realmente tem vontade de fazer. Falo assim: “Olha, de vez em quando, por exemplo, vou no banco, pego uma fila, mas tem um banco lá no banco, que está lá na gerência, não tem ninguém sentado, mas a gente tem que ficar de pé. Por que é que eu não posso me sentar naquele banco?”. Claro que não posso, são regras, são etiquetas. A gente tem que seguir, socialmente. Mas, no teatro, a gente pode fazer certas coisas com consciência. O grupo fica muito animado por causa disso. Essa possibilidade de você criar em cena: por que é que é você não pode, por exemplo, fazer uma peça com todos de costas, 20 atores de costas, por que que não pode? Claro que pode! Quem convencionou que tem que estar de frente? “Ah, Saliba falou para você ficar de frente, você está de lado, não estou vendo seu rosto”, e começa aquela briga. Aí, eu já pioro a situação e falo: “Vamos fazer de costas”.

## Teatro à distância

Meu, foi... difícil. No começo [da pandemia] foi difícil. Não com os alunos! Foi difícil entender a tecnologia, entender o sistema. A Escola toda, realmente, deu um banho de solidariedade, foi muito lindo. Técnicos, educadores e professores, todo mundo imbuído daquela missão. Me senti muito bem, deixei o trabalho redondo, tirava deles o que eu queria. Eles começaram a se revelar. Dei aula pro 9º ano até dois anos atrás. Aí, fui convidado para dar aula pro 8º também. Então, o pessoal do 8º ano não sabia quem eu era, quem estava entrando online, pois nunca tinha me visto pessoalmente. Acho que eu já tinha visto no comecinho do ano e tal.

Bom, sei que foi muito confuso tudo isso e teve a questão da câmera: “abre a câmera! Não abre a câmera! Abre a câmera, não abre a

câmera!”. E eu ouvindo todo mundo, pensei: “Não vou falar de câmera”. Está muito chato, para o aluno, ouvir a palavra câmera. Eu via lá jogador de futebol, lutador de não sei o quê, via aquelas carinhas, aqueles avatares e falei: “Não, não vou, nos primeiros dias não quero que eles abram as câmeras”. “Mas tem que abrir, Saliba?”; “Não precisa”.

E comecei a fazer o oposto. “Olha, vamos fazer o seguinte: vocês não vão abrir as câmeras. Eu não quero que vocês abram as câmeras, vocês vão abrir as câmeras na hora que eu chamar. Na hora que chamar, o foco de luz está entre mim e a pessoa com quem eu estou falando. Ok?”; “Ok!”. E comecei assim, devagarinho, pontuando. Quer dizer, se o aluno, a aluna, eles abrem por conta de uma palavra, de repente duas palavras, uma frase, você vai passando pra eles que não é nenhum bicho-papão eles ficarem dez segundos ou um minuto ou dois minutos com a câmera aberta.

Então eles começaram a adquirir confiança e a abrir as câmeras. Todos abriram as câmeras, todos os alunos que eu tive, tanto do 8º quanto do 9º ano, sempre dentro dessa condição. Deixei bem redondinho o trabalho. Eu não acreditava que eu ia voltar para dar aula tão cedo. Eu estava muito pessimista com tudo isso. Eu achava que ia demorar uns três, quatro anos. Pelo que eu ouvia e tal. Aí, voltamos.

Teve um dia que voltei, passei pelo portão, o Leo [de Oliveira, inspetor de alunos] me viu e falou: “Você vai dar aula?”. E eu estava tranquilo. Quando ele falou “Você vai dar aula?”, fiquei nervoso. “Caramba, vou ter que dar aula!” Deu um frio na espinha: “Caramba, ele está me falando que eu vou dar aula”. Me deu uma pane, porque é diferente você dar aula e de repente você encontrar, passar por uma pandemia e dar aula. Pensei: “Como é dar aula pra eles? Pra esses meninos e essas meninas?”. O primeiro dia foi meio complicado, porque não tinha espaço. Depois, já na segunda aula, tive um contentamento, fui pra casa, mas tão feliz, que eu não acreditava que ia chegar tão feliz

em casa por conta dessa aproximação. Mas foi tão legal! Hoje acabei de dar aula, os alunos muito amorosos, muito afetivos, compram a briga, sabe? Estão pensando no final do ano, chegam com o script na mão, que eles mesmos fizeram. Tã delicioso, tá delicioso! Então, tá um néctar, um mel.

## Destino e despedida

Queria falar sobre sincronicidade, sobre essa coisa do destino. Quando o Sérgio me convidou, lá em 1988, pro Vera. Achei muita coincidência. Um dia, eu estava aqui no pátio do Verão vendo a história do Vera Cruz, uns dez anos atrás. Vi uma porta e disse: “Olha essa porta, eu morei lá!”. Era uma porta de verniz, com um quadradinho sem verniz. Tive uma escola chamada Corpo, que significava Centro de Orientação, Programação Psico-Orgânica. Tinha yoga, tai chi, era uma escola holística; tinha de tudo: medicina, médico, obstetra, acupuntura, moxa. Tínhamos três casas e fomos alugar mais essa. Batemos lá, todos ripongas, em 1983, e a pessoa que nos recebeu disse que a casa não era alugada havia dois anos. Alugamos. Com essa exposição, vi que fui morar na casa onde o Vera começou, na Rua Benedito Chaves, 121, em frente à Igreja do Perpétuo Socorro. É muita coincidência!

Foi lá que tive uma escolinha infantil também, chamava Corpinho. As únicas pessoas que conheceram essa casa aqui foram a Branca [Albernaz, diretora] e a Peo [Maria Amélia Pinho Pereira, fundadora]. Eu tenho as fotos! Essa pessoa que adquiriu essa casa, que a comprou do marido da dona Yolanda [Vidigal Meyer, fundadora], também comprou uma casa que ficava do lado, com uma arquitetura maravilhosa! Então, alugou todo esse complexo. E essa escola funcionava das 6 horas da manhã, com yoga, e ia até as 10 da noite. Passavam umas 300 pessoas por dia. Como era na zona residencial, a gente colocou uma plaquinha, sutilmente escrita “yoga”, não dava para pôr uma placa e tal. Em 1983, eu não conhecia o Vera. Em 1986, o Sérgio me convida

e, em 1988, eu venho para o Vera e depois vejo que morei na mesma casa onde o Vera começou. Ali ela ficou dois anos e prosperou muito, demais. Não queria deixar de contar essa história.

Acredito nessas coisas, sabe? Que a gente vai indo, vão acontecendo as coisas e que a gente não sabe o porquê. De repente, fico aqui 34 anos. Não imaginaria. Eu fazia um outro tipo de trabalho e acabei sendo atraído por este lugar! É isso.

Ano que vem? Ah, no ano que vem eu não estou mais aqui. No ano que vem, "a tristeza é senhora, desde que o samba é samba é assim. A lágrima clara sobre a pele escura..." .



Com Elisa Vieira e Elza Britto



# O ser humano se transforma a partir da criança

Silvana Maria D'Avino

Professora [Ensino Fundamental, nível 2]





## O começo

Entrei no Vera em 1994. Fiz Psicopedagogia e Artes Plásticas. Quando me formei, eu trabalhei numa escola pequena perto de casa, e lá eu conheci a Marta [Ferraz], que foi professora de Biblioteca. Eu tinha feito Artes e, então, ela falou assim: “Vamos fazer um curso de papel machê, com uma francesa?”. Fizemos de uma hora para outra. “Vamos abrir um ateliê?” Abrimos um ateliê na Vila Madalena, quando a Vila Madalena era nada. E lá ficamos por um tempo, trabalhando. Marta veio pro Vera e me chamou. Só que quando a gente fechou o ateliê, a dona da primeira escola me convidou pra trabalhar com ela na área de Artes. Fui, trabalhei, e fiz um teste aqui no Vera. Ana Caleiro era coordenadora, na época. “Você vem trabalhar com a gente?” Eu pensei: “Ai, será?”. Eu tô na arte, tinha acabado de sair da escola. Daí a Ana insistiu: “Venha pra cá!”. Entrei em agosto de 1994 e cá fiquei, até hoje. Entrei como auxiliar. Fiquei um tempo como auxiliar, como todo mundo que entrava e entra até hoje aqui, e assim foi. Passei pelo 3º, pelo 4º e pelo 5º ano. Fiquei mais no 4º e no 5º, onde estou hoje. Mas era uma época superdiferente no Vera Cruz.

Era diferente em tudo. Primeiro, tínhamos reuniões com assessores, todos os professores, de manhã. Por um tempo a gente batalhou pra ser à noite. Mudamos a data e o horário da reunião, enfim. A gente chegava no Vera e tinha, por exemplo, TP [Trabalho Pessoal], LC [Lição de Casa]. Não conhecia aquela nomenclatura, mas ao mesmo tempo falei: “Acho que eu vou, aos poucos, pegando”. Elisa [Vieira] era a orientadora, e a gente tinha umas reuniões nas quais as professoras atuavam como se fossem os alunos, para fazer algumas experiências. Na primeira semana lá fui eu, muito metida na época, né? Lá fui eu fazer a experiência. Elisa falava: “Nossa Senhora! Mas como você consegue fazer isso? Como? Você acabou de entrar aqui!”. Aí você começa a se sentir mais segura, né? Porque eu era uma estranha no ninho. Todo mundo sabia, eram pessoas que estavam aqui há muito tempo. Então, aos poucos, a gente vai indo. Mas era diferente, tinha atividades que

hoje em dia ainda tem, mas fichas, era tudo meio combinado; enfim, e as coisas foram mudando, foram mudando, foram se adaptando.

O material já era produzido aqui, sempre pela Escola, mas mesmo assim, era diferente. Todo mundo ali tinha um planejamento que era feito, e a partir daí todo mundo dava sua aula. Esse tipo de coisa foi mudando. Quando a centralidade do aluno é o foco, existem os projetos, aí vai mudando.

A formação do professor também mudou muito. Hoje em dia, essa formação é muito mais valorizada pelos professores. Algo que vem da equipe. E o trabalho em equipe no Vera é algo que é tão imprescindível, muito importante pra todo mundo. Outro dia mesmo estava falando com minha auxiliar, e ela dizendo: “Mas isso acontecia aqui?”. E eu respondia: “Mas era uma forma tão diferente, mas tão diferente”. Hoje em dia essa coisa em equipe continua muito forte. Essa formação é muito importante pra todo mundo, e todo mundo sente, todo mundo.

Tudo o que vivi foi no Verão, que era diferente. Tinha o que a gente chamava de aquário, onde é a Secretaria hoje em dia, era um prédio só. Foi construindo, mas foi construindo tudo aí, nesse prédio. Mas muito diferente. Tinha cantina que fazia hambúrguer, gente do céu! E parece uma coisa tão longínqua, longe, longe. É um processo mesmo. O Vera não perde a essência dele, mas, ao mesmo tempo, ele vai se firmando de uma forma. Ele vai parecendo de um jeito tão diferente e, ao mesmo tempo, com uma essência que não muda, não muda... Nós não temos prova. Na nossa faixa etária, não tem prova. Se bem que acho que poderia começar a ter algumas avaliações pra chegar no nível 3 [do 6º ao 9º ano] já mais preparado, mas nós não temos. A gente avalia de um jeito tão, tão particular, como você olha pra essa criança, como você olha pra cada um de um grupo. Cada um é um, e cada um é de um jeito. Isso é muito especial. Isso é o Vera Cruz. Isso são as pessoas que trabalham no Vera. Acho que precisa ter isso na essência.

Na realidade, quando entrei era pra Artes, mas não tinha vaga. A Elisa, a princípio, falou: “Você lida tão bem com o grupo. Essa dinâmica de grupo você trabalha bem”. E eu trabalho, eu gosto de fazer. “Fica, então.” Aí a arte foi ficando pra trás, entre aspas, porque você sempre a aplica em alguma coisa. Depois de uns três anos, acho que mais até, a Celina [Gusmão, professora de Artes] estava indo pro colegial, aí surgiu uma vaga. A Elisa falou: “Tem uma vaga, você quer?” “Como assim, Elisa? Eu tô em reunião com todas as professoras, não dá, não dá!” Também acho que eu não queria tanto, senão batalharia. Mas nunca pensei, apesar da vontade. Eu gosto. Essa coisa da dinâmica da classe me fascina. De trabalhar com um grupo. Eu acredito muito na transformação do ser humano, a partir da criança. Acredito que tem mudança, que elas se transformam, que você investe, que, enfim, é possível, cada um do seu jeito, cada um no seu limite, mas eu acredito muito nisso, então por isso me fascina essa coisa do grupo! Por um tempo, trabalhei atendendo muitas crianças em casa, tipo aula particular, acompanhamento. É gostoso, é gostoso, você comanda de outro jeito, mas igual a um grupo, não tem.

Em relação às crianças, sinto que a cada ano elas vêm diferentes. Vêm mais preparadas, no sentido de a gente ver o que aconteceu desde o Verinha e aproveitar isso.

## Uma experiência sempre especial

As primeiras crianças especiais que entraram no Vera eram dois irmãos gêmeos com Síndrome de Williams.

Um foi meu aluno, e na época a gente desprovia de qualquer experiência. Nós não tínhamos bibliografia alguma. Não tínhamos nada, e fomos com a cara e a coragem e eram duas crianças muito especiais. São até hoje; tenho contato com um, eram crianças especiais em todos os sentidos. Acho que, a partir dali, trabalhei com, pelo me-

nos, umas seis ou sete crianças assim, especiais. Eu fiz uma pós sobre crianças especiais. Na época era uma pós para necessidades especiais, hoje em dia não tem mais esse nome. Mas, a gente vai adquirindo uma experiência tão diferente, porque não existem iguais, cada um é um. Não adianta você falar: "Tenho um aluno com Síndrome de Down este ano", se no ano seguinte você pegar outro, não será a mesma coisa, não tem como. Por exemplo, esses gêmeos marcaram muito a vida do Vera Cruz. A Escola era mobilizada em função dessas crianças, até hoje. Este ano eu também tenho uma criança com paralisia cerebral, mas de outra ordem. Uma criança que não fala, que não anda, aí é de outra ordem, porque daí tem as atendentes terapêuticas que trabalham junto. O Vera, realmente, é especial nesse sentido, ao acolher essas crianças. Acho que com o tempo ficamos mais espertas, entre aspas, nunca vamos ser especialistas, porque não adianta, cada um é um, cada síndrome é uma síndrome.

Ano passado eu também tive outra menina com paralisia cerebral. É assim: os colegas seguram, acolhem, mas chega um momento, no 5º ano, principalmente, que começa aquela coisa, os hormônios à flor da pele, aí começa a mudar essa configuração, inclusive nesse cuidado com as crianças especiais. Mas são todos especiais.

## Plantar e colher

Quando eu entrei, era auxiliar, eu fiquei meses no 3º ano. Aí me chamaram pra ir pro 4º, ainda como auxiliar. Fiquei uns seis anos como professora do 4º. Aí nós íamos receber uma criança especial e me chamaram pra ir pro 5º, pra assumir essa classe, e lá fiquei. Quando eu voltei pro 4º, que era também por causa de outra criança especial, aí me falaram: "Ah, mas fica, volta pelo menos mais dois anos". Fui pro 4º. Mas gosto do 5º. Eles são mais independentes, você brinca com eles. No 4º ano você faz uma graça e eles já ficam olhando: "O que é que ela tá falando comigo?". No 5º, não. Essa faixa etária é fabulosa.

Vai passando o tempo, e a gente falou um pouquinho dessa mudança de clientela e das crianças mesmo, né? No valor que eles dão pro professor. O 5º ano é diferente do 3º. No 3º ano a imagem do professor é da santa, a deusa, o todo-poderoso, e aí você vai vendo essa mudança, aos poucos, e de repente você tá na rua e encontra uma ex-aluna sua e ela fala de detalhes. Detalhes! Outro dia uma mãe me procurou, que teve um filho depois de anos, ela me procurou porque queria que eu acompanhasse o filho. Ela falou: “Nossa, você lembra que...” — e citou o nome da filha dela — “ela começou a gostar de Matemática por sua causa”. Você vai esquecendo. Daí você fala: “Nossa, meu Deus! Quantas pessoas você formou! Quantas pessoas, algumas sementes você plantou! Em cada um, seja em que momento, em que fase, pedagógico ou não, você deu uma força. Quanta coisa você fez, né?” São muitos alunos. Antigamente, a gente tinha uma classe de 28 ou 29 crianças, então são muitos alunos. Fazendo uma média de 25, hoje em dia, são muitos, muitos. Todos formados, todos homens, mulheres formadas. É muita gente. Mas estão aí, você plantou. De repente você pega uma família inteira. Este ano eu tenho um aluno que é o quarto da família que eu pego. Sou tão íntima da família, dos pais, você já sabe tantos detalhes.

Eu já tive uma aluna cujo filho está no Vera, mas no 2º ano ou 3º. Mas nunca tive aluno filho de ex-aluno. Deve ser interessante. Mas tem um monte de gente que já teve. Há muitos pais ex-alunos.

## O diferencial

A formação de um cidadão, que pensa no mundo, é um diferencial no Vera. Eu até me emociono. Olha que eu conheço escola, mas igual ao Vera Cruz, pra mim, não tem. A gente ensina essas crianças a argumentar. Ensina essas crianças e, opa, de repente, tá falando demais [risos], mas foi você que deu esse poder a elas. Mas é isso, é a formação desse cidadão pro mundo. Tenho dois sobrinhos. Quando

eles nasceram, eu já estava aqui. Na fase de entrarem na escola, falei pra minha irmã: “Vamos pro Vera?”. Meu cunhado falou: “Não, não sei”, ele não conhecia direito o Vera Cruz, tinha estudado no Santa. No fim, eu não consegui, não consegui trazê-los pra cá. O sobrinho que fez Direito na FGV tem muito amigo do Vera e disse: “Eu sou super Vera Cruz!”.

Então, essa identidade do Vera, de saber que o cara sai daqui formado como? Ele pensa neste mundo de um jeito diferente. Isso eu acho fabuloso. A gente tinha a coluna dorsal do Vera Cruz, que era o TP. Se avalia o aluno de outro jeito, o aluno vem pra essa centralidade. No projeto a gente escuta essas crianças, vamos pra pesquisa, eles fazem mil pesquisas. É um processo investigativo, hoje em dia. Então ele está pensando o tempo inteiro no mundo. Claro que são crianças que têm um poder, que viajam, que conhecem outras coisas, mas são crianças do Vera! Quando falam: “Vai sair do Vera”, eu penso: “Mas não é possível!”, ou não é clientela do Vera. Mas o mundo mudou e a educação também. A gente sabe disso, que hoje em dia a preocupação é outra. É ganhar dinheiro, é se formar, sair daqui, eles já saem pra fazer MBA. É isso, é do mundo, é dessa geração. Mas, ao mesmo tempo, essa coisa, de dentro dessa formação, é o Vera Cruz. Pode haver outros que pensam parecido, mas é diferente. Estava falando com o Heitor [Fecarotta, diretor geral]: “O Vera não pode perder essa identidade”. Tem que manter isso que é tão importante, é tão dele.

Não sou muito de falar. Não gosto de falar em público. Nunca gostei. Acho que meu pensamento, diferente da fala, eu vou pensando em outra coisa e me desconecto. Mas me emociono quando falo do Vera Cruz! Hoje meus alunos falaram assim: “Mas você não vem?”. E minha auxiliar: “Não, ela vai dar uma entrevista”. “Como assim, vai dar uma entrevista? Entrevista pra onde? Pra televisão?” Eu disse: “Não, pro Vera” [risos].

## Reaprendizagem depois da pandemia

Viajar com as crianças é uma coisa que faz muita falta. Fez falta na pandemia [risos]. A gente ia sempre pro RepLago. Tanto pra professor como pra criança é uma festa, todo mundo adora.

A pandemia pra mim foi um marco. Há dois anos, tinha na minha cabeça que eu ia começar a me despedir do Vera. Eu não sou professora de computador, eu gosto de ver a criança. Eu sou daquela que abraça, enfim. Quando entramos na pandemia, falei: “Vou desistir. Não vou mais falar que estou indo embora. Vou esperar mais um ano”. E foi o que aconteceu. Trabalho com o 5º ano. Trabalhar com essas crianças durante a pandemia foi uma experiência. Elas perderam? Perderam. Mas acho que ficaram mais espertas. Por exemplo, formamos cidadãos digitais, sem dúvida alguma. Mas, ao mesmo tempo, essa falta de proximidade das crianças, essa falta de controle, entre aspas, porque não tem jeito de ficar com todos. Você não sabe quem tá ali, daí você fica aquela professora chata: “Liga a câmera!”. Você começa a cobrar coisas de uma forma que não é o seu jeito.

Então, a pandemia foi um marco nesta escola, pras crianças, pros professores. Uma coisa muito, muito difícil, e voltar foi a coisa mais deliciosa do mundo. Estar em contato com essas crianças, a importância de estar em contato com elas. E quando a gente voltou, na primeira semana de aula, eu fui à lousa e aí, sabe quando você vê, assim, 15 crianças atrás de você, puxando a saia, tipo desenho animado? Eu pensei: “Gente, tá todo mundo nesse contexto, nessa coisa de viver em grupo, e a gente cobrando das crianças coisas que elas não viveram”. Um ano e tanto, “vamos arquivar ficha”... Não tinha como. Então, vou retomar esse processo. Estamos numa sala de aula, num grupo, enfim, acho que tanto pra elas como pra nós foi uma reaprendizagem. Aprender de novo a conviver desse jeito.

Nas reuniões de pais individuais, agora, eles perguntam: “Será que foi cumprido, vai ser cumprido tudo?”. Vai, de uma forma diferente, mas vai. Buracos haverá, lógico. Tá todo mundo correndo atrás? Sim.

## Mudança de vida

Tenho alguns projetos para quando sair daqui. Fui convidada pra uma ONG, uma outra pegada. Mas quero um mês. Durante essa pandemia, durante todo esse processo, eu perdi meu enteado. Eu acho que a gente passou por várias coisas. Eu, particularmente, tô querendo, no final do ano, ficar um pouco quieta. Tem uma pessoa que me procurou pra fazer um trabalho, já estou fazendo com uma criança especial. Mas tô querendo parar um pouquinho. Voltar pra arte, talvez, parar e trabalhar em alguma ONG ou algum lugar. Tenho muita vontade de ver outras coisas. Muito tempo aqui no Vera!

Quando eu conversei no RH, a Irandi [Queiroz] perguntou: “Mas você tá preparada pra ir embora?”. Eu disse: “É, acredito que sim”. Tô me preparando há dois anos, mas eu tenho muito medo da falta desse convívio com essas crianças, com a classe. Porque é uma história; querendo ou não a gente perde muita energia, mas ao mesmo tempo você recebe muita energia. Então, é a coisa de que eu mais vou sentir falta. Eu acho que o professor segura o trabalho dele, inclusive, por conta das crianças. Não é só pelo convívio dos adultos, que é importante também. Eu tenho aqui uma equipe, amigos ou só colegas, mas essa coisa da criança, essa energia das crianças, essa vida que elas nos dão, isso eu tenho muito medo de perder. Por isso que eu tenho vontade de trabalhar com crianças carentes... Enfim... buscar outros horizontes. Não ficar parada. Não dou conta de ficar parada, nem um pouco.

Se você pensar, em 28 anos, tudo o que você passou, uma fase da sua vida, aqui no Vera. Você passa, fica mais aqui do que com sua

família, se você for ver [risos]. Consome, querendo ou não, é reunião, é não sei o quê, é sua vida.

Precisa ter essa vontade, vestir a camisa do Vera. Eu acho que todo mundo que tá aqui veste essa camisa, e é difícil tirá-la, mas veste a camisa. Não é à toa que as pessoas ficam aqui tanto tempo. Mas acho que a gente tem que tomar cuidado também, de saber a hora de parar.

## Arremate: uma colcha de retalhos

Teve um ano, houve uma festa no Vera Cruz. Todo mundo tão envolvido. E foi uma classe muito especial que eu tive, uma classe difícil, e eu propus que fizéssemos uma colcha de retalhos. Era um projeto da minha classe. Eu queria eles sempre juntos, costurando a historinha de cada um. As famílias se envolveram muito. Tinha avó que mandava retalho, e eu tenho umas maquininhas de infância, pequenininhas, de costura, eu trazia. Tinha uma avó que me ajudava; enfim, nós fizemos a colcha de retalhos. Ficou pronta perto do Feito por Nós. Chamei a Stella [Mercadante, diretora] e falei: “Vamos colocar no Feito por Nós?”. Eu sei que as barracas eram disponibilizadas de outra forma. Dependuramos a colcha. A Elza [Maria de Britto, secretária acadêmica], na época, deu a ideia: “Vamos fazer uma rifinha”. Acho que não deu 11 horas da manhã e já tinham acabado as rifas e as pessoas pedindo. A Stella falava: “Como nós vamos fazer?”. Sei que saíram correndo, venderam mais papeizinhos e foi rifada a colcha feita por nós. Foi o maior sucesso! Foi a primeira vez que tinha uma coisa grande feita por nós, pelas crianças. Sei que, no final do ano, as mães fizeram uma colcha pra mim e outra pra professora que trabalhava junto, e foi uma coisa muito marcante, nesse sentido. No ano seguinte, a gente começou a fazer coisas pra vender pras crianças, no Feito por Nós. Fizeram quadros, fizeram tudo. É muita história! A gente tinha que anotar, da mesma forma que a gente faz registros, nós devíamos fazer isso pra ter uma história aqui, de cada um. Porque é isso, você esquece

e vai passando, ou você não dá tanta importância naquela época, faz parte da sua vida, mas ali não dá muita importância.

É fácil lembrar tudo isso? Não é. Porque você não se prepara pra um depoimento tão especial e que vai acontecendo. Mas é isso. Mas que bom, fiquei muito feliz e surpresa.



# Arte na cidade e no campo

Suzanne Goulart

Mattos Mazzamati (Suca)

Assessora de Artes [Ensino Fundamental, nível 2]





## O começo das décadas

Quem me indicou para ir para o Vera foi minha irmã, Simone, que deu aula no Vera durante 12 anos. Ela deve ter falado: “Tem minha irmã, a Suca”, enfim, aí, eu já entrei aqui como Suca.

Me formei em 1976, na FAAP, em artes plásticas. Antes do Vera, dei aula numa escola religiosa, durante a faculdade, e fui monitora na FAAP também. E dava aula para três crianças também em casa, ajudava na lição, essas coisas.

Foi uma época maravilhosa, porque era em 1977, quando no mundo as coisas eram “experimental”, e o Vera era experimental, então, você tinha muita liberdade de fazer as coisas. Eu tinha dado aula numa escola religiosa, de freira, e lá no Vera podia mesmo inventar. Tinha orientação da Quinha [Maria Luiza Nazarian Resende], mas era uma época de muita experimentação mesmo, o que era delicioso para quem vem das artes, era “mel na sopa”, como se diz [risos]. E a equipe era muito inventiva, a gente fazia teatro para as crianças, se fantasiava, era um grupo muito animado. Criou-se uma amizade ali. Sou amiga das pessoas desde aquela época.

Como eu estava como professora de classe e minha área era Artes, teve uma vaga no Verão para especialista na oficina. Então, fui para o Verão, em 1982, se não me engano. Em 1984, a Lucília [Bechara, fundadora] me convidou para ser assessora. Não sei se estou errando as datas... Fiquei dando aula e sendo assessora do grupo. Éramos Laura [Barboza], Celina [Gusmão, professoras de Artes] e eu.

Diminuí um pouco as aulas porque estava puxado para mim, então dividia a turma. Depois, fiquei só com a assessoria. Aí, Celina saiu, Laura saiu, chegou a nova turma, e eu lá [risos].

## Na volta, novas experiências

Trabalhei uns oito a nove anos no Verinha, depois como especialista, tinha casado, tive dois filhos, parei por oito meses. Quando voltei, voltei para o Verinha para ser professora de classe, nunca tinha sido. E o Heitor: “Vai, lá! Vai lá!” [risos], dando a maior força. Então, alfabetizei, uma experiência incrível também. Era uma classe do Pré, e toda minha bagagem de Artes pude misturar com o que eles me ensinavam na Escola, como era alfabetizar, já que eu nunca tinha feito isso. Foi um casamento bom, com resultados. Me lembro também que nessa época tinha a “hora da casinha”, uma vez por semana, aí, eu cozinhava. A gente fazia salada, um monte de coisas. Foi uma época, como professora, muito legal!

No Vera, sempre pude passear por muitas experiências, muitos tipos diferentes de trabalho. Fiz ilustração de livros didáticos, professora de classe, auxiliar quando voltei, depois peguei classe, fui assessora, enfim! Foi um lugar em que pude me desenvolver mesmo como profissional, como pessoa. É emocionante falar!

Fiz ilustração de material didático para os pequenos, e também uns jogos com madeira. Nessa época, eu trabalhava no Verinha e, depois, quando mudei para os anos iniciais do Fundamental, fazia para as apostilas, mais para a área de Ciências. Eu e Celina.

## Formação e prática ao mesmo tempo

Entendo que o Vera é um lugar de formação, porque sempre teve uma preocupação, era o pensamento da Escola, de a gente construir junta a Escola. Isso era muito evidente, essa construção pulsava! Nesse sentido, me sinto formada pelo Vera, e era mesmo. A gente estudava, tinha texto para ler ou buscava por si, e sempre havia convidados para dar palestras. Ainda mais porque fiquei tanto tempo, foi uma formação

contínua. Porque você tinha a discussão, a reflexão e, ao mesmo tempo, a prática para poder vivenciar aquilo que escutou, refletiu, trocou. Defino como um período de formação contínua.

## Estudar para elaborar

Quando saí do Vera, fui fazer o mestrado. Estava com 60 anos, falei: “Vou fazer o mestrado e contar essa história de 30 anos em Artes”, que é essa experiência dentro do Vera Cruz, que vivi e fui coautora. E o que eu vejo de diferença — e acredito nesse jeito de trabalhar — era a questão das opções e do tempo elástico que os meninos têm para criar. Acho que isso é uma coisa que, na maioria das escolas, é sempre limitado por algo externo, inclusive o tempo de criação. No Vera, a criança podia começar um trabalho e terminar depois de dois meses. Ela tinha um processo de elaboração, de criação, de tempo para repensar, até chegar no produto final. Então, até isso era confundido como uma coisa meio *laissez-faire*, de poder fazer o que se quisesse. Mas não era isso! Era realmente a intenção de um tempo estendido, que o menino podia se conhecer nesse tempo, dentro de um contexto em que normalmente tudo é cobrado. Aula de natação, tudo aquilo. Ali, não. Acho que essa era a diferença.

## O Vera e sua estética

Uma coisa que é comum, vamos dizer, para o lado bom: nunca houve um “não gostar de ir para a escola”, tanto dos meus filhos como dos meus netos. Então, esse prazer de ir para a escola é um dado muito importante. Outra coisa que acompanho e que acho que continua é a coisa dos grupos, que sempre achei o máximo no Vera, tanto para os adultos como para os alunos: saber estar em grupo. Vejo tantos nos filhos como nos netos. Nos filhos, de como eles trabalham nos lugares e em grupo. Isso é muito bom!

Uma coisa que seja, não uma crítica, mas mais uma circunstância, e eu nem sei como poderia ser diferente, mas é que, de ser tão bom, se cria uma bolha. Não sei se [os alunos] são muito protegidos, não sei o que é. Mas acho que isso acontece, o conhecimento do que está em volta, apesar de estudarem, lerem textos políticos, enfim, acho que existe uma distância. Não que é elitizado, mas é uma elite que está ali, não é? Mesmo os professores, eles acabam virando uma elite. “Você veio do Vera? Ah!”. Tem uma aura que é importante, mas o que isso representa em Lagoinha, onde eu moro? É uma realidade que você fala... Não é que é ruim, mas é muito, muito diferente!

Primeiro, a questão social. Lá, por exemplo, você tem meninos de diferentes escolas públicas, mas só tem duas, então todo mundo tem que estudar naquela escola, ou seja, se junta quem tem grana, quem não tem, o pai que estudou, quem é só agricultor, enfim, lá você tem uma diversidade maior de pessoas, de modos de vida. Dentro do Vera, acaba sendo tudo muito parecido. Acho que tinha que ter mais entrelaçamento, mas não sei como [risos]. E também esteticamente.

Você cria uma “estética Vera Cruz”, e como essa estética vai conhecer uma estética “não Vera Cruz”? Como essas coisas se conhecem? Dou exemplos dessa minha nova experiência: estou lá numa cidade que é muito, muito caipira! Então, é um gosto caipira, que é uma estética que nem sempre você gosta. Não é gostar ou não gostar, mas como você compreende essas outras estéticas? Acho que é isso.

## Ex-alunos, filhos, netos

Tenho contato com muitos ex-alunos! Inclusive, ex-alunos que vão ter aula comigo lá em Lagoinha. Enfim, com muitos ex-alunos eu tenho contato, tanto por rede social, mas também por outros meios. É sempre uma alegria de ver, porque mesmo que não estejam com sucesso profissional, são pessoas muito do bem, com uma formação,

pessoas com um bom coração — eu valorizo isso. Têm lá seus problemas, igual a todo mundo, mas são pessoas que querem fazer alguma diferença no mundo, no sentido social, sempre com o pensamento de levar em conta o outro. Acho que isso também é uma característica que vem do Vera.

Vejo o Vera mais nos filhos. Nos netos reconheço também, porque eles estão mais ou menos na faixa etária que eu dava aula, então já sei como é [risos]. Mas reconheço, sim. Nos filhos, de saberem trabalhar com os outros, de escutar os outros. Acho que também tem minha mãozinha, mas eles ainda são muito amigos do grupo que eles tinham no Vera, então eles se apoiam, mesmo profissionalmente. Vejo isso bem forte, e acho que está ligado com o fazer e construir juntos. A estética do Vera também rola... [risos]. Acho que sou mais hippie que o Vera. Eles são mais a “estética Vera”.

## Planejar a mudança de vida

Os últimos anos do Vera foram mais difíceis para mim. Eu sempre me senti muito livre no Vera, o que era prazeroso. Nos últimos anos, talvez por conta do tipo de Coordenação, nova e diferente, não me senti tão pertencente, senti uma cobrança. Aí, com quase 60, falei: “Se tem isso, preciso pensar sobre isso”, e, aí, quis fazer o mestrado, pensar sobre essas críticas, profundamente. Foi superimportante ter feito isso junto com o trabalho, não uma coisa separada, porque ali eu também pude transformar algumas coisas que ainda deveriam ser transformadas, mesmo no sentido da prática com os professores, como assessora, para aprofundamento. Foi uma coisa importante ter vivido isso nos anos finais do meu trabalho. E foi muito planejado.

Construí uma casa para morar em Lagoinha. Eu pensava que se eu saísse do Vera, mais a aposentadoria, não seria suficiente, era uma questão financeira. Não conseguiria bancar a casa de Cotia, ia ser uma

vida de má qualidade, e quis me aventurar. Aí, a gente construiu uma casa na cidade e, enquanto isso, fiz o mestrado, já me preparando para sair. Um ano antes de sair, comecei a construir meu ateliê, um ateliê rural de arte e agro-ecologia — também queria mexer com agricultura e com toda essa questão ecológica. Aí, falei: “Agora posso ir!”. Então, foi bem planejado, levou uns cinco anos ou mais, talvez. Até construir uma casa, fazer o mestrado e poder ir. E estou lá há seis anos.

## Crescendo como as árvores

Fiquei cinco anos dando aula de cerâmica — sou ceramista também. Já formei três ceramistas que estão produzindo e vendendo. Além disso, a gente transformou um pasto de 30 anos, só com cupim, em uma agrofloresta, com ajuda de minha filha geógrafa, e já estamos colhendo frutos. A gente tem bastante alimento. E a paisagem está completamente transformada, com árvores de 20 metros! É impressionante como vai rápido! É muito impressionante essa força! Além disso, comecei a participar do Plano Diretor da cidade, fizemos feirinha de produtos agroecológicos e, com tanta participação na cidade, acabaram me convidando para ser a secretária municipal da Educação. Comecei este ano.

Você tem que gerenciar toda a educação numa cidade. São duas escolas municipais, o transporte e a merenda dessa população. Mas eu, como sou mais educadora que administradora, estou fazendo formação direta com os professores dentro das escolas, toda essa parte de diagnosticar o que está falho, o que não está, para melhorar a qualidade do ensino. Estou fazendo um plano municipal de educação inclusiva, escrevendo tudo para virar uma política pública, porque senão passa o governo e isso não vinga. Estou aprendendo, mas estou fazendo. E trabalhando leitura e escrita, porque a alfabetização e a leitura e escrita têm questões, de interpretar texto e tal; então, são dois pontos

urgentes. Estou lá há três meses, aí, depois, eu vou para as artes, que também é cuidar. O trabalho é esse.

Acho que o Vera vai fazer uns 200 anos! É um trabalho muito incrível! Tem que continuar mesmo, 60 é pouco, é jovem (risos), eu já tenho 70! Desses 70, ter vivido 40, com muito aprendizado, é só agradecimento o que tenho pelo Vera e pelas pessoas com quem eu convivi.





# Bodas de ouro com o Vera

Toshiaki Tateyama (Toshiba)

Coordenador de Esportes (Ensino Fundamental)





## Estágio a jato e jornada longeva

Entrei no Vera como estagiário, em 1969, e saí em 2020. Mais de 50 anos. Mas minha história começa um pouco antes. Fiz o Ensino Médio numa cidade do interior chamada Araçatuba. Então, eu fiz a opção por Exatas. Porque meu irmão mais velho já estava fazendo. Cheguei em São Paulo em 1968. Em janeiro daquele ano, fui seguir os mesmos passos, fazer o curso Anglo Latino. Chegando no cursinho, soube que só ia começar depois do Carnaval, em março. Daí, fiquei na dúvida se eu iria embora para minha cidade no interior ou se eu ficava em São Paulo, sem fazer nada, esperando. Nisso, encontrei vários amigos de minha cidade e cidades vizinhas, fazendo um cursinho pré-vestibular para Educação Física, e eles me convenceram a também prestar o vestibular para Educação Física. Como eu não tinha nada para fazer, então fiz! E como eu era poliesportista no interior, não tive nenhuma dificuldade nos exames práticos. Tive só alguma dificuldade em alguns exames teóricos e, principalmente, numa prova de natação.

Resumindo, passei no vestibular e aí surgiu aquela dúvida: “Puxa, e a Engenharia?”. Estava naquela dúvida, aí o meu pai falou: “Você sempre foi esportista, você gosta de esportes, você passou na USP, são só três anos. Faça a faculdade, se você não se der bem, depois você volta e faz Engenharia de novo”. E não me arrependo, não me arrependo mesmo! Logo em 1968, fiz o primeiro ano na metade do ano e fui chamado para o Exército, aqui em São Paulo, na 7ª Companhia de Guardas. Então, tive que trancar a matrícula, e, em 1969, eu retomei a faculdade e fiz o 1º semestre.

Em agosto, um aluno do 3º ano falou para mim: “Olha, Toshiaki, tem oito aulas de Educação Física do primário, numa escola em frente à Maternidade São Paulo, e ninguém conseguiu se adaptar. Vá lá!”. “Mas eu nem tenho experiência, como é que eu vou pegar?”, “Não! Vá lá, vá lá!”. Quem me atendeu foi a Branca [Albernaz, diretora]. Eu disse a ela que eu não tinha experiência alguma, mas que estava disposto

a pegar essas aulas. “Então, você faz uma semana de estágio acompanhado de uma professora e depois fazemos uma nova entrevista.” Passada uma semana, fizemos um estágio, e na reunião estávamos Branca, uma outra professora que fez o estágio e eu. Então, recebi uma proposta da Branca. Eu já era acho que o quarto ou quinto professor que estava tentando dar essas aulas. Ela disse: “Olhe, sei que você não tem experiência, mas como quase ninguém está querendo ficar aqui, então vamos fazer o seguinte: a gente aceita você, desde que você fique na Escola”. “Sim, vou ficar!”. Então, iniciei meu trabalho no Vera Cruz em 1º de setembro, desse jeito, como calouro, fazendo um pequeno estágio.

Mas eu queria descobrir por que as pessoas não queriam ficar. Depois de um mês, mais ou menos, cheguei à minha conclusão. Primeiro, havia muitas escolas, nessa época, particulares e públicas, precisando de professores, com muito mais carga horária, porque eram aulas que não eram obrigatórias! As aulas do primário não eram obrigatórias, por lei. As aulas do primário e as outras escolas tinham instalações e materiais, sendo que o Vera Cruz tinha só um campinho de terra e uma quadra no corredor, em L, com um gol na outra ponta do L. Então, por isso o pessoal vinha e acabava não ficando, porque tinha opções melhores.

Nessa época, os alunos estavam acostumados a só jogar futebol no campinho, e as meninas jogavam queimada no corredor. Era essa a programação. Aí, pensei: “Bom, tenho que motivar esses alunos a fazerem alguma coisa a mais, e tenho que conquistar esses alunos!”. Porque eles falavam: “Ah, não, professor, a gente só quer jogar isso. Não, não!”. Minhas propostas de atividades tinham realmente uma rejeição muito grande. Conversei com a diretora, e logo em seguida lancei duas motivações.

Na primeira, fiz uma festa de atletismo, na pista do Ibirapuera, e levei todos os alunos para lá; os pais me ajudaram. Fizemos, então,

a primeira festa de atletismo, com velocidade, salto em altura e distância, com todos os alunos.

A outra motivação foi que nós começamos a participar de um evento chamado Campeonato de Handebol para Escolas do Primário. Eu disse para a diretora que só ia levar quem tivesse atitude e postura. As aulas viraram da água para o vinho, todos os alunos queriam entrar na seleção. Foi uma motivação muito grande, perdemos todos os jogos, enfrentamos escolas do primário, Santo Américo, Nossa Senhora do Morumbi... Escolas de ponta! Perdemos todos! Mas fomos a única escola a receber uma carta de elogio, pela forma com que nós cumprimentamos os adversários.

Na modalidade de handebol, tem uma regra internacional que diz que todas as equipes precisam, antes de começar o jogo, cumprimentar o adversário. E a frase é sempre a mesma: "Saudamos a equipe adversária com três 'ipi uha! Ipi uha! Ipi uha!'". E o adversário, às vezes, retribui e fala: "Saudamos a equipe adversária com três 'ipi rá, ipi rá, ipi rá'". Quando fiz essa proposta para os alunos, um deles falou: "Professor, não podemos fazer uma outra saudação? Saudamos a equipe adversária com "aquele abraço'". E aí fizemos essa saudação e ficou marcado como uma coisa diferente, criativa. O presidente da Federação Paulista de Handebol, depois que terminou o evento, nos mandou a carta elogiando a forma como nós nos comportamos.

Ficamos nessa casa até 1970. E, em 1971, já fomos para a Rua Estados Unidos com a Rua Argentina, numa casa também, nos Jardins. Lá já tinha um pouquinho mais de condições; então, minha programação já foi aumentando, e com os alunos já com essa motivação toda, que já virou tradição. Tínhamos essa festa de atletismo todo ano e também participávamos desse campeonato. Aí, consegui introduzir handebol e basquete. Mesmo improvisado, tinha duas cestas em nosso terreno — que ainda era baldio —, e já começamos a fazer o salto em altura e a ginástica olímpica. Uma programação já bem mais completa, melhor!

Então, aconteceu também outra coisa bem inusitada. Aumentaram a carga horária para duas aulas semanais! Porque a nossa era só uma aula por semana. E os pais já solicitando: “Puxa, tem Educação Física pra quê?”. Os pais já estavam cobrando uma carga horária um pouquinho maior. Então, desde 1972, aumentou a carga horária. Nesse ano, eu conheci Cynira [Fausto, fundadora] e Stella [Mercadante, diretora]. A ideia era trazer o ginásio para cá, e, depois, toda a Escola. Stella me convidou para iniciar, então, o ginásio.

Eu dava aula no primário, 3ª e 4ª série, e, agora, na 5ª série; depois, na 6ª, 7ª e 8ª série. Outra coisa pioneira que planejamos aqui, com Stella e Cynira, é que nossas aulas não seriam separadas, como em 90% das escolas. O que quer dizer, separadas? Os meninos tinham aula com um professor e as meninas tinham uma aula com uma professora. E como nós estávamos iniciando um trabalho, falaram: “É um professor, e as aulas vão ser mistas, meninas e meninos vão ter aula juntos, sem separação”. Isso era uma coisa bem pioneira mesmo! Outra coisa também que ela determinou: nosso corpo docente era 99% feminino, e só Rony e eu como professores. A única área que, pelo menos, ia ter uma figura masculina para os alunos, porque o corpo docente era totalmente feminino. Uma coisa que ficou marcada: as aulas mistas e com professor!

Tivemos alguma desvantagem, no sentido de que as professoras, na faculdade, tinham certa orientação que nós não tínhamos, e elas talvez pudessem fazer um trabalho educacional um pouquinho melhor, nessa parte em que as professoras tinham não só intimidade, mas certo conhecimento. Porém, nós iríamos ganhar em outros aspectos, na parte de desenvolvimento em todas as outras áreas, porque as meninas teriam que acompanhar o ritmo do grupo masculino. Seriam todos juntos. Então, íamos perder alguma coisa e íamos ganhar, também, em outros aspectos.

## Competição e autoconhecimento

Desde essa época, tínhamos essa preocupação de fazer um trabalho voltado, principalmente, para o desenvolvimento individual. O que quer dizer isso? Quer dizer que todos os alunos tinham a capacidade de se desenvolver em relação a si mesmos. Não importa por onde ele começa, que herança ele tem. Tínhamos, realmente, o método de que todos os alunos se comparavam a si mesmos. Outra coisa que nós desenvolvemos sempre aqui foi a polivalência, dentro das nossas possibilidades de instalação, que eram duas quadras e mais um local de salto em distância e salto em altura. Tentávamos fazer com que todos eles tivessem uma experiência dos esportes coletivos: basquete, handebol e as atividades individuais. Salto em altura, salto em distância, ginástica olímpica e, paralelamente a isso, sempre com alguma atividade de dança e de luta. Não tínhamos uma estrutura de instalações para outras atividades, como natação e futebol de campo, mas dentro da nossa possibilidade, daquilo que era possível, oferecíamos essa vivência e experiência, para que todos os alunos pudessem ver quais eram suas potencialidades, e onde é que cada um se dava melhor, para poderem até escolher o que eles quisessem fazer.

Depois de certo tempo, recebemos das mães a solicitação de alguma atividade à tarde, depois das 17h30. Como alguns pais tinham mais dificuldade de virem buscar os filhos nesse horário, então eles fizeram uma proposta pra gente, de criarmos uma atividade extracurricular. Então, nós criamos o Centro de Esportes. No princípio, começou mesmo com o pessoal da tarde, depois fomos estendendo, até que foi ficando para a turma do Verinha. Começava no Verinha e terminava no 6º ano. A partir do 7º ano, eles já tinham o Centro de Treinamento.

Desde o começo, passamos a participar desses eventos externos. O primeiro evento externo grande foram os Jogos Mirins da Prefeitura, de 1973 até 1979, que tinham 30 modalidades, entre esportes

coletivos, esportes individuais e jogos de mesa. Então, todos os nossos alunos participavam de alguma atividade. Para os esportes coletivos e individuais, tínhamos uma seleção, mas para outras atividades era a inscrição, porque tinha concurso de desenho, de fotografia, de redação... Além dessas, tinha outras atividades de lazer, hobbies: autorama, ciclismo, dama, xadrez e tênis de mesa... Enfim, eram 30 modalidades. Todos os alunos tinham condições de participar. Nesses seis anos, nós fomos duas vezes bicampeões e quatro vezes vice-campeões. E por que nós paramos de participar? Porque percebemos que as outras escolas estavam considerando que essa atividade dava muita publicidade. Então, algumas escolas também perceberam que seria uma maneira de divulgar a escola. A gente nunca pensou nisso. Nós queríamos que nossos alunos participassem! O resultado era consequência!

Nossos alunos eram treinados para fazer todas as atividades. No final, o resultado era sempre bom. Então, percebemos que outras escolas começaram a especializar os alunos e, depois, contratar gente de outra escola para jogar por essa escola. Chegaram até a contratar gente de outro Estado, do Rio de Janeiro, para competir por essas escolas!

Foi quando passamos a fazer os Jogos Internos, até hoje, para todos e nas várias modalidades individuais, nos moldes da prefeitura. O que nós mudamos é que fizemos a divisão da Escola inteira por quatro cores. No final, a gente faz a premiação daquela cor que conseguiu o maior número de pontos. Então, existe uma integração das séries, porque todas elas pertencem àquela cor, e os professores também.

A competição é uma das motivações para a prática de esportes. Para iniciar qualquer atividade, faço uma primeira avaliação. "Puxa, você está saltando dois metros de distância! Agora, vamos treinar e avaliar daqui para a frente." Então, a motivação que ele tem para melhorar é muito grande. É importante também não ficar comparando umas pessoas com as outras. Por quê? Porque cada uma é cada uma.

Todos nós temos alguma herança: ou esportiva ou intelectual ou artística. Geralmente, sabe? Um pai que é talvez um pintor, às vezes, pode passar aquela herança pro filho. “Nossa, aquele filho desenha bem!” E, às vezes, pode ser assim: “Nossa, o pai é médico? Opa! O filho também vai ser médico!”. Existe muito disso, mas não obrigatoriamente, não é uma regra. Mas na parte esportiva, quando os pais são esportistas, às vezes passam essa herança para o filho, e aí ele se destaca rapidamente: “Nossa, você tem a coisa nata! Você não nasceu sabendo, mas você recebeu uma herança”. E qual a motivação que a gente oferece para outras pessoas que não tiveram essa oportunidade? Meu pai é um intelectual, meu pai... Não tem importância. Ele vai competir consigo mesmo. Ele está saltando quatro metros. Ele que se vire com os quatro metros para melhorar. Você está saltando dois. Se você melhorar para 2,10 m, 2,20 m...! Sempre foi colocado como objetivo pessoal. Se você é ótimo em Português, eu sou ótimo em Matemática, ele é ótimo em Inglês ou em Ciências, mas nós podemos, como um grupo, chegar a um nível médio, a um estágio bom, em todas as áreas. Então, se todos os nossos alunos realmente tiverem essa consciência, vão estar motivados a se esforçar em qualquer área: de artes, nas áreas intelectuais, na área esportiva.

## Um técnico educador

Com as atividades e com o meu trabalho, acabei me tornando também um técnico. Qual a diferença entre técnico e professor? O técnico é aquele que lida mais com competição, ele é especializado em algumas modalidades e tem um aprofundamento maior em cada modalidade; o objetivo dele é geralmente competir, como técnico. Já o professor, ele tem toda a parte pedagógica, mas ele não está preocupado em ganhar competições. Ele está preocupado em fazer com que os alunos tenham uma boa relação com o grupo e que cada um se desenvolva. Mas é possível você ser um técnico educador. Aquele que fala: “Quero ganhar, mas eu vou ganhar com *fair play*. Não quero

ganhar a qualquer custo, não! Eu quero ganhar por mérito, ganhar porque a nossa equipe mereceu ganhar. E se nós perdermos, parabéns para o adversário, que jogou melhor". Isso é você ser educador, pensar numa educação como um todo.

O Vera Cruz deu essa oportunidade e a gente realmente sabe competir com *fair play*. Até recebemos um elogio, com um ofício direitinho, de que nós somos uma escola *fair play*. Numa ocasião, fomos disputar uma final de campeonato de futsal, e o adversário ficou no trânsito. O coordenador chegou a falar: "Olha, já deu o horário, vocês ganharam de W.O.". "Não, nós viemos aqui pra jogar. Não viemos aqui pra ganhar de W.O. Vamos esperar!", "Então, vocês querem esperar, esperem." Era o Colégio Bandeirantes, chegou atrasado. "O resultado pouco importa, viemos aqui para jogar e jogar!" Jogamos, e perdemos. Não teria nenhum sentido ganhando assim, não.

Então, isso ficou marcado, na hora, pelo grupo. Nós temos essa postura. E passamos para nossos alunos que isso é o mais importante. Por isso a gente era uma das escolas mais convidadas para os eventos externos. A gente nem dava conta de tantos convites que a gente recebia. Além de a gente melhorar o nível da competição, eles sabiam que a nossa equipe tinha todas essas qualidades de não dar W.O., de estar no horário, de não criar nenhum atrito, pelo contrário. A gente até faz amizade com outras escolas, independentemente do resultado. E o resultado, na maioria das vezes, era ótimo.

## Para além do esporte

Desde 1969, a Escola já tinha acantonamento. A 4ª série era a única que saía para fazer o acantonamento. Qual é a diferença entre acantonamento e acampamento? O acampamento, normalmente, você faz com barracas, como acampar; no acantonamento você vai para um local próprio. Desde 1969, a Escola já tinha uma turma que ia acanto-

nar em Campos de Jordão. Eu até me lembro do acantonamento, chamado Acampamento dos Pumas. Esse acantonamento já era tradição. Depois, começamos a ir a um acantonamento chamado Paiol Grande. Ficamos mais de 20 anos no Paiol Grande. E fomos, então, estendendo para as outras séries: 3ª, 2ª. Depois foi pra 5ª, 6ª, 7ª, 8ª... Então, chegamos da 2ª até a 8ª série. Todo mundo, uma vez por ano, já ia fazer esse acantonamento.

Bom, com essas atividades, falei: "Puxa, tenho que ver o que nós vamos fazer nessas atividades aí". Então, primeiro o teatro. E o teatro favorece a música, a dança, que a gente é obrigado, realmente, a aprimorar nesses acantonamentos. "Ô, professor! Queremos fazer serenata!" "Puxa, que legal! Vamos fazer serenata no chalé! Bom, alguém toca violão? Oba, tem um que toca! beleza." Então, quando tinha alguém que tocava, era uma beleza. Quando tinha uma professora que tocava, como a Teresa... Mas e quando não tinha ninguém? No último dia, fogueira, sempre! Via clarear aquela fogueira lá... queimando, queimando... Tem que acontecer alguma coisa nessa fogueira, tem que animar! Bom, o que eu fiz? Comprei um violão, nunca tinha tocado violão, comecei a tocar algo, e nunca tinha cantado na minha vida. E comecei desse jeito! E sempre tinha a música que eles adoravam fazer.

Desde 1970, também lidei com Festa Junina. E na Festa Junina sempre tem a quadrilha. E se ninguém puxa a quadrilha, como é que vamos fazer? No início, tivemos ajuda de uma professora chamada Célia. Quando ela falou que tinha se aposentado, acabei assumindo. Então, a partir daí, acabei assumindo as Festas Juninas e as quadrilhas também. Eu que puxava. Mas eu tinha que tentar ver como é que eu ia fazer para motivar esses alunos. A primeira coisa que eu fiz foi ser o primeiro a vir fantasiado! Porque, se eu não me fantasiar, os alunos não estão nem aí. Porque é muito fácil falar para os alunos "Pessoal, vocês têm que vir fantasiados", mas eu mesmo não vir. Fica uma incoerência. Eu já vinha fantasiado até no dia do ensaio, ou antes, quando

eu ia conversar com os alunos. E como meu apelido era Toshiba, ficou Nhô Shiba. Então, até hoje alguns alunos falam: “Oi, Nhô Shiba!”.

Tinha uma formatura e aí me convidaram: “Olha, você vai ser o mestre de cerimônia”. Acabei sendo mestre de cerimônia de formatura. “Olha, no Feito por Nós vai ter um leilão, você vai ser o leiloeiro das obras de arte que os alunos fizeram.” “Não tem problema, vou pro leilão.” E aí, então, acabei desenvolvendo esse lado da dança também, de forró, de samba, country, pagode russo.

Já o Mexa-se foi uma coisa mais recente. Stella me disse: “Os professores estão querendo uma atividade para depois da aula”. Então, convidei os professores para fazer as atividades variadas, professor de Música, de Teatro, de Educação Física, de Jogos Cooperativos. Iza, André, Carlos, Jopa, Ricardo, Saliba... Era uma atividade bem dinâmica; a cada semana, tinha um professor com uma atividade diferenciada. O pessoal sentia muita falta de alguma atividade que os funcionários pudessem fazer.

Essas atividades foram todas em função da Escola. A Escola me favoreceu e me exigiu. Fui obrigado a aperfeiçoar algumas coisas e a tomar a iniciativa de tentar aprender, e assim por diante. Então, realmente essas atividades na Escola são um ponto forte.

Outra coisa também que a Escola já tem como tradição é a nossa confraternização. Sempre me preocupei, porque os funcionários da Escola vestem a camisa. Então, comecei a organizar essa confraternização. No início, era só para a nossa Unidade, porque eu não tinha nenhum vínculo nem com o Verinha, nem com o Ensino Médio. Então, meu vínculo era só aqui, no Verão. Mas depois, nesse último ano, a gente estendeu. Acabei também organizando aqui e ficaram, nesses últimos tempos, dois eventos de confraternização, no meio e no final do ano. Ultimamente, estava bem estruturado. Espero que continue, porque era uma coisa de integração, principalmente, da parte administrativa. O pessoal não conhece a turma daqui, de lá, e

tal. Então, puxa vida, vamos nos reunir, vamos nos conhecer, vamos passar um momento descontraído.

## Transição programada

Eu já vinha me programando. Não somos eternos. Temos que ter essa consciência de que uma hora a gente vai ter que deixar; a gente tenta sempre fazer uma passagem. Acho que isso é que é o mais importante, para não haver uma quebra. Uma preocupação que eu sempre tive foi a de que a gente sempre tem que deixar uma contribuição. A gente tem a consciência de que a realidade vai sendo atualizada, transformada. Mas se for possível aproveitar toda a experiência, tudo aquilo que deixou, aquela contribuição é fundamental. Esta é a minha grande preocupação: deixar realmente um legado. Vim me preparando aos poucos pra essa aposentadoria, mas não consegui completar, porque no ano passado a gente tinha toda uma estrutura de passagem já com uma outra pessoa, o professor Ricardo Lobo. Mas tivemos que terminar no mês de março, quando chegou a pandemia. Infelizmente, não deu para a gente completar toda essa passagem.

Nossa preocupação inicial era com a parte pedagógica; avançamos bastante, mas as outras atividades não deu nem para começar. A Festa Junina, o Feito por Nós, os Jogos Internos. A Copa Vera Cruz — um evento em que a gente convida outras escolas —, ficou tudo assim, sem uma passagem. É só o que eu lamento: não ter tido essa continuidade. Sinto falta ainda desse contato com os alunos, com os professores, com as atividades, mas, atualmente, estou tentando levar, para outros locais, alguma experiência daqui — principalmente divulgando minha cultura japonesa. Levo muito a coisa da culinária, a dança folclórica. Fora karaokê e videokê. Pra onde vou, eu levo. Se tem brasileiros, eles participam e aprendem a dançar.

É um prazer estar aqui de novo, pensando, falando.





São Paulo, setembro/2023





VERACRUZ

